Ela não consegue se lembrar do último ano de sua vida.
E o que eles mais querem é mantê-la distante da verdade.

AMANDA REYNOLDS

PERTO DEMAIS

Benvirá

PERTO DEMAIS

AMANDA REYNOLDS

PERTO DEMAIS

TRADUÇÃO
PRISCILA CATÃO

Benvirá

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN 9788557173354

Copyright © Amanda Reynolds, 2017

Título original: *Close to me*

Publicado pela primeira vez em 2017 por WILDFIRE, um selo do HEADLINE PUBLISHING GROUP

Todos direitos reservados.

Reynolds, Amanda
Perto demais / Amanda Reynolds; tradução de Priscila Catão. - São Paulo: Benvirá, 2019.
280 p.
Título original: *Close to me*
1. Ficção inglesa 2. Amnésia– Ficção 3. Ficção policial I. Título II. Catão, Priscila
19-0876

CDD 823.92
CDU 82-3 (410.1)

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

Preparação: *Augusto Iriarte*

Revisão: *Tulio Kawata*

Diagramação: *Johannes Christian Bergmann*

Capa: *Deborah Mattos*

Imagem de capa: *iStock/Getty Images Plus/TanawatPontchour*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Guilherme Henrique Martins Salvador*

1ª edição, novembro de 2019

Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Saraiva Educação, parte do grupo Somos Educação. Av. das Nações Unidas, 7221, 1º Andar, Setor B Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

Dúvidas?

Acesse sac.sets@somoseducacao.com.br

CL 670803

Para Chris, Beth e Dan.

Vinte e um dias após a queda

VIRO AS COSTAS PARA meu marido, ficando o mais longe dele que a cama permite, transferindo meu peso para a lateral do corpo. O movimento é instintivo, entorpecido pelo fato de que estou semiacordada, no espaço entre a realidade e a irrealidade. Estremeço e fecho os olhos com mais força. Lá fora, o manto da noite profunda é implacável, e o vento abre caminho entre as árvores altas que ladeiam a entrada da propriedade. Escuto a chuva bater nas telhas; ela golpeia o telhado e as paredes de pedra de nosso celeiro transformado – um baluarte isolado no topo da colina. Imagino a água escorrendo pelas enormes janelas e inundando nosso jardim até ser absorvida pela terra.

A respiração lenta e constante de meu marido e os familiares barulhos noturnos da casa encontram meu ouvido. Puxo a coberta e deixo meu subconsciente me dominar, desprendendo-me do presente, um ato quase físico de abandono. As lembranças surgem à medida que me entrego ao sono, mas sei que elas, fragmentadas e imprevisíveis, não são confiáveis. Quanto mais as persigo, mais elas se retraem, e então algo irrompe, algo ao mesmo tempo espontâneo e desesperadamente desejado. No entanto, por mais que eu deseje o passado, também o temo.

Ele me ataca, o braço direito em riste, e me empurra com força contra a parede, encurralando-me com seu corpo. Percebo a intensidade em seus olhos, mas não sei qual é a natureza dela, o tipo de emoção que a origina. Mais uma vez, tento alcançar a lembrança, e minha mão toca o rosto dele e o vira para mim, para que eu leia algo em sua expressão, olhe em seus olhos, implore que pare. Ele me empurra, agarra meu punho e enterra vigorosamente os dedos em minha pele pálida, até as veias que a percorrem, e sinto sua respiração rápida e quente em meu pescoço. Com insistência e urgência, ele me mantém presa

contra a parede. Eu reagi, disso tenho certeza; enfiei minhas unhas em sua pele até ele gritar.

Abro os olhos. Traços de raios solares aquecem o quarto e criam padrões no teto. Vejo o peito de meu marido subindo e descendo e escuto o som suave de sua respiração. Em seguida, ele também acorda, vira-se para mim e sorri – um sorriso tranquilo, sem nenhum sinal de falsidade, como se o último ano nunca tivesse acontecido.

1

O dia da queda

FRIAS, LISAS E SALIENTES, as pedras do hall de entrada me tranquilizam com sua solidez; as fissuras de argamassa que segmentam a padronagem do piso parecem lixas ao contato com meu corpo. Não consigo mexer nenhuma parte de mim além da mão esquerda, porém sinto como se estivesse flutuando livremente.

– Jo, você está me ouvindo? – sussurra meu marido, e a pele úmida de seu lábio superior roça minha bochecha. – Jo, responda! – insiste Rob. – Por favor, Jo! Você está bem? Me responda!

Um barulho forte ecoa pelo hall: o som de batidas tão imperativas que perfuram a escuridão e me puxam, ofegante, de volta à superfície. Na porta, alguém pede aos gritos para entrar, mas Rob ignora e me pergunta repetidas vezes o que está acontecendo. Não respondo – as palavras se formam e logo desaparecem. A porta se abre, e uma gélida rajada de ar me atinge enquanto a voz de uma mulher, calma e contida, se torna mais próxima. Finalmente um sono jubiloso me envolve como um manto fresco, aliviando o punho cerrado da dor.

A consciência volta aos poucos; os elementos retornam um a um, embora eu resista. Primeiro, percebo a luz além das pálpebras fechadas; depois, os sons e movimentos ao redor. Eu não saberia dizer há quanto tempo estou caída, se horas ou segundos. Tento lembrar o que aconteceu; meus dedos examinam as pedras sob mim, cujo frescor me tranquiliza. Eu estava no patamar da escada, disso estou certa, e Rob, tendo me alcançado com suas passadas largas, estava

atrás de mim, perto demais.

– Não!

– Jo, está tudo bem! Você desmaiou de novo, mas eu estou aqui. – Ela tem um cheiro forte e adstringente e hálito quente. – Por favor, tente ficar parada, para eu poder te ajudar.

Estremeço com o ar frio que entra pela porta aberta; implacável como sempre, o vento golpeia o antigo celeiro. Achei que seríamos capazes de controlar as forças da natureza, de criar raízes, mas, quinze anos depois, os ataques constantes do vento ainda me perturbam. Nada que seja frágil sobrevive aqui: sarmentos filamentosos são arrancados do solo macio; árvores jovens são envergadas até se quebrarem; portões são arrancados das mãos; portas de carro são escancaradas e então violentamente fechadas, quebrando unhas e machucando canelas. "Moramos no topo de uma colina, o que você esperava?" Não isso. Não todo dia.

– Jo, você lembra o que aconteceu? – pergunta Rob. – Você caiu, Jo. Você caiu da escada. Perdeu o equilíbrio. Você estava descendo na minha frente. Tentei te segurar, Jo, eu tentei. – Ele repete a frase como se isso fosse me fazer lembrar.

Uma beliscada no dedo, uma braçadeira, sensores colados à minha pele. Tento me sentar, mas Rob diz para eu não me mexer e, com as palmas das mãos sob minhas axilas, ergue meu tronco e o apoia em suas coxas; sinto em minhas costas os ossos angulosos de seus joelhos dobrados. Me apoio em meu marido, fraca demais para fazer qualquer esforço; seus braços longos agora me envolvem, mas ele me segura com tanta força que não consigo respirar.

– Jo, você consegue responder algumas perguntas? – diz a voz calma.

– Ela mal está consciente! – grita Rob, e suas palavras me dilaceram. – Não dá para esperar?

A resposta é firme:

– Rob, você precisa se afastar e deixar a Jo falar.

Abro os olhos sob a luz forte, e a escada parece avançar sobre mim, me deixando tonta.

– Não quero ele – digo. Sinto as mãos quentes de Rob em minha pele, sinto seus dedos acariciarem meu pescoço e meu ombro, fazendo pressão. – Fale para ele me soltar!

Me debato e solto um grito de dor, mas a mulher insiste para que eu fique quieta e diz:

– Pode se afastar, Rob? Precisa deixar a gente fazer nosso trabalho. – Então, se inclina em minha direção, e seu rosto fica logo acima do meu. Ela faz muitas perguntas, e eu tento responder, tento dizer onde está doendo, como estou. – Consegue lembrar o que estava fazendo antes de cair, Jo?

Olho para a escada, na direção da porta do quarto de Fin.

– Eu estava triste – digo. – Por causa do Fin.

– Fin? – repete a desconhecida, com um olhar amável.

– É nosso filho – diz Rob, apertando minha mão.

Sinto uma dor no pulso, e Rob solta minha mão e se desculpa. Ele não para de pedir desculpa, e eu só consigo pensar que não o quero tão perto assim de mim.

– Dê um pouco mais de espaço pra gente, Rob – pede a desconhecida, segurando meu outro pulso. – Vou te dar algo para a dor, Jo.

– Não quero ele aqui – digo. – Tire-o de perto de mim!

Minha cabeça começa a latejar, sinto um calor escaldante debaixo do crânio. Fecho os olhos e a voz deles se esvai.

Quando os abro novamente, vejo luzes diferentes, mais fortes, e percebo que estou em movimento. Estamos descendo a colina, nos afastando do celeiro; não tem nenhuma sirene, mas há pressa, muitos fios, muitas perguntas. Rob está ao meu lado de novo, e eu não posso me afastar dele porque estou presa na maca, amarrada. Já não consigo lembrar por que eu queria escapar, apesar de continuar sentindo essa vontade, e, quando ele me toca, me contraio.

– Qual é a idade da sua esposa, Rob? – pergunta a desconhecida, e agora vejo nitidamente seu rosto, mais novo do que imaginei.

– Jo tem cinquenta e cinco anos – responde Rob, a voz embargada.

Ele nunca chora. Por que isso agora?

– Não – sussurro com a voz quase inexistente. – Ainda não.

– O que você disse, Jo?

Agora a voz de Rob está mais próxima.

Eu me viro, fecho os olhos e tento dormir, mas sou acordada bruscamente por um pensamento.

– As crianças sabem?

– Vou ligar para elas quando chegarmos no hospital – responde Rob.

Digo a ele que não é preciso preocupá-las. Especialmente Fin, que já está com muita coisa na cabeça por causa de seu primeiro dia.

– *Primeiro dia?* – pergunta Rob. – Jo, do que você está falando?

Fecho os olhos de novo, cansada demais para responder. Sinto como se meu crânio estivesse solto sob o couro cabeludo; cada solavanco na estrada faz minha cabeça rodar como um giroscópio. Imagino meu cérebro chocalhando em meio a um líquido, como um feto no útero, esperneando no ventre. A necessidade de dormir é avassaladora, porém a dor me mantém acordada, com lucidez apenas para pensar, não para falar. Por que Rob diria que tenho cinquenta e cinco anos? Ele costuma ser muito atento aos detalhes. Faltam dois meses para o meu aniversário.

Fazemos uma curva fechada, e escuto a voz de Rob dizendo novamente que caí. Em seguida, ele se inclina sobre mim, a boca quase encostando na minha, e sussurra:

– Você vai ficar bem, Jo. Prometo.

Eu sussurro de volta:

– Não me faça mais nenhuma promessa, seu filho da mãe.

2

O dia seguinte à queda

– SE VOCÊ FOSSE ME MATAR, COMO FARIA? – *pergunto. Na escuridão, viro-me para Rob, e minhas mãos tateiam a cama em busca dele. – Eu já pensei em como te mataria. Com uma faca de cozinha!*

Rio e me aproximo dele, repousando um braço em seu peito nu.

– Bem, nunca pensei sobre isso – diz ele, levando minha mão até seus lábios e dando beijos na palma. Solto um gritinho radiante, e Rob me puxa para mais perto, pele contra pele, sensação de familiaridade, segurança…

– Você deve ter tomado um susto e tanto! – diz a enfermeira tão alto que me acorda.

Ela afasta as cortinas, e a débil luz do sol faz minhas pálpebras se abrirem. Protejo os olhos com o dorso da mão esquerda – a direita está dolorida demais para mexer – e a vejo atravessar o quarto. Os cachos loiros e as mechas castanhas presas em um coque entram em foco. Seus movimentos são animados, assim como seu tom de voz.

– O médico já começou a ronda, então vou te colocar sentada! – Ela tira o controle remoto de minha mão molenga e desembaraça o fio enrolado, pressionando um botão para elevar a cabeceira da cama. – Melhor assim? – pergunta em relação à minha posição sentada.

– Sim, obrigada. – Sorrio, embora uma forte dor se lance de um lado a outro da minha cabeça. – Sabe se meu marido trouxe meu celular? Fico meio perdida sem ele.

Ela ri.

– Essas mulheres e seus celulares. Não, ainda não, mas ele deve estar chegando. – Ela estica as cobertas. – Ele estava tão preocupado com você! Ficou repetindo que você caiu, como se não conseguisse acreditar no que tinha acontecido. É o choque, né? – Ela está na outra extremidade da cama agora, lendo as anotações na pasta bege que trouxe consigo. – Vocês dois ficaram mais agitados do que uma garrafa de champanhe! – Ela ri de novo. Devo ter feito uma careta, porque ela pergunta: – Está doendo muito, Jo? Onde?

– Minha cabeça. – Sinto lágrimas nos olhos ao cerrá-los de agonia. Uma pontada de medo acompanha a terrível vibração da dor. Abro os olhos. – Não lembro o que aconteceu, todos ficam dizendo que eu caí. Mas não sei o que aconteceu. Você sabe?

Ela está a meu lado de novo, olhando a pasta bege.

– Vamos descobrir agora mesmo.

Olho para baixo, para a camisola hospitalar e a roupa de cama que me cobrem, a não ser pelos meus antebraços. Um hematoma se espalha pelos dois lados da firme atadura que vai dos dedos ao cotovelo do meu braço direito, e duas unhas estão quebradas, como se eu tivesse tentado me agarrar a algo para me salvar.

– A paramédica te socorreu às dezoito horas e dois minutos, é o que diz aqui – declara a enfermeira em um tom neutro. – Queda de uma escada. Não lembra, querida?

Balanço a cabeça, e a dor piora.

– Lembro de estar na base da escada, depois devo ter desmaiado. Sabe a que horas o Rob foi para casa ontem à noite? – Começo a chorar de novo, o zelo da enfermeira faz mais emoções aflorarem. – Não lembro quase nada do que aconteceu depois que chegamos aqui. A que horas meu marido foi embora? Você sabe?

– Ah, Jo. Não fique tão agitada, querida. Vou pedir para o médico te dar algo mais forte para a dor. Por enquanto, fique quietinha. – Ela empurra o

medidor de pressão para o outro lado da cama. – Você tem filhos? – pergunta enquanto coloca a braçadeira do aparelho em mim.

– Dois. Sash e Fin. Fin acabou de entrar na universidade.

Ela sorri.

– Você deve estar bem orgulhosa. Sua filha também pretende fazer faculdade?

– Ela já se formou, tem um emprego e o próprio apartamento.

A enfermeira solta uma gargalhada.

– Não acredito! Você não tem idade para isso!

Escuto uma batida na porta, e, quando a enfermeira se afasta de mim para abri-la, a pressão no meu braço aumenta a ponto de eu achar que o velcro vai rasgar. Conforme a braçadeira desinfla lentamente, um jovem de olhos castanho-escuros entra no quarto.

– Senhora Harding, você parece um pouco melhor hoje – diz ele com um forte sotaque.

Ele se vira para a enfermeira e pergunta sobre minha pressão, que, ao que parece, estava preocupante ontem.

– Fico feliz em dizer que voltou ao normal – diz a enfermeira, me lançando um sorriso, embora mantenha as sobrancelhas erguidas, como se eu finalmente tivesse decidido me comportar.

Sorrio de volta e pergunto se ela não pode ficar mais um pouco comigo. Ela ri e diz que sou engraçada. Mas a pergunta é séria; quero que ela esteja aqui quando Rob chegar. Toda vez que penso nele, só consigo ver sua expressão furiosa no topo da escada, apesar de minhas lembranças estarem incompletas. *A gente estava discutindo? Foi por isso que tropecei? Será que eu estava tentando fugir dele?*

– Bom – diz o médico, analisando as anotações entregues pela enfermeira. Ele assente com a cabeça enquanto as lê. – Muito bom. E a dor de cabeça, Jo? – Ele me observa da extremidade da cama, de modo protocolar.

A enfermeira responde por mim:

– Ela ainda está com dor. Tivemos algumas lágrimas.

– Certo, vou prescrever algo para a dor. Nenhuma tontura, náusea?

– Não, não – respondo.

Seus olhos escuros me varrem como um escâner.

– Parece que você passou com louvor em todos os testes. Acho que pode voltar para casa. Você quer? – Eu hesito, mas ele logo continua: – Ótimo, ótimo. Vou providenciar os analgésicos e os panfletos sobre os quais conversamos, lembra?

– Não me… – começo a dizer, porém sou interrompida pela porta se abrindo.

– Você parece um pouco melhor, querida – diz Rob, com minha bolsa de viagem na mão.

Ele se afasta da porta para deixar a enfermeira sair. Depois, coloca a bolsa no chão e me beija. Viro a cabeça, e ele franze a testa e pergunta como estou me sentindo.

– Senhor Harding. – O médico estende sua pequena mão para a mão muito maior de meu marido. – Sou o doutor Agrawal, conversamos rapidamente ontem à noite, quando o senhor estava indo embora. Sua esposa parece estar se recuperando bem. Ela torceu o pulso direito, está com alguns machucados, mas, claro, nossa maior preocupação é com a lesão na cabeça. A pancada foi feia, e a Jo ficou inconsciente por vários minutos, segundo me consta.

Fiquei? Tento lembrar. Recordo a raiva de Rob, o fato de estar caída no chão do hall, mas nada entre essas duas coisas. Teve uma ambulância, seguida de infinitas esperas por tomografias e radiografias, depois mais demora para encontrarem um leito – Rob insistiu que eu ficasse em um quarto particular, o que atrasou o processo. Eu só queria dormir, esqueci até dos meus filhos. Sou acometida por um pânico ao me dar conta disso.

– Sash e Fin estão bem? – pergunto a Rob, interrompendo sua conversa com o dr. Agrawal.

– … ela ficou inconsciente por um ou dois minutos, não sei ao certo. – Rob se senta na poltrona ao lado da cama, e sua mão direita, cerrada, pousa na coberta azul quadriculada. – Os dois estão bem. Preocupados com você, claro, mas estão bem.

O médico diz que poderei vê-los em breve; obviamente presumiu que nossos filhos são crianças, que ainda moram em casa e estão esperando nosso retorno.

– *Para casa?* – pergunta Rob, levantando-se. – Agora?

Escuto as instruções do médico de que não posso ficar sozinha pelas próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas, mas que, sim, estou bem o suficiente para ter alta. Rob protesta, argumenta que eu certamente devo ficar mais tempo internada, porém o médico responde que, se Rob ficar de olho em mim, eu posso ir para casa. Rob explica que precisa se organizar, que precisa ver o que vai fazer com o trabalho, com os outros compromissos. Ele finalmente se lembra da minha existência, olha para mim e diz que vai dar um jeito, claro, que só precisa fazer umas ligações. Pena que não foi a primeira coisa que lhe veio à mente, penso, e desvio o olhar de seu sorriso falso.

– Ótimo, ótimo. – O médico está escrevendo rapidamente no prontuário. – A perda de memória é o mais preocupante, claro. – Ele faz uma pausa. – É relativamente comum nesse tipo de lesão, mas não é comum que seja tão prolongada. Eu estava lembrando para sua esposa que…

– Não estou entendendo – digo. Meu olhar vai do médico para meu marido. – O que ele está dizendo?

Rob se senta na poltrona de novo.

– Ontem à noite, depois da queda, a paramédica perguntou qual era a última coisa que você lembrava. Sabe o que você respondeu?

Penso no dia anterior, na ambulância que me trouxe ao hospital, nos exames que foram feitos depois, no sono induzido por remédios.

– Eu lembro da ambulância, depois de estar aqui…

– Não, antes disso. – Ele lança um olhar para o médico e se volta para mim. – Você disse algo sobre Fin, falou que estava triste, e na ambulância disse…

O médico o interrompe.

– Jo, nos diga quais são suas lembranças mais recentes, pode ser sobre qualquer coisa.

Sei que acordei no chão do hall, sobre as pedras frias, com o vento uivando pela porta aberta. Tento lembrar o que aconteceu antes disso, mas os detalhes são muito mais difíceis de acessar.

– Acho que lembro de nós dois no patamar da escada – digo para Rob. – O que a gente estava fazendo?

– Estávamos descendo a escada, e seu pé escorregou. Você não lembra?

– Tente não induzir sua esposa, senhor Harding – diz o médico, aproximando-se da cama. – Deixe-a falar.

– Desculpe – diz Rob, que se levanta e caminha até a janela, ficando de costas para nós.

– Não lembro como caí – digo. – Só lembro de estar no pé da escada.

– E antes da queda, Jo? – pergunta o médico. – Não se lembra de nada?

Faço um esforço para ir mais fundo desta vez, apesar da dificuldade em me concentrar por causa da dor de cabeça. Não consigo ter certeza se Rob e eu brigamos, mas me lembro do nosso dia.

– A gente tinha acabado de voltar depois de deixar nosso filho na universidade – digo. Então, me dirijo a Rob, que se virou para mim com a mão esquerda cobrindo a boca. – Não quero atrapalhar os primeiros dias do Fin. Diga para ele não se preocupar, ele não precisa voltar por minha causa.

– Meu Deus, Jo… É realmente a última coisa que você lembra? – Rob se senta na poltrona mais uma vez. – Ontem à noite, você estava muito desorientada, achei que hoje de manhã você teria…

– O que foi? – Tento me levantar e sinto uma dor no pulso direito ao tentar usá-lo.

– Sei que você não se lembra da queda, mas…

Rob desvia o olhar para o médico.

– O quê? Nossos filhos estão bem? Fale de uma vez, Rob!

– Eu já disse, Fin e Sash estão bem. – Ele suspira e segura minha mão não machucada, encarando nossos dedos entrelaçados por tempo demais antes de falar; seu toque em minha mão me parece artificial. – Mas isso não aconteceu ontem, Jo. Você está falando de algo que aconteceu um ano atrás.

– Você deve estar se confundido. – Afasto minha mão.

– Não estou, Jo. Fin foi para a universidade em setembro do ano passado.

O médico começa a explicar sobre memória episódica e semântica e diz que, embora os acontecimentos dos últimos doze meses estejam me escapando à memória, eu provavelmente me lembrarei dos aspectos cotidianos da minha vida. Ouço as palavras dele, mas não as escuto. Isso só pode ser um engano. A lembrança é tão nítida para mim: deixar Fin na universidade, voltar e encontrar uma casa vazia, o cheiro de seus lençóis. Parece que foi ontem. E foi, não? É impossível que eu tenha perdido um ano inteiro só porque bati a cabeça ao cair da escada. Estou aqui, estou bem, só com alguns galos e machucados. Só pode ser um engano. No entanto, ao mesmo tempo que tento arranjar uma explicação para os fatos assustadores, sinto que eles são verdadeiros. Parece que deixei Fin na universidade ontem, mas, no fundo, sei que há um buraco imenso entre o momento no quarto vazio de Fin e a minha queda na escada – há uma lacuna enorme na minha compreensão.

– Rob? – sussurro, erguendo o olhar para ele, que agora está de pé, andando de um lado para o outro do quarto, preenchendo-o com sua presença alta. – Não estou entendendo, Rob. Você está me assustando. O que eu não estou lembrando? Me conte o que eu não estou lembrando!

Mas Rob não está me escutando; está falando em um tom de voz elevado com o médico, pedindo ao jovem pelo menos trinta centímetros mais baixo que lhe explique *exatamente* o que eu vou e não vou lembrar.

– Foi o que tentei explicar ontem para sua esposa; talvez Jo nunca se lembre do que aconteceu logo antes da queda – responde o médico. – Talvez o cérebro não tenha tido tempo para codificar corretamente as ações antes do trauma, mas todo o restante deve voltar com o tempo. Existem grupos de apoio e terapeutas, e eu vou manter contato, vou visitar Jo daqui a alguns dias para conferir o progresso dela. A boa notícia é que não tem nenhum dano permanente, a tomografia mostrou que não tem nada de errado internamente.

– *É isso?* – grita Rob. – Pago uma fortuna para receber o melhor tratamento possível e você me diz que é para ela ir para casa e torcer para que tudo dê certo?

– Tente manter a calma, senhor Harding.

– Rob, por favor – digo. – Preciso que me explique o que está acontecendo.

Rob se senta a meu lado de novo e apoia delicadamente as mãos na cama, mas evita qualquer contato direto comigo, como se eu fosse quebrar se ele encostasse em alguma parte do meu corpo. Ele me diz – me promete, na verdade – que tudo vai ficar bem. Eu choro e o afasto quando ele tenta me consolar.

– Você pode ajudar sua esposa, senhor Harding… – diz o médico. – Pode ajudá-la a atravessar essa fase difícil, mas vai ser necessário ter paciência. E você também vai precisar ser paciente, Jo – diz para mim. – É claro que, se você precisar de qualquer ajuda, nós faremos tudo que estiver ao nosso alcance, mas o repouso em casa, em um ambiente familiar, é a melhor opção.

– E você ainda acredita que isso deve ser temporário? – pergunta Rob.

Não digo nada, já consumida por completo pelo choro. Nada disso faz sentido, as palavras do médico são irreais, é como se ele e Rob estivessem falando de outra pessoa. Ele nos diz que vai levar um tempo e que, quando eu me lembrar das coisas, provavelmente vai ser como peças de um quebra-cabeça se encaixando, um pouco aqui, um pouco ali. O médico está indo embora. Antes de sair, diz que vai pedir para a enfermeira nos entregar alguns

panfletos sobre grupos de apoio, esse tipo de coisa.

– Se precisarem de algo, por favor, entrem em contato com minha secretária.

Rob espera a porta se fechar para se levantar e extravasar sua fúria.

– *É isso?* Você está com uma lesão na cabeça e o cara fala para a gente se virar?

– Por favor, não grite. – Enxugo as lágrimas com a palma da mão. – Minha cabeça está doendo muito.

Só quero que tudo isso acabe, que ontem seja ontem e que Rob seja o marido de quem me lembro. Entretanto, quando olho para ele, sinto uma inquietação. Estendo o braço para tocar o ponto dolorido em minha cabeça, um ovo mole e amassado em meu couro cabeludo, sensível demais para ser explorado mais profundamente.

Rob se vira e vai até a janela de novo para encarar a monótona vista do estacionamento do hospital. Dei uma olhada ontem, na primeira vez que fui ao banheiro, depois que ele foi embora. Eu estava me sentindo dolorida e desorientada, mas não como agora, e não me lembro do médico me falando sobre a perda de memória. Como posso ter perdido um ano inteiro? O que aconteceu nesse ano? Tomada pelo medo e pelo pânico, começo a chorar de novo. Rob retorna de imediato para o meu lado e diz que nossos filhos estão bem, que nós estamos bem, que eu não perdi nada de importante, que só preciso descansar e melhorar. Que ele está comigo e que vai cuidar de mim. Só nós dois. Vamos ficar bem, promete.

Então esperamos. Rob volta para a janela. O silêncio consome lentamente os minutos enquanto tento resgatar os acontecimentos que me trouxeram para cá. Sei que fui trazida para este quarto durante a madrugada, muito embora o tempo parecesse elástico, como se a noite nunca fosse chegar ao fim. Eu estava numa cadeira de rodas, e o jovem auxiliar brincou que eu estava indo para o Ritz.

– É como chamamos a ala exclusiva – disse ele.

Num primeiro momento, senti necessidade de justificar esse meu privilégio, depois me perguntei de onde essa necessidade vinha. Só agora, ao recordar fragmentos de uma conversa entre Rob e mim, uma lembrança de um ano presumidamente perdido, que começo a ligar as coisas. Devo ter me lembrado, ontem, do sentimento que isso provocou e depois, ao chegar a este quarto, dominada pela necessidade desesperadora de dormir, perdido o fio da meada. Penso nisso novamente agora; teve algo a ver com uma viagem de férias que fizemos só nós dois, e o mesmo sentimento de inquietação acompanha minhas lembranças, mas desta vez escuto as palavras de Rob com mais clareza:

"Eles precisam do nosso dinheiro, Jo. É o que mantém a economia deles viva."

Olho para ele, ainda virado para a janela, os ombros encolhidos e as mãos nos bolsos da calça.

– A gente estava planejando uma viagem, só nós dois – digo de maneira triunfante por ter recuperado uma lembrança perdida, e também ávida, como se o restante dela fosse surgir tal qual uma avalanche provocada por um grito a ecoar na imensidão branca. Esperançosa de que aquilo fosse crucial.

Ele se vira com a expressão ansiosa.

– Lembrou de alguma coisa?

– Talvez. Nós viajamos?

– Sim. Para o Caribe, em outubro do ano passado.

– O que mais? O que mais eu perdi?

– Nada de mais. Vou contar tudo quando chegarmos em casa, mas você não precisa se preocupar, acredite em mim. Tente descansar.

Viro a cabeça para o travesseiro e fecho os olhos de dor, cansada demais para discutir com ele.

* * *

– Oi – diz Rob quando abro os olhos. – Está dormindo há quase uma hora.

Como está se sentindo?

Ele está sentado a meu lado; sinto o cheiro de sua colônia e do sabão em pó em sua camisa recém-lavada.

– Estou bem – falo, olhando em direção à porta. – Acha que ainda vai demorar muito? Talvez eu deva me vestir.

– Eu quero que você volte para casa, não pense que não… – Rob se inclina para mim. Eu me pergunto se ele passou esse tempo todo, enquanto eu dormia, a meu lado, me observando. Ele sorri e depois solta um suspiro; o ar roça minha bochecha. – Mas essa perda de memória, Jo… Não sabemos com o que estamos lidando. Talvez você deva ficar mais uma ou duas noites…

A porta se abre, e a enfermeira entra toda agitada, explica sobre os comprimidos, entrega os panfletos, diz que precisamos nos arrumar para ir embora e depois deixa o quarto. Rob abre a bolsa que trouxe consigo e me ajuda a sentar e depois a levantar. A tontura provocada por cada movimento torna meu progresso até ficar de pé completamente muito mais lento do que eu gostaria. Eu me apoio em Rob, e o contato necessário não me parece natural; é como se minha mão na dele fosse a última coisa que eu desejasse. Esse sentimento é forte, mas não sei o motivo. Olho para ele, que sorri de novo e passa a me ajudar a vestir as roupas que escolheu. Visto desajeitadamente a calça jeans; minha cabeça lateja quando me abaixo para colocar uma perna e depois a outra. Digo a Rob que ele escolheu mal, esperando uma reação, mas ele me surpreende, pois concorda e se desculpa. Ele está sendo excessivamente cuidadoso; suas perguntas e preocupações me cansam, e eu lhe digo isso. Mais uma vez, imagino que Rob vai falar algo em retaliação, já que normalmente não me dirijo a ele dessa forma, mas ele não o faz, apenas coloca na bolsa a camisola que não vou mais usar. Em seguida, abre a porta para a enfermeira, que voltou com um auxiliar e uma cadeira de rodas.

– E aí, está pronta? – pergunta o rapaz.

Não sei se é o mesmo auxiliar de ontem ou alguém parecido, mas, de toda

forma, seu jeito descontraído é um alívio.

– Acho que não preciso da cadeira de rodas – digo. Ao me levantar de novo, me sinto fraca.

– É a norma do hospital – informa a enfermeira, que me ajuda a sentar na cadeira. – Vou acompanhá-los até a porta enquanto o senhor pega o carro, senhor Harding. Só evite a rota das ambulâncias, tá?

A enfermeira espera comigo perto da porta automática. As ambulâncias vêm e vão, assim como os pacientes, alguns em maca, outros andando, alguns com feridas óbvias, o último inerte. Pergunto-me se esse paciente, cuja identidade se mantém oculta em meio à urgência da movimentação, já está morto. A maca desaparece após passar pela porta dupla à nossa esquerda ao mesmo tempo que a enfermeira comenta o quanto meu marido é cuidadoso e bonito.

– Há quantos anos vocês estão casados? – pergunta ela.

– Vinte e três. – Logo me dou conta de que deve ser vinte e quatro, mas não me corrijo, pois isso não tem importância.

Quando o carro de Rob para a nosso lado, hesito ao perceber que talvez não queira ir para casa. Notando minha palidez, a enfermeira pergunta se estou bem. Rob me ajuda a me acomodar no banco do passageiro e coloca o cinto de segurança em mim.

A enfermeira ergue a mão para se despedir, e seus cachos loiros se viram para a porta automática. Sinto um impulso de chamá-la, de mantê-la perto de mim. Apoio a mão não machucada na janela e deixo as lágrimas caírem, dando as costas para Rob quando ele estende o braço em minha direção.

Setembro do ano passado

– Ele não falou literalmente – diz Rob. – É claro que ele vai voltar para nos ver antes disso.

– Eu sei que ele não falou literalmente. – Acelero o passo para ultrapassá-lo, embora eu não tenha nenhuma ilusão de manter a dianteira, já que, com suas longas pernas, cada passada de Rob equivale a duas minhas.

As palavras de despedida de Fin – "A gente se vê no Natal" – claramente foram ditas para diminuir o peso da situação, mas isso não impede que eu sinta as lágrimas brotarem na forma de um nó na garganta conforme me dirijo ao carro de Rob, que está estacionado do lado oposto à região do *campus* onde fica o dormitório de Fin. Quando, mais cedo, Rob percebeu que todos os estacionamentos mais próximos estavam lotados, sua paciência se esgotou, e ele discutiu com um funcionário, apontando para os pertences de Fin, que ocupavam cada centímetro do carro. Já tinha sido uma longa manhã, mas as palavras de Fin ditas em voz baixa – "Pai, não" – o silenciaram, e Rob dirigiu até o outro estacionamento sem reclamar mais.

– Jo, não chore. – Rob me alcança e segura minha mão. – Achei que você ia ficar bem hoje, por ser a segunda vez…

Ele tem razão, mas desta vez é muito mais difícil, porque vamos voltar para uma casa vazia. Olho para Rob, que sorri e aperta minha mão. Tudo é tão simples para ele, que repele suas emoções com razão e lógica. Ele quer resolver o meu problema, ele sempre quer isso, mas não estou a fim. Prefiro lamber minhas feridas a ser consolada ou bajulada.

– Você ainda tem a mim – observa Rob. – Que Deus te ajude! – Ele ri, balançando entre nós nossas mãos unidas. Sorrio, mas as lágrimas ainda caem.

– Eu e você, Jo. Vai ser divertido, vai!

Puxo os óculos escuros do topo da cabeça e continuamos andando, passando por sessenta dormitórios de concreto idênticos àquele onde acabamos de deixar Fin. Os prédios retangulares com janelas quadradas nos dão vislumbres da vida estudantil: garrafas de cerveja vazias, caixas de pizza, pilhas de livros, pôsteres de filmes e de bandas que não conheço. Soltamos a mão um do outro para nos espremer contra a parede ao passar por carros sendo descarregados, em cada um deles a repetição da mesma cena: adolescentes saindo de debaixo das asas dos pais, prontos para se tornarem mais do que apenas filhos. Sorrio para a mulher, que, assim como eu, está perdendo a batalha contra as lágrimas enquanto nina uma caixa de pertences, que abraça com firmeza. Com as bochechas úmidas, ela retribui o sorriso; nós duas compartilhamos esse momento.

A volta para casa é lenta; cada quilômetro aumenta a distância entre mim e meu menino. Ele ainda é um menino. Enxerguei isso em seus olhos quando nos despedimos, no comentário aparentemente despretensioso feito para disfarçar seus sentimentos, em sua fragilidade quando me permitiu que o abraçasse e, depois, quando apertou a mão do pai. Confiro o celular de novo e me contenho para não mandar outra mensagem para Fin; a primeira, ele não respondeu.

– Você está bem? – pergunta Rob, apalpando de leve meu joelho ao mudar de marcha.

Pela janela, observo o caminhão que estamos ultrapassando, até que sua imponência é substituída por um borrão de grama infinita.

– Estou bem. Só cansada.

– Por que não tira um cochilo? – Rob diminui o volume do rádio, sintonizado em uma partida de tênis.

– Acha que ele vai ficar bem? – Olho para o perfil de Rob contra a luz que desvanece. – Sabe, depois do que aconteceu no colégio. Ele nunca superou

realmente, e…

– Isso foi há anos. – Rob apalpa meu joelho com mais firmeza. – Vai ser um ponto de virada para ele. Ele vai amar, confia em mim.

Fecho os olhos, mas, embora eu esteja exausta, minha mente não está. Imagino Fin em seu quarto, um dormitório muito básico e nada aconchegante, apesar dos pôsteres colados na parede e do jogo de cama alegre escolhido por mim.

"Tem certeza de que vai ficar bem?", perguntei a Fin antes de abraçá-lo uma última vez. Ele é mais alto do que eu, mas ainda é um menino.

"Vou sim", disse ele. "Não precisa se preocupar comigo, mãe."

Então, ele abaixou a cabeça e jogou a franja para trás – não de uma maneira metida, porque esse não é seu estilo, mas porque esse gesto o ajuda a lidar com os momentos mais intensos da vida. Ele pareceu tão solitário quando se despediu de nós. Sua tentativa de parecer forte acabou no instante em que nos afastamos; percebi a vulnerabilidade em sua expressão quando olhei para trás.

– Está dormindo? – pergunta Rob.

Balanço a cabeça, fecho os olhos com mais força e deixo o movimento do carro me embalar em um sono irregular.

O celeiro parece maior. O silêncio ecoa a nosso redor, entre nós, emana de nós. Deixo para Rob a tarefa de transportar as caixas e malas vazias e subo para trocar de roupa. Paro na entrada do quarto de Fin; a organização do aposento me inquieta.

"Ele não morreu", disse Sash quando liguei para ela do carro. "Ele foi para a universidade, só isso!"

Puxo o edredom, tiro o lençol do colchão e a fronha dos travesseiros. Minha intenção era jogar tudo no cesto de roupas sujas, mas, em vez disso, me sento na cama vazia e pego o jogo de cama bolorento para sentir o cheiro de Fin.

– Ele não morreu, Jo – diz Rob ao me encontrar no quarto.

Rob está carregando uma mala que agora não tem nada dentro, mas que, algumas horas atrás, continha as camisas e as calças que eu havia passado.

– A Sash disse a mesma coisa. – Endireito a postura. – Vocês dois são tão parecidos.

Rob põe a mão em meu ombro, e seus dedos encostam em minha clavícula, fazendo uma leve pressão. Levanto-me e o abraço; seus longos braços me enlaçam e sua cabeça se apoia na minha.

– Vamos – diz ele. – Nós dois estamos cansados.

Fazemos amor, e o dia se esvai enquanto nos consolamos. Depois, Rob rola para longe de mim, e então, sabendo que ele vai adormecer de imediato, cutuco suas costas. Ele se vira para mim, mas não consigo ver direito sua expressão; o quarto está quase totalmente escuro, a única luz vem do brilho verde dos números do despertador dele, que me diz que é quase meia-noite.

– O que foi? – pergunta Rob.

– Lembra daquela brincadeira boba que a gente costumava fazer antes de os dois nascerem?

– Que brincadeira? – Suas palavras saem emboladas devido ao sono iminente.

– Se você pudesse escolher um superpoder, qual seria? Ou se fosse me matar, como faria?

– Você já pensou nisso, hum? – O luar se infiltra na escuridão e destaca seus olhos semicerrados e o leve sorriso.

Conto que meu superpoder seria viajar no tempo, e Rob diz que não faz ideia de qual escolheria, apesar de claramente estar gostando da brincadeira.

– E você já decidiu como vai me matar? – pergunta ele, bastante interessado.

– Eu te esfaquearia. – Rio e estendo o braço para colocar a mão em seu peito nu. – Com uma faca de cozinha.

– Hum, é uma boa! – Ele também ri e aperta minha mão esfaqueadora. –

Tomara que seja uma morte instantânea. E a gente já tem um cepo cheio de facas, então nem precisa quebrar muito a cabeça.

– Como você me mataria? – pergunto, apoiando-me no cotovelo para esperar a resposta.

Ele hesita e então responde:

– Acho que te estrangularia com minhas próprias mãos.

Depois me agarra e me puxa para si. Nós dois gargalhamos.

3

O dia seguinte à queda

A PRIMEIRA COISA QUE noto ao chegar em casa do hospital é o buraco em formato de cabeça na base da escada. O estuque à direita do degrau cedeu e há uma marca oca em formato de tigela, feita, presumo, pelo meu crânio, a parte que sofreu o maior impacto. Rob também o vê e estende o braço para me consolar, e eu, mesmo contra minha vontade, me contraio, e minhas mãos cobrem instintivamente meu couro cabeludo machucado. Olho para cima e imagino a queda; passei sobre uns oito ou nove degraus ao cair. Se é que caí. Detenho esse pensamento chocante. Observo quando Rob enfia a ponta do sapato brogue no gesso, que se desfaz.

– Vamos precisar repintar a escada inteira. E rebocar também, imagino.

Falo para não fazer isso agora; não quero bagunça nem barulho.

– Não agora, claro que não – diz Rob, pegando sua jaqueta, que cobria meus ombros desde que ele me ajudou a sair do carro.

Rob coloca o tweed macio no corrimão e me fala para subir enquanto vai colocar a chaleira no fogo.

Enfrento a escada lentamente. Minha subida é acompanhada por retratos emoldurados, uma mistura de fotos escolares de nossos filhos e de férias em família. Todas me são familiares, mas as observo com um olhar diferente, analisando detidamente cada uma ao passar, talvez com medo de encontrar uma que eu não reconheça. Fico aliviada ao reconhecer todas. Sash sempre foi muito loira, com uma juba quase branca contrastando com a pele mais morena. Ela fica bronzeada ao menor sol; sua pele fica como a de Rob. Mas

seu cabelo sempre foi parecido com o meu, sua maciez. Fin é igual ao avô de quem herdou o nome, e de quem mal se lembra hoje em dia: uma densa cabeleira escura e feições suaves e claras que lembram muito meu pai. Paro para tocar o rosto dos meus filhos pelo vidro, mas a dor aguda volta, e minha mão machucada alcança a lateral da minha cabeça. Sento no degrau com a cabeça entre as mãos e os olhos fechados. Com a dor, surge uma lembrança indistinta e enevoada, porém persistente, e, apesar das ondas de sofrimento, me concentro na esperança de que ela se forme com mais clareza. *São vislumbres de duas pessoas, Rob e eu. Uma briga no topo da escada. Estávamos mesmo discutindo; mais do que isso, na verdade, Rob estava me segurando.* Ao abrir os olhos, vejo-o subindo a escada rapidamente, a mão estendida para mim.

– Jo? O que foi?

A dor aumenta e sinto uma fisgada na parte de trás dos meus olhos, o que me obriga a fechá-los de novo. *A imagem continua lá, Rob me segurando.*

Abro os olhos para perguntar o que aconteceu entre nós antes que eu caísse, mas algo me impede. Rob, dois degraus abaixo, me observa, e percebo um traço de cautela em seu olhar.

– Vem, eu te ajudo – diz ele, oferecendo a mão.

– Eu consigo me virar – respondo me levantando, e termino de subir a escada, passando por três quartos vazios até chegar ao nosso.

A cama está desarrumada e há uma toalha molhada no chão do banheiro. Rob se desculpa pela bagunça e passa rapidamente à minha frente para pegar a toalha. Depois, puxa o edredom, ajeita o lençol e aponta para a cama; sua outra mão aninha a parte de trás da minha cabeça e me guia em direção aos travesseiros.

– Está melhor assim? – pergunta ele; sua sombra me cobre inteiramente, de modo que não consigo enxergar nada além dele.

– Sim, está melhor – respondo, erguendo meu tronco para me sentar com as costas apoiadas nos travesseiros.

– Ótimo. – Rob sai do quarto e retorna com minha bolsa de viagem, que coloca a meu lado. – Já volto com uma xícara de chá.

Escuto-o descer a escada e entrar na cozinha enquanto abro a bolsa em busca de analgésicos. Aviso a Rob que também vou precisar de um copo d'água, embora não esteja achando o remédio entre as roupas do dia anterior. Remexo o bolso lateral e encontro meu passaporte. Jogo-o na cama e vejo-o deslizar até cair no chão. Levanto-me e, cambaleando, vou até o banheiro para jogar água no rosto; examino os machucados na face e depois tiro a roupa para inspecionar o corpo. Ergo a mão direita e observo a atadura elástica e quanto meu pulso está inchado. Fico chocada novamente com a mancha roxa escura que se espalha por baixo da atadura e também com algo que eu não tinha notado no hospital: na parte de dentro do meu pulso, entre os machucados, há vários cortes pequenos, no formato de semicírculos, que parecem parcialmente cicatrizados, como se fossem feridas mais antigas. Massageio-os. Encaro meu rosto de novo no espelho e passo os dedos sobre a pele inchada; para completar a imagem, meus dois olhos estão roxos, o direito muito mais do que o esquerdo. Por fim, esquadrinho meu corpo nu. A deterioração do ano perdido não é particularmente evidente, mas acho que estou mais magra, e há um arco-íris de machucados em meus joelhos e coxas.

Rob bate à porta.

– Está tudo bem aí dentro? Trouxe seu chá.

Pego o robe no gancho e abro a porta.

– Estou inspecionando os danos – falo, e ele desvia o olhar enquanto me cubro. – Deve ter sido uma queda e tanto. – Me sento de novo na cama.

Rob se aproxima para me acomodar debaixo do edredom. Meu chá já está no meu criado-mudo, junto com os analgésicos, que, segundo ele, tínhamos deixado no carro.

– Você esqueceu minha água. E minha bolsa. – Tento achar uma posição confortável para meu braço direito.

Rob se encurva para pegar meu passaporte no chão.

– Por que isso está aqui? – pergunta ao erguê-lo.

Dou de ombros, digo que estava na bolsa de viagem, que ele agora está esvaziando. Rob parece hesitante, como se estivesse pensando em alguma coisa. Então, diz:

– Talvez seja da nossa viagem em outubro do ano passado. – Ele me olha e pergunta se me lembro de algo da viagem. Balanço a cabeça e imediatamente me arrependo disso. Quantas vezes mais ele vai me perguntar se me lembro das coisas, me obrigando a dizer que não? – Precisa de alguma coisa?

Respondo que só preciso da minha bolsa, onde meu celular deve estar. Rob desce e em seguida o escuto subindo a escada de volta, dois degraus de cada vez. Ele estende a bolsa para mim, e eu não me lembro dela. É de um couro macio, muito bonito, da minha marca preferida, e ele me diz que ganhei de aniversário. Pego-a com a mão esquerda e tateio dentro dela, esperando sentir o volume tranquilizador do meu telefone. Frustrada, esvazio o conteúdo sobre a cama, mas é óbvio que ele não está lá. Rob apenas me observa e então pergunta o que estou procurando. Depois, comenta que não preciso mandar mensagem para nossos filhos, pois já falou com eles e os dois passarão aqui mais tarde.

– Fin está vindo da universidade?

– Eu já disse, ele vai vir mais tarde… – diz Rob, virando-se. – Tente descansar um pouco. Você não precisa…

– Não é isso! – grito, segurando a lateral da cabeça como se isso fosse conter o balanço dentro dela.

Rob parece surpreso com meu acesso de raiva – assim como eu estou –, mas não diz nada.

– Preciso do meu celular, Rob. Preciso dele. – Começo a chorar, apesar de estar brava com ele, e não chateada.

Ele se senta na cama e me diz para me acalmar enquanto coloca as coisas

de volta na bolsa aberta. Encaro-o como que o desafiando a me ignorar no estado frágil, debilitado em que me encontro.

– Cadê meu celular? Preciso dele.

Ele suspira.

– Eu já te disse, Jo.

– Disse o quê?

– Meu Deus! Que seu celular quebrou quando você caiu. Você acabou derrubando, e ele quebrou quando bateu no chão do hall. Vou encomendar um novo hoje.

Não me lembro dessa conversa, mas também é verdade que tudo está confuso e que minha cabeça dói muito. Exijo saber onde está meu celular, e minha beligerância parece nos surpreender a ambos. O fato é que preciso do meu celular, ele é muito importante para mim, não só para falar com meus filhos, mas também para me reconectar ao meu antigo eu, o meu eu de antes da queda.

– Se eu encomendar agora, deve chegar amanhã, segunda no máximo – diz Rob, franzindo a testa enquanto dobra minha camisola limpa e a guarda na gaveta do criado-mudo. – Você quer um igual ao que quebrou, certo?

– Não, não um novo! – grito, e a cada sílaba a dor explode dentro de mim. – Meu celular quebrado, cadê ele?

Rob respira fundo, como se fosse eu quem estivesse agindo de maneira absurda, e diz que está na lixeira, que jogou lá de manhã, e então emenda que não está mais, pois o lixo foi recolhido enquanto estávamos no hospital. Ele se senta na cama mais uma vez e tenta me acomodar de novo nos travesseiros, mas eu resisto e argumento que, se ele tivesse removido o chip, talvez eu pudesse usá-lo em um celular antigo. Mas claro que ele não fez isso, porque, como comenta, "por incrível que pareça", estava preocupado comigo na hora, não com o celular quebrado.

– Mas teve tempo de jogá-lo fora e de tirar o lixo de casa? – digo, sem

querer dar o braço a torcer.

– Eu estava arrumando a casa! O que você tem, Jo? Você não é assim! Quer que eu fale com o médico, quer que eu ligue para o doutor Agrawal?

– Preciso do meu celular. – Afundo-me nos travesseiros. – Por que você não quer me dar?

Rob suspira e vai embora do quarto. Escuto-o descer a escada e depois o som de um computador ligando, seguido pelos ruídos baixos e repetitivos de e-mails sendo baixados e dos dedos de Rob batendo nas teclas. A familiaridade é soporífica, como se a vida estivesse normal: Rob trabalhando na ilha da cozinha enquanto eu faço minhas coisas pela casa, Fin no computador ou tocando guitarra. Já vai fazer um ano que Fin está na universidade, sua vida lá está estabelecida. Mas a ausência de Fin não é a única que me incomoda; quero o meu celular, e o fato de não tê-lo só aguça sua importância para mim. Vivo com o celular na mão, é o cordão umbilical que me liga a meus filhos, ao mundo exterior, a uma vida além das paredes de pedra do celeiro transformado em casa; estamos no topo de uma colina, a quilômetros do vizinho mais próximo, açoitados pelas forças da natureza.

Para me acalmar, penso que mais tarde posso conferir meus e-mails no laptop; talvez isso me conecte de alguma maneira aos meses que perdi, traga algumas lembranças. Fecho os olhos e sucumbo à exaustão, e o sono me oferece uma ligação com o passado, mas diferente, vaga e indefinida, ainda que insistente e desgastante. Imagens surgem e desaparecem, contorcem-se e mudam, algumas nítidas, outras não. Meu corpo também se contorce: chuto o edredom para longe, e minha pele formiga com o calor e depois fica úmida de suor.

Seu rosto está virado para o outro lado, oculto na sombra. Tento tocá-lo, trazê-lo para mim, ele parece tão distante. Estou desesperada para encontrá-lo, mas então o rosto de Rob *surge e me vejo gritando para que me solte.*

Está escuro quando acordo, e o edredom, em volta de mim de novo – provavelmente, colocado por Rob. A cortina continua aberta, mas eu só

enxergo escuridão. Isso me faz lembrar de nossa primeira noite aqui: Fin precisou de uma luminária de tomada, e Sash fingiu ter caído no sono enquanto lia para poder deixar o abajur ligado. Após os dois finalmente dormirem, Rob e eu passamos um tempo no quintal, com uma taça de vinho na mão e o olhar no céu.

"Isto *é* perfeito", disse Rob, contemplando nossa casa nova sob a escura abóbada celeste, uma tela negra pontilhada apenas pela claridade das estrelas. "Nenhuma poluição visual. Estamos a sós aqui."

Eu precisei de mais tempo para me convencer, assim como as crianças. Fin acabou sendo subornado com a promessa de um telescópio, mas Sash nunca se acostumou.

Vou até a janela do quarto e observo as colinas pretas, o caminho de cascalho e a estrada. Tem um carro subindo a colina, os faróis iluminam a cerca. O familiar automóvel em formato de bolha vira à direita na entrada da garagem e estaciona ao lado do meu Mini Cooper. A porta do passageiro se abre e Fin surge, acompanhado de uma explosão de música alta. Em seguida, Sash sai do lado do motorista e bate a porta. Os dois olham para o celeiro, mas, como as luzes do quarto estão apagadas, não devem estar me vendo, pois não retribuem meu aceno. Seus corpos se encurvam por causa do vento e da chuva conforme se aproximam da porta de entrada.

Visto o cardigã por cima do robe, uma camada a mais sobre a seda fina, tremendo agora que saí da cama. Depois, com cuidado, desço um degrau de cada vez, com a palma esquerda no corrimão para me apoiar. Sigo as vozes até a cozinha: uma conversa baixa, com um tom urgente; Fin, depois Rob, agora Sash, meu nome é mencionado, então um pedido de silêncio de Rob quando me junto a eles.

– Estão falando de mim? – pergunto.

– Claro – responde Rob. – Como está se sentindo?

– Ainda estou com dor de cabeça, mas talvez esteja um pouco melhor.

– Você deu o maior susto na gente, mãe! – diz Sash.

Ela se aproxima de braços abertos, e eu fico completamente chocada com sua aparência – parece que é uma desconhecida vindo até mim, não minha própria filha. Seu cabelo longo de sempre praticamente desapareceu, tosado em um corte brusco na altura do queixo; a maquiagem é pesada, com olhos esfumados e lábios vibrantes, e as roupas são folgadas e nada femininas. Ela pergunta se estou bem, como estou me sentindo. Não digo nada e retribuo o abraço da melhor maneira possível, porém percebo que ela também está contida.

– Não acreditei quando papai disse que você caiu – diz, afastando-se para poder ver meus machucados. – Parece que ele te deu uma surra!

– E você está muito diferente – digo a ela. – Preciso de um tempo para me acostumar.

– Acho que você vai precisar de tempo para se acostumar com muitas coisas. – Ela olha para o pai.

– Contou para eles sobre a perda de memória? – pergunto a Rob, que faz que sim com a cabeça.

Eu estava tentando ser corajosa pelos meus filhos, mas minha compostura logo se desfaz, e Sash passa a procurar um lenço de papel, enquanto Fin, constrangido, permanece parado na entrada da cozinha, como se preferisse não estar aqui. Rob, agindo de modo protetor, passa um braço ao redor dos meus ombros. Eu me seguro para não afastá-lo, para não criar clima na frente dos nossos filhos, e racionalizo essa minha defesa como uma reação do meu corpo com o intuito de sarar, uma armadura contra danos adicionais, embora não pareça que seja isso. Na verdade, parece que…

– Jo! – diz Rob em um tom autoritário, e eu me sobressalto. – Eu disse para irmos para a sala!

Ele me guia pelo corredor até o sofá. Sash se senta a meu lado, segurando minha mão. Seus dedos estão cobertos com grandes anéis em forma de

caveiras e serpentes; os aros grossos penetram na parte carnuda entre cada junta, o que me faz ficar com medo de apertá-los demais – nem parecem as mãos de Sash. Observo seu rosto à procura de alguma familiaridade por trás das linhas grossas de lápis nos olhos.

– Você parece bem – digo. – Quando cortou o cabelo?

– Faz meses. – Sua mão solta a minha, se desloca para sua nuca nua e enconcha as pontas das camadas mais longas; Sash inclina a cabeça para torcer o cabelo grosso na palma da mão. – Na época, fiquei sem saber se você tinha gostado. Que estranho você não lembrar. Tem certeza de que não lembra de nada depois que o Fin foi para a universidade? – Ela olha para Rob e para Fin. – Nem do meu aniversário, das suas férias? Do Natal?

Sash para e olha para Rob de novo.

– É ainda mais estranho para mim – digo para ela. – É como acordar depois de dormir por um ano. – Olho para Rob e para Fin, sentados no outro sofá, com as longas pernas estendidas até o tapete, sem olhar um para o outro. – Nosso Natal foi bom? – pergunto para Fin.

Ele sorri para mim.

– Você montou três árvores.

– Uau. Bem, parece algo que eu faria. – Sorrio para ele. – Aposto que adorei que você veio para casa, mas não precisava ter voltado agora. Eu estou bem.

Fin sorri de volta. Sua aparência está relativamente inalterada, apesar de ele ter perdido peso. O último ano parece ter sido difícil para ele: seus ombros estão caídos, e seu olhar desvia de mim para seu próprio colo, como se ele não conseguisse me olhar nos olhos.

– Queria te ver, ver como você está. Deve ser muito estranho perder a memória.

– Tem coisas que eu lembro – digo. – Apenas fragmentos, espécies de sensações.

– Que tipo de sensação? – pergunta Rob, inclinando-se para a frente.

– De que as coisas mudaram, acho. Como se eu estivesse deixando algumas coisas passarem despercebidas, e devo estar mesmo. Muitas coisas. – Fico encarando Rob até ele desviar o olhar e depois abro outro sorriso para Fin. – Não precisa se preocupar, querido. Tenho certeza de que vou me lembrar de tudo. Pode voltar para a universidade. Na próxima vez que você voltar, vou estar curada.

Rob se levanta.

– Você disse que trouxe algo para o jantar, Sash?

– Meu Deus, como as coisas mudaram! – digo com o máximo de animação que consigo.

Sash esvazia o conteúdo de uma bolsa térmica sobre a ilha da cozinha. Apesar das objeções de Rob, insisti que não havia problema em me sentar num dos bancos altos enquanto ela preparava tudo.

– Nem sabia que você cozinhava – digo. – E tem até uma bolsa térmica. Que adulta.

Sash sorri.

– É bom poder retribuir um pouco.

Fin e Rob estão dando uma geral no andar de cima, após insistentes pedidos de Sash. Ela, que parece ter assumido o controle, grita instruções pela escada de vez em quando.

– E tragam as roupas para lavar quando descerem! – Ela enrola as mangas do macacão ao voltar para perto de mim na cozinha.

Parece que ela pegou essa roupa folgada emprestada de algum amigo homem. Encaro-a como se esperasse me acostumar à nova Sash, porém silenciosamente lamento a perda da versão de que me lembro, mais feminina e delicada. Ela segura a cebola que estava picando habilidosamente, e seus olhos lacrimejam ao empunhar a faca, fazendo que pequenos arroios de lápis de olho percorram seu rosto.

– O que você está preparando? – pergunto.

– Macarrão com pimentão e cogumelos. – Ela seca os olhos com o dorso da mão, o que as deixa manchadas de preto também. – E tem salada e pão.

– Hum, parece maravilhoso, querida. Posso ajudar?

Desço do banco, mas Sash dá a volta na ilha para me deter.

– Fique paradinha aí, você não vai fazer nada até melhorar. Quando papai voltar para o trabalho, Fin pode assumir. Passou da hora de ele fazer alguma coisa útil.

Sash me olha alarmada.

– Como assim? – Usando minha mão boa para me apoiar, me reacomodo no banco. – Fin precisa voltar para a universidade. – Olho para ela. – Não?

Fin entra na cozinha com os braços cheios de roupas de cama e de toalhas e pergunta a Sash onde deve colocar tudo. Rob está a seu lado.

– Por que você não está na universidade? – pergunto a meu filho.

Sash olha para o pai, e os olhos dela se arregalam.

– Não contei, pai. Juro.

– *Ah, pelo amor de Deus, Sash!* – grita Rob. – Deixo você sozinha com sua mãe por dez minutos…

– Rob, acalme-se – digo, franzindo as sobrancelhas. – Você está exagerando. Sash não disse nada, eu adivinhei.

Olho para Sash e sorrio, mas ela ainda está encarando o pai, olhando-o nos olhos, como se o desafiasse.

– Eu falei que não contei, não falei?

– Mas alguém contou, e você era a única pessoa que estava aqui – responde Rob.

– Fin? – digo, ignorando a discussão entre Sash e Rob. – Por que você não está na universidade?

Ele encara Rob, como se a reação do pai fosse mais importante do que a

minha, e a roupa suja cai dos finos braços de meu filho.

– Não era para mim, mãe – responde, jogando a franja para trás e depois olhando para os próprios pés, cobertos pela roupa suja derrubada.

– Você abandonou o curso?

– Eu sinto muito.

Digo que ele não precisa se desculpar, mas não consigo disfarçar meu choque. Talvez tenha algo que eu não saiba, um plano melhor. Só não entendo por que ninguém me contou nada. Pergunto isso a Rob, que murmura que não queria me preocupar e passa por Sash para pegar a roupa derrubada.

– Bem, mas está me preocupando, *sim*. – Eu me levanto do banco e olho para Fin, cuja cabeça continua abaixada, os olhos voltados para o chão. – Onde você dormiu ontem?

Fin olha para o pai e depois para mim.

– Na casa de um amigo.

Pergunto que amigo, e ele diz que se chama Ryan e que, não, eu não o conheço.

– Vai ficar aqui hoje? – É reconfortante a ideia de Fin dormindo no quarto ao lado.

– Não moro mais aqui, mãe. – Fin responde, e olha de novo para o pai.

Minha cabeça está um chumbo. Não consigo assimilar o fato de que ele abandonou a universidade, muito menos de que saiu de casa, e acho que isso prova o ponto de Rob de que não estou preparada para enfrentar tudo. No entanto, ainda não estou pronta para abrir mão da verdade. Fin dá de ombros diante da minha insistência, mas não fala nada.

– Pergunte para o papai – responde Sash no lugar do irmão. – É ele que está controlando a gente, dizendo o que podemos ou não contar.

– O que isso significa? – pergunto a Rob. – Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

– Não, nada – diz Rob, fulminando Sash com o olhar. – Eu não queria que você se preocupasse, já falei. – Ele sorri para mim, joga a roupa suja na área de serviço e volta para me abraçar. Permito porque nossos filhos estão vendo. Depois, ele me guia até a mesa de jantar. – Apenas tente relaxar. Estamos todos bem e estamos juntos, certo?

Mas não está tudo bem. Não entendo o que está acontecendo; todos os olhares, todos os segredos.

Comemos em relativo silêncio. Cada assunto é complicado, e eu percebo que não tenho apetite para a comida, apenas para as informações perdidas. Faço perguntas, porém cada resposta é cautelosa e passa pelo escrutínio de Rob. Sash e Fin olham para o pai em busca de autorização antes de me contarem qualquer coisa que tenha acontecido em suas vidas desde setembro do ano passado. Capto alguns fatos: Sash saiu da péssima quitinete que tinha alugado depois de terminar a universidade. Agora está em um lugar bem melhor, diz ela, o que é um alívio, e está namorando um rapaz chamado Thomas; o nome provoca um instante de silêncio na mesa. Fin está feliz, segundo ele, vivendo com um amigo e tocando guitarra numa banda.

Eles vão embora porque estou cansada, e também porque Rob insiste. Ele acompanha os dois até a porta e, ao voltar, se senta ao meu lado no sofá, com o braço por cima do encosto e os dedos quase tocando meu ombro. Então, faço a pergunta que engloba tudo o que eu quis perguntar a noite inteira:

– O que você está escondendo, Rob?

Ele inclina a cabeça para trás e olha para o teto, inspirando ruidosamente.

– Não estou escondendo nada, Jo.

– Comece pelos nossos filhos. Pode me contar tudo – digo, cruzando os braços e ignorando suas desculpas até ele começar a revelar o passado, ou pelo menos sua versão editada dele.

Fin ficou na universidade só até o fim do primeiro semestre, diz Rob. Rob e eu tiramos férias, redecoramos um pouco a casa, comemoramos meu

aniversário, que foi ótimo, e aí já era quase Natal. Perguntei como Fin estava quando veio para casa no Natal, para tentar entender como fomos capazes de negligenciá-lo por um semestre inteiro; três meses ignorando seus sinais enquanto viajávamos, redecorávamos ou comemorávamos meu aniversário sem ele. O que eu tinha na cabeça? Fin sempre foi mais na dele, sofreu bullying na escola e não se abria muito em casa.

– Ele estava… – Rob faz uma pausa antes de prosseguir. – Ele estava bem quieto. Mas é o jeito dele, né? – Ele esfrega o rosto e apoia o queixo nas pontas dos dedos fincadas no maxilar definido. – Ele contou no réveillon. A gente estava começando a organizar as coisas dele para levá-lo de volta para a universidade, e ele disse que não ia voltar, que tinha decidido que não valia a pena.

– Ele deve ter dito mais alguma coisa. – Endireito a postura para tentar me livrar da exaustão que ameaça me engolir. – Aconteceu algum problema? Com algum amigo, ou com o curso?

Segundo Rob, Fin só ficou repetindo que aquilo não era para ele. Por mais ridículo que fosse abandonar a universidade sem ter outro plano, nem emprego, ele estava decidido. Admito que não consigo imaginar um cenário em que nós dois simplesmente tivéssemos permitido que Fin abandonasse os estudos, e Rob comenta que fizemos nosso máximo.

– Você não lembra mesmo? – Rob me observa de novo, como se eu estivesse mentindo e fosse revelar algo se ele me examinasse detidamente.

– Não, Rob. Eu não lembro *mesmo*.

– Não precisa falar assim comigo. – Ele se levanta para pegar nossas taças do chão, uma de água para mim e uma de vinho para ele. – Só estou contando o que aconteceu. Não precisa me culpar por tudo mais uma vez.

Ele vai até a cozinha e o escuto colocar a louça na lavadora. Ao voltar, Rob estende a mão, segura meu rosto e me pede desculpa. Permito esse contato porque quero que ele volte a falar. Ele olha para seu polegar em minha bo-

checha, e eu, resistindo a um estremecimento involuntário causado por seu toque, me ajeito no sofá para sentar sobre os calcanhares. Desvio o olhar quando ele insiste que vai cuidar de mim, que não preciso me preocupar. Estou muito cansada, mas me obrigo a ficar acordada e pergunto como foi que não percebemos nenhum sinal em Fin.

– Você suspeitava – diz Rob. – Você notou que ele mal falou com a gente depois que o deixamos na universidade. Eu disse para você dar mais espaço para ele, dar tempo para se adaptar, mas você tinha razão. Ele teve dificuldades desde o começo e nunca se acostumou à vida de universitário.

– Coitadinho do Fin – digo, mais para mim mesma do que para Rob.

Olho para Rob e imagino como ele suprimiu as minhas preocupações sob o argumento de que eu não deveria me inquietar, de que deveria dar mais espaço para Fin. Mas eu tinha razão. Nosso filho estava péssimo. Engulo minha recriminação e pergunto:

– Então por que ele decidiu sair de casa? Ele ficaria mais feliz morando aqui, não?

Rob limpa a garganta e conta que não estava em casa quando Fin foi embora, na manhã seguinte.

– *Na manhã seguinte?* Achei que ele tinha se mudado daqui há pouco tempo!

Rob coça o braço.

– Perdi a cabeça com ele, Jo. Ele não estava pensando direito. – Rob olha para mim. – Foi muito frustrante vê-lo jogar tudo para o alto daquele jeito.

– *Você bateu nele?*

– Onde você está com a cabeça para sequer pensar em algo assim? – pergunta Rob, erguendo a voz, com o corpo virado para mim e a expressão cheia de mágoa. – Você tem sempre que pensar o pior de mim!

– Desculpe, achei que…

– Você só perdeu o último ano, Jo. Mas parece que não me conhece. Acha mesmo que eu bateria no nosso filho?

– Não, claro que não. – E de fato tenho convicção disso; Rob jamais machucaria os filhos, ele idolatra os dois.

É o que torna a frustração dele compreensível, e o que me sensibiliza. Posso até não lembrar, mas imagino a posição terrível em que ficamos ao testemunhar nosso filho incrivelmente inteligente jogar fora tudo o que tinha conquistado sem podermos fazer nada para que ele mudasse de ideia.

– Então o que aconteceu? – pergunto. Diante da falta de resposta de Rob, que tem o rosto virado como forma de protesto, continuo: – Desculpe, não foi a minha intenção. Por favor, conte o que aconteceu.

Rob me olha de novo e suspira.

– O que aconteceu foi que dei um sermão sobre como as escolhas dele afetariam o resto de sua vida e disse que ele era novo demais para ter certeza do que queria. – Rob arqueia o pescoço e fixa os olhos semicerrados no teto. – Queria poder desfazer aquilo, mas, por outro lado, se eu não tivesse dito aquelas coisas, acho que estaria me recriminando por não ter tentado. – Ele me olha nos olhos e continua. – Às vezes precisamos agir como o adulto da história, por mais impopular que isso nos faça.

– E conhecemos esse tal de Ryan com quem ele está morando?

Rob faz que sim com a cabeça.

– Você o conheceu no dia em que Fin se mudou. Ele passou aqui para buscá-lo. Você me disse que parecia um bom rapaz, um pouco mais velho. Fin não conta muitos detalhes, não quer que a gente se envolva muito.

– E ele não conseguiu emprego?

– Ele faz um bico aqui e ali, mas nada fixo. Ele e Ryan trabalharam em um festival no verão, e depois Fin passou uma semana colhendo frutas numa fazenda em Devon. – Rob ergue a sobrancelha. – Frustrante, para dizer o mínimo.

– Meu Deus. – Desvio o olhar e tento assimilar o que ele acabou de me contar. Há algo de irreal nisso, o que amortece o golpe, mas somente um

pouco. – Como ele se vira? Nós o ajudamos?

Rob diz que manda dinheiro para o aluguel, mas que é melhor não tocar nesse assunto com Fin.

Concordo com a cabeça.

– Ele sempre foi tão independente, deve estar odiando depender da sua ajuda.

Rob esfrega as mãos no rosto.

– Está complicado, viu? – Ele me encara. – Está cansada?

– Na verdade, não. Agora me conte sobre a Sash.

Rob suspira e pergunta de novo se eu aguento. Digo que preciso saber. Ele muda de posição, vira-se para mim, um joelho erguido e encostado em mim.

– Você lembra do apartamento? Daquela quitinete terrível?

– Lembro. Infelizmente. Ela já morava lá antes que eu… Faz mais de um ano que ela se mudou para lá.

– Ela acabou morando lá por poucos meses.

– Isso é bom, não é?

Rob faz uma careta, como se estivesse prestes a me dizer algo mas não soubesse que palavras usar.

– É complicado… Ela conheceu um cara chamado Thomas.

Lembro do clima na mesa quando o nome dele foi mencionado e faço que sim com a cabeça.

– Eu conheço esse Thomas? – Olho para Rob.

– Nós o vimos algumas vezes. – Ele suspira, como se o simples fato de contar isso já fosse um fardo. – Ele trabalha em um bar no centro; é gerente do lugar, na verdade, mas só porque o dono do bar, e do apartamento que fica em cima, é amigo dele. Thomas é um desses esquerdistas esnobes que acham que vão salvar o mundo de gente como nós porque se filiaram ao Partido Trabalhista e viraram veganos.

– Você não gosta dele?

– Nenhum de nós gosta, Jo. O cara é um pesadelo.

– E a Sash está morando com ele?

– Infelizmente sim. – Rob esfrega os olhos.

Penso na aparência tão diferente dela. O cabelo com um corte rústico, as roupas nada femininas, o batom vermelho-escuro. Disse que gostei, mas não gostei. Pergunto a Rob como ela e Thomas se conheceram, e ele diz que acha que foi no bar, mas não tem certeza.

– Quando ela cortou o cabelo?

– Não sei. – Rob está perdido em pensamentos.

– Não tem como você não ter percebido, está tão diferente!

Rob dá de ombros.

– Ficamos um tempo sem vê-la. Você a viu, mas ela estava zangada comigo. Eu falei para ela que não aprovava.

– O tal de Thomas?

Ele solta outro suspiro.

– Ela o trouxe aqui, e eu o repreendi. Ele agiu feito um babaca. Foi um meio-termo difícil de chegar, mas a Sash voltou para as nossas vidas. Imagino que você tenha me culpado por um tempo, e com razão, eu não deveria ter… Jo?

O efeito dos analgésicos que tomei no jantar deve estar passando, pois sinto a cabeça pesada e não consigo sustentá-la. Me encosto no sofá e fecho os olhos por um instante.

– Que complicação… – sussurro.

– Jo. – Rob toca meu joelho, e a pressão faz meus olhos abrirem. – Lamento que as notícias não sejam melhores. Mas o importante é que todos nós ainda estamos presentes na vida uns dos outros. Os dois vão superar tudo isso. *Nós* vamos superar isso.

– Vamos mesmo?

Rob sorri para mim.

– Claro. – Ele se inclina e beija minha bochecha. – Prometo.

Eu me encolho ao seu toque, e a dor em minha cabeça oblitera todo o restante, até mesmo as perguntas que continuam sem resposta. Elas podem esperar. Por ora, minha cabeça lateja tanto que tudo o que consigo fazer é cambalear escada acima, acompanhada por um Rob aflito, e me deitar na cama, sentindo os lençóis frios e reconfortantes. Ele me deixa sozinha para descansar.

Rob se junta a mim muito mais tarde. Eu me viro de costas para ele, talvez para proteger meu punho – talvez por causa da sensação de que não suporto sua presença.

Setembro do ano passado

– Ainda está gostando do trabalho? – pergunto à minha filha.

Sorrio para ela do outro lado da mesa do café, com os utensílios de chá postos entre nós, embora Sash tenha escolhido, como sempre, seu chocolate quente preferido, com marshmallow por cima. Seu longo cabelo pende sobre a face quando ela se inclina para pegar a extremidade da colher de cabo longo. Ela ergue o olhar e cerra os lábios de maneira determinada, seu gesto característico quando quer afirmar seu direito a ser independente. Vi essa expressão pela primeira vez quando ela tinha um ano e estava aprendendo a andar; sua frustração se transformava em ataques de fúria diante da dificuldade para caminhar por conta própria, e Sash afastava aos tapas o apoio oferecido por minha mão.

– Acho que sim – responde após pensar. Ela lambe o creme no lábio superior. – É só um emprego.

– E não uma carreira?

Despejo o chá em minha xícara, o coador captura as folhas secas e delicadas.

– Não sei, mãe. – Ela ergue as sobrancelhas para mim. – Talvez eu largue tudo e vá trabalhar num bar ou algo assim. Com certeza, ganharia mais!

Estendo o braço e toco sua mão, enfeitada com anéis que cobrem todos seus dedos e que refletem a luz que entra pela pequena janela. É um café escuro, pequeno e caro. Não sei por que sempre escolhemos vir aqui, já que nem é perto do trabalho dela.

– Você precisa ter paciência por um ou dois anos, depois vai fazer mais coisas interessantes. Você mesma falou isso. Um trabalho em um bar não te

daria a oportunidade de crescer na carreira.

– Talvez desse. – Sash sorve a bebida na colher. – Como está o papai?

Digo que ele está bem e penso em como foi mais fácil para Rob se adaptar à casa vazia, com sua carreira preenchendo os espaços que nossos filhos deixaram. Ele também está gostando da atenção extra que tem recebido de mim; diz que parece que somos recém-casados de novo, mas decido não compartilhar essa informação com minha filha, imaginando sua reação.

– E você? – pergunta Sash, tirando o olhar da colher.

– Estou bem. – Sorrio para ela. – Está tudo bem tranquilo sem você e seu irmão.

Ela pergunta como Fin lidou com as primeiras semanas – "Não é muito a cara do maninho" –, e digo que ela tem razão, que seu irmão é muito diferente dela. Sash amou a experiência da universidade como um todo: mergulhou de cabeça desde o primeiro momento e colecionou tanto amigos quanto os bótons que ganhou em atividades extracurriculares, os quais prendia na mochila, a mesma que ainda usa, apesar de eu ter me oferecido para lhe comprar uma melhor. Acho que é um lembrete de sua vida de estudante e dos amigos que fez. Espero que Fin encontre sua turma com a mesma facilidade.

– Nem dá para saber se ele está gostando – respondo. – Você sabe como ele é, comunicação não é o forte dele.

– Ah, pelo amor de Deus! – Sash solta a colher dentro da bebida. – Eu falei para ele que você ficaria preocupada se ele não desse notícia! Por que ele não escuta? – Sash afasta o cabelo do pescoço, uma faixa sedosa que quase alcança sua cintura quando ela se recosta na cadeira. – E o que você tem feito agora que não precisa arrumar a bagunça dele o tempo inteiro?

– Ah, você sabe, só relaxo, pinto as unhas, esse tipo de coisa. – Dobro os dedos e assopro um esmalte imaginário. – Afinal, não tenho mais nada para fazer. Nenhum propósito na vida… – Sorrio para ela.

– Você entendeu. – Ela revira os olhos. – Agora você deve ter mais tempo

livre.

Digo que estamos pensando em transformar o quarto dela em um quarto de hóspedes e o quarto menor em um escritório para Rob.

– Na verdade, é mais um projeto para mim…

Ela me interrompe repentinamente:

– E se eu quiser passar uma noite lá?

– Você nunca faz isso. Mas continuaria sendo seu quarto sempre que você quisesse usar. Você sabe disso.

Sash me ignora, mexe com a colher os marshmallows derretidos e os leva à boca. Ofereço para ajudá-la com seu apartamento, dar um tapa nele, talvez aproveitar e pedir a nossos decoradores para darem uma olhada. Ela diz que não vale a pena pois não deve ficar lá muito tempo. Por um instante, sou tomada pela esperança de que ela tenha criado juízo e de que, em vez de uma reforma, tenhamos Sash de volta a seu quarto, mas ela diz que está procurando outro lugar, talvez divida com alguém. Fico decepcionada, mas qualquer opção seria melhor do que sua quitinete, ou, como ela gosta de chamar, seu "estúdio". É o tipo de lugar que eu achava que não existia mais – encontro esporos úmidos e de cheiro acre em minha roupa durante semanas após visitá-la, embora não sejamos convidados com frequência. As duas visitas que fizemos desde que ela se mudou foram marcadas por aflição: Rob, preocupado com os vizinhos mal-encarados que poderiam estar de olho em seu valioso carro, não parou de olhar o relógio, enquanto eu fiquei tentando achar alguma coisa positiva para comentar, no que falhei miseravelmente. Digo para Sash que estou contente por ela estar dando esse passo e que, se precisar de um empréstimo, basta pedir. Ela revira os olhos de novo, mas não recusa de fato.

A garçonete chega com nosso pedido: um sanduíche de atum e outro de queijo. Dividimos os sanduíches e Sash diz:

– Ah, lembrei o que eu queria dizer: trabalho voluntário.

Presto atenção, apesar de resistir à ideia. Não é algo louvável, mas nunca

gostei muito do trabalho árduo envolvido em fazer caridade; sempre preferi tranquilizar minha consciência com uma doação generosa realizada por transferência direta. No entanto, Sash consegue prender minha atenção com o relato de sua atuação em um centro de acolhimento perto de seu escritório.

– Por que a surpresa? – indaga ela. – Só fui uma vez, mas quero voltar. Tem doação de alimentos e um centro de acolhimento. Só entreguei panfletos e ajudei na limpeza, mas foi divertido. – Ela me olha. – Conheci pessoas legais.

– E como funciona esse centro de acolhimento? – Tento imaginar Sash nesse cenário tão improvável.

– Você precisa fazer um levantamento completo de antecedentes para provar que não é um pedófilo ou coisa parecida. A empresa se encarregou do meu, mas acho que o centro te ajudaria com isso. Depois, é só aparecer lá e ajudar com o que puder. – Ela morde o sanduíche. – Fico até um pouco culpada por não ter voltado lá depois de todo o trabalho que eles tiveram.

– Que tipo de pessoa frequenta esse centro de acolhimento? – pergunto, afastando meu prato.

– Qualquer pessoa vulnerável, que precise de ajuda.

Sash pinça as migalhas que deixei e as mordisca. Imagino usuários de drogas e moradores de rua e coço meu couro cabeludo.

– Não estou gostando disso, Sash. Quem toma conta do lugar? Quem garante que você está segura?

– *Quem garante que você está segura?* Essas pessoas estão ao nosso redor, mãe! O tempo inteiro. Nossa sociedade é assim!

Olho para a clientela do café. A maioria tem cabelos grisalhos, exceto por nós duas e as madames sentadas perto da porta, com sacolas de lojas de marca penduradas nas laterais da cadeira. Sash suspira e admite que talvez eles não venham aqui para tomar um café de três libras, mas são parte da sociedade e precisam de ajuda. Resisto à tentação de salientar que ela está tomando um chocolate quente de três libras e que muito provavelmente sou eu que vou

pagar. Talvez seus princípios não sejam melhores do que os meus; por mais que os bótons em sua mochila representem todo o seu comprometimento na universidade, a realidade de fazer trabalho voluntário não lhe pareceu atraente na época, assim como não parece atraente para mim hoje, o que torna seu ponto de vista ainda mais surpreendente.

– Pense nisso, mãe. Ajudar os outros te daria um propósito.

– Porque, agora que você saiu de casa e Fin está na universidade, eu não tenho nenhum propósito. É isso?

– Na verdade, foi você que disse isso.

– Eu estava brincando!

– Você sabe o que eu quis dizer. – Sash devolve uma migalha ao prato. – Precisa se distrair com alguma coisa nova, ou vai acabar ficando deprimida. Alguma coisa que seja só sua.

Rio da dramaticidade dela e a repreendo por sugerir que o principal objetivo da minha vida era arrumar as coisas dela e de seu irmão.

– Eu faço outras coisas – digo, e busco na mente algo que não tenha a ver com nossa casa nem com o pai dela. – Eu tenho um propósito.

– Preciso voltar para o trabalho. – Ela pega a mochila. – Quanto foi a minha parte?

– Nada. É por minha conta.

Eu me levanto para me despedir com um beijo e depois a observo partir. Seu cabelo loiro balançando com a brisa conforme ela caminha para o trabalho, uma ocupação que carrega um propósito, mesmo que ela não enxergue isso.

Estou pagando para a garçonete quando recebo uma mensagem de Sash.

Por mim, tudo bem se quiser mudar meu quarto. Obrigada pelo almoço. S. Bjos. Obs: pense no que falei. Amo você!

4

Dois dias após a queda

Seu rosto está virado para o outro lado, oculto na sombra. Tento tocá-lo, trazê-lo para mim, ele parece tão distante. Seu corpo está nu, e a silhueta é destacada pela luz débil. Meus dedos percorrem a pele macia de suas costas, acercando-se. Seu corpo é quente em contato com o meu. Ele me toca, e eu arquejo. O desejo é palpável. Preciso ver seu rosto, saber quem ele é. Mesmo com meu marido dormindo ao meu lado, não quero sair de perto deste homem, não quero abrir os olhos e me ver separada dele. Ele está me tocando, me puxando para si, sinto a tensão entre nós. Isso é ilícito, até mesmo proibido, perigoso. Não é o meu marido. O que foi isso? Um caso, uma fantasia? O que é isso que estou lembrando?

– Jo, está acordada? – O rosto de Rob está próximo ao meu. – Precisa do remédio?

– Não, estou bem. Volte a dormir.

Eu me ergo para apoiar as costas nos travesseiros, e já é tarde demais quando me lembro da torção no pulso direito. Respiro fundo e me contenho para não soltar um gemido. Rob está deitado de lado, o braço direito ao longo da lateral do corpo e os olhos fechados. Me viro para ele, para sua cabeça escura e oval no travesseiro branco, cheia de coisas que perdi. Queria poder abri-la como um coco e raspar as partes de que preciso e descartar o resto. Essa ideia repugnante me aterroriza e me fascina ao mesmo tempo. Me questiono sobre esses pensamentos, tão perversos, tão aleatórios, e sobre as imagens, o significado delas. Sou uma esposa, sou uma mãe, sou fiel, sou monógama – *não sou*? Saio da cama, onde Rob já dorme novamente, e fecho suavemente a porta do quarto.

O patamar está escuro, e uma fina fatia de luar ilumina meu caminho, oferecida a mim pela janela do lado oposto, a única que decidimos deixar sem persianas por causa da vista desobstruída do vale, com encostas verdes e, mais além, colinas escuras, a qual nos dá a impressão de sermos as últimas pessoas na Terra. É um tanto desanimador pensar a esta hora em nosso incrível isolamento – mas qualquer pensamento tem esse efeito quando se é a única pessoa acordada. Passo pelo aposento menor e, com a mão na parede para me guiar, acendo a luz e entro no quarto que ainda considero da minha filha. A cama de casal de Sash está posicionada no centro da parede, virada para mim, e não mais no canto, como me lembro. O jogo de cama florido foi substituído por um verde, discreto, com uma manta e almofadas no mesmo tom cinza das paredes recém-pintadas. A escrivaninha desapareceu, assim como os pôsteres e as fotos, e o lustre é novo. Abro o armário e vejo que está vazio, sem as roupas de inverno que ela tinha deixado durante o pico do verão.

Na noite seguinte à ida de Fin para a universidade, eu também acordei de madrugada, ou talvez tenha sido pouco depois de adormecer. Lembro-me de entrar no quarto dele na escuridão. Rob estava exausto; tinha trabalhado bastante colocando as coisas no carro e dirigindo na ida e na volta. Dormiu profundamente depois que fizemos amor. Quando penso na intimidade que compartilhávamos – de cuja dimensão talvez nem tomássemos conhecimento –, fico chocada, embora jamais tenhamos sido dados a grandes romantismos. Afasto esse sentimento e volto para aquela noite; lembro de ficar encarando os números no despertador de Rob, o sono me evitando. Estava pensando em Fin; sentia um frio na barriga toda vez que o imaginava sozinho. Ele tinha me mandado apenas três letras para responder às minhas várias mensagens: "blz". Apesar da melancolia daquele momento, sorrio ao me lembrar disso, ou talvez devido ao fato de ter me lembrado de algo novo, ainda que esse fato não passe de algumas horas no meio de um ano inteiro perdido. Ao sair do quarto, apago a luz, e as batidas insistentes em minha cabeça me lembram que preciso dos analgésicos.

No térreo, a cozinha ecoa a solidão do horário. Abro a persiana para pegar os comprimidos no peitoril. A janela está preenchida pela escuridão, mas, quando meus olhos se ajustam, distingo a silhueta das árvores que ladeiam a entrada de carros. Elas estão imóveis. O vento deve ter diminuído um pouco e a chuva parou, o que permite que um vislumbre do amanhecer apareça além das colinas, marcando o contorno delas.

Acendo as luzes, e o brilho forte das luminárias embutidas em cima da ilha da cozinha me fazem fechar os olhos com força por um instante. Em seguida, coloco um copo no *dispenser* de água da geladeira, engulo dois analgésicos e encho novamente o copo com água gelada. Estou com muita sede; a desidratação do hospital se agarra a mim como o cheiro de antisséptico à minha pele. Tomo o segundo copo mais lentamente, e meus olhos são atraídos pelas lembranças coladas na geladeira: fotos e cartões presos por uma eclética coleção de ímãs. Comecei a colecioná-los assim que nos mudamos para o celeiro. Achei que o grande volume da geladeira de duas portas precisava ser suavizado; os suvenires coloridos amenizaram suas linhas duras. Talvez não fosse apenas a geladeira. Todas as linhas do celeiro são angulares, com grandes espaços abertos para serem preenchidos, mas meu foco foi a geladeira e sua presença taciturna e de algum modo simbólica. A mudança foi grande para todos nós – deixamos a casa para a qual voltamos da maternidade com nossos filhos recém-nascidos e viemos morar no topo da colina, longe das famílias com quem compartilhamos os anos de formação das crianças. Rob queria uma decoração limpa para combinar com o celeiro recém-transformado, algo minimalista. Os sofás de couro italiano, as mesas de vidro fumê e as persianas cor de carvão no lugar de cortinas não me pareciam compatíveis com uma vida em família, porém Rob me convenceu, como sempre; sua clareza de pensamento anulou minhas objeções. Não me importei, pelo menos não muito. Entretanto, os espalhafatosos ímãs de geladeira constituíram um campo de batalha para mim, e eu venci. Em cada lugar que visitávamos, eu comprava um novo; eram lembranças banais de nossas viagens, dos lugares que

conhecemos. Passo os dedos sobre eles: uma maçã de Nova York, um golfinho com "Florida" escrito em *glitter*, a Torre de Pisa inclinada e vivamente colorida. A familiaridade dos ímãs é reconfortante; cada cartão e cada foto que eles prendem são conhecidos. Rob e Sash novinhos, com expressões sinceras e sem malícia; mensagens de aniversário escritas por eles; cartões de Dia das Mães em formato de mão feitos muitos anos atrás. Não estou me lembrando de nada novo, mas essa familiaridade é boa, e provoca alguns flashes, alguns fragmentos de memória.

– Jo? Você está bem?

Rob tem uma mão em minhas costas, no quadrado de pele nua entre as alças da camisola. Eu me viro para ele, e o calor de sua mão em minha pele me assusta. Ele está vestindo apenas uma samba-canção, e seu rosto está tomado pelo cansaço.

– Você me assustou – digo. – Falei para voltar a dormir. – Passo por ele e me apoio na ilha da cozinha, pois a exaustão e a dor de cabeça voltam em um ataque intensificado.

– Você se lembra dessas coisas? – Rob olha para os ímãs. – Das viagens e passeios, quero dizer.

Ele toca o golfinho, que rodopia sob sua mão enorme; Rob é desajeitado e deixa o ímã cair. O reflexo rápido de Rob salva o enfeite pouco antes de bater no chão duro.

Pego o ímã da mão de Rob quando ele se levanta, e seu toque me é estranho, o que me faz recuar e quase derrubar o ímã de novo. Coloco o objeto de volta na lateral da geladeira, desajeitada por fazê-lo com a mão esquerda, mas não aceito a ajuda de Rob.

– Claro que lembro – digo, e meus dedos roçam cada um deles: Flórida, Itália, Nova York; depois minha mão se aproxima do único de que não me lembro. – Menos esse.

O ímã exibe uma praia de areia branca, com mar azul e palmeiras. Rob

aponta para as letrinhas bagunçadas na parte de baixo do ímã, e seu ombro largo toca o meu quando ele se inclina para a frente. Me aproximo para ler pois tenho dificuldade para distinguir as letrinhas sem meus óculos e também porque quero desencostar de Rob.

– República Dominicana? – digo, sem nenhuma lembrança de ter ido para lá. – Suponho que sejam as férias que você mencionou.

– Não lembra? – pergunta ele, e apoia o queixo em meu ombro.

– Isso dói. – Afasto-o. – E, não, não lembro, Rob. Quantas vezes você vai me perguntar isso?

Passo por ele e pego um banco alto sob a ilha da cozinha; minhas pernas bambeiam e as mãos tremem quando tento sentar nele. Rob rapidamente se aproxima e me ajuda a subir, e eu deixo, porque nunca conseguiria sozinha. Em seguida, apoio a cabeça na superfície fria de granito e me permito chorar: as lágrimas caem livremente até Rob implorar que eu pare.

– Não consigo parar! Estou com medo! Não entende? – Encaro Rob, cuja expressão contraída não é de raiva, como eu imaginei, e sim de pena.

– Não precisa ter medo. Eu conto o que você quiser saber. – Sua mão paira por um instante sobre a minha, mas depois se afasta. – Não aguento te ver assim.

Observo-o caminhar até o outro lado da ampla cozinha, passar pela mesa de jantar e pegar um porta-retratos no peitoril da janela logo atrás.

– Talvez isso ajude. – Ele o coloca na minha frente, sobre o granito.

A moldura prateada tem duas aberturas horizontais, uma acima da outra. A foto de cima é de uma vista parecida com a do ímã: areia, mar, palmeiras. Embaixo, tem uma foto de nós dois. Estamos perto da lente; a foto deve ter sido tirada com um celular, uma *selfie*, como diriam Sash e Fin. Nossas cabeças estão encostadas e estamos sorrindo, e há um entardecer laranja e rosado no fundo.

– Tiramos no terraço, depois do jantar, nossa noite tinha sido ótima – diz

Rob, sorrindo. – Você não… – Ele se detém e pede desculpa.

Enxugo as lágrimas, observo a foto de novo e balanço a cabeça. Parecemos felizes, é verdade, mas qualquer rosto sorridente em um porta-retratos parece. Talvez estivéssemos mesmo felizes; talvez não, talvez tenha sido uma mentira, um momento do tipo "vamos tirar o melhor proveito da situação". Mais uma vez, me pergunto a respeito de meus pensamentos desde a queda e por que a atenção de Rob e nossa felicidade de antigamente não me comovem.

Rob pega o porta-retratos e o contempla.

– Essa viagem foi tão boa – diz. – Pareceu uma segunda lua de mel.

– *Sério?* – As palavras soam mais duras do que eu pretendia.

– Acha tão difícil assim acreditar nisso?

Rob coloca o porta-retratos no lugar e depois, conforme se aproxima, me olha em busca de alguma reação, até que dá de ombros como forma de enfatizar sua opinião. Sua franja está espetada pois ele suou enquanto dormia, e seu peito nu, que carrega uma vulnerabilidade contrastante com minha atitude defensiva diante de sua presença, me faz desviar o olhar.

– Você ficou perdida sem Fin e Sash. – Ele boceja. – Marquei a viagem de surpresa, para te animar um pouco. – Rob sorri para mim.

– Eu fiquei em dúvida. – As palavras parecem formuladas por outra pessoa, mas, após dizê-las, sei que fazem sentido e isso aumenta minha determinação. – Tenho razão, não tenho? Fiquei em dúvida se devia viajar ou não por causa do Fin.

– Vem, vamos tentar dormir mais um pouco. Você precisa descansar.

Rob me ajuda a descer do banco alto e a percorrer o corredor. Estou tão cansada que me sustento nele e deixo que segure minha mão. É no momento em que ele se vira para me ajudar a subir a escada, com a outra mão estendida, que uma imagem vem à tona.

Ele estendeu o braço na minha direção no topo da escada, e eu estava tentando fazer algo, eu tinha pressa, antes que ele me detivesse.

– Jo! – Rob parou dois degraus acima de mim. – Você vem? – Ele desce um degrau. – Você está exausta, Jo. Vamos dormir.

– Eu me viro sozinha – respondo e bato em sua mão para afastá-la.

Outubro do ano passado

– E NÃO TE OCORREU me perguntar primeiro? – Coloco a chamada no viva-voz e apoio o aparelho em um pote vazio de molho de tomate.

– Achei que você fosse gostar. – O barulho da seta do carro acompanha as palavras de Rob. – É cinco estrelas, Jo! Em uma ilha exclusiva na República Dominicana. Coquetéis à vontade, só nós dois. Nós mal comemoramos meu aniversário no mês passado, e já, já vai ser o seu. Vai, vamos esbanjar um pouco!

Mexo a vasilha borbulhante de molho à bolonhesa, uma espécie de distração enquanto assimilo o que ele acabou de me dizer. O que me incomoda não é tanto o fato de Rob ter agendado uma viagem sem me consultar, e sim a falta de empatia que ele está demonstrando. Ele se adaptou bem à ausência de nossos filhos, de fato está aproveitando isso, e eu deveria fazer o mesmo. Mas não estou pronta para viajar para milhares de quilômetros de distância dos dois, especialmente de Fin. Ainda não.

– Não sei, Rob. – Estimo que tenho molho de macarrão suficiente para pelo menos duas porções a mais; o hábito de cozinhar para o dobro de pessoas também é difícil de abandonar. – Podemos falar sobre isso depois?

– Não tem muito o que falar, eu já marquei tudo. – A fala de Rob é seguida pelo barulho alto de sua buzina. – Que merda, é tão difícil assim aprender a dirigir?

– Não dá pra cancelar? – Afasto mais o telefone para acrescentar sal e uma pitada de açúcar ao molho de tomate.

– Escolha uma faixa, seu merda! – xinga ele, baixinho. – Não, acho que não. E eu não quero cancelar. Jo? Está me ouvindo?

– Sim, desculpe. Estou surpresa, só isso. Então vamos passar meu aniversário viajando?

– Não, a gente volta antes. Vamos no dia catorze, e precisamos tomar algumas injeções e providenciar comprimidos para malária. Pode ligar para o consultório amanhã e ver se conseguimos um horário no fim de semana?

Solto a colher de pau e aperto o botão para desligar o viva-voz e digo para Rob que adorei a ideia, que aprecio sua intenção, mas…

– Mas o quê?

– Você podia ter me perguntado.

– Era uma surpresa! Você disse que a gente devia aproveitar mais esse momento e viajar juntos. E nos divertir!

Tecnicamente, ele tem razão, mas falei aquilo no sentido de uma ambição teórica, sentada no conforto do nosso sofá, com uma taça de vinho na mão. Não quis dizer que deveríamos viajar imediatamente. Pego a colher e, com a ponta da língua, provo o molho e quase solto o telefone na panela ao fazer as duas coisas ao mesmo tempo; meu coração se acelera com o quase acidente.

– A gente conversa quando eu chegar em casa, ok? – diz Rob e desliga.

Largo o telefone e depois a colher. As palavras de Rob ficam se repetindo em minha cabeça. Ele tem razão, claro, devemos aproveitar esse tempo juntos como um casal, aproveitar a nova realidade. Nossa vida mudou, precisamos nos reconectar, aprender a ficar juntos sem as interações cotidianas necessárias para criar dois filhos. Conseguimos manter ambos vivos até a idade adulta, garantimos um bom começo a eles; agora o momento é nosso. É apenas uma semana de viagem, a proposta é totalmente viável. Eu deveria achá-la atrativa. A intenção de Rob foi boa, e eu tirei toda a graça da surpresa. Pego o telefone para ligar para ele, mas penso duas vezes. Ele está ocupado com o trânsito da hora do *rush*, e o sinal da ligação estava ruim. É melhor conversar quando ele chegar, como ele sugeriu.

Deixo o molho para reduzir; tenho mais uma hora até que a carne fique

mais macia e o sabor mais concentrado. Espaguete à bolonhesa era a refeição preferida de Sash e Fin; não tanto de Rob, mas ele come. Entro na sala de estar e me sento à mesa de vidro que deveria estar no novo escritório de Rob, no primeiro andar, mas é grande demais para caber lá. Rob ficou irritado com seu erro, mas eu gostei de herdá-la; assim, a sala de estar parece ainda mais um território meu. É um lugar agradável onde posso me sentar com meu laptop debaixo da janela com vista para o quintal. Acho que é meu cômodo preferido, o único do celeiro que considero aconchegante, com proporções menos grandiosas. Era para ser usada por Fin e Sash e seus amigos, um anexo que fizemos para que eles tivessem seu próprio espaço, ou talvez um atrativo para que continuassem morando em casa por mais tempo, o que obviamente não funcionou. Ainda espero que Fin passe mais um ou dois anos aqui depois da universidade. Abro meu laptop e digito "República Dominicana cinco estrelas". Sou distraída por um pisco-de-peito-ruivo no quintal enquanto espero que o sinal intermitente da internet sem fio se estabilize. A luz do dia está se dissipando, eu deveria fechar a persiana; entretanto, como tem acontecido frequentemente, a inércia me domina e me prende à cadeira, com o olhar perdido à frente.

Encontro com facilidade o site do *resort* – é o único que fica em uma ilha privada. Cinco estrelas, como Rob disse. As resenhas são incríveis, e cada foto dos hóspedes parece uma propaganda do paraíso. É apenas uma semana; o que pode dar errado em uma semana? No entanto, mesmo enquanto tento me convencer, sinto surgir uma onda de pânico; são milhares de quilômetros entre nós e nossos filhos. Tenho consciência de que, tecnicamente, eles não são mais crianças, mas tampouco são adultos. Sash continua precisando da gente para uma coisa ou outra, principalmente para resolver problemas com seu apartamento alugado e encardido, e Fin mal saiu de casa. Ele está na universidade há apenas duas semanas, e, apesar de dizer que está bem, quem garante isso? Nós não o vimos desde então, e suas mensagens são infrequentes e sucintas. Pode ser que ele esteja deprimido. Ou usando drogas. Rob disse que

“ele só precisa encontrar sua turma”, e eu me permito ser persuadida por esse argumento de modo geral, porém Fin sempre foi uma alma quieta, sensível, insular. Se houvesse algo de errado, é possível que nós não ficássemos sabendo.

Acalmo meus pensamentos e volto à cozinha para mexer o molho que ferve em fogo baixo. Vou me sentir melhor quando Rob voltar. Ele vai me convencer, como sempre. De todo modo, ser levada a um paraíso de cinco estrelas está longe de ser um problema. Quase consigo escutar minha filha dizendo: “Problemas da classe média, mãe”.

5

Três dias após a queda

Abandono o sono e abro os olhos na escuridão. Uma amálgama de rostos está diante de mim: são os personagens de um ano perdido, alguns conhecidos, outros não. Me viro para Rob, que respira lentamente, quase silenciosamente, e volto a fechar os olhos. Dois rostos se distinguem no meio de muitos, o de um homem e o de uma mulher, ambos igualmente hipnotizantes, ambos desconhecidos. Preciso destacar cada um, examiná-los cautelosamente. Sou atraída primeiro ao homem. Ele é mais jovem do que eu, não é exatamente bonito, mas transparece presença e confiança, e um sorriso emerge de suas feições indefinidas.

Com medo de trair a mim mesma, mesmo na densa escuridão, afasto sua imagem. Minha respiração se entrecorta quando olho mais uma vez para a massa negra que é a silhueta de Rob deitado, inerte.

Desta vez, procuro a mulher, que me olha diretamente nos olhos, de início com uma expressão desafiadora – seu rosto é desconhecido, escondido pelas camadas de memória que me escapam –, mas depois ela muda de fisionomia, e seu corpo inteiro se contorce de emoção, suas mãos cobrem os olhos e então se estendem para mim. Não quero nada com ela, acho-a repugnante, mas também sinto pena dela. Ela é tomada por um terror esgotante, talvez seja luto. Sinto necessidade de dormir, mas, mesmo enquanto me desconecto do mundo, os dois me seguem até as áreas remotas do meu subconsciente, me acompanham, se prendem aos meus pensamentos, exigem que eu me lembre deles.

A manhã chega com uma dor de cabeça ofuscante e a sensação de que não dormi por mais do que uma hora direto. As imagens perturbadoras provocam perguntas ainda mais alarmantes agora que estou acordada; é como se eu estivesse investigando as ações de uma desconhecida no último ano, e não as

minhas. Sento-me e apoio a cabeça dolorida no travesseiro e escuto os barulhos de Rob no banheiro da suíte. Ao sair, ele franze o cenho de preocupação, e seu exame contínuo de cada movimento meu me cansa.

– Você pode pegar meu laptop, por favor? – digo.

– Você precisa descansar. – Rob me cobre com o edredom. – Se não, vou ser obrigado a trabalhar de casa de novo. Tem torrada e suco, se quiser. – Ele aponta para uma bandeja no meu criado-mudo.

Digo para ele parar de se preocupar, que estou bem melhor, mas ele insiste que devo passar o dia na cama. Não retruco; posso fazer o que bem entender depois que ele sair. Observo-o abrir uma gaveta no guarda-roupa e escolher um par enrolado de meias cinza. Devo ter sido eu que enrolei, provavelmente nos últimos dias; uma tarefa simples, nada memorável, mas é mais uma lembrança que sumiu.

– Foi o que o seu médico falou quando ligou – diz Rob, olhando para mim por cima do ombro. – O mais importante é descansar.

– Quando? Não escutei o telefone.

– Você estava dormindo. – Ele fecha a porta do guarda-roupa. – Eu contei que você estava muito melhor, e ele ficou satisfeito, mas falou para não exagerar.

– Vou ficar bem. – Sua atitude autoritária me irrita.

– Não concordo, desculpe. – Rob se senta ao meu lado na cama. – O médico falou que você precisa de repouso total. Talvez eu deva ficar em casa hoje… – Ele sorri. – Para ficar de olho em você.

Já suportei dois dias de sua vigilância constante; perdi a conta de quantas vezes ele perguntou como eu estava me sentindo.

– Não, vou descansar. Prometo – digo, acrescentando um sorriso.

– Ótimo. – Ele se levanta de novo e me entrega meu celular novo, dizendo que chegou esta manhã. – Está tudo aí: e-mails, lista de contatos, tudo. Não precisa descer.

– Obrigada, mas eu mesma podia ter feito isso. – Pego o novo aparelho e clico no ícone de e-mail, surpresa com a expectativa que me toma.

– Conferi seu e-mail ainda agora. – Rob me olha por cima do ombro com um sorriso e joga a bola de meias para cima. – Não tem nada de mais, sinto dizer.

– Eu mesma preferia ter checado. – Rolo a tela para ver os e-mails recentes.

Ele tem razão, não tem nada de mais: um reembolso atrasado por dois abacates maduros demais em uma entrega do supermercado, cupons de desconto para redes de restaurantes, uma consulta perdida com meu dentista. Coloco o celular ao meu lado na cama.

Rob, sentado na extremidade da cama, de costas para mim, com os ombros encurvados por cima dos joelhos, veste as meias. Suas pernas finas e longas estão nuas sob a barra da camisa bem passada, e seus pés ossudos se levantam um após o outro, com o contorno dos ossos visível por debaixo da pele. Ele tem a cabeça encurvada para a frente enquanto realiza a tarefa, e eu reparo na pele bronzeada que emerge da gola, realçada pela linha reta do corte de cabelo. Ele se levanta e coloca um pé com meia, depois outro, na calça social, se aproxima de mim e beija o topo da minha cabeça antes de endireitar totalmente a postura. Espero silenciosamente que ele faça algo, mas Rob apenas sorri e me encara de novo, como se ainda estivesse avaliando os prós e contras de me deixar sozinha o dia inteiro.

– Vai! – grito. – Vai logo trabalhar!

Quero dizer mais: que não vou aguentar mais um dia de microgerenciamento. Cada palavra, cada movimento é examinado. É como se eu fosse seu experimento científico e devesse ser cutucada, manejada, analisada, inspecionada. Sua preocupação não me deixa respirar. No entanto, não falo mais nada, pois noto a mágoa e o choque em seu olhar.

Rob se afasta e olha para mim com a expressão cheia de arrependimento, não da animosidade que eu esperava. Ele pede desculpa, diz que não fazia ideia

de que estava me chateando.

– Eu sei que devo estar… – Ele desvia o olhar. – Desculpe. Vou te dar um pouco de espaço, ok?

Seu pedido de desculpa me faz lembrar de sua reação no passado após alguma grande discussão. Não os desentendimentos cotidianos da vida de casado, mas as brigas de verdade – tão infrequentes que provavelmente daria para contar numa única mão. Elas foram causadas por questões relacionadas a dinheiro, a nossos filhos ou ao celeiro, e sua raiva sempre foi seguida de um período de compensação exagerada. Pergunto-me qual terá sido a causa da discussão no topo da escada que originou a contrição atual, porém minha memória continua confusa. O que ele está tentando corrigir?

– Você precisa voltar para o trabalho – digo friamente. – Está me deixando louca.

– Que encantador – responde Rob, fingindo achar graça. – Sei quando minha presença não é desejada.

Ele abre o guarda-roupa de novo e pega uma gravata, depois vai até o espelho do banheiro para dar o nó. Espero que ele fale algo, não sei o que dizer. Afinal, é verdade: sua presença não é desejada.

– Você precisa me prometer que não vai dirigir – diz ele. – Nem sair de casa. Nem fazer qualquer coisa que não seja ficar deitada.

– Prometo – digo enquanto ele volta para o quarto e o recompenso com um sorriso, na esperança de tranquilizá-lo desta vez.

– Quero uma mensagem a cada hora. – Ele me lança um olhar sério. – Senão, volto imediatamente para casa.

Ergo o novo celular.

– A cada hora. Prometo.

– Queria que a Sash passasse aqui na hora do almoço. – Ele veste o paletó. – Mas pelo jeito ela está ocupada demais, e eu não consegui falar com o Fin. Posso preparar um sanduíche para você almoçar, se quiser.

– Vou ficar bem. Só quero que você vá, só isso!

Rob me olha e se detém como que para dizer alguma coisa, mas em vez disso se afasta, com a silhueta alta ocupando todo o vão da porta do quarto, antes de se virar e falar:

– Eu me preocupo com você na escada.

Hesito, me pergunto se ele está me testando para saber se lembrei o que aconteceu antes da queda, mas não lembro, não com clareza. Digo que vou tomar muito cuidado, que provavelmente nem vou descer, e isso finalmente o faz ir embora. Observo-o da janela do quarto; com o laptop sob o braço, ele olha para mim e ergue a mão livre para dar tchau. Em seguida, a forte chuva o obriga a correr até o carro.

Mesmo depois que ele parte, continuo com o olhar fixo no carro, como se ele fosse dar meia-volta e retornar para casa. Pergunto-me se quero que volte – uma perversidade provocada tão somente pelo vazio que sinto agora que finalmente estou só. Toco o vidro com a mão que não está machucada e, com o indicador, desenho uma linha que segue os rastros das gotas de chuva. Depois, apoio a testa dolorida na vidraça fria.

Eu costumava ter uma rotina quando Fin e Sash moravam aqui. Ela acabou há algum tempo, sou capaz de entender isso em um nível intelectual, mas o fato de saber que Fin se foi um ano atrás não o faz parecer verdadeiro. Para mim, é como se ele tivesse acabado de se mudar, Sash também, e ela se mudou um pouco antes de o irmão ir para a universidade. Quando eles eram mais novos, as caronas de ida e volta do colégio pareciam que iam durar para sempre. Na época, eu queria que aqueles dias passassem logo, reclamava de não ter tempo para mim mesma, nem mesmo um instante para pensar, mas os anos se passaram, um após o outro, perdendo-se na rotina que me sustentava. E agora, em uma reviravolta cruel, o ano em que eu deveria ter me adaptado a uma nova rotina foi roubado de mim pela perda de memória. Nas semanas anteriores à ida de Fin para a universidade, tentei imaginar a criação de uma vida nova, uma vida pós-filhos, uma vida que seria diferente e igualmente boa.

Será que cheguei a fazer isso? Será que encontrei algo para substituir as perdas? Algo que tomasse conta da minha vida. Algo perigoso e ilícito. Esse pensamento me assusta; a possibilidade de eu ter colocado meu casamento em risco é terrível demais para ser considerada.

Afasto-me da janela, e meus pés me conduzem até os quartos desocupados; as mudanças me deixam desorientada, como se alguém, por vingança, estivesse me pregando uma peça. O quarto extra, agora o novo escritório de Rob, está decorado com uma mobília masculina que eu jamais teria escolhido. Já o quarto de Sash, totalmente à mostra à luz do dia, foi despido de qualquer personalidade, parece um quarto de hotel de luxo: irretocável e impessoal. Vejo que tudo foi feito com bom gosto, e talvez a reforma tenha um dedo meu, mas qual foi o sentido disso? A gente nunca recebe ninguém. Sash, talvez? Entretanto, o quarto parece intocado. O quarto de Fin está como me lembro, o que é ainda mais perturbador – é como se ele estivesse na universidade, como se não tivesse se mudado permanentemente. Chego ao topo da escada e volto para trás, sem saber aonde estou indo, até que me vejo no banheiro da suíte. Ligo o chuveiro, examinando meus hematomas mais uma vez ao me despir. Alguns estão desbotando, outros ficaram mais escuros. Tiro a atadura elástica do pulso e entro no cubículo. Os pequenos cortes na parte de dentro do pulso chamam minha atenção de novo, mas logo me distraio com as gotas de água quente que encontram o galo dolorido e mole em meu couro cabeludo. Contorço-me de dor e me apoio nos azulejos, porém o entusiasmo de lavar meu cabelo pela primeira vez desde a queda supera a dor. Depois, com o cabelo enrolado em uma toalha e o roupão úmido por causa da pele molhada, sento no vaso sanitário fechado. Estou tonta de exaustão, tremendo de frio. Sinto a solidez da porcelana em minhas costas ao descansar nela até me recuperar o suficiente para colocar uma nova atadura no pulso; sua firmeza contra minha pele é tranquilizadora.

Quando passo pela janela do quarto, noto que a chuva continua caindo; o mundo exterior – um céu cor de ardósia que expele gotas fortes que o vento

lança contra o vidro – se apresenta frio e implacável. Faço um travesseiro com a toalha para proteger o jogo de cama do meu cabelo molhado e me deito. De início, tento descansar, mas, ao fechar os olhos, as perguntas voltam. Desisto de dormir, pego o celular novo e semicerro os olhos para enxergar a tela, depois pego os óculos no criado-mudo. Rob de fato restaurou os contatos de Rob e Sash, todos os contatos dele – de casa, do escritório –, mas meu celular antigo tinha mais contatos, tenho certeza. Faço um esforço para lembrar quem pode estar faltando, os contatos ausentes. Entretanto, sou tomada por outra preocupação: há algo não expresso entre mim e Rob, uma barreira que está nos deixando na defensiva. Ele é meu marido, me ama, faria qualquer coisa por mim, porém seu amor parece enjoativo e sua atenção é claustrofóbica. Deve ter acontecido algo nos últimos doze meses que mudou a nós dois. Algo que ninguém quer me contar. Senti isso mais do que nunca pela manhã, pelas palavras não ditas mas palpáveis, pelos vislumbres dos momentos antes da queda.

Não consigo ver seu rosto, mas vejo seu corpo inteiro, repousado. Sua beleza me deixa sem ar, e sou tomada pelo desejo. Estendo o braço para tocá-lo, minha mão encontra a curva de sua cintura, depois os músculos em suas costas e coxas. A pele é tesa, mais jovem do que a de Rob.

É impossível que seja uma cena de mim com outro homem. Sempre fui uma esposa fiel, nunca traí. Preciso descansar para afastar esses pensamentos. Depois de tirar a toalha da cabeça, viro-me para sentir o frescor do travesseiro na bochecha, ignorando meu cabelo emaranhado – a ideia de penteá-lo, de que os dentes vão encontrar o galo mole em meu couro cabeludo, me faz estremecer.

O sono recai sobre mim algum tempo depois; é tudo preto e branco, não há nenhum rosto, nenhuma lembrança, apenas uma memória da cena da foto da viagem que Rob me mostrou. Provavelmente é apenas uma réplica da imagem, e não uma lembrança real, mas novamente sinto uma inquietação com nossos rostos sorridentes. Em seguida, essa imagem também se esvai,

deixando em minha cabeça uma bagunça densa composta de nada. Não consigo me livrar dela nem mesmo quando escuto o toque do telefone de casa.

Outubro do ano passado

OBSERVO, ALÉM DAS TOALHAS brancas nas mesas adjacentes vazias, em torno do bar, um grupo de turistas britânicos, cujas risadas chegam até nós enquanto tomam o primeiro drinque da noite. É nossa terceira noite aqui e a segunda vez que recusamos o convite para nos juntar a eles, pois Rob prefere ficar sozinho comigo, e não com nossos conterrâneos. Meu olhar desvia da alegria deles para a desconcertante e eclética composição do bufê, um arremedo da culinária europeia. Um mérito, no entanto, não se pode tirar dos chefs: a aparência dos pratos engana muito bem; eles prometem sabores que quase nunca se confirmam. Ainda assim, os pratos de aparência exótica atraem um fluxo constante de glutões cujo apetite não é afetado pelas bizarras combinações oferecidas. Olho para meu prato e coloco de lado quase tudo nele, exceto um pequeno pedaço de bife surpreendentemente macio.

– Isso não te incomoda? – pergunto para Rob. – Veja!

Ele segue meu olhar até a fila de hóspedes, que usam pulseiras de identificação; a duração da estadia é denunciada pelo grau do bronzeado, e todos são ou europeus ou norte-americanos, embora eu tenha conhecido uma canadense muito simpática no elevador.

Rob franze o cenho.

– O que deveria me incomodar?

Abaixo a voz para dizer:

– Só tem brancos.

– Não seja ridícula. – Rob garfa um pedaço de salmão. – Estamos no Caribe, é natural que os funcionários sejam da região.

– Sim, eu sei disso. Mas nenhum hóspede é, Rob, nenhum.

– Por que um local se hospedaria aqui? – pergunta Rob, sem entender o ponto central da questão.

De início, em nossa primeira manhã no hotel, fiquei admirada com a magnificência da minúscula ilha que se estendia sob a varanda. Tínhamos chegado tarde na noite anterior e estávamos exaustos após uma jornada épica. O voo de nove horas foi seguido de um traslado particular com duração de quatro horas e muitas emoções, conduzido por um motorista que dominava – por muito pouco – a arte de costurar o trânsito. Peguei-me imaginando o que seria pior, se eu morresse ou se Rob morresse. Estava cansada, não estava pensando com clareza, e o trajeto não acabava nunca. Por fim, quando já achava que nunca chegaríamos, subimos no barco do *resort* para fazer uma agitada travessia de dez minutos, acompanhados por uma mulher que ficava mais cinza de náusea a cada segundo. Como chegamos depois de escurecer, não pudemos conferir a vista da suíte, e a beleza espetacular só nos foi revelada na manhã seguinte: as casas caiadas em estilo colonial, os jardins bem cuidados, a praia a poucos metros e, no centro do hotel, a extensão azul da piscina, cercada por espreguiçadeiras com colchonetes e barracas acortinadas (sempre repleta de toalhas antes do café da manhã). Chamei Rob, que passou o braço ao redor da minha cintura e disse que sabia que eu iria gostar daquilo, antes de voltar ao quarto à procura do seu Kindle para ler à beira da piscina.

"Sim, é incrível", respondi. "Desculpe por não ter me empolgado muito no começo."

Ele sorriu e disse que eu não tinha causado dificuldades – com uma pitada de ironia em sua voz, mas em tom de brincadeira, não de indireta.

Foi então que avistei o carrinho de golfe, que fazia seu caminho sinuoso pelas subidas e descidas das pistas ajardinadas que ligavam as cabanas aos restaurantes e bares. Ele transportava um turista enorme com uma sunga minúscula, e o motorista, um jovem e magro dominicano, sorria alegremente para si mesmo conforme levava a carga excessiva para mais uma visita ao bufê. Desviei o olhar, pois a cena contrastava com meus valores de classe média,

embora estivesse ciente dos dois pesos e duas medidas que ela expunha. O passageiro corpulento não era diferente de nós; as onipresentes pulseiras *all-inclusive* eram uma prova disso.

– Não estou falando sobre os moradores daqui passarem férias no *resort* – digo para Rob e engulo o último pedaço do bife. Olho ao redor e sussurro: – Só percebi muito nitidamente que não tem ninguém naquela fila que não seja branco.

– Você está sendo boba. – Com os olhos semicerrados e as sobrancelhas unidas, ele olha do bufê para mim.

– Não me trate com condescendência! – Solto o garfo no prato e tomo um gole de vinho. – Você sabe muito bem do que estou falando. – Desvio o olhar para as portas que levam a um amplo terraço, e logo atrás o sol se põe sobre a praia, onde diviso a silhueta de um jovem varrendo a areia. A fresca brisa noturna carrega o cheiro das ondas salgadas que batem na costa. – Pelo menos eu tenho alguma consciência – murmuro para mim mesma.

– Está dizendo que eu não tenho? – pergunta Rob, ainda mastigando.

– Não, não é o que estou dizendo, mas você não fica nem um pouco constrangido com isso? Parece que somos dois marajás ou algo assim, sendo servidos de drinques em uma bandeja enquanto ficamos jogados na espreguiçadeira. Nossa aposentadoria vai ser isso? Engordar e beber?

– Não. – Rob ergue a sobrancelha. – Mas a gente trabalhou duro para isso, por que não aproveitar? Além do quê, estamos ajudando a economia local, trazendo dólares. – Ele passa manteiga em mais um pãozinho e acrescenta: – Não é como se eles estivessem sendo oprimidos nem nada do tipo. Nós somos seus hóspedes. – Com um gesto de cabeça enquanto mastiga, ele recusa a água oferecida pela garçonete. – É uma transação comercial.

– Sim, eu sei. – Aceito que a moça com uma grande barriga de gravidez encha meu copo e lhe agradeço repetidas vezes. – Talvez seja porque estou sem trabalhar há anos, sei lá. Talvez eu sinta como se… eu não merecesse.

Rob faz pouco da minha fala de uma maneira simpática: diz que tive o trabalho mais difícil de todos, criar nossos filhos.

– Você fez um trabalho excelente. Nós dois fizemos.

Dou de ombros e olho para outra direção.

– Talvez.

– O que quer fazer amanhã? – Rob termina a refeição e empurra o prato para longe da cintura, que continua surpreendentemente magra apesar da quantidade de comida que ele consumiu nos últimos dias; já os botões da camisa parecem estar tendo um pouco de trabalho.

– Acho que podemos acordar cedo e pegar uma das barracas da piscina – sugiro. – Também tem uma aula de dança às onze. Salsa.

Rob enruga o nariz quando falo.

– A ideia da barraca parece ótima. Talvez devamos pensar em uma viagem diferente da próxima vez, menos participativa. – Percebo uma pitada de irritação em sua voz. – Você sabe que não suporto essas atividades em grupo.

– Não tão cedo. – Bebo a água.

– Ainda preocupada em ficar longe do Fin e da Sash? Sabe, se você se permitisse relaxar e parasse de se preocupar com eles…

– Tem razão. – Olho de soslaio o celular na mesa e sorrio de volta. – Mas…

– Fin? – Rob se recosta na cadeira.

– Não acha que ele está quieto demais? Sei que é o normal dele, mas mesmo assim…

Rob começa o discurso de sempre sobre deixar nosso filho se ajustar à vida universitária e fala que Fin provavelmente está tentando me dar um pouco de espaço também.

– Às vezes me pergunto se essa dificuldade que ele tem de fazer amigos não é culpa nossa – digo, porém Rob responde, em um tom desdenhoso, que não é. – Não estou te culpando. Adoro o celeiro, você sabe disso, mas Fin e Sash

eram tão novos quando nos mudamos para lá.

– Adora mesmo? Você adora o celeiro?

Já falamos muitas vezes sobre isso, apesar de não tocarmos no assunto há anos. Quando o fazemos, sempre começa com Rob querendo me convencer de que a mudança que ele defendeu foi a melhor opção.

– Foi uma decisão conjunta. – Sorrio para ele. – Realizar o sonho e tal!

– E foi a realização de um sonho? – Seu rosto bronzeado franze de preocupação.

– Acho que sim. – Giro a taça pela haste enquanto penso na resposta. – Mas talvez agora que somos apenas nós dois…

– Não agora, já que em breve Fin vai voltar para as férias de fim do ano.

– Não agora, certo. Mas acho que a gente poderia viver num lugar um pouco menor, talvez mais perto do centro e do seu trabalho. Você poderia ir de bicicleta, manter a forma. Eu poderia ir a pé para o centro, encontrar a Sash, e nós estaríamos em um local mais central para quando Fin voltasse de férias.

– Acho que ainda vamos precisar do espaço extra. Se Fin arranjar uma namorada, vamos ter que acomodá-la também. E Sash vai conhecer alguém que a motivará a sair daquele apartamento imundo e ter muitos filhos, e aí a casa vai ficar cheia de visitas, cheia de crianças de novo. – Ele sorri e segura minha mão por cima da mesa. – Vamos esperar um ou dois anos, ver o que o celeiro nos reserva até lá, pode ser?

– Não estou preparada para ser avó, mas entendi o que quer dizer – respondo, embora esteja irritada com a prontidão com que ele rejeitou minha ideia.

– E eu não estou preparado para dormir com uma avó. – Rob aperta minha mão. – Vamos achar aquele *bartender*, o que fica na praia, o único que sabe preparar um drinque decente.

Decidimos ir pelo terraço, atraídos pela incrível vista do anoitecer.

– Vamos tirar uma *selfie* – diz Rob, puxando-me para a balaustrada e segurando o celular acima de nós.

Sorrio com a referência óbvia ao vocabulário de nossos filhos, e Rob me segura firmemente pela cintura para nos manter bem perto um do outro, mas mexe nos ajustes da câmera por tempo demais, e meu sorriso acaba ficando forçado.

Ele finalmente tira a foto e me passa o celular para que eu veja o resultado. Nossos rostos felizes me encaram, e reparo que o sorriso que consegui manter é surpreendentemente convincente.

– Ficou perfeita – digo para ele, devolvendo o celular.

– Nós formamos um belo casal, Jo. – Ele continua admirando a imagem. – Sempre foi assim, e sempre será.

6

Três dias após a queda

Estendo o braço para tocar suas costas nuas. Sua pele é firme e ao mesmo tempo macia; uma camada de suor confere brilho aos contornos. Passo os dedos pela curva de sua coxa, pelo declive de sua cintura, pela largura de seus ombros e estremeço de expectativa.

Acordo assustada e me sento, balançando a cabeça dolorida, como se isso fosse me livrar do homem com quem sonhei. O edredom enrolado restringe meus movimentos quando me viro para ver o despertador de Rob. É mais tarde do que eu esperava, quase noite. Intermináveis, porém truncadas pelo sono, as horas passaram sem que eu percebesse, e a tarde evaporou. Meus pensamentos confusos não me deram trégua enquanto os movimentos de Rob no andar de baixo viajavam até mim através das madeiras antigas do celeiro, preenchendo os espaços vazios entre nós. Ele não conseguiu passar nem um dia no trabalho. Eu estava sozinha não fazia nem duas horas quando sua ligação me acordou; seu tom de voz logo passou de preocupado para brusco. Ele falou que telefonou dezenas de vezes para meu celular novo, e ficou bravo quando expliquei que o coloquei no silencioso para conseguir dormir. Quando o telefone de casa me acordou, Rob já estava a caminho, e eu não fui capaz de dissuadi-lo.

Afasto o edredom com um chute, ainda atormentada pelas imagens do homem nu, dizendo para mim mesma que foi apenas um sonho, e não uma lembrança. Não tenho motivo nenhum para duvidar de mim mesma, porém sinto a cabeça pesada quando volto a deitar, e um gosto de bile na garganta. Esperava que as lembranças estivessem mais claras a esta altura, mas elas me

provocam, me hipnotizam, se apresentam a mim e logo recuam. Sento-me mais uma vez, confiro o celular, depois deito de novo e me obrigo a pensar em minha queda, ordenando os fatos com base no que sei.

Ela ocorreu às dezoito horas e dois minutos, segundo a enfermeira. Acordei no chão do hall, após bater a cabeça na parede; o gesso danificado é uma prova disso. Passo um dedo no galo e descubro que está um pouco menos inchado e menos dolorido ao toque. Eu obviamente tentei me segurar com a mão direita ao cair, mas o que tentei agarrar? O corrimão, a parede, Rob? Então apaguei. Viro-me na tentativa de encontrar uma posição confortável para poder pensar direito. *Concentre-se, Jo! Pense!* Rob e eu certamente estávamos discutindo no patamar da escada, porém acho que a discussão começou em nosso quarto. Lembro que ele apressou o passo para me alcançar no topo da escada. Rob afirma que eu escorreguei e perdi o equilíbrio, mas não tenho qualquer lembrança da queda em si.

A imagem do homem nu ressurge e, com ela, uma pontada de culpa. Talvez seja melhor não saber o que perdi no último ano. Rob obviamente concorda com isso, dado que coreografa os movimentos de Fin e Sash e não é direto sobre os detalhes quando o pressiono a preencher as lacunas.

Sento-me na cama e escuto atentamente as movimentações do meu marido; ouço o barulho do micro-ondas e sinto o cheiro de comida requentada. A ideia de me juntar a ele para jantar me enche de pavor. Do que tenho medo? Ele tem se dedicado totalmente a mim, não apenas nos últimos dias, mas durante todo o nosso casamento.

Desço a escada com cuidado e me junto a Rob na cozinha; ele está tirando o conteúdo de uma travessa de plástico e dividindo-o em dois pratos. Qualquer expectativa que o cheiro tinha criado desaparece assim que vejo a aparência gelatinosa da comida. Rob me olha com uma expressão surpresa e depois abre um pequeno sorriso.

– Achei que estivesse dormindo, ia levar isso para você.

– Não precisa. Eu sou capaz.

Abro a gaveta para pegar os jogos americanos, mas Rob segura minha mão para me impedir; em seguida, com a palma de uma mão em minhas costas e com a outra apoiando meu cotovelo esquerdo, me conduz até a cadeira de jantar.

– Eu me viro, já falei – digo, me livrando dele.

Ele dispõe os jogos americanos sobre a mesa e coloca um prato com comida à minha frente e um copo com água e dois analgésicos ao lado. Concentro-me em mastigar; minha boca é preenchida pelo macarrão grosso e sem gosto. Rob também come. O espaço entre nós é muito maior do que a largura da mesa; o silêncio se prolonga muito além dela. Pergunto-me como foi que, em um único ano, conseguimos anular os vinte e três anteriores durante os quais fomos casados; como foi que nos tornamos desconhecidos, desconfiados um do outro. Olho para ele, que me encara compenetradamente, como se estivesse tentando me decifrar enquanto faço o mesmo com ele.

– Amanhã vou sair para fazer compras. Vou trazer algo melhor para o jantar – diz Rob. – Comprei isso na lojinha do vilarejo, lá nunca tem muita opção.

Olho para a janela atrás de Rob, cuja persiana continua aberta. Está quase escuro, e a chuva cai em um ritmo vacilante. É estranho que ele tenha voltado correndo para casa – tendo saído no meio de uma reunião, segundo disse – e ainda assim parado para comprar macarrão. Comento isso, e Rob me encara e fala que, sim, estava preocupado, mas que ainda assim precisamos comer, e, além disso, naquele momento já tinha falado comigo ao telefone e sabia que eu estava bem. Ele franze o cenho e perfura um macarrão com o garfo.

– Sinto que sempre preciso me explicar.

– E precisa. – Antes que ele possa retrucar, mudo de assunto: – Não tinha nada no freezer?

Uma imagem de sacos congelados de molho à bolonhesa surge em minha mente; lembro-me de transferi-lo da panela fervente para duas porções para

dois.

Rob se levanta, abre a porta do freezer e segura dois sacos solidificados com conteúdo marrom-avermelhado. Faço que sim com a cabeça e engulo um dos analgésicos.

– Usaremos outro dia.

Rob guarda os sacos, comenta que são de meses atrás e se senta de novo.

– Mas ainda estão bons – digo, ao que ele responde que não foi isso o que quis dizer, e sim que lembrei de algo anterior à queda, o espaguete à bolonhesa. – Eu sempre cozinho a mais. – Ignoro seu sorriso. – É uma lembrança genérica, não é nada específico.

– Lembrou de mais alguma coisa? – Rob estende o braço para segurar minha mão.

– Não. – Eu me esquivo dele, cansada dessa pergunta. Se houvesse me lembrado de algo importante, teria contado para ele. Ou não. A ideia de que Rob está escondendo alguma coisa, talvez muitas coisas, e de que possivelmente eu também tenha segredos começou a me guiar em relação ao que compartilho com ele. – Onde Fin e Sash estão?

– Eu falei para eles não virem hoje. – Ele sorri para mim. – Você precisa descansar.

– Não foi o que eu quis dizer. – Tomo um gole de água. – Quero saber onde eles estão morando.

Preciso organizar os fatos; os dois são a moeda de troca de Rob, e é ridículo que eu não saiba onde meus próprios filhos moram.

Rob desvia o olhar da comida para mim.

– Eu já falei, Fin está morando com um amigo chamado Ryan, e Sash, infelizmente, com Thomas.

Ignoro o impulso de indagar mais sobre Sash e Thomas, porque, se me distrair, vou esquecer o que realmente quero perguntar. Percebi que, desde a queda, me distraio com facilidade, o que torna ainda mais difícil recuperar

informações, especialmente com Rob sendo tão evasivo. Talvez eu devesse anotar tudo, confiar no papel e na caneta, mas isso me obrigaria a esconder as anotações e me lembrar desse esconderijo; mais segredos.

– Quero o endereço deles – digo, arrependida por não ter trazido o celular para a cozinha para salvar imediatamente os detalhes.

– É importante fazer isso agora, Jo? Estamos tentando comer.

Digo que, sim, é importante para mim, que perdi um ano e que ele parece estar dificultando ao máximo que eu me inteire dos fatos. Encaro-o à espera de sua resposta.

Rob suspira e fala:

– Não é verdade.

– Então me diga onde eles moram. Para que eu possa imaginá-los lá.

Sash aparentemente saiu da quitinete e muito rapidamente passou a morar com Thomas – o fato de nossa filha mais velha, um tanto mimada, dividir um apartamento em cima de um bar compõe um cenário improvável. Mas isso talvez seja melhor do que a quitinete úmida. Tento imaginar o The Limes, onde, segundo Rob, Thomas trabalha, e me lembro vagamente de observar o lugar do outro lado da rua; entretanto, como Rob diz que nunca fomos lá, decido não comentar sobre isso. Ele confirma minha suposição inicial: Sash odiava morar em cima de um bar. Era barulhento e cheio, por isso ele está ajudando a pagar o aluguel de um apartamento com vista para o parque, em um dos prédios novos. Faço que sim com a cabeça para indicar que sei de que apartamentos ele está falando; são impressionantes e, imagino, custam uma fortuna.

– Quanto está custando? – pergunto.

– É melhor nem saber.

– E podemos pagar isso?

– No limite. – Rob esfrega os olhos, o que provoca um chiado que parece me atingir diretamente.

Já a nova moradia do nosso filho aparentemente não é tão boa. Rob me diz o nome da rua, que eu não conheço, mas sei em que região fica. É a área mais barra-pesada da cidade, ocupada por inúmeros conjuntos habitacionais; as linhas de telefone que atravessam as ruas estreitas exibem tênis pendurados que indicam a disponibilidade de drogas, ao menos foi o que me disseram. Não fomos convidados para visitar o local, diz Rob, mas o apartamento de Sash nós conhecemos.

Ignoro seus comentários sobre os dois estarem virando adultos, sobre tudo isso ser natural, pois para mim Fin ainda é um menino, e Sash está morando com Thomas, o que é claramente péssimo, porque Thomas é, para as usar as palavras de Rob, "um pesadelo". Tomo o segundo analgésico e evito o olhar investigador de Rob: foco o porta-retratos atrás dele, o que ele me mostrou ontem, de uma viagem da qual não me lembro.

Rob olha por cima do ombro para ver o que chamou minha atenção.

– Não se lembra de nada? – Ele se levanta para pegar a moldura e, de costas para mim, contempla nossos rostos sorridentes.

– Não. – Tusso, pois o comprimido entala na minha garganta. Tomo água para fazê-lo descer e amenizar o amargor. – Talvez uma vaga lembrança, mas acho que é só porque você me mostrou a foto.

Rob observa o pôr do sol e nossos rostos sorridentes. Não consigo ver sua expressão, mas sua mão segura o porta-retratos com firmeza, como se não quisesse soltar. Em seguida, ele me olha e diz:

– Que pena, a gente estava tão feliz. – Rob exibe a foto para mim de novo. – Um casal perfeito.

Ele me examina em busca de alguma reação, mas sua expressão é tão intensa que desvio o olhar, tossindo de novo, ainda sentindo o comprimido na garganta, um gosto acre no fundo da língua.

Deixo a louça para ele e subo a escada devagar, apoiada na mão que não está machucada. Ele me contou o endereço de Sash e de Fin; claramente não é

nenhum segredo, e por que seria? No entanto, ao chegar ao topo, me dou conta de que já esqueci os detalhes. Eles são meus filhos, tão preciosos, cada movimento monitorado, e agora não me lembro mais nem como encontrá-los.

Novembro do ano passado

APESAR DA PÉSSIMA ESCOLHA de Sash para o local do almoço – "Comer no parque em novembro, tem certeza, Sash?" –, estou feliz por estarmos juntas. Suspeito que sua insistência se deveu mais a uma questão financeira do que de preferência, embora eu tenha me oferecido para pagar.

– A viagem foi boa? – pergunta Sash, chutando as folhas caídas com suas enormes botas que vão até o joelho.

Nunca vi essas botas e não gosto muito delas, não são nada femininas, mesmo na sua figura de moleca. Elas parecem estar em desacordo com seu cabelo longo, como se Sash fosse uma figura de um livro infantil, daquelas em que é possível fazer várias combinações, com a parte de baixo e a de cima trocadas, a fim de criar personagens bizarros. Fin adorava misturar piratas e bailarinas, fazendeiros e ovelhas, e suas risadas me enchiam da alegria que só a felicidade de uma criança é capaz de provocar. Os dias mais felizes dele foram antes da pré-escola, um pensamento que me deixa tão triste que quase me esqueço de responder a Sash.

– Parece que a viagem foi séculos atrás. – Tento evocar os dias quentes que passamos no Caribe, e a inquietação que a lembrança provoca perturba meu bom humor até então. Eu estava ansiosa para ver Sash, e agora estou sabotando nosso tempo juntas. Sorrio e digo: – Faz quase duas semanas que voltamos.

– Isso foi uma indireta? – Ela chuta as folhas ainda mais alto em protesto. – Não é que não quero te ver, é que estou muito ocupada, só isso.

Garanto a ela que só estava mencionando um fato, o que, me dou conta, é um comentário típico de Rob, e Sash parece satisfeita com a resposta. Me

envolvo com o casaco, pois o vento gélido atinge o parque despovoado, como se tivesse me seguido desde a colina, incansavelmente agarrado a mim.

– Mas eu adoraria te ver mais – comento. – Queria te mostrar as mudanças que fizemos no celeiro.

– Vou passar lá, mãe. – Seu tom é defensivo, desdenhoso até, mas também há nele uma presunção, como se ela estivesse guardando um segredo que a aquecesse em meio ao dia congelante, algo que, é óbvio, não acha necessário compartilhar com a mãe. – Como falei, estou bem ocupada.

– Ocupada com o quê? – provoco para demonstrar alguma confiança. Entrelaço o braço no dela e desfruto da velha e agradável sensação de intimidade e do farfalhar das folhas lustrosas sob nossos pés. – Está namorando? – Um assunto que me ocorreu de repente.

Ela solta meu braço e continua caminhando, e percebo em seus lábios um sorriso astucioso, que ela não consegue conter.

Nós nos sentamos e nos aconchegamos em um banco no local mais protegido que encontramos, sob os galhos nus de uma árvore. Fazia quase um mês que não nos víamos; depois que voltamos de viagem, Sash passou duas semanas ocupada demais para marcar qualquer coisa. Tempo que passei seguindo decoradores com tecidos ou com o aspirador de pó ou preparando incontáveis xícaras de chá para eles, que prometeram terminar a reforma antes que voltássemos de viagem, mas acabaram de ir embora. Também tivemos o fiasco da mesa grande demais, depois a questão da instalação das novas persianas, mas estamos chegando lá. É estranho, não me entusiasmei muito com o projeto; Rob assumiu a escolha das novas cores do quarto de Sash e da mobília excessivamente masculina de seu novo escritório. Meu objetivo principal é ter tudo pronto antes do meu aniversário, daqui a duas semanas.

Sash pega a mochila cáqui do chão e tira de dentro dela um pote. Com a ponta das unhas embaixo da borda da tampa azul, abre-o e libera o ar que estava dentro, um cheiro rançoso. Sash me diz que é tudo vegano, uma mistura de lentilha e feijão, apesar de o aroma lembrar sardinha enlatada.

– O que tem aí? – pergunta ela, instigada conforme eu desenrolo o papel-alumínio que cobre os sanduíches bem recheados.

– Seu preferido: atum na ciabatta. – Ofereço um para ela. – Estou tentando convencer seu pai a perder um pouco do peso que ganhou na viagem; estamos diminuindo a carne.

– Eu estou tentando evitar carne vermelha *e* peixe. – Ela pega o sanduíche e sorri para mim antes de virar o conteúdo do seu pote na lixeira ao lado.

– Seu novo namorado é vegetariano? – Mordo o meu sanduíche e deixo os demais para Sash, que parece estar precisando se alimentar melhor.

Se ela conheceu mesmo alguém, está na cara que ainda está na fase "magra-apaixonada"; a fase confortável do ganho de peso ainda acontecerá.

– Não sei do que você está falando – diz ela de boca cheia. Depois abre um sorriso. – Na verdade, ele é vegano.

– E você não vai nos apresentar?

– Não. – Ela balança a cabeça enquanto mastiga, a mão sobre a boca. – Ele não faz o tipo de vocês, e vocês definitivamente não fazem o tipo dele.

– O que isso quer dizer? – Coloco meu sanduíche pela metade no papel-alumínio.

Sash se desculpa, mas insiste que é verdade, que a gente não vai "entender" o rapaz. Por mais injusto que me pareça ser condenada por algo que não fiz, não comento nada, a não ser que estou certa de que vou gostar dele, já que ela gosta, e que espero que ele goste de mim e do pai dela.

– Ele provavelmente vai te conquistar. – Sash encara seu sanduíche. – Já o papai, não tenho tanta certeza.

– Por que não? – Limpo uma mancha de maionese em sua bochecha gelada.

– Ele é muito envolvido com política. – As palavras de Sash são pronunciadas com orgulho, como se estivessem gravadas em um cartaz que ela ostentasse na minha cara. – E não a política *de vocês*. – Ela afasta o cabelo do

rosto.

Pergunto o que ela quer dizer com isso, e Sash responde que sei do que ela está falando.

– A política de vocês, ué – diz, como se isso esclarecesse algo.

Considero sua opinião e a lacuna em meu entendimento. Quando minha filha se tornou tão desdenhosa em relação a nós? Tão distante?

– Então a gente não vai conhecer o…?

– Thomas. – Sash pega outro sanduíche. A menção ao nome dele traz de volta seu sorriso reticente. – Vamos esperar para ver. Faz pouco tempo que estamos saindo. – Ela me olha de canto de olho. – Ele é um pouco mais velho do que eu.

Depois de seus comentários anteriores, me escuto dizer que a idade dele não importa, contanto que ele a trate bem. Também resisto e não faço a pergunta óbvia: "Quantos anos mais velho?". Ela sorri e diz que vai pensar na possibilidade de levá-lo para almoçar conosco algum domingo. Talvez.

– Você sabe que vamos recebê-lo bem – digo.

Noto que Sash parece estar ponderando a veracidade da minha afirmação, assim como eu. Rob e eu quase não temos amigos; os conhecidos com quem tivemos alguma relação se mostraram passageiros, apropriados para determinado momento, mas nada além disso. Talvez por culpa deles, não nossa; o fato é que somos o denominador comum. Rob nunca foi de se enturmar, sempre preferiu que ficássemos "só nós", e agora somos só eu e ele mesmo, e, às vezes, duas pessoas não são o suficiente. Ele tem os colegas de trabalho, e eu tinha nossos filhos. Foi negligência de nossa parte, e não sei como remediar a situação. Toda vez que eu sugeria fazer novas amizades, Rob dizia não ser necessário. Tenho inveja de sua convicção de que eu sou tudo de que ele precisa ou precisará, mas, por outro lado, considero essa dependência uma responsabilidade grande demais.

– Nós nos damos bem com a maioria das pessoas, não? – pergunto.

– Vocês se dão bem com o *seu* tipo de pessoa – diz Sash.

– É isso o que acha?

Suas palavras me magoam, mais ainda porque carregam uma verdade. Sempre me achei generosa, altruísta, até mesmo virtuosa, mas talvez precise refletir sobre minhas escolhas, um tanto limitadas, dos últimos anos. Não passo todo meu tempo com Rob. Tenho muito tempo livre, especialmente agora que Fin está na universidade.

– Preciso voltar – avisa Sash, levantando-se.

Sinto vontade de dizer que acabamos de chegar. Ela deve ter uma hora para almoçar, não? Nem tive oportunidade de lhe mostrar as fotos da viagem. Mas ela já está se afastando. Corro para alcançá-la e então desacelero o ritmo, para curtir os preciosos minutos na companhia da minha filha, imensamente grata por eles. Quando ela se despede com um aceno, sou surpreendida por um nó que se forma em minha garganta e que me obriga a partir rapidamente. Só quando estou certa de que Sash desapareceu dentro do prédio é que me permito olhar para trás e enxugar as lágrimas ridículas que caíram. Queria tê-la abraçado, marcado um próximo encontro, insistido que almoçasse conosco num domingo. Ela nem sequer perguntou do irmão, nem o que eu estava planejando para o meu aniversário. Fico encarando as portas giratórias que a levaram, observo os funcionários que entram e saem, especulo se eles não conhecem minha filha melhor do que eu, se não sabem os segredos que ela esconde de mim. Então, algo chama a minha atenção.

Entre os nichos e pilares do prédio ao lado, avisto uma porta mais recuada com uma placa: "CENTRO DE ACOLHIMENTO – ENTRE, POR FAVOR!". Já devo ter passado pelo lugar antes, talvez muitas vezes, mas não me lembro de tê-lo notado, pois não era do meu interesse. Agora, no entanto, lembrei da sugestão de Sash de fazer trabalho voluntário. Meu descontentamento em relação à minha existência enclausurada de classe média volta a afligir minha consciência. Eu costumava ter uma bússola moral mais forte, uma perspectiva de vida mais ampla; hoje, minhas únicas preocupações são viagens e

decoração. Ainda hesito entre a vontade de descobrir algo importante que ocupe meus dias e a imprudência de uma decisão tão brusca, porém algo me faz entrar no centro de acolhimento, apenas para dar uma olhada.

Tenho dificuldade em passar pela porta, pois o bolso do meu casaco se prende, sabe-se lá como, na maçaneta do lado de fora. Escuto alguém se aproximar, um arrastar de pés que só pode ser associado a uma pessoa idosa. Consigo me soltar e me viro para a senhora de cabelos grisalhos, que parece mais confusa do que eu.

– Vou chamar a Rose – diz ela e se afasta.

O salão que ela atravessa lentamente me lembra o centro comunitário aonde eu levava Sash e Fin para participar de um grupo infantil: o piso de parquete empoeirado, os murais e pôsteres nas paredes, embora aqui as mensagens sejam mais sérias, com advertências sobre os perigos do uso de drogas e sobre os riscos de fumar. Na mesa ao meu lado, há pilhas de panfletos intitulados "Fazendo escolhas saudáveis" e "Seus benefícios, seus direitos". Pego um e o abro, mas a mulher de proporções generosas que se aproxima de mim me distrai. Imagino que seja Rose.

– Está precisando de aconselhamento? – pergunta ela, com as mãos nos quadris, prendendo para trás um cardigã longo e deformado. Ela aponta a cabeça para o meu material de leitura.

Olho para o panfleto rapidamente descartado e noto que a capa exibe uma mulher com o rosto machucado e a palavra "Não!" em destaque em sua palma levantada.

– Ah, não, não é isso! – digo, desconcertada com o mal-entendido. – Desculpe, não. Só peguei o panfleto, nem li.

Afasto o panfleto mais ainda sobre a mesa para enfatizar minha distância da mensagem que ele contém.

– Tem certeza? – pergunta Rose. – Muitas pessoas chegam aqui com…

– Não, desculpe. Não é isso. Desculpe, podemos recomeçar? – Sorrio para

ela. – Minha filha disse que vocês estavam precisando de voluntários, mas isso faz um tempo, não sei se…

– Sempre estamos precisando de voluntários. – Ela abre um grande sorriso que deixa as gengivas superiores, rosadas e reluzentes, à mostra. – Eu me chamo Rose, aliás.

Digo que meu nome é Joanne.

– Pode me chamar de Jo.

Sigo-a entre as mesas e cadeiras de plástico muito limpas, em um trajeto obstruído pela disposição desordenada do grande salão. Ela para e recolhe uma embalagem de salgadinho do chão e diz que o dia está calmo, mas que tem vezes que o centro fica lotado.

– Nunca se sabe.

O banco de alimentos é sempre movimentado, diz ela, mas é só aos sábados de manhã, por causa dos pais que trabalham. Olho para minha bolsa de marca e penso na lista de compras em meu celular: abacate, filé de salmão, garrafas de vinho e pão ciabatta.

Nós nos espremos para contornar uma mesa cheia de jovens discutindo o jogo de ontem, e depois passamos por outra com apenas duas pessoas, a senhora de cabelos grisalhos que me recebeu e uma jovem. A primeira semicerra os olhos por trás de suas grossas lentes enquanto analisa as pequenas letras de um formulário que parece complicado.

– Está tudo bem, Sue? – pergunta Rose, olhando para mim e erguendo as sobrancelhas, como se eu soubesse o que ela está insinuando a respeito de sua colega mais velha. – Qualquer um pode entrar aqui, o que, como você deve imaginar, gera alguns desafios. – Ela sorri para mim conforme seguimos em frente.

Sinto que estou sendo levada por algo que não sei muito bem o que é; minha impetuosidade ao abrir a porta foi recompensada por uma expectativa sincera por parte da mulher, e minha educação me impede de ir embora logo.

– Não sei bem como posso ajudar – respondo, ainda atrás dela, tomada por uma imagem bem clara em minha cabeça da expressão de Rob quando eu contar onde estive.

Chegamos a uma porta cuja madeira de um cinza prateado se faz ver por baixo da fina camada de verniz.

– Este é o escritório do Nick – informa Rose, segurando a maçaneta. – Ele não veio hoje, mas você vai gostar dele. É um homem extraordinário. Totalmente diferente do que se imagina à primeira vista.

O escritório é abarrotado de coisas, com uma escrivaninha antiga tomada por pastas de papelão; as pilhas de pastas, aliás, cobrem todas as superfícies. No chão, há mais papéis empilhados, e a única luz que se infiltra chega através de uma janela alta atrás da escrivaninha, embora o vidro fosco não deixe nenhuma vista à mostra, apenas um borrão de cores, todas escuras. Rose me convida para sentar, e eu olho para a poltrona baixa com estofado em couro falso, também coberta de arquivos.

– Desculpe – diz ela, correndo para esvaziar a cadeira para mim. – Um dia, a gente alcança o resto do mundo e se livra do papel! – Ela solta os arquivos no chão. – Então, Jo. Seja bem-vinda! Vou achar o formulário correto e a gente começa. – Ela se senta na cadeira atrás da escrivaninha e começa a remexer as gavetas. – Você disse que sua filha é voluntária aqui, sim?

– Sim. Não. Não exatamente. Sash trabalha no prédio comercial ao lado, mas só veio aqui uma vez.

Penso em Sash, que ganha mal, mas talvez esteja caminhando a passos largos rumo a algo melhor. Assim espero. Não é o tipo de trabalho que ela queria, mas nem sei direito o que ela queria. Sua noção de carreira ideal sempre girou em torno de "algo divertido", mas aquele emprego foi o primeiro e único ao qual ela se candidatou. Não me parece que a vida corporativa, presa a uma escrivaninha e um telefone, seja para ela, mas era um estágio remunerado e com boas perspectivas.

– Ela deve ter participado do Clube do Almoço – responde Rose, tirando mais arquivos da gaveta e colocando-os em cima dos que já estão empilhados na mesa. – Não me lembro de nenhuma Sash, mas algumas pessoas vieram de lá. Acho que cansaram de nós. Alguns jovens são exigentes.

Quero defender minha filha, mas infelizmente Rose tem razão. Observo-a remexer outra gaveta com pastas até anunciar:

– Arrá! Aqui está. Imagino que você não tenha um certificado atualizado do IGP.

– Como?

– Certificado do Instituto Geral de Perícias. É um atestado de antecedentes para garantir que você não representa nenhum risco para os vulneráveis com quem vai trabalhar.

Eu não tinha pensado na ameaça que posso representar para os frequentadores do centro de acolhimento – de fato, meu pensamento foi na direção contrária –, mas lembro que Sash mencionou algo sobre o atestado.

– Não, não tenho. Se for um problema, não se preocupe, na verdade, eu…

– É bem simples, mas demora algumas semanas para ficar pronto, e até você ser liberada não podemos aceitá-la como voluntária.

– Ah, entendi. – Fico surpresa ao perceber que estou decepcionada.

– Todo mundo acha que é só entrar aqui e a gente vai recrutar no mesmo instante. – As palavras de Rose, apesar de surpreendentemente sinceras, são ditas com um sorriso simpático. – Mas precisamos proteger todos que usam o centro. Na verdade, acho até melhor assim; não deixa de ser um teste do comprometimento da pessoa.

– Sim, é verdade. – Percebo nela uma perspicácia que não notei de imediato.

– Vamos preencher o formulário, e depois eu te apresento o lugar. Já pensou em quantas horas por semana vai poder passar aqui, Jo?

Digo que não, mas talvez umas duas. Ela responde que qualquer coisa

ajuda, que não tem gente suficiente, mas que é importante ter constância e por isso existe uma escala de trabalho. Eu não achava que seria tão formal; imaginei algumas idosas, como a senhora de cabelos grisalhos que me recebeu, entregando chá e biscoitos para uma fila de elementos suspeitos.

Aparentemente, Nick, o elogiado chefe, foi diretor de Desenvolvimento de Comunidades e, antes disso, trabalhou com finanças corporativas. Ou seja, tem muita experiência na área.

– Se precisar de algum conselho, é só procurá-lo – informa Rose.

Há um treinamento, mas ele se dá principalmente durante o próprio trabalho, diz ela, que culpa os problemas de financiamento, e eu faço que sim com a cabeça como se soubesse algo a respeito. A última vez que fiz alguma espécie de trabalho, remunerado ou não, foi antes de Sash nascer, como copista e arquivista de documentos carbonados. Parece que os tempos mudaram. É intimidante, mas há um sentimento mais forte – sinto como se houvesse aberto diversas oportunidades para além da minha vivência imediata, e minha mente se pergunta aonde isso vai me levar. É assustador, mas isso não é necessariamente ruim, certo?

– Você pode me procurar quando quiser – diz Rose. – Estou sempre aqui, é praticamente a minha segunda casa.

Aproximo a poltrona da mesa quando Rose coloca uma caneta à minha frente. Procuro meus óculos na bolsa.

– Precisamos de alguma identificação, pode ser a carteira de motorista – diz ela. – Já pensou no que você poderia fazer aqui?

– Sei fazer chá – respondo, desviando o olhar do formulário.

– É um bom começo. – Rose sorri para mim. – Mas tenho certeza de que você faz mais do que chá. Sabe mexer em computadores?

– Eu me viro. – Retribuo o sorriso. – Tenho um laptop em casa.

– Então está resolvido. – Seu sorriso se alarga.

Desta vez, a quantidade desproporcional de gengiva é menos inquietante,

como se eu já tivesse me acostumado.

7

Quatro dias após a queda

DEPOIS DA DISCUSSÃO de ontem à noite com Rob, em que ele me contou tudo sobre as novas moradias de Sash e de Fin, eu deveria estar me sentindo um pouco melhor, se não em relação aos meus filhos, pelo menos ao meu marido. Ele me pareceu aberto, disse que eu poderia perguntar qualquer coisa, mas, dentro de mim, a luta constante para distinguir o passado real do imaginário continua. Do outro lado da mesa do café da manhã, Rob sorri para mim, com uma expressão de cuidado e preocupação, mas vejo seu rosto se contorcendo de raiva conforme revivo a discussão que tivemos antes de minha queda. *Se é que foi só uma queda*. Na sequência, vejo o homem nu dos meus sonhos, e sinto de novo um desejo, vergonhoso de tão intenso. Rob se levanta e, ao passar por minha cadeira, toca meu ombro. O retinir de sua tigela contra a pia me sobressalta, e ele me olha com o cenho franzido e fala mais uma vez que não sabe se deve ir trabalhar, embora já esteja se dirigindo à porta.

– Sinceramente, estou muito melhor hoje – insisto, seguindo-o até o hall açoitado pelo vento que avança pela porta da frente aberta por Rob.

Foram muitas as tentativas de convencê-lo a trabalhar normalmente depois da tentativa frustrada de ontem; não quero que ele mude de ideia após finalmente concordar em ir. Preciso de um tempo sozinha para organizar os pensamentos, ou até mesmo buscar alguma evidência tangível do passado.

– Minha dor de cabeça quase desapareceu – minto, acrescentando um sorriso para ajudar a persuadi-lo, e semicerro os olhos à luz da manhã.

– *Quase*? – Ele se vira. – O que isso significa?

Protejo os olhos com a mão esquerda – ainda que meu pulso direito tenha melhorado o suficiente para que, mais cedo, eu me livrasse de vez da atadura.

– Minha dor de cabeça está bem melhor, meu pulso também. – Ergo o braço despido para provar o que disse.

Rob parece inseguro, e falo que tenho certeza de que estou bem o bastante para ficar sozinha; tento manter um tom de voz leve, sem nenhum indício da irritação que sinto com sua relutância em me deixar sem supervisão.

Ele encara os próprios pés; o cascalho enche de pó a ponta de seus sapatos polidos.

– Não estou convencido. – Ele endireita a postura e dá um passo em minha direção.

– Não! – Paro no vão da porta para bloquear seu caminho. – Não volte para dentro de casa!

– Qual é o seu problema? – Rob se afasta e joga a pasta do laptop no caminho de cascalho. – Eu estou tentando cuidar de você! Por que não quer deixar?

– Perder a calma não vai ajudar em nada. – Meu olhar se fixa na pasta do laptop.

Rob respira fundo e fecha os olhos. Imagino que ele vai se descontrolar novamente, mas ele apenas recolhe a pasta e abre o velcro para conferir o laptop. Pergunto se está funcionando, e ele diz está, é claro. Mais calmo, pede:

– Prometa que vai me dar notícias. Eu fico preocupado com você.

– Vá! – Me inclino para trás para evitar seu beijo de despedida. – Vai acabar pegando o trânsito das escolas.

Ele se afasta, as mãos erguidas em rendição.

– Estou falando sério, Jo. Quero uma mensagem a cada hora. Ou um e-mail. Sem desculpas, tá?

– Tá bem. A não ser que eu esteja dormindo – eu respondo, e fecho a porta.

Da janela da cozinha, observo-o manobrar o carro; o cascalho apresenta sulcos profundos formados pelas idas e vindas dos pneus dos nossos carros. Meu Mini Cooper está estacionado do outro lado da garagem; me pergunto quando foi a última vez que o dirigi e para onde fui. É quando dou as costas para a janela que a imagem volta. *As costas nuas, o rosto sem feições oculto na sombra, porém agora ele se vira para mim, e eu consigo distinguir uma boca generosa, um sorriso enorme.* O sorriso me atrai, suga o ar dos meus pulmões de tal forma que sou obrigada a me apoiar na pia. Quem é ele? O que significava para mim, se o simples fato de pensar nele me deixa ofegante? Talvez eu estivesse com ele na última vez que dirigi meu carro. Um caso amoroso. Inclino-me para tocar nele como faço na lembrança, para puxá-lo para mim. O sorriso me acerca. Sinto a mesma atração, o mesmo desejo de ficar com ele, e minha respiração se encurta porque me debato contra esse sentimento tão forte, até dizer em voz alta:

– Não!

A palavra ecoa pela casa vazia.

Abro a torneira da cozinha e jogo água fria em meu rosto ardente, várias vezes, até que a imagem se afaste e eu consiga voltar a olhar para a garagem e para o meu carro. Devo ter saído para fazer compras ou visitar um dos meus filhos, algo normal, rotineiro. Talvez eu tenha visitado Sash, embora, ao que pareça, ela não desgrude de seu novo namorado, de quem não tenho nenhuma lembrança. Imagino, então, que fui até a casa de Fin, em uma região barra-pesada, em uma rua cujo nome não lembro, apagado de minha memória como todo o resto. Se tivesse alguma lembrança, eu poderia ao menos me poupar da vergonha, da dúvida, do medo. Talvez toda essa angústia seja desnecessária.

A máquina de café mói os grãos e estala, e uma espuma escura escorre lentamente dela. Levo minha xícara até a sala de estar e observo o sofá macio; lembro-me de Sash e seus amigos sentados nele, pouco depois que ela se formou na universidade. Deve fazer mais de um ano, mas me parece muito recente. Sash saiu de casa um mês após se formar, tendo arranjado o emprego

e a quitinete com facilidade, como tudo em sua vida; eles simplesmente surgiram assim que ela decidiu o que queria. Olho ao redor da sala; é mais um espaço morto, a não ser por uma escrivaninha de vidro sob a janela, que é nova para mim, e interessante, especialmente com meu laptop adornando a superfície.

Hoje de manhã, Rob me contou que a escrivaninha deveria ser para seu novo escritório, mas era grande demais. Ele me notou olhando da mesa do café para a sala de estar e começou a me perguntar se eu me lembrava daquela escrivaninha, mas logo se deteve, colocou a tigela e o copo do outro lado da mesa e se desculpou.

"E quando exatamente foi isso?", perguntei, ignorando sua pergunta ridícula, interessada em associar os meses perdidos a pontos de referência. "Que redecoramos o andar de cima, quero dizer."

"Depois da nossa viagem. Eu te falei ontem à noite. Você queria tudo pronto a tempo do seu aniversário, o escritório e o quarto da Sash." Ele sorriu para mim. "Mas os decoradores ainda estavam aqui quando voltamos. Acho que foi só no meio de novembro que tudo ficou pronto."

Imaginei a minha preocupação, a minha vontade de que aquela dor de cabeça acabasse para que Sash e Fin pudessem dormir nos seus antigos quartos na noite do meu aniversário. No entanto, Fin, aparentemente, não veio para casa.

"Bem, deve ter sido ótimo ter a Sash aqui de novo", falei para Rob, mas ele balançou a cabeça, engoliu o cereal e me disse que Sash também não veio. "Nenhum deles veio para o meu jantar de aniversário?"

Rob mastigou seu suplemento diário – uma espera interminável – e explicou que foi uma época complicada para todos nós, mas que nossa noite foi ótima, que saímos para jantar só nós dois.

"O que aconteceu com essa família?", perguntei. "Não me lembro de nenhum aniversário meu em que nós quatro não tenhamos estado juntos!"

"Bem, eles não vieram para o meu também." Rob me encarou. "E não é porque você não se lembra do último ano que não esteve envolvida."

Perguntei o que ele queria dizer com isso, mas Rob exibia uma expressão afrontosa, como se me desafiasse a dizer que, sim, eu sabia que a culpa também era minha, e a vergonha queimou minhas bochechas, apesar de eu não saber o real motivo.

"Desculpe", disse ele. "É que isso também não é fácil para mim."

Rob continuou dizendo algo sobre carregar o fardo e que sentia que precisava justificar para mim cada tropeço, cada falha, enquanto eu apenas observava a escrivaninha e o laptop na superfície de vidro, me perguntando por que aquilo parecia conter uma grande esperança.

"Nós usamos muito?", perguntei. "A escrivaninha da sala de estar?"

"*Você* usa." Rob, com gotas de leite no queixo, pegou a colher novamente após terminar de comer o musli. "Você dizia que o laptop era uma companhia, sua janela para o mundo."

Achei o comentário inquietante de muitas maneiras. Era como se eu estivesse falando da vida infeliz de uma desconhecida, mas, na verdade, o objeto de pena era eu mesma, e aquela continuava sendo a minha realidade: uma mulher solitária com seu computador, acessando o mundo exterior somente pelo teclado.

Tomo um gole de café, abro o laptop e vejo a tela se acender. Entretanto, não sei o que espero encontrar. *Pense, Jo! O que você está procurando?* Se quero recuperar o passado, preciso ser metódica, analítica, tal qual um detetive. Não há pressa, tenho o dia inteiro, mas, por outro lado, Rob pode mudar de ideia e voltar a qualquer momento, como fez ontem. Não estou fazendo nada de errado, mas, quando ele está por perto, pareço ter menos clareza do meu propósito, como se ele controlasse minhas ações e meus pensamentos. E, embora eu não saiba ao certo o que pretendo encontrar, certamente existe algo entre as centenas de e-mails salvos; pistas que levem aos detalhes de todos

aqueles dias perdidos. Talvez até mesmo algo sobre o homem nu, cujo rosto está oculto pela sombra, a não ser pelo sorriso quando ele se vira para mim. Esse pensamento me faz hesitar, sentir medo de lembrar, e ao mesmo tempo um desespero para descobrir a verdade. Sim, havia um sorriso. Perigoso e insinuante. Só para mim.

Rolo a tela de e-mails e descarto os mais recentes, já lidos no celular. Os mais antigos, analiso com mais calma à procura de qualquer coisa estranha, que chame minha atenção. O endereço de e-mail de Rob surge aqui e ali, em conversas típicas de uma vida compartilhada: horários de refeição, lista de compras, uma festa de despedida para a qual fomos convidados por alguém que conheci há mais de vinte anos e que ainda trabalhava com Rob. Porém, cada ocorrência do nome de Rob me deixa mais esperançosa de que haja algo mais importante enterrado em meio à banalidade das mensagens trocadas por duas pessoas casadas. Há um ou outro comentário sobre Fin e Sash, mas esses trechos também são decepcionantes, pois falam sobre fatos que já conheço – Sash passou a morar com Thomas em cima do bar, o que claramente desaprovávamos, nisso estávamos de acordo, depois referências ao apartamento com vista para o parque, muito melhor, que visitamos. Em um e-mail, eu dizia a Rob que fiquei feliz com o apartamento novo, apesar da presença de Thomas, mas eu parecia ter algum ressentimento em relação à decisão de Rob, pois me refiro mais de uma vez ao "enorme gasto" que ela acarretava e ao fato de que o resultado não tinha sido "nem um pouco como esperado". O e-mail termina com uma indireta de minha parte: "Sash precisa de nós dois, você tem razão. Vamos superar isso juntos. Beijos, Jo."

Recosto-me e reflito sobre essas palavras. Fui eu quem as escreveu, mas elas não significam nada para mim. Presumo que o problema a que me referi fosse Thomas, mas talvez não seja apenas isso.

O padrão da nossa correspondência que se segue não faz sentido; é como se alguns e-mails estivessem faltando. Imagino que parte das conversas tenha acontecido pessoalmente ou por telefone, ou ainda por apressadas mensagens

via celular, mas não posso comprovar isso sem meu aparelho antigo. A alternativa óbvia, porém inacreditável, é que os e-mails faltantes tenham sido propositalmente deletados por Rob.

Reclino-me na cadeira e me permito, só por um instante, seguir o raciocínio por trás dessa alternativa. Teria sido fácil para Rob acessar minha conta de e-mail, já que ele sabe a senha, a mesma que uso para tudo, uma combinação das datas de aniversário de Fin e Sash. Além disso, eu dormi durante muito tempo quando voltei do hospital, ou seja, ele teria tido oportunidades de sobra para fazer isso.

Endireito a postura e respiro fundo, erguendo o queixo para inspirar pelas narinas; em seguida, expiro o ar e refuto a ideia paranoica. Rob continua sendo Rob, o homem com quem estou casada há vinte e quatro anos. Por mais que eu não me lembre do último desses anos, não posso desconsiderar os vinte e três anteriores. Eu o conheço melhor do que qualquer pessoa no mundo. Ele é meu marido, ele me ama, tenho certeza disso. Ele não seria tão calculista a ponto de mexer furtivamente na minha correspondência. E com que objetivo? O que poderia haver nela que ele não quer que eu veja? Não tenho nenhuma prova de que ele esteja escondendo algo, muito menos de que esteja chegando a tais extremos para selecionar o que posso saber do passado. Pergunto-me se a paranoia não é um sintoma da lesão cerebral e começo a pesquisar sobre traumatismo craniano; digito "traumatismo craniano, perda de memória" e encontro fóruns e salas de bate-papo. Os conteúdos são assustadores, e preciso me obrigar a fechar as histórias de terror e fingir que não as li. Então, meu celular emite um bipe que me distrai de minhas buscas: é uma mensagem de Rob. Começo a digitar uma resposta, ainda angustiada por causa da perturbadora pesquisa e da incômoda questão de nossos e-mails esporádicos.

O último e-mail que recebi de Rob é de três semanas atrás; na mensagem, ele diz algo sobre ter que ficar no escritório até mais tarde, e não há resposta minha na pasta de enviados. Por que eu não respondi? Será que o ignorei de propósito? Talvez, como já passou por minha cabeça, eu tenha respondido por

mensagem de texto, mas isso me parece improvável. Por que eu trocaria o meio de comunicação depois de claramente ter lido o e-mail de Rob? Será que eu estava com raiva porque ele iria se atrasar, porque isso estragaria meus planos para o jantar? Ou estava profundamente ressentida com o fato de que nossos filhos tinham saído de casa e o culpava? Mas por que minha reação a isso só aconteceria meses depois? Em julho, eu parecia apoiá-lo, como se tivéssemos resolvido essas questões juntos; então, o que aconteceu depois? Foi culpa dele, ou, como temo, foi algo que eu fiz? Viajamos em outubro, comemoramos meu aniversário em novembro; Rob disse que estávamos bem nessa época. Anoto mentalmente o mês de agosto como uma interrogação e volto para a mensagem parcialmente escrita a fim de tranquilizar Rob e mantê-lo no escritório. No entanto, logo me distraio de novo, agora com a chegada de um novo e-mail, cujo tom é imediatamente preocupante:

> Jo, por favor, por favor, por favor me responda! Você sabe que eu não te mandaria um e-mail, mas estou sem saber o que fazer! Já devo ter te ligado mil vezes e mandado dezenas de mensagens na última semana. O que está acontecendo? Você está bem? Cadê você, Jo? Por favor, mande notícia!!!! Você sabe que pode contar comigo para o que precisar. Sem julgamento. Só quero ajudar, tá? Beijos, Rose

Novembro do ano passado

– Gostou do seu aniversário? – pergunta Rob enquanto dirige de volta para casa.

As luzes do centro da cidade estão desfocadas por causa da forte chuva. Os limpadores produzem um efeito hipnotizador conforme traçam arcos de claridade no para-brisas e revelam o caminho a conta-gotas. Digo que foi ótimo, mas no fundo nós dois sabemos que não é o que sinto; Fin estava "atolado de tarefas", e Sash só avisou no último minuto que não se juntaria a nós. Nossa tradição, uma refeição em família, sempre com os quatro, em casa ou em nosso restaurante italiano preferido, foi substituída por uma refeição para dois no bistrô que Rob e eu costumamos reservar para comemorações de aniversário de casamento.

– Acho que aquele lugar está piorando – diz Rob. – Minha carne estava boa, mas nada especial. E seu peixe?

– Muito bom. – Meu foco continua na vista embaçada. Olho para Rob, para seu perfil familiar, embora tenha mudado com o passar dos anos. Ele não ganhou peso, não deixou nem tirou a barba, nada assim, mas seu queixo está menos definido, e o nariz, um pouco mais longo. – É uma pena que os dois não tenham podido ir.

Rob me olha de canto de olho, o cenho franzido.

– Desculpe – digo, porém sem sinceridade. – Mas você sabe que eu queria que eles tivessem ido. É meu aniversário, e cinquenta e cinco anos é uma idade marcante.

– Ah, você pode falar da sua idade, agora, se eu falo… – Ele abre um sorriso. – Não se esqueça que eu já estou quase no fim dessa década.

– Você encara isso com naturalidade. – Retribuo o sorriso. – Até ontem, eu podia dizer: "Estou mais perto dos cinquenta do que dos sessenta", e agora não posso mais.

– Todos nós estamos um dia mais velhos, Jo. – Ele joga o carro nas curvas da via de mão única; o velocímetro passando um pouco do limite de trinta. – Melhor do que a outra opção.

Através da janela encharcada, observo os bares e as boates, as garotas de braços dados cambaleando pelas calçadas em seus saltos e minivestidos, segurando a bolsa sobre a cabeça para se proteger da chuva; os grupos de rapazes, alguns mais jovens do que Fin, lançando gracejos para elas. Paramos em um sinal vermelho; somos o único carro diante da faixa de pedestres tomada por baladeiros. Eles atravessam letargicamente, e seu olhar desfocado e desinteressado encontra o nosso por um instante. Eles devem achar que somos muito velhos; estamos voltando para casa antes que a noite deles tenha sequer começado. O semáforo abre, e Rob pisa fortemente no acelerador. Então eu a vejo, correndo bem diante de nós, uma silhueta solitária emergida das sombras.

– *Rob!*

Ele pisa no freio, e o carro desliza na superfície escorregadia, com dificuldade para obter tração na rua molhada. A garota parece alheia a seu destino; tem o rosto virado para a outra direção e sorri para os amigos, como se estivesse envolta em uma bolha de invencibilidade à prova de som. Ela não percebe nada além de sua intenção de atravessar a rua, porém a distância entre nós está sendo devorada pelo carro monstruosamente pesado de Rob. Abro a boca para soltar um grito e minhas mãos se erguem para cobrir meus olhos, até que o carro finalmente para, e a água de uma enorme poça se choca contra o para-brisas.

– Meu Deus! – digo, a mão espalmada sobre o peito. – A gente quase…

– Eu vi a garota, Jo! – Rob esmurra a buzina e grita com a garota. – Cacete, olha para onde está indo!

Mas ela nem sequer olha para ele, correndo que está para alcançar os amigos do outro lado da rua, em seus saltos longos e finos, as pernas nuas e arrepiadas de frio.

– Você podia ter atropelado a garota! – Minhas palavras quase são engolidas na tentativa de recuperar o fôlego. Afrouxo o cinto, que pressiona claustrofobicamente a batida acelerada do meu coração.

– Mas não atropelei. – Rob religa o motor. – Como disse, eu vi a garota.

Aparentemente muito menos abalado do que eu, ele comenta que a engenharia alemã está do nosso lado e que seus reflexos continuam ótimos, mas não deixo de perceber um tom defensivo em sua voz. Penso na garrafa de vinho que compartilhamos – pelo menos duas taças cheias para cada um – e agradeço a Deus pelo desenlace não ter sido diferente; a imagem da garota batendo no capô, depois no para-brisas, se sobrepõe vividamente à visão dos limpadores, que funcionam tranquilamente. Poderia ter sido nossa filha. Claro que não era, mas aquela garota é a filha amada de alguém, e me parecia conhecida. Enxugo a condensação do vidro do passageiro e vejo-a correr até os amigos. Ela deve ter se assustado com o quase atropelamento, por mais que esteja bêbada.

Continuo a observá-la conforme nos afastamos, fascinada pela cena que se segue: seus amigos estendendo os braços para um abraço em grupo, envolvendo-a e então rindo, como se fossem intocáveis. E avisto algo no centro do grupo, o vislumbre de um cabelo loiro quase branco, na altura da cintura.

– Pare o carro, Rob! Pare o carro!

– O que foi agora? – Ele franze o cenho.

– É Sash! Na faixa! Foi a amiga dela que correu na frente do carro! Eu sabia que a conhecia.

Rob dá seta para a esquerda e encosta o carro para esperar Sash e seus amigos passarem por nós. Ele observa pelo retrovisor do para-brisa, e eu, pelo

da lateral; ambos comprovamos que é Sash no meio do grupo que avança pela calçada em nossa direção.

– Parece que ela está com um rapaz – diz Rob.

Coloco meus óculos para ver melhor e distingo o único rapaz no grupo de garotas risonhas – um rapaz alto, bonito, um homem, na verdade; um homem que está segurando a mão da nossa filha.

– Vamos embora! – falo para Rob, olhando-o de canto de olho. – Rápido, antes que ela nos veja.

– Não, eu quero falar com ela. – Rob se mantém imóvel. – Ela vai poder se explicar para você.

– Rob, não! Agora não.

– Por que não? – pergunta ele, abrindo a janela e gesticulando para que os carros ultrapassem.

– Porque eu não quero fazer uma cena na frente dos amigos dela.

– Não vou fazer isso. – Rob pressiona o botão para abaixar minha janela. – Só quero dar uma palavrinha com ela.

Me afasto da janela para fugir da chuva que entra no carro e mais uma vez peço a Rob que simplesmente nos leve para casa, porém ele nega com a cabeça, diz que não vai perder a calma, que quer apenas falar com ela. Sash já está tão perto que enxergo seu sorriso. Ela vai notar nossa presença a qualquer segundo, reconhecer o carro e ficar constrangida por termos parado, por termos descoberto a mentira e por fazê-la passar vergonha na frente dos amigos. Precisamos partir enquanto isso não acontece. Encaro Rob, absolutamente alheio ao meu pânico. Ele não liga para o constrangimento de um confronto; se acha que está certo, isso simplesmente não tem importância. Pelo espelho, miro Sash novamente e rezo para que ela não nos note. Sinto um alívio ao reparar que ela continua olhando para o homem alto, cujo cabelo escuro escorrega para o rosto quando ele se abaixa para beijá-la.

– Ela mentiu para você – diz Rob, agora me encarando.

– Sei muito bem disso, mas não é hora nem lugar para isso.

– É seu aniversário, droga! Ela podia ter feito um esforço. – Ele se inclina sobre mim e a chama pela janela. – Sash! Sash! Aqui!

– Meu Deus, Rob, por favor… – digo, mas é tarde demais.

O homem é o primeiro a nos notar, seguido por Sash, cujo sorriso desaparece à medida que os faróis dos carros que nos ultrapassam lançam visões interrompidas de sua expressão surpresa. Ela sussurra algo para o homem, e ele se afasta do restante do grupo, que passa pelo carro me observando pela janela aberta. A garota da faixa de pedestres, lutando contra a calçada, ri e diz baixinho:

– Oi, senhora Harding.

Sorrio de volta, mas imediatamente minha atenção se volta para Sash e o homem, que, com o rosto coberto pela sombra, observa-a se aproximar do nosso carro.

– Achei que você estava passando mal – diz Rob, inclinando-se sobre mim para se fazer ouvir.

– Eu estava – diz Sash. – Com dor de cabeça.

– E melhorou? – pergunto.

– Claro que melhorou – Rob responde por ela. – Ela não passou mal.

– Mãe, desculpe se…

– Que atitude terrível, Sash – Rob responde por mim. – Mentir para não encontrar sua mãe no aniversário dela.

– Não foi isso – diz Sash, olhando por cima do ombro para o homem de cabelos escuros. – Podemos conversar depois? Vocês estão me fazendo passar vergonha na frente dos meus amigos.

– Nós estamos fazendo você passar vergonha? – provoca Rob. – Isso é mesmo inadmissível.

– Rob, vamos embora. Amanhã a gente fala com ela – digo, mas minhas

palavras se perdem em meio à retaliação de Sash, que o manda calar a boca, porra.

– Que belos modos, Sasha Harding – diz Rob, e os dois continuam discutindo. A minha atenção se volta para o homem de cabelos escuros, que acende um cigarro. A chama se extingue com a forte chuva antes de se acender de novo e iluminar uma boca ampla, com indícios de um sorriso; depois, os olhos escuros se fixam em mim, e o sorriso se alarga. Desvio o olhar porque a discussão que está se dando em meu colo se intensificou.

– Se você não quer acreditar em mim… – diz Sash para o pai, porém suas palavras são interrompidas pela janela, que se fecha; Rob está pressionando com força o botão do seu lado.

– Isso foi rude – digo, e sou jogada para trás quando Rob arranca a toda velocidade. – Sash estava falando!

– É a mim que você vai culpar? – responde Rob, pisando forte no acelerador. – E ela? Você devia ter falado para ela que sua atitude foi inaceitável, que ela precisa amadurecer! – Ele passa à quinta marcha na saída do rodoanel. – Você sempre a deixa sair impune!

– Se ela não quer ficar comigo no meu aniversário… – Sinto um nó na garganta e viro o rosto para o outro lado. – Não quero que ela vá só porque se sente obrigada.

– Claro que ela é obrigada! É o que os filhos fazem pelos pais, quer queiram ou não!

Estamos próximos do limite da cidade; as estradas se tornam mais largas e retas, mas também mais escuras, e as sombras escondem minha raiva no reflexo monocromático da janela do passageiro.

– Poxa vida, Jo. Não deixe isso estragar seu aniversário – diz Rob, me olhando de canto de olho.

– Acho que é tarde demais para isso.

– Obrigado pela parte que me toca. – Ele desvia o carro para não atropelar

um ciclista sem os equipamentos de sinalização.

Falo que não quero soar ingrata, que aprecio seu esforço e que adorei o presente – acaricio o couro macio da minha bolsa nova, exatamente a que eu teria escolhido –, mas a cena com Sash foi terrível; ele não deveria tê-la humilhado daquela maneira.

– Alguém precisa dizer umas verdades para ela, Jo. Se ela quer ser tratada como adulta, precisa agir como uma.

– Mas ela não é de fato uma, é? Ela ainda é uma criança em muitos sentidos.

– Sei que para você é difícil aceitar… Mas você sabia que isso ia acontecer um dia. Crianças crescem.

– Assim como todos sabemos que vamos morrer? – Seguro-me na lateral do banco. – E muito em breve, se você não desacelerar um pouco.

Rob franze a testa e diminui a velocidade com uma leve pisada no freio.

– Pelo menos uma vez, faça um esforço para entender o quanto isso é difícil para mim! – continuo. – Não tem a ver com o meu aniversário. Todo dia é difícil para mim, *todo dia*.

Rob suspira ruidosamente.

– Você precisa encontrar algo que ocupe seu tempo, olhar para essa situação como algo positivo.

Continuamos o caminho em silêncio; os semáforos e os baladeiros do centro da cidade já ficaram para trás. Passamos pelos condomínios novos perto do parque, depois pelas propriedades maiores que brotaram nos últimos anos e preencheram os terrenos que antes faziam limite com a cidade, e por fim pelo vilarejo, o que indica que estamos quase chegando. Só a subida estreita da colina nos separa do celeiro.

– Na verdade – digo, endireitando a postura no banco –, já fiz isso.

Rob me olha de soslaio, com uma expressão ilegível, conforme fazemos as curvas pelo caminho estreito. Apenas a luz refletida dos faróis do carro

ilumina nossa discussão.

– Já fez o quê?

Eu queria ter lhe contado de imediato sobre minha decisão de fazer trabalho voluntário, mas decidi esperar, com medo de que não desse certo. Já faz mais ou menos duas semanas que preenchi os formulários no centro de acolhimento, e durante esse período pus de lado minhas expectativas, passando do alívio pelo fato de Rose não ter entrado em contato à decepção por esse mesmo fato. Mas hoje de manhã ela me ligou para dizer que meu atestado havia sido emitido e me convidou para "tomar um chá e conversar um pouco".

Talvez eu devesse ter contado a Rob durante o jantar, mas a oportunidade simplesmente não surgiu. Sendo sincera, foi a possível reação dele que me deteve. Penso em Rose, no entusiasmo com que me recebeu mais cedo, em Nick, seu chefe, que veio falar comigo, pousou a mão em meu braço e me agradeceu por oferecer meu tempo, "algo raro hoje em dia".

– Agora sou voluntária em um centro de acolhimento. – Prendo a respiração.

Rob não responde, distraído talvez pelas dificuldades impostas pela pista estreita, pelo relevo inclinado, agravados pela força da chuva.

– Fica na cidade, do lado do trabalho da Sash – continuo a fim de preencher o silêncio. A única trilha sonora é composta pelo ambiente exterior. – Ela até já ajudou lá com os colegas de trabalho.

– A *Sash*? – pergunta Rob. As difíceis condições para dirigir exigem sua concentração, pois a subida até o celeiro foi temporariamente apagada pela chuva torrencial.

– Um tempo atrás. Uma vez. Mas não é essa a questão. Estou tentando te contar que *eu* me tornei voluntária lá.

Chegamos à entrada obscurecida da propriedade, sinalizada por uma pedra pintada de branco, agora iluminada pelos faróis. Rob tranca o carro enquanto

eu corro pela garagem com a chave da porta na mão, mas isso não impede que nós dois estejamos ensopados ao entrar em casa.

– Caramba! – Sacudo minha jaqueta e a penduro no encosto de uma cadeira da sala de jantar. – Que chuva terrível. – Ligo a máquina de café e passo os dedos pelo cabelo. O vento parecia querer arrancá-lo do meu couro cabeludo no caminho desde o carro. – Quer café?

Rob está secando o cabelo com a toalha que pegou no lavabo do térreo.

– Sim, obrigado. Depois quero saber o que você está aprontando. – Ele tira a toalha do rosto para exibir um sorriso. – Estou brincando! Me conte, estou interessado!

Vinte e três anos de casamento criam padrões de comportamento, alguns úteis, outros não. Aprendemos a tranquilizar um ao outro, assim como a antagonizar deliberadamente. Também há certo nível de candura que pode ser útil ou destrutivo; ambos somos capazes de falar um com o outro com uma sinceridade enérgica. Na analogia da reação de luta-fuga, eu não sou nem uma nem outra. Sou um porco-espinho enrolado num canto, e Rob é o determinado predador que cutuca meus espinhos até que eu reaja.

Ele se senta à minha frente à mesa de jantar e estica as pernas de modo que seus pés quase encostam em mim. Terminamos o café, mas a discussão está longe de chegar ao fim. Tento enfrentar as perguntas de Rob de maneira comedida, mas, conforme respondo a cada uma de suas preocupações, sinto a raiva se acumular dentro de mim. Ele expressa livremente seus preconceitos em relação às pessoas que pretendo ajudar. Ele me alerta sobre as ameaças que elas representam: posso ser atacada, roubada, assediada. E por que eu desejaria doar meu tempo a esses "vagabundos" que nem sequer tentam arranjar emprego e vivem pedindo dinheiro nas ruas para comprar drogas? Permaneço em silêncio, e a raiva começa a ferver dentro de mim. Entretanto, tenho consciência de que ele está expressando alguns medos que eu mesma tinha até recentemente – até conhecer Rose e Nick, sentir o afeto de seus espíritos generosos, passar a admirar os objetivos de um local que dá esperança a

pessoas que não tiveram sorte na vida. Nem sempre é culpa delas, foi o que Rose me disse, e eu concordo.

– Nós temos tanta coisa – digo para Rob. – Não deveríamos fazer mais? Essas pessoas não deveriam ser definidas por seus problemas. Poderia ser qualquer um de nós no lugar delas, eu, você, nossos filhos. Ninguém está imune a isso. Elas precisam ser ouvidas, precisam de apoio.

E eu quero voltar a sentir que alguém precisa de mim, Rob. Mas não compartilho esse último pensamento com ele, pois Rob diria que precisa de mim e perguntaria se isso não é suficiente.

– Você está parecendo… – Ele se interrompe.

– O quê? – pergunto, cansada com sua pobreza de espírito.

– *Uma terapeuta*.

Rob não tem tempo para "psicoterapias" – e sempre faz aspas com as mãos para acentuar seu desprezo por elas. Por ser um homem profundamente lógico e pragmático, ele adere ao mantra segundo o qual "quanto menos for dito, mais rápido se resolve", e foram necessários anos de persuasão e algumas discussões francas para que ele aceitasse ao menos parcialmente que nem todo problema precisa de uma solução; às vezes, só precisamos ser ouvidos e acolhidos.

– Bem, eu não sou terapeuta, Rob, como você bem sabe, mas não é preciso ter habilidades especiais para fazer trabalho voluntário. Você só precisa manter a calma e ser simpático. – A garrafa de Prosecco que tomamos no jantar parece ter me deixado menos contida. – A Rose, que trabalha lá… – começo, sem mencionar Nick por algum motivo. – A Rose diz que as pessoas que frequentam lá têm muito a dizer, mas que raramente são ouvidas, e o simples fato de escutá-las costuma bastar. Sei que parece repentino, mas ultimamente percebi que estou muito focada em mim mesma, que não estou feliz com todas as escolhas que fiz, que elas são egoístas.

– Olha, eu entendo. Você está tentando ajudar. Mas não assim, Jo.

– Por que não? – Afasto a cadeira da mesa. – Você mesmo disse que eu preciso me concentrar em outra coisa agora que nossos filhos se mudaram.

Rob considera a ideia e diz que nós já fazemos caridade, que o problema é eu me colocar na linha de frente; ele não acha seguro. Explico o mais calmamente possível que não vou estar sozinha, que farei parte de um grupo de voluntários. E que posso fazer mais ou menos, dependendo do que for necessário. Eu me comprometi com duas horas por semana, apenas isso. Se seu medo é não encontrar o jantar na mesa quando…

– Não seja ridícula! Não é isso que eu estou dizendo! – Ele une as mãos e inspira pelo nariz, erguendo os olhos para encarar o teto da cozinha. – Por que você sempre precisa me transformar em uma espécie de… – Ele suspira e me olha. – Conte o que você vai fazer nessas duas horas. Por favor, estou interessado.

– Vou ajudar no grupo de procura de emprego. As pessoas vão ao centro atrás de conselhos sobre o currículo, ou para se candidatar a empregos, usar os computadores… – Paro de falar pois não sei como continuar. Eu me senti segura quando Rose fez essa sugestão e me convenceu de que eu faria essa tarefa com facilidade.

Rob endireita a postura, e, para minha surpresa, sua expressão cansada relaxa e então se abre em um sorriso exaurido.

– Desculpe – diz. – Não estou sendo justo com você. – Ele se levanta, dá a volta na mesa para beijar o topo de minha cabeça. Em seguida, pega com uma única mão as xícaras de café vazias. – Não seria o que eu escolheria, mas está na cara que você é uma pessoa muito melhor do que eu.

– É mesmo?

– Você não precisa da minha permissão, Jo. – Ele estende o braço para me ajudar a levantar da cadeira e, com a outra mão, me puxa para perto e me beija nos lábios. – Venha aqui! – Rob coloca as xícaras de novo na mesa e me conduz até a escada. – Eu nunca transei com uma mulher de cinquenta e cinco

anos.

E, embora ainda não tenha assimilado essa reviravolta, retribuo o sorriso e permito que nós voltemos à felicidade fabricada pela comemoração do meu aniversário, pois se há duas coisas com as quais nunca vou precisar me preocupar são o amor e a fidelidade de Rob.

8

Quatro dias após a queda

De início, presumi que o e-mail de Rose tinha sido enviado por engano. Terminei de responder a Rob que estava tudo bem e reli o e-mail, com uma inquietação subjacente, ou talvez fosse entusiasmo, que persistiu quando o li pela segunda vez para assimilar as palavras e o possível significado delas.

> Jo, por favor, por favor, por favor me responda! Você sabe que eu não te mandaria um e-mail, mas estou sem saber o que fazer! Já devo ter te ligado mil vezes e mandado dezenas de mensagens na última semana. O que está acontecendo? Você está bem? Cadê você, Jo? Por favor, mande notícia!!!! Você sabe que pode contar comigo para o que precisar. Sem julgamento. Só quero ajudar, tá? Beijos, Rose

Talvez nós duas tenhamos nos tornado amigas recentemente e Rose tenha tendência a fazer drama, e fosse justamente por isso que eu estivesse tentando me distanciar dela. Devo ter deixado de ir a algum almoço ou café que havíamos marcado. Entretanto, no fundo, eu sabia que não se tratava apenas disso; minha tentativa de fazer uma análise serena foi apenas para camuflar minha verdadeira reação. Não encontrei nenhum e-mail anterior dela – conferi duas vezes –, mas talvez ela possa me dar alguma ideia do meu estado mental antes da queda. Nunca fui de ter uma confidente, alguém com quem saísse para tomar um café ou um drinque e compartilhar os detalhes íntimos do meu casamento, mas posso ter inadvertidamente revelado algo. Considerei se valia a pena responder a mensagem e decidi que sim; no fundo, sempre soube que responderia.

Aprontar-me às pressas para nosso encontro me deixou exausta; todas as forças que eu havia reconquistado se exauriram. Quando escutei os pneus do

táxi derrapando nos cascalhos, já estava me sentindo sobrecarregada. Na metade da colina, gritei para que o motorista parasse o carro – a vertigem da descida rápida e o odor desagradável do homem me obrigaram a sair do veículo para tomar ar. Mas me restabeleci razoavelmente e garanti a ele que podíamos continuar, depois de aceitar a advertência de que eu teria de pagar a limpeza se, nas palavras dele, "colocasse as tripas para fora". Abri a janela e levei o pulso perfumado até o nariz para me distrair durante o restante da jornada.

– Tem certeza que está bem, querida? – pergunta o motorista mais uma vez quando saio do carro e piso na calçada. – Você ainda está pálida.

– Estou bem, obrigada. – Coloco uma nota de vinte em sua mão. – Me desculpe por antes.

– Não precisa se desculpar, já tive casos bem piores.

Afasto-me antes que ele comece a me contar os detalhes de suas corridas "bem piores" e observo o prédio onde Sash trabalha ao passar por ele. Ela deve estar trabalhando nesse lugar há mais de um ano, apesar de parecer algo relativamente novo para mim.

"Pense na quantidade de táxis que você não vai precisar pagar quando eu sair para beber!", dissera ela, embora soubesse que eu pagaria dez vezes mais se isso a fizesse desistir de se mudar para aquele terrível apartamento.

Ela aceitou o primeiro emprego que lhe ofereceram; a independência prometida era tentadora demais. Ainda preciso assimilar a ideia de que minha filha tem um emprego em tempo integral, mesmo que, como é óbvio, ela não esteja realmente comprometida com ele. Meu olhar se fixa na porta giratória, que continua imóvel. Estamos no meio da manhã. Todos estão lá dentro fazendo o que quer que façam.

Depois do prédio de Sash, vejo uma porta mais recuada com uma placa: "CENTRO DE ACOLHIMENTO – ENTRE, POR FAVOR!". Paro e noto que isso me é familiar e também lembro que o bar em que Thomas trabalha, e por cima do

qual Sash morou por um breve período, é bem perto daqui. The Limes. Uma imagem surge em minha mente. Eu na calçada do outro lado da rua, olhando para o apartamento em cima do bar. Sinto uma hesitação e me pergunto por que me inquietei com a volta dessa lembrança, mas me obrigo a me concentrar no motivo pelo qual estou aqui: meu encontro com Rose.

O café fica logo depois do centro de acolhimento, exatamente como Rose descreveu. Ela soou confusa quando falei que não sabia onde era, na rápida troca de e-mails em que definimos onde e quando nos encontraríamos. Rose acabou me passando as instruções, embora obviamente tenha se indagado por que eu precisaria delas.

"Fica literalmente ao lado do centro de acolhimento, Jo", dissera.

Presumi que ela teria a minha idade, talvez fosse mais velha, mas, quando esquadrinho a meia dúzia de mesas, é uma mulher desleixada de trinta e tantos anos que olha para mim e ergue a mão. Ela está sentada na parte da frente do café, junto à janela panorâmica.

– Meu Deus, Jo! – diz, levantando-se para me cumprimentar e quase derrubando o café. – Achei que… Quando você não respondeu… Bem, não vamos falar disso. Que bom que você está bem! – Ela me examina dos pés à cabeça e pousa uma mão em meu braço. – Você está bem *mesmo*?

Os hematomas em meu rosto praticamente sumiram; um toque de corretivo disfarça o resquício da mancha preta sob meu olho direito, e o galo em minha cabeça está coberto pelo cabelo. Meu pulso também melhorou, não está mais envolto na atadura, e os outros machucados, ainda sensíveis ao toque, são escondidos pela jaqueta. Não há nenhum sinal óbvio das minhas lesões, mas eu devo estar pálida, e a dificuldade nos movimentos é perceptível.

– Por que eu não estaria bem? – pergunto, me afastando de seu toque ao me sentar.

Sua preocupação é ainda maior em pessoa do que por e-mail.

– Fiquei tão aliviada quando você finalmente respondeu! – diz Rose, igno-

rando minha pergunta. – Sei que você disse que precisava de um tempo afastada do centro de acolhimento, mas quando não tive notícias suas… E depois tentei várias vezes…

– *O centro de acolhimento?*

Rose me encara e ri nervosamente.

– Claro. Não tem sido o mesmo sem nossa melhor voluntária. Eu não sabia onde você estava. Você tinha dito que… Jo, tem certeza de que está tudo bem?

Rose estende o braço para me tocar novamente, porém derruba o café, e o lí-quido se esparrama pela mesa. Ela se atrapalha com os guardanapos ao tentar limpar a bagunça, e eu aproveito a oportunidade para olhar a rua através da janela e considerar as implicações de seus comentários. Vim ao encontro atrás de pistas sobre minha nova vida, para tentar descobrir o que, ou quem, preencheu a lacuna deixada por meus filhos, temerosa da resposta, mas parece que passei pelo menos parte do meu tempo de maneira admirável. Eu era voluntária em um centro de acolhimento e o frequentava com regularidade, pelo que ela falou. Rob nunca mencionou isso, e estou achando que foi de propósito.

– Então, como você está? – pergunta Rose, amassando os guardanapos encharcados em uma pilha à sua frente.

Não sei como responder. Posso agir com cautela e não contar sobre a queda, mas já descobri algo apenas por ter vindo encontrá-la, e ela parece genuinamente preocupada comigo.

– Eu estava no hospital.

Ela arregala os olhos e me pergunta o que aconteceu; claramente, não faz a menor ideia. Garanto que estou bem melhor agora que os efeitos da queda já estão passando.

– *Uma queda?* – Ela segura meu braço de novo; felizmente, é o esquerdo desta vez. – Que tipo de queda?

– Escorreguei descendo a escada. Caí vários degraus.

– Meu Deus, você se machucou?

Ela solta meu braço.

Afirmo que estou bem melhor e percebo que preciso de um café; para conseguir levar a cabo a minha primeira saída de casa desde que fui liberada do hospital, preciso colocar algo no estômago. Ela olha para o copo com o *latte*, agora pela metade.

– Você quer outro?

– Meu Deus, me desculpe, eu pego! – Ela se levanta, e a mesa balança quando Rose se espreme para passar ao lado; o restante de seu *latte* sacode de um lado para o outro no copo alto. – E você, quer café puro, como sempre?

– Não, quero um igual ao seu. – Sorrio para ela. – Obrigada.

Ela sorri para mim com as gengivas rosadas e reluzentes, e por um instante algo se agita em meu cérebro, como se um arquivo tivesse sido aberto e imediatamente fechado.

– É pra já! Não saia daí! – instrui ela. – Já volto.

O café grosso por conta da calda de caramelo e do leite integral devolve a cor às minhas bochechas, ou pelo menos é o que Rose diz. Sua observação atenta me lembra os olhares perscrutadores de Rob, e esse pensamento me faz conferir o celular. Pego-o no fundo da bolsa, e, claro, a tela está cheia de notificações; são todas mensagens do meu marido.

– Desculpe, é melhor eu… – digo, começando a digitar uma resposta.

– É Rob? – pergunta ela, a cabeça inclinada para o lado.

Mando a mensagem e depois olho para Rose.

– Conhece meu marido?

Ela sorri, talvez tendo interpretado erroneamente minha pergunta como uma afirmação. Rose assume uma expressão de compaixão, que não me é familiar, e seu conhecimento íntimo sobre mim é inquietante. É para isso que estou aqui, mas ainda acho perturbador estar em tanta desvantagem.

– Ele se preocupa comigo – digo.

– Você não precisa ficar com ele, Jo. Só porque você…

– *Como é?* Por que diabos você diria uma coisa dessas?

Ela se inclina para a frente e aponta para meu olho direito.

– Foi ele que fez isso com você, Jo?

Fico chocada com o quão direta ela é e sinto o impulso de contestá-la, porém volto a pensar na imagem da discussão entre mim e Rob no topo da escada. Preciso que Rose pare com seus questionamentos persistentes, que se distraia por um segundo que seja para que eu possa pensar, compreender a expressão no rosto de Rob, lembrar as palavras que falei e que o enfureceram tanto, mas a memória me escapa, e a insistência de Rose me traz para o presente.

– Jo? Você está bem? – A mão dela está em meu braço de novo, acompanhada por um sorriso preocupado. – Você sabe que pode me contar qualquer coisa.

– Pode parar de me tocar, por favor? Não gosto.

Ela afasta a mão rapidamente, e noto a mágoa em seus olhos, mas ela se recompõe de imediato.

– Você está estranha hoje.

– Estou bem. – Tomo a bebida doce, que me reanima. – Desculpe, não quis ser grossa.

– Você está chateada, eu entendo.

– Acho melhor eu explicar o que aconteceu. Desde a queda, tenho tido dificuldade para me lembrar das coisas. Sofri uma perda de memória. Perdi um ano inteiro.

Não é que Rose pareça insensível diante da minha explicação, de modo algum, mas há um distanciamento em sua reação, que é quase profissional, o que acho um alívio. Pela forma como escuta, penso que ela talvez seja uma orientadora psicológica, e não uma simples voluntária, como presumi. Em

seguida, um pensamento mais alarmante me ocorre: talvez eu tenha ido ao centro de acolhimento para buscar ajuda, e não apenas para oferecer. Entretanto, não tenho tempo de considerar essa hipótese, pois Rose me faz várias perguntas em sequência e depois escuta atentamente minha explicação de que a lesão em minha cabeça – sim, da queda – causou uma dor persistente e, o que é mais preocupante, perda de memória. Talvez seja o sorriso encorajador de Rose, ou as gengivas rosadas, ou seu cheiro de flores, o fato é que surge em minha lembrança a imagem dela se virando para mim em um grande salão. O lugar está muito movimentado, com pessoas nas mesas e um zumbido de vozes. É um lugar que frequento bastante, onde me sinto à vontade, e por um instante sou tomada por esse pensamento, uma centelha de algo positivo em meio a todas as coisas terríveis que parecem ter acontecido no último ano.

– Acho que me lembro de você. – Abro um sorriso. – E do centro de acolhimento. Eu gostava de lá.

– Você gosta, sim, e é uma voluntária maravilhosa, Jo. – Ela sorri também. – Você é preciosa para nós. – Mas então sua expressão fica séria. – Jo, estou muito preocupada com sua queda.

Garanto a ela que estou me sentindo muito melhor, embora em silêncio esteja lutando contra as pontadas na cabeça e a exaustão que ameaça me tomar. Rose diz estar feliz de saber que estou melhorando depois de um incidente tão horrível, mas que não foi exatamente isso que perguntou.

– Na última vez que te vi, você falou que precisava dar um tempo com o centro. – Ela me olha diretamente nos olhos. – Porque ia se separar do seu marido.

– *O quê?*

– Você disse que ia se separar do Rob. – Como não retruco, surpresa demais com suas palavras para responder de imediato, ela aperta meu braço. – Acha que ele pode ter reagido mal? – Ela passa o dedo delicadamente sobre meu pulso machucado. – Quando você contou para ele?

Afasto rapidamente minha mão e depois me escuto defender meu casamento para uma desconhecida. Ela só pode estar errada, eu e Rob estamos casados há – penso bem – vinte e quatro anos. *Eu jamais me separaria dele.*

– Não sou obrigada a ouvir isso – digo. – Não estou forte o suficiente. E você está enganada! – Eu me levanto, mas Rose faz o mesmo e me pede para que fique mais um minuto, por favor. Fala que precisamos conversar. – Não entendo por que você está me dizendo essas coisas. – Ignoro o olhar dos outros clientes. – Eu nem te conheço.

– Éramos amigas, Jo. Nós ficamos próximas. Por favor, sente-se.

Eu o faço, e, quando ela estende o braço para segurar minha mão, eu a removo.

– Comece do começo – peço.

Rose conta que nos conhecemos em novembro do ano passado, quando apareci no centro de acolhimento para me colocar à disposição como voluntária. Eu mencionei que minha filha tinha ido lá uma vez. Ela se mostra hesitante antes de falar:

– Seja como for, você disse que pretendia fazer trabalho voluntário, e foi o que fez, e, aliás, espero que continue fazendo, mas acho que teve outro motivo que a levou ao centro.

– Como assim? – pergunto, tentando assimilar as novas informações.

– Você nunca falou o que realmente a levou ao centro, mas eu costumo ter um instinto muito bom para essas coisas.

– Que coisas? – Inclino-me para a frente. – Me conte!

Rose, surpresa com meu tom de voz, pergunta se estou bem, e eu digo que sim, impaciente para que ela continue.

– Você pegou um panfleto. – Ela tem o cenho franzido. – Estava lendo esse panfleto quando cheguei. Deduzi que era por causa disso que você estava lá, mas você garantiu que…

– Que panfleto?

Ela põe a mão em meu braço de novo, e desta vez eu permito, porque seu olhar é preocupado e cheio de pena.

– Era para mulheres como você, Jo. Para vítimas de violência doméstica.

Afasto-me de seu contato e resisto às suas tentativas de me consolar. Digo que é muita petulância da parte dela acusar meu marido assim. Ela nem sequer o conhece. *Ou conhece?* Ela diz que nunca o viu pessoalmente, mas que eu comentei sobre nossas discussões a respeito do fato de nossos filhos terem saído de casa.

– Existem vários tipos de abuso, Jo. Abuso físico, verbal, emocional. Um parceiro controlador pode…

– Desculpe, mas não vou ficar ouvindo você insinuar que meu marido… Rob não é assim.

Levanto-me para ir embora, porém Rose novamente implora para que eu fique. Eu me sento, mas me viro para o lado; preciso de um momento para pensar, para poder argumentar contra suas suposições equivocadas. Ela não conhece Rob. E ela certamente não me conhece. Pode achar que conhece, mas eu sei como sou: eu teria guardado essas intimidades para mim mesma, como sempre faço. A questão é que seu relato bate com um aspecto das minhas lembranças recentes. Rob e eu estávamos discutindo antes da minha queda. Mas não posso acreditar que ele tenha me empurrado de propósito. Ou que eu fosse me separar dele. Nós éramos felizes. Ele disse isso. Tento encontrar o caminho que me conduza à verdade, vejo a cena da nossa discussão no topo da escada, ele agarrando meu pulso com força, cheio de raiva. Contraio-me de dor, massageio o braço direito, e Rose pergunta se estou bem, porém a ignoro; através da janela, meu olhar se perde na rua, desfocada devido ao turbilhão que são meus pensamentos. Rob sempre foi um marido amoroso, dedicado a mim e a nossos filhos. O que teria acontecido entre nós para deixá-lo tão enfurecido, tão flagrantemente agressivo? Meus pensamentos se aceleram; desde a queda, meus sentimentos por Rob têm sido negativos, tenho sido tomada por uma desconfiança constante, mas por quê?

Então, algo do lado de fora chama minha atenção. *Alguém*, na verdade. Um homem. Ele me parece familiar. Sua visão faz meu estômago revirar e meu coração se acelerar. Sinto-me atraída por seu andar confiante, seu casaco, o cabelo denso que quase cobre seu rosto, porém, minha sensação de familiaridade não é reconfortante nem tranquilizadora: é perturbadora. O fato é que estou hipnotizada por ele, fascinada por seus passos largos que percorrem a calçada com tanta rapidez, por seu casaco enorme que se infla ao redor de sua figura forte. Tenho apenas um ou dois segundos para assimilar sua aparência quando ele passa. É alto como Rob, talvez até mais alto do que meu marido, e por um momento me pergunto se foi isso que chamou minha atenção, talvez algo em seu jeito de andar, ou em seu comportamento, mas esse homem é muito mais novo do que Rob; parece ser da mesma faixa etária de Sash, não, provavelmente é mais velho do que ela, as roupas é que lhe dão uma aparência mais jovem. Ele é confiante. Seu cabelo escuro é jogado para trás quando ele levanta a cabeça, o olhar voltado para mim, e, ao fazê-lo, ele sorri, um grande sorriso que traz à tona uma lembrança, e as imagens e a realidade se fundem.

As costas nuas, o rosto sem feições oculto na sombra, porém agora ele se vira para mim, e eu consigo distinguir uma boca generosa, um enorme sorriso. Que me atrai, rouba o ar dos meus pulmões, e estendo o braço para tocá-lo, e seu sorriso se aproxima.

– Preciso ir – digo, voltando para Rose e para o café.

Rose, que ainda estava falando, levanta-se junto comigo.

– Jo, por favor, não vá embora assim! Ai, eu te deixei chateada…

– Não, não foi isso, é que preciso ir mesmo. Lembrei que preciso ir a outro lugar. Vou encontrar a Sash.

Estou agitada, desesperada para ir embora, e só consigo escapar, depois do que parece uma eternidade, porque Rose insiste em pagar pelos cafés. Quando piso na rua, aqueles passos largos já o levaram para longe. Desapontada, viro de costas para o prédio de Sash, para que ela não veja a mãe nesse péssimo estado caso olhe pela janela.

Ele simplesmente sorriu e seguiu em frente, um jovem que eu provavelmente nunca vi; no entanto, aquele sorriso me deu a impressão de que havia um segredo entre nós dois, como se as imagens do homem nu na escuridão tivessem se concretizado diante de mim, como se seu rosto finalmente tivesse sido revelado. Mas ele se foi, e eu não faço ideia de como segui-lo. Seco os olhos com um lenço que estava no bolso do casaco e me pergunto se não estou ficando louca. As visões daquelas buscas horrendas na internet sobre vítimas de traumas cranianos voltam para me assombrar. Olho para os dois lados da rua antes de caminhar hesitantemente na direção pela qual ele seguiu, mas a exaustão toma conta de mim como uma onda gélida, anestesiando meus sentidos. Tudo o que consigo fazer é colocar um pé na frente do outro até chegar ao ponto de táxi, na esquina. Olho para trás à procura de Rose e sinto alívio por não vê-la.

O percurso de volta para casa parece mais longo; minha mente e meu corpo estão exauridos. Só consigo responder a última mensagem de Rob para lhe garantir que estou bem. Pago o motorista e seguro as chaves na mão fraca para entrar no celeiro.

Arrasto-me escada acima e deito na cama. Esperava dormir imediatamente, mas meus pensamentos não se aquietam. Fecho os olhos com a expectativa de ver o homem nu, com seu rosto virado para mim, exibindo o mesmo sorriso que vi do lado de fora do café; torço para que a revelação de que ele é de carne e osso, e não apenas uma fantasia, faça uma lembrança mais nítida voltar. A verdade, por pior que seja, é melhor do que essa autoanálise perene, do que essas dúvidas. Porém, o que volta é o vislumbre de outra coisa: o rosto zombador de Rob, que desdenha meu trabalho no centro de acolhimento, diz que todos lá são drogados, que não devo perder meu tempo com eles. Viro-me de lado, fecho os olhos com mais força e abraço o travesseiro.

Por que ele não me contou sobre Rose e o centro de acolhimento? Talvez ele tenha esquecido que fui voluntária lá, mas isso me parece improvável. Ou talvez ele não soubesse disso – mas por que eu esconderia do meu marido uma

parte tão importante da minha vida?

Viro-me para o outro lado a fim de encontrar uma posição confortável. Fico de frente para a janela e de costas para o lado de Rob na cama. O céu cinza e apático, com uma nuvem pesada e estática, harmoniza com meu humor.

Preciso voltar ao centro de acolhimento para ver o que isso provoca – espero que algumas lembranças – e perguntar a Rose o que ela lembra que eu não lembro. Preciso de uma aliada. E preciso encontrar o homem que passou por mim no café, quem quer que ele seja, porque ele retornou, e seu rosto não está mais escondido nas sombras, mas virado para mim, sorrindo; meu desejo também retorna, e estendo o braço para tocá-lo, para beijar sua boca. Fecho os olhos mais uma vez e bloqueio os pensamentos que ao mesmo tempo tento conectar entre si. Será que, na tentativa de entender o passado, fiz com que eles se fundissem de algum modo? Só sei que preciso descobrir quem é aquele jovem alto de sorriso tão familiar.

Dezembro do ano passado

NOSSO NÃO TRADICIONAL ALMOÇO de domingo se arrasta e silêncios constrangedores pontuam a conversa. Sorrio para Sash, mas me distraio e me volto para Thomas, sentado ao lado dela. Ele tem algo de encantador, algo que, apesar de meus muitos receios, me deixa confusa a seu respeito. Rob, por sua vez, nitidamente o odeia e está demonstrando isso desde o instante em que Sash e o namorado chegaram. Só espero que ele deixe para expressar sua opinião desfavorável depois que os dois forem embora. Comento baixinho que está quente aqui dentro, e Rob cutuca meu cotovelo e franze o cenho, perguntando se é a menopausa.

– Não diga isso! – respondo, aborrecida por ele dizer algo assim na frente de Thomas. Aborreço-me ainda mais ao perceber o quanto me importo com isso.

Esse primeiro encontro com Thomas não está sendo nem um pouco como eu esperava. Quando Sash ligou para sugerir que eles almoçassem conosco no domingo, eu fiquei muito animada. Ela ligou na sexta à noite e acabou interrompendo uma discussão entre mim e Rob. Ultimamente ele está mais irritável, exausto com as exigências do trabalho, que parecem ocupar cada vez mais seu tempo. Também tenho andado cansada; minha nova rotina no centro de acolhimento está esgotando minhas energias. As duas horas por semana que eu inicialmente tinha oferecido já se transformaram em muitas mais, pois Rose estava "realmente desesperada" por minha ajuda. Eu poderia ter recusado, mas gosto do trabalho, e também de Rose. Também gosto da companhia de Nick, o administrador do centro. Minhas conversas com ele são menos frequentes, mas igualmente prazerosas. Nick é uma pessoa diligente, zelosa e infinitamente generosa com seu tempo comigo e com aqueles que

chegam ao centro em busca de ajuda. Nesse sentido, é muito diferente de Rob, que, logo antes da ligação de Sash, estava, como sempre, resmungando sobre o tempo que passo ajudando aquelas pessoas quando o que elas precisam mesmo é de um chute no…

Eu me joguei em cima do telefone. É tão raro o telefone fixo tocar que, catastrófica que sou, presumi que algo terrível tinha acontecido. Meus filhos sempre mandam mensagens quando têm uma notícia boa; logo, só poderia ser uma ruim.

– Quem é? – sussurrou Rob enquanto eu escutava o empolgante pedido de Sash.

– É Sash, ela quer trazê-lo aqui – articulei com os lábios.

– Quem? – perguntou ele, como se não houvesse escutado nada do que eu tinha contado sobre o novo e misterioso namorado de Sash. – O cara que estava com ela no dia do seu aniversário?

– Não, não tem problema, querida. Claro que não me importo – falei para ela e gesticulei para que Rob ficasse em silêncio pois eu estava tentando me concentrar na conversa com Sash. – Eu adapto a lasanha, faço com legumes. – De canto de olho, flagrei a expressão horrorizada de Rob. – Não, seu pai pode fazer uma refeição sem carne. Nenhum de nós vai morrer por isso. A que horas vocês chegam?

Sash terminou de combinar tudo comigo rapidamente, ansiosa para desligar e voltar para Thomas, cuja voz escutei ao fundo enquanto ela se despedia.

Rob tinha muitas perguntas sobre o rapaz. Será que vamos gostar dele? No que ele trabalha? Tendo em mente o sermão de Sash sobre nós gostarmos apenas do "nosso tipo de pessoas", expliquei a Rob que, como não tinha conhecido Thomas ainda, não sabia, mas que, pelo que Sash dissera até o momento, ele parecia uma boa pessoa. Acho que eu queria dar uma chance a Thomas, mas no fundo imaginava que eu e Rob não iríamos gostar dele, pois todos os sinais indicavam que ele não era adequado para nossa filha. Até

aquele momento, eu só sabia o pouco que conseguira tirar de Sash, isto é, que ele trabalhava em um bar e morava no apartamento que ficava em cima. Ela disse que eles se conheceram no centro de acolhimento, onde ele era voluntário como ela, mas também comentou que era muito bom que eu estivesse oferecendo um pouco do meu tempo para ajudar "pessoas como Thomas". Não perguntei nada na hora porque estava na cara que ela tinha dito mais do que gostaria, e eu não queria que Sash parasse de me contar as novidades, mas meu palpite é que Thomas foi ao centro para obter, e não oferecer, ajuda. Talvez, pensei esperançosamente, ele estivesse buscando conselhos para sua carreira, porém, agora que o conheci, ele parece não ter ambição. É gerente do bar de um amigo e tem o quê? Uns trinta e cinco anos?

Rob, sentado de frente para Sash e cutucando os legumes da lasanha, se irrita a cada palavra pronunciada por Thomas. Ele desgostou de Thomas desde o momento em que o rapaz entrou em nossa casa, de peito estufado e com seu longo braço ao redor de nossa filha. Ele parece pelo menos uma década mais velho do que ela, e é uns dois centímetros mais alto do que Rob, uma vantagem que meu marido costuma estimar. Thomas, com um sorriso excessivamente confiante no rosto, soltou de imediato um comentário positivo, porém inadequado, sobre meu vestido relativamente decotado. Fiquei muito corada, e Rob, atrás de Thomas, fez uma careta enquanto pegava o casaco com cheiro de naftalina que nosso convidado deixara na mesa do corredor. Não culpo Rob por estar irritado; Thomas está intencionalmente agindo de modo provocativo. Entretanto, precisamos aceitar que Sash o escolheu como namorado. Ou seja, precisamos fazer um esforço até ela se cansar dele, assim espero, ou ele trocá-la por outra pessoa, o que talvez seja mais provável. A paternidade ou maternidade envolve muitas injustiças, que sempre pendem para o lado do filho. Às vezes, precisamos engolir nossas opiniões e tirar o melhor da situação.

– Sash disse que você administra um bar na cidade – falo para Thomas.

Ele está sentado à minha frente na mesa de jantar. Sash tem o braço

entrelaçado no dele e só tem olhos para Thomas – ou talvez ela esteja tentando evitar as encaradas do pai. De canto de olho, confiro se Rob está se comportando; ele está com o maxilar tenso e o cenho franzido, mas pelo menos está em silêncio.

Thomas ergue o queixo e me fita por baixo da longa franja; há um silên-cio prolongado antes que ele responda.

– Sim, The Limes. Você conhece?

– Acho que sim… Fica no centro da cidade?

Me vem à cabeça um estabelecimento malconservado que mudou de nome muitas vezes ao longo dos anos, o tipo de lugar que Rob e eu jamais frequentaríamos, cheio de bêbados inveterados que ficam fumando na porta.

– Esse mesmo. Você devia passar lá para tomar um drinque. – Ele abre um sorriso confiante, quase audacioso, e depois olha para Rob. – Vocês dois.

Pego a taça de vinho e cutuco Rob.

– Seria ótimo, não é?

– O horário de trabalho deve ser complicado – murmura Rob. – Sendo um bar.

– Sim – responde Thomas. – Mas eu moro no apartamento que fica em cima, então posso dormir até tarde.

Ele sorri para Sash, que enrubesce um pouco; acho que nunca a vi assim antes. Também noto o reaparecimento de seu sorriso astucioso, uma contração no canto de seus lábios vermelho-escuros, o qual percebi pela primeira vez no parque. Ela está dormindo com ele, é óbvio. Eles estão sempre procurando maneiras de se tocar: segurando as mãos sob a mesa, braços entrelaçados. Mas sexo não significa nada. É passageiro. Olho para Rob e tento me lembrar de como éramos nessa fase de nosso relacionamento, mas faz tempo demais; camadas e mais camadas da vida obstruem minha visão do passado. Sinto uma pontada de algo parecido com inveja e olho para minha filha, com seu rosto tão jovem, tão inocente, apesar da maquiagem pesada. Quero perguntar se ela

o ama, porque sei que ele é bonito de uma maneira incomum, e charmoso, e mais velho do que ela, confiante, o que sempre é algo atraente. Por outro lado, ele não presta. *Não é possível que você não esteja vendo isso, Sash.*

– Mãe! – diz Sash para me trazer de volta à conversa. – Perguntei o que está achando do seu trabalho no centro de acolhimento.

– Faz pouco tempo que comecei, mas estou gostando. – Retribuo seu sorriso e evito a expressão de Rob, mas posso imaginá-la. – Estou bem envolvida.

Penso em Nick e Rose, no fato de que nos tornamos bons amigos em pouco tempo; às vezes me pego pensando em Nick quando estou longe dele, e sorrio do óbvio afeto que ele sente por mim.

– O que fica do lado do trabalho da Sash? – pergunta Thomas, servindo-se de salada.

– Sim, vocês dois se conheceram lá, não foi? – Evito o olhar dele e me fixo em minha filha.

Percebo o constrangimento de Sash ao dizer que sim, e ela não fala mais nada. Não conta nenhuma história romântica sobre como seus olhares se cruzaram enquanto lavavam a louça. Está na cara que Thomas tem um passado. É fácil deduzir o real motivo por que ele estava no centro de acolhimento; com certeza, não foi para ser voluntário. Olho para Rob, cujo maxilar está ainda mais tenso, e imploro silenciosamente que ele suprima sua opinião. Ele já desaprova meu trabalho voluntário e agora tem mais um motivo para odiar o lugar, pois foi por lá que Thomas entrou em nossas vidas. Percebo que Sash, com um sorriso afetado congelado no rosto, também olha para o pai.

– Você ainda faz trabalho voluntário lá? – pergunto a Thomas, e lhe ofereço uma *focaccia*, embora minha pergunta seja uma indireta, e não o tipo de pergunta que se faz para puxar assunto. – Acho que nunca te vi por lá.

– Foi o que me ajudou a atravessar dias sombrios – diz ele

enigmaticamente.

Ele não está minimamente abalado com minha escavação de seu passado, nem preocupado com a evidente vergonha de Sash, que encara a comida com as bochechas pegando fogo.

– O que você quer dizer com isso? – pergunta Rob. – *Dias sombrios?*

Thomas ignora Rob e me diz que faz tempo que não passa no centro porque tem estado "muito ocupado" com o trabalho. Ele olha para Sash e aproxima o rosto do dela.

– E esta aqui me mantém ocupado em casa.

– Thomas, não! – Ela ri, mas percebo que está constrangida.

Thomas olha para mim.

– Mas parabéns, Jo. Precisamos mesmo retribuir um pouco. – Ele olha ao redor: a cozinha projetada, o banquete digno de um bacanal, depois fixa o olhar em Rob. – A gente tem tanta coisa. Chega a ser imoral, não acha?

– Alguma notícia do maninho? – pergunta Sash antes que seu pai tenha tempo de responder.

– Não muita – digo. – Ele tem falado com você?

– Claro que não! Fin não me manda mensagem – responde Sash no tom de voz que usa a qualquer menção ao irmão. – Mas falei para ele ligar para você!

– Talvez haja uma garota na história – respondo, sorrindo para Sash.

Fin sempre foi tímido demais para convidar alguém para sair, mas sei que ele tinha muitas admiradoras.

– Ou *garoto* – corrige Thomas, e seu sorriso desaparece temporariamente, substituído por uma expressão séria. – É importante dar a seu filho a liberdade para explorar sua sexualidade.

– Mas que por… – diz Rob, endireitando-se na cadeira, porém Sash o interrompe de novo

– Ah, mãe! Quase esqueci seu presente. – Ela alcança a mochila a seus pés.

– Desculpe por ter perdido o jantar…

– Não tem problema. – Desvio o olhar.

Nas duas últimas semanas, tentei justificar para mim mesma sua mentira, mas sua atitude de dizer que estava passando mal demais para me ver no meu aniversário quando na verdade tinha um programa melhor é realmente indesculpável. Desde então, não a questionei a respeito disso, embora Rob tenha sugerido que eu deveria fazê-lo se ainda estivesse chateada. Sim, sem nenhum cartão nem presente atrasado, a mágoa continuou, mas me pareceu que cutucar essa ferida não adiantaria muito; o dano já havia sido feito. Acho que fiquei esperando que partisse dela a decisão de resolver as coisas. Pego da mão de Sash a sacola de presente e espio dentro.

– Um livro?

– Não é apenas um livro – responde ela, a expressão cheia de expectativa. – É um livro *incrível*!

Ela me diz para ler o cartão, e noto que é um presente de ambos; a esperada consideração por meu aniversário ignorado logo perde o brilho. Thomas sorri, balança a cabeça e se inclina para beijar minha filha de novo. Desvio o olhar; as sucessivas demonstrações de afeto estão se tornando cansativas. Rob e eu trocamos um olhar exasperado.

– É um livro de autoajuda – comento após tirar o livro da sacola e virá-lo para ler a contracapa.

– Thomas me emprestou o dele e eu li em uma noite, mãe – explica Sash, afastando-se das investidas contínuas de Thomas. – Você passa a pensar de uma maneira totalmente diferente. É muito empoderador. Você devia ler também, pai. – Ela olha para Rob, que está digitando no celular, provavelmente uma mensagem, dado o rápido movimento de seu dedão sobre as teclas.

Eu havia pedido que ele não trouxesse o celular para a mesa, pois seu trabalho tem se tornado mais invasivo ultimamente, mas se isso vai manter a

paz, posso aturar por ora.

– É sobre o quê? – pergunta Rob, colocando o celular de lado e pegando o livro de mim. – Alguma bobagem feminista, pelo jeito.

– Você não é feminista, Rob? – Com o queixo apoiado na palma da mão, Thomas se inclina para Rob e o encara por debaixo da franja escura. – Eu tenho orgulho de dizer que sou.

– Aposto que sim. – Rob também se inclina para a frente.

– Mais lasanha vegetariana, pessoal? – pergunto com uma voz inesperadamente aguda. – Tem bastante ainda.

– Não, obrigado – responde Thomas, que relaxa na cadeira e quase encosta seu pé no meu sob a mesa; eu recolho meu pé descalço para baixo do assento. – Estou satisfeito – diz ele, claramente se divertindo com minha reação.

– Então é hora da sobremesa – falo e me levanto. – Fiz salada de frutas tropicais. Espero que todos gostem.

– Por mim, está ótimo – responde Sash, que passa a me ajudar a tirar a mesa. – Fala para o papai pegar leve – ela sussurra ao me entregar os pratos sujos para colocar na lava-louça; nós duas mantemos a cabeça encurvada enquanto sussurramos uma para a outra. – Ele está sendo bem difícil. Como sempre.

Olho para Rob, de costas para mim, e relanceio Thomas. Os dois estão em silêncio na mesa; a ampla cozinha-sala de jantar crepita com a tensão.

– Thomas está provocando seu pai – sussurro em resposta.

Sash revira os olhos e me diz, em seu tom *você-só-está-sendo-chata*, que Thomas está sendo ótimo; encantador, de fato. Pelo jeito, ele já está fazendo muito de estar aqui. Não costuma fazer essa cena de conhecer os pais, mas sabe que é importante para Sash que gostemos dele. Encaro Sash, ainda tão jovem, sua expressão evidentemente decepcionada.

– Desculpe – respondo e acaricio sua bochecha. – Vou me esforçar mais.

– Não é você. Mas você também está um pouco estranha. – Ela aponta

para a nuca do pai. – É ele.

– Quem quer sobremesa? – Levo a tigela de cristal até a mesa. – Sash, pode pegar o pote de creme de leite fresco na geladeira, querida?

– Não vou querer creme – diz Thomas. – A não ser que tenha de coco ou de soja, tem?

– Não, desculpe – respondo, olhando para Sash.

– Desculpe – diz ela para Thomas antes de colocar a tigela diante do pai com tanta força que olho para ele para me certificar que o creme grosso não o sujou.

– O que foi? – pergunta Rob, e eu balanço a cabeça e falo que não foi nada.

– O queijo e o leite na lasanha também não eram veganos – diz Sash para Thomas. – Obrigada por comer, lindo. – Ela sorri para o namorado, como se ele tivesse feito um grande sacrifício por ela.

– Você pareceu gostar da comida – salienta Rob.

– Eu estava sendo educado – responde Thomas.

– Oh, educado é algo que você não é, Thomas. – Rob olha-o nos olhos.

– Rob, não! – digo, lançando um olhar de advertência, porém Rob ainda não terminou.

– Você flerta com a minha esposa, toma o meu vinho, dorme com a minha filha, mas torce o nariz para a nossa comida? É muita ousadia! – Ele se recosta na cadeira e cruza os braços, os olhos quase fechados.

– Pai! – diz Sash, horrorizada.

– Alguém quer salada de frutas? – pergunto, e me dou conta do ridículo dessas palavras ao mesmo tempo que as pronuncio. Thomas é o único que me olha, já que Sash continua encarando o pai.

– Desculpe, mãe. É melhor a gente ir – avisa ela, levantando-se. – Está na cara que abusamos da receptividade de vocês.

– Mas você ainda nem viu o que fizemos no quarto – digo, implorando a

ela que fique, mas Sash mantém a cabeça baixa conforme se retira da sala, de modo a evitar olhar para mim.

Thomas dá de ombros e também se levanta. Seus movimentos são langorosos, como se seus longos membros precisassem ser alongados e desenrolados. Sua atuação se dirige apenas a mim, pois Rob permanece na mesma posição, de braços cruzados e olhos praticamente fechados; seu único movimento é uma leve batida do pé na perna da mesa.

– O almoço estava ótimo, Jo – diz Thomas enquanto segue Sash. – Espero que a gente se veja em breve.

Escuto os grandes botões de seu casaco retinirem no pilar da escada quando ele o pega na extremidade do corrimão, onde Rob o pendurou. Em seguida, Thomas murmura algo para Sash, que já abriu a porta da frente; o ar frio chega até mim e Rob na cozinha. Há um momento de silêncio, seguido do forte estrondo da porta pesada se fechando.

– Rob, faça alguma coisa! – digo para ele. – Não podemos deixar os dois irem embora assim!

De início, acho que ele não vai se mexer, pois os braços continuam firmemente cruzados sobre o peito e o queixo continua abaixado, mas então ele salta da cadeira e sai correndo da cozinha. Arrependo-me imediatamente de ter pedido para ele ir atrás dos dois. Também saio correndo, implorando que pare, dizendo que ele só vai piorar as coisas, mas Rob escancara a porta recém-fechada e sai antes que eu consiga detê-lo.

Escuto-o gritar:

– Deixe minha filha em paz, seu imprestável!

Alcanço a porta da frente e assisto ao desenrolar da cena, com meus pés descalços pregados no degrau gélido, como se o fato de eu me aventurar no cascalho coberto de gelo fosse uma demonstração de apoio a Rob. Olho para Sash, que, sentada atrás do volante de seu carro, observa o pai e o namorado se encararem. Rob agarra a lapela do casaco carcomido de Thomas com uma

mão, enquanto a outra se cerra em punho. Thomas sorri para ele em um claro desafio a desferir o primeiro murro.

– O que você quer? – pergunta Rob, cujas palavras são engrossadas pela saliva. Seu rosto está a um centímetro do insuportável sorriso de Thomas. – É dinheiro? Quanto você quer?

– Pai, não! – Sash sai do carro e corre até eles, gritando: – Largue-o! Não acredito que você fez isso! Odeio tanto você!

Também grito:

– Não, Sash! Deixe os dois! Você vai se machucar!

Corro sobre o cascalho pontiagudo até ela, que tenta soltar a mão do pai do casaco de Thomas.

Thomas afasta Rob com facilidade e depois envolve Sash em um abraço para protegê-la. Ela afunda o rosto no peito dele, que tem as mãos enterradas em seu cabelo, cujos longos cachos loiros, em contraste com o preto do imenso casaco de Thomas, se derramam sobre os dois como cordas de seda a uni-los. Ela chora de soluçar no peito dele; Sash já não precisa de mim ou do pai. Rob se afasta, com os punhos ainda cerrados nas laterais do corpo, e, quando se vira para mim, percebo que está destruído.

– Vem, vamos entrar – digo, dando um passo à frente para segurar seu braço. – Depois a gente resolve isso. Entre, está muito frio aqui fora.

Ele me olha e percebo que minhas palavras penetraram em seu desespero; sua expressão passa a ser de total humilhação. Ele se desvencilha de mim e volta para dentro de casa.

– Sash, querida.

Eu me aproximo dela, mas o abraço de Thomas é tão apertado que receio que ela não vá me escutar. Então, ela se vira, olha para mim como se eu não existisse e caminha até o carro, abaixando a cabeça para entrar. Thomas entra do lado do passageiro, os joelhos quase encostando no queixo devido ao espaço pequeno, e eles partem. O Fiat azul se afasta velozmente. O último

vislumbre que tenho é do rosto de Thomas na janela e de seu sorriso dissimulado se alargando.

9

Cinco dias após a queda

EU TINHA ME ESQUECIDO da visita de Sash; só lembrei ao escutar seu carro, um pouco mais veloz do que eu gostaria como denunciam os pneus cantando no cascalho, e a música alta que ele expele quando ela abre a porta. Rob mencionou que ela passaria em casa em seu intervalo de almoço para ver como eu estou, mas quando ele saiu para trabalhar era tão cedo que mal assimilei suas palavras, especialmente depois que cobri minha cabeça com o edredom para não escutá-las. Eu estava exausta, sim, mas, desde meu encontro com Rose ontem, minha desconfiança em relação a Rob se intensificou, e fiquei mais retraída ainda. Eu poderia ter perguntado diretamente a Rob por que ele não me falou nada sobre o centro de acolhimento, porém eu não fazia ideia de como formular uma acusação que me parece tão incerta. Ou Rob sabia que eu era voluntária lá e escondeu isso de mim de propósito, ou ele não sabia nada sobre, o que significa que era um segredo que eu guardava dele. Decidi que é melhor descobrir o cenário correto antes de abordá-lo. Há tantas coisas em minha cabeça que preciso organizar. Preciso lidar com um problema de cada vez, particularmente a questão inquietante do homem que vi através da janela do café.

Escuto o barulho de uma chave na porta e depois o chamado de Sash:

– Mãe? Está vestida?

– Ainda estou na cama. Suba aqui.

Ajeito com as mãos o cabelo bagunçado e passo a língua nos dentes, que não escovei. Tomo um susto ao olhar para os números em neon no desper-

tador de Rob e constatar que já é de tarde.

– Sua preguiçosa, esqueceu que eu ia vir? – pergunta Sash, cujas botas pesadas marcam seu avanço pelo quarto até a janela, passando pela cama.

Ainda estou chocada com a aparência de Sash; a lembrança que tenho e a realidade são muito discrepantes. Sinto falta das mechas sedosas de seu cabelo que escorriam por meus dedos e de seu rosto sem maquiagem, com sua cor natural, infinitamente preferível aos tons fortes que ela anda usando. Ela também deu uma encorpada; está mais mulher do que menina. Já o fato de ela assumir responsabilidades não me incomoda; vê-la preocupada comigo é uma novidade.

– Tive uma lesão no cérebro, tenho direito de esquecer algumas coisas – respondo, sentando-me na cama. Sorrio ao observar para mim mesma que ela ainda é *minha menina*, apesar das tentativas rebeldes de cobrir sua beleza natural. – E de ser preguiçosa também. – Semicerro os olhos à luz forte do sol depois que Sash abre a persiana. – Estou convalescendo.

– Não posso ficar muito tempo. O que quer fazer primeiro, comer ou tomar banho?

– Não precisava vir, eu estou bem. – Sorrio para ela. – Ou seu pai te obrigou a vir?

– Como assim? – Ela começa a arrumar a cama depois que me levanto.

Embora seu olhar esteja fixo no travesseiro que ela está afofando, percebo a tensão em sua voz.

Respondo que não é nada. Que estou feliz que ela esteja aqui.

– Me conte sobre o apartamento – digo, vestindo o robe por cima da camisola. – Ouvi falar que é ótimo.

Ela recolhe as roupas que usei ontem, espalhadas pelo chão.

– Papai contou do meu novo apartamento? – Ela olha para mim.

– Sim, claro. Por que não contaria?

Ela dá de ombros.

– Não sei. Sim, é ótimo. Você precisa nos visitar de novo em breve.

Hesito com a palavra "nos", pressentindo, como Rob disse, nossa resistência em relação ao novo namorado dela. Ou talvez seja apenas a sensação de exclusão que essa palavra desperta em mim.

– Também preciso conhecer o Thomas – digo, e Sash hesita antes de estender o braço para pegar meu sapato no chão. – Sei que não o aprovamos no início – digo, e ela me encara. – Mas aquilo já é passado, não é?

Sash se senta na beira da cama.

– Você o conheceu. Encontrou com ele umas duas vezes, na verdade. – Ela tira a mochila das costas, saca o celular e rola as fotos na tela. – É ele – diz ela, entregando-me o telefone. – Isso desperta alguma lembrança?

A imagem na tela é de um casal risonho, Sash e Thomas, ele alto atrás dela, o queixo apoiado no topo de seu cabelo curto, ela um pouco encurvada por conta da posição. A boca de Thomas está aberta em um sorriso largo sob a franja escura e grossa que cobre quase totalmente seus olhos, e um de seus braços circunda os ombros de Sash; o outro não aparece na foto, provavelmente porque foi usado para tirá-la.

– Não é a melhor foto do mundo – diz Sash. – O Thomas não gosta de tirar foto. Precisei implorar para tirar essa para guardar, e ele ficou fazendo graça. Como você bem pode ver.

Olho a fotografia de novo. Eu o vi por não mais do que poucos segundos através da janela do café, e ele andava rapidamente. Mas aquele sorriso. *Meu Deus, aquele sorriso*. Fecho os olhos e os abro novamente, na esperança de ter me enganado, mas o homem na foto é, sim, o mesmo que vi do lado de fora do café.

– Você se lembra dele? – pergunta ela, pegando o celular de minha mão.

Quero tomar o aparelho de volta, ver novamente a foto, enxergar alguém diferente, mas o celular já foi guardado na mochila. Olho para minhas mãos vazias, como se a imagem nunca tivesse estado nelas. Mas esteve. Não posso

fingir que não vi o que agora eu sei.

– Mãe? – Sash abana a mão na frente do meu rosto. – Oi? Tem alguém aí?

Balanço a cabeça; não confio em mim o suficiente para falar. Minhas lembranças estão fragmentadas, espalhadas, conectadas entre si de maneiras bizarras: a foto, o homem do lado de fora do café, o homem nu se virando para mim em meus sonhos, com aquele mesmo sorriso nos lábios. Tento convencer a mim mesma de que isso não significa nada, é apenas uma foto de um homem que não conheço, um homem de quem me lembro porque é o namorado de Sash, porém a sensação de medo, de pavor, é mais intensa do que nunca. Sash está falando de novo, me perguntando sobre o *check-up* que fiz ontem à noite no hospital; o pai dela disse que tudo correu bem, que meu médico ficou satisfeito comigo. Ainda falando, ela se levanta e começa a arrumar a bagunça no chão. Está segurando minha meia-calça e minha blusa quando se vira de novo para mim.

– Mãe? O que foi?

– Estou bem, de verdade. – Me recomponho um pouco, e ela se senta a meu lado na cama. Seguro sua mão e passo o dedão em sua palma.

– Você está escondendo alguma coisa? Algo que o médico falou?

Olho para ela, cujo rosto exibe preocupação.

– Não, claro que não, é só…

– Mãe, estou ficando assustada. O que foi?

– Não foi nada. – Desvio o olhar. – Eu só queria me lembrar de mais coisas. Está tudo muito confuso.

– Falou isso para o médico? – Sua mão continua na minha, mas sinto sua resistência e logo ela a afasta.

– Ele disse que é perfeitamente normal se sentir um pouco… sabe… – Olho para ela e sorrio. – Perdida.

Ela pergunta se o médico nos deu algum conselho; coisas que podemos fazer para ajudar as lembranças a voltarem.

– Apenas esperar – digo, mas essa resposta é um tanto econômica, pois o médico nos sugeriu algumas alternativas para explorar, as quais Rob rejeitou de imediato.

Eu sabia que ele resistiria à ideia de eu conversar sobre nossas questões com desconhecidos; como sempre, sua aversão a "psicoterapias" foi acompanhada de aspas com as mãos e da afirmação de que resolveremos tudo "só nós dois", uma frase que acho cada vez mais irritante – essas palavras possuem um efeito limitante quase físico. Parece que ele preferiria me ver assim para sempre, como se a perda de memória fosse algo sem importância, um mero detalhe da minha recuperação agora que estou muito melhor fisicamente. Comentei isso, e ele respondeu que não estava gostando muito do meu comportamento pós-queda, mas logo se desculpou. Não nos falamos muito depois. O caminho do hospital até aqui foi predominantemente silencioso; as poucas falas foram repletas de entrelinhas.

– E você ainda não lembra de nada que aconteceu depois que o Fin foi para a universidade? – pergunta Sash.

Digo que lembrei que tomava café e usava o laptop na sala de estar. Ah, e que tinha congelado molho de macarrão. Tento lembrar se tem mais alguma coisa que eu possa compartilhar, mas concluo que não.

Sash sorri.

– Só coisa útil, então! Não tem nada que você possa fazer além de esperar?

Astuta como sempre, Sash percebeu minha vacilação.

– Orientação psicológica. Ou grupos de apoio – respondo, lembrando-me da reação negativa de Rob a essas sugestões. – O médico me falou de um grupo sobre lesão cerebral que se encontra uma vez por semana na cidade. É hoje à tarde, aliás.

– Que horas? – Sash confere o relógio. – Posso te levar, se você não se incomodar em voltar de táxi.

Ontem eu sabia o horário, o médico nos falou, mas a informação já

desapareceu. Minha frustração vem à tona ao tentar me lembrar. Sash diz para eu não me preocupar, ela pode pesquisar no celular; eles certamente têm um site.

– Não precisa – digo. – Nem sei se quero ir.

– É só às duas e meia. Você teria que pegar táxi para ir e para voltar, mas não é um problema. Desde que você queira ir. Quer?

Ela sorri para mim como se o assunto estivesse resolvido. Às vezes, Sash é muito parecida com o pai, acha que tudo é uma questão de logística.

– Não sei, Sash. Seu pai acha que é perda de tempo. – É muito mais fácil para mim colocar a culpa da minha resistência na desaprovação de Rob, em vez de admitir os meus próprios medos: as imagens das minhas buscas anteriores na internet povoam o grupo de apoio com uma coleção grotesca de vítimas fictícias.

– Porra, mãe! – Ela se levanta da cama e anda de um lado para o outro no quarto, as botas fazendo um barulho surdo no chão de madeira. – Você precisa tomar uma atitude pelo menos uma vez na vida! Se quer ir no grupo de apoio, vai! Foda-se o que ele acha!

– Não grite, querida – peço; minha dor de cabeça volta com seu berro. – E não fale palavrão.

Sash parece ignorar meus comentários, mas, quando volta a falar, é em um tom mais baixo, e os palavrões desaparecem.

– Talvez você odeie, mas só vai saber se for. – Ela sorri para mim, porém com a cabeça inclinada, como se estivesse com pena. – Você precisa fazer alguma coisa, mãe. Acho que está ficando deprimida.

– Ah, Sash, você é sempre tão dramática.

Retribuo o sorriso, mas ela fica séria.

– Estou falando sério, mãe. Ficar deitada na cama o dia inteiro é um péssimo sinal. Então, quer comer ou tomar banho primeiro?

Após a visita de Sash, me sinto um pouco melhor, embora minha sensação

de bem-estar só se faça agradável quando consigo tirar da cabeça a imagem da foto de Thomas. Ao menos a dor de cabeça não está tão intensa agora, anestesiada pelos analgésicos que Sash me deu antes de voltar correndo para o trabalho. Ela insistiu que eu comesse um sanduíche que ela mesma fez, que eu me levantasse e tomasse uma ducha; até deixou algumas roupas limpas na cama para mim. Gostei da sua atitude de assumir o comando das coisas, a qual parecia ter uma motivação diferente do excesso de atenção de Rob. Lembrando agora da vigilância dele, envio-lhe uma mensagem para dizer que estou bem, apenas cansada depois da visita de Sash; ele não precisa surtar se não tiver notícias minhas pelas próximas horas, pois devo passar o resto da tarde dormindo. Achei que iria me sentir pior do que já me sinto ao mentir para ele, mas talvez meu instinto de preservação esteja falando mais alto do que minha consciência, e, após criar coragem e decidir ir à reunião do grupo de apoio, preciso garantir que ele não tentará me impedir.

Prometi a Sash que chamaria um táxi, porém me parece uma tolice, já que meu carro está logo ali. Como Sash disse, eu preciso tomar uma atitude e, depois da intransigência de Rob ontem à noite, sinto que desafiar suas regras é algo totalmente justificado. Além disso, toda vez que fecho os olhos, vejo a foto de Thomas, e um milhão de perguntas surgem. Preciso de algo que me distraia, algo positivo, proativo.

Pego as chaves e tranco a casa. Tranquilizo-me quando aperto o botão do controle e meu carro se destranca com um bipe. Seu interior tem um cheiro familiar, uma mistura do estofado novo com vestígios do meu perfume preferido, o que me faz sentir verdadeiramente independente pela primeira vez desde a queda. Escuto o ronco do motor na primeira tentativa de ligá-lo, apesar de não ser usado há dias, e examino o carro à procura de algo que me ofereça pistas do passado, mas ele está imaculado como sempre. Me visualizo amassando recibos de estacionamento e jogando-os na lixeira da entrada da casa, exatamente como Rob deve ter feito com meu celular quebrado. Solto o freio de mão e manobro o carro lentamente pela garagem; nenhuma ação que

faço me parece natural, muito embora eu provavelmente tenha dirigido pela última vez apenas alguns dias atrás. O pânico que forma uma bola em minha garganta é repentino e inesperado e me faz tossir. Puxo o freio de mão, paro por um instante para me recompor, porém o medo me domina mais uma vez. E se eu não conseguir? Penso na ambulância que me levou na noite da queda, penso no táxi que chamei para me levar até meu encontro com Rose, no centro. Sem dirigir, sou uma prisioneira aqui em cima, dependente dos outros, especialmente de Rob. Preciso fazer isso. Respiro fundo e tento pensar na última vez que usei o carro. Eram dezoito e dois quando eu caí. Deve ter sido mais ou menos na hora em que Rob chegou do trabalho, não muito depois. Talvez eu tenha dirigido naquele dia, talvez tenha visitado o centro de acolhimento ou… Fecho os olhos, respiro profundamente e afasto a imagem das costas nuas, do sorriso, do beijo… Preciso me concentrar. Eu consigo fazer isso.

O percurso para sair do celeiro, uma faixa de mão única que desce pela colina, não é fácil. Alguns trechos permitem a passagem de outro carro, mas, como dar ré na inclinação estreita é sempre difícil, é melhor não encontrar ninguém. Aliviada por chegar ao cruzamento que marca o final desse percurso, relaxo um pouco a mão que apertava o volante e dou seta para a esquerda, a fim de pegar a estrada principal que leva à cidade. Já entrei nessa via milhares de vezes, mas, quanto mais espero, mais minha cabeça lateja e mais desconfio do meu próprio discernimento. Fico observando o trânsito, um carro após o outro, caminhões. De quanto tempo eu preciso? Hesito por tempo demais e, quando parto, é com uma arrancada na suspensão e no meu estômago, mais um ato de fé do que uma decisão premeditada. Uma van surge do nada, despeja os faróis sobre mim, mas não desacelera. Ergo a mão em um pedido de desculpa e dirijo o mais rápido possível, porém ele acelera, e meu espelho retrovisor estampa sua nítida agressividade; ele está tão perto! Ganho velocidade à medida que a descida fica mais íngreme, embora meu velocímetro já esteja no limite da via. Avisto uma entrada à direita – não é a minha, será por

pouco, mas acho que consigo virar. Canto pneu na curva, roço o meio-fio e então piso no freio para parar no acostamento. A buzinada final esvaece atrás de mim.

Ainda agarrada ao volante, deixo a cabeça pender para a frente e tento controlar o pânico. Rob tinha razão, eu não deveria ter dirigido. Ergo a cabeça e olho ao redor; minhas mãos estão trêmulas, mas eu estou ilesa e o carro também. Era o motorista da van que estava errado, não eu. Ele deveria ter mantido mais distância, me dado o espaço necessário. O centro comunitário fica próximo. Eu consigo fazer isso. Respiro fundo, enxugo os olhos e volto a dirigir.

Quando chego, a reunião do grupo de apoio já está em curso. As portas duplas estão firmemente trancadas, mas vejo as pessoas lá dentro; ninguém ouve minha leve batida no vidro. Espero sem saber se devo interromper a reunião ou ir embora antes que minha presença seja notada. No entanto, o jovem que parece estar comandando o encontro me vê, sorri e acena enquanto caminha na minha direção.

– Oi – diz ele após abrir a porta. Está com uma roupa casual, jeans e camiseta, e exibe um sorriso acolhedor. – Posso ajudá-la?

– Não sei, meu médico, o doutor… – Me interrompo para tentar lembrar o nome do médico. – Desculpe, é um sobrenome diferente, acho que indiano.

– O doutor Agrawal? – pergunta ele, e eu respondo que sim, acho que sim, e imagino que seu trabalho o obrigue a concluir várias frases. Ele comenta que o dr. Agrawal é um grande apoiador do grupo e então se apresenta, diz que se chama Matt. – E você, como se chama? – Matt, ainda sorrindo, tem as mãos no fundo dos bolsos da calça, o que joga seus ombros estreitos para cima, e o pé na porta, para mantê-la aberta.

– Ah, desculpe! Eu me chamo Joanne Harding, Jo.

– Oi, Jo. Parabéns por ter vindo, essa é a parte difícil. Entre, venha conhecer os outros, não tem nada assustador aqui, prometo.

Quando nos aproximamos dos participantes, Matt, em tom de brincadeira, pede-lhes que confirmem que todos são amigáveis – bem, a maioria – e faz piada com dois rapazes sentados lado a lado no fim do semicírculo. As cadeiras são reorganizadas e uma é acrescentada para mim; não na ponta como eu esperava, mas bem no meio, ao lado de Matt. Durante essa movimentação, sinto respeito e afeto por mim nas interações, e um carinho óbvio entre Matt e o grupo. Ele me apresenta e pede que eu explique por que vim até aqui hoje, apenas algumas palavras, não preciso me preocupar, e todos os olhares se voltam para mim.

– Oi. – Limpo a garganta, que de repente ficou seca. – Bem, eu não sei o que esperar, nem sei se me qualifico…

Matt me interrompe com uma mão erguida e os dedos espalhados, mas não de maneira ameaçadora.

– Apenas conte por que está aqui, Jo. Pode compartilhar o quanto quiser, muito ou pouco, não importa.

– Eu me chamo Jo. – Tusso de novo. – Sofri uma lesão cerebral caindo na escada.

Matt inclina-se para a frente.

– Faz quanto tempo, Jo?

– Uma semana. – Faço uma pausa para lembrar com exatidão. – Acho que… Talvez menos… Uns cinco dias.

– É muito recente. Parabéns por sua recuperação até agora.

– Obrigada. – Sorrio e me sinto reconfortada pela serenidade de Matt.

– E como você está se sentindo hoje?

– Melhor, mas perdi um ano inteiro. Não tenho nenhuma lembrança dele… Bem, praticamente nenhuma.

– Isso deve ser horrível – observa uma senhora sentada na ponta oposta à dos rapazes. – Eu sou esquecida, mas um ano inteiro!

– Sim, é horrível – respondo, e me viro para sorrir para ela. – Todos ficam

me dizendo que as lembranças vão voltar, com a intenção de me tranquilizar, imagino. Mas parece que isso não importa tanto agora que eu estou melhor fisicamente.

Matt faz que sim com a cabeça.

– Infelizmente, esse é um problema muito comum. Quando as pessoas não conseguem ver o que você está enfrentando, fica muito mais difícil para elas se compadecerem, mas isso ainda está bem no começo para você.

– Minha namorada me deixou – diz o motoqueiro com roupa de couro à minha direita, e seu colega ri quando ele complementa: – Disse que eu era pirado.

– Foi porque o acidente te deixou louco de tesão – brinca o colega dele.

Todos riem, menos a senhora, que sussurra para a loira ao lado:

– O que ele disse?

– Certo, pessoal – diz Matt. – Esse momento é da Jo. Apenas conte para a gente como você está se sentindo, Jo.

E é o que faço: em poucas e curtas frases, falo sobre tudo, o medo, a confusão, a dor, e cada palavra é recebida com acenos de cabeça e com manifestações de apoio. Embora esteja chorando, é o momento em que me sinto melhor desde o fato. Depois, escuto os demais e, mais uma vez, a primeira desde que acordei no hospital, me sinto afortunada em comparação a eles. Estou exausta, minha cabeça lateja, mas ao menos por alguns minutos encontrei uma compreensão genuína da minha situação. Nós nos reunimos na cozinha, ao redor de uma mesa com xícaras de chá e pratos com biscoitos, e eu aceito tanto um quanto outro com gratidão. Agora que a tensão saiu do meu corpo, estou trêmula e meio tonta. Penso em Rose e no café doce e coloco mais uma colher de açúcar em meu chá.

– Você está bem, querida? – pergunta a senhora que se compadeceu quando comecei a falar da perda de memória. Depois que terminei, ela compartilhou com todos nós suas próprias preocupações com o esquecimento

cada vez maior: "Não sei se é a lesão cerebral ou só a idade".

– Estou sim, obrigada – dou minha resposta-padrão, porém penso melhor. – Na verdade, vir aqui demandou um grande esforço. Foi a primeira vez que dirigi desde que caí, e me assustei um pouco no caminho até aqui.

– Você está se saindo muito bem. Muito bem.

– Obrigada, você também – digo e observo-a se despedir dos demais, subir o zíper de sua parca cor-de-rosa e abrir a porta de saída.

– O que achou? – pergunta Matt, juntando-se a mim. – Pretende voltar?

– Foi bom. – Pego mais um biscoito no prato ao lado da minha xícara de chá. – Vocês são muito acolhedores.

– Está melhor por ter encontrado companhia, pessoas que estão passando pelo mesmo tipo de problema que você?

– Sim, com certeza, mas ainda me sinto uma fraude por ter tomado o tempo delas.

Escutei histórias sobre comas que duraram semanas ou até meses, de batalhas para voltar a andar, voltar a falar. Casos de perda de emprego, separação, problemas financeiros, efeitos colaterais drásticos dos remédios, enfim, de vidas afetadas em todos os aspectos pelas lesões. Meus problemas parecem irrelevantes em comparação. Não preciso processar um empregador para obter a aposentadoria por invalidez, nem reaprender a escrever meu nome, nem espalhar bilhetes pela cozinha para lembrar como se faz uma xícara de chá.

A expressão de Matt adquire um ar profissional.

– Não é uma questão de quem merece mais compaixão ou de quem tem o pior caso. Vocês todos estão passando por um período de difícil recuperação, e cada um enfrenta desafios diferentes, mas todos têm algo em comum. É importante que você não trivialize suas preocupações. Estamos aqui para escutar e para nos apoiar. Depois da minha lesão cerebral…

– Ah, imaginei que você fosse o orientador psicológico – digo, cobrindo a

boca com a mão para mastigar o terceiro biscoito.

– E sou. – Ele vira a cabeça para me mostrar uma cicatriz branca que se estende pela parte de trás de sua orelha até o começo do cabelo. – Sofri um acidente esquiando, estava sem capacete e bati numa árvore, precisei ser operado de emergência para remover um coágulo. Passei seis meses sem conseguir andar. Eu era um instrutor de autoescola que já não podia dirigir, então me capacitei em outra profissão.

– Caramba, que incrível! – digo, engolindo o biscoito. – Eu jamais adivinharia.

– É exatamente essa a questão, Jo. Nossas lesões perdem a força, ficam quase invisíveis para os outros, mas não para nós mesmos. É por isso que precisamos encontrar um lugar como este, onde as pessoas entendem como é.

Ele se aproxima dos rapazes brincalhões, que começaram a jogar biscoitos um no outro, e, agora que me mostrou, acho sua cicatriz mais perceptível, e também noto que ele manca.

– Matt é ótimo, não é? – diz alguém atrás de mim.

A voz me soa familiar; ouvi sua história no grupo, contada com palavras lentas e serenas, com uma transição arrastada entre elas, porém só as associo a um rosto quando me viro. E me lembro dela de imediato: a loira alegre que fraturou várias vértebras e o crânio ao mergulhar na parte rasa de uma piscina.

– Sim, ele parece muito competente – respondo, olhando de novo para Matt. – Não sabia que ele também tinha passado por isso.

– Só dá para saber pela cicatriz, né? – Ela se volta para Matt, que se vira e sorri para nós. – Ele é mesmo incrível.

Ela se ajeita para se encostar no balcão da cozinha, equilibrando as muletas logo atrás de si.

– *Você também* – digo, e depois olho ao redor. – Todos vocês.

– Quer dizer que gostou da gente? – Ela bebe seu chá. – Vai voltar?

– Talvez. – Me pergunto a mesma coisa e descubro uma resposta diferente

da que imaginava. Estou feliz por ter vindo, por ter tido algumas horas de distração das minhas próprias dificuldades, por ter, talvez, ganhado uma nova perspectiva e também um pouco de independência, mas acho que já decidi que isso não é para mim. Tenho muitas outras coisas que exigem minha atenção, mas quem sabe um dia, se eu ainda precisar. Esse pensamento me desanima no mesmo instante; a esperança de que minha memória volte logo evapora quando me dou conta de que essas coisas demoram bastante. – Espero não precisar – falo, e tiro o olhar da xícara de chá e, ainda no meio do pensamento, percebo que devo ter soado rude. – Desculpe, eu não quis dizer…

– No início é frustrante, você acha que tudo vai se encaixar num passe de mágica – diz, aparentemente inabalada com o meu comentário, ou com as palavras arrastadas que ela se esforça para formar corretamente. Ela comentou com o grupo, comigo particularmente, que é muito pior quando está cansada. – Antes eu achava que acordaria uma bela manhã – ela para e coloca a xícara habilmente no pires – e tudo teria voltado a ser como antes, mas isso demora. – Limpa os dentes superiores com a língua, preocupada, imagino, que o batom claro os tenha manchado assim como fez com a xícara branca. – Você precisa ter paciência. Quando acho que me lembrei de tudo, alguma coisa acontece e eu recupero mais uma parte, mais uma peça do quebra-cabeça.

– Você também teve perda de memória?

– Foram três meses para mim. Eu achava que estávamos no Natal, mas já era quase Páscoa. – Ela abre um sorriso contagiante.

Ela contou ao grupo – desconfio que só eu entre os participantes não conhecia a história – que estava na África do Sul. Sua volta para casa foi um suplício e aparentemente custou à seguradora "só Deus sabe quanto".

– Mas sua memória voltou? – pergunto. – Com o tempo?

– Boa parte dela, mas você não pode forçar, tem que esperar os gatilhos. – Devo ter parecido confusa, pois ela explicou que uma música, um lugar, um cheiro, uma observação casual podem de repente fazer a pessoa se lembrar de algo. – São essas coisas que provocam as lembranças reais. Se forçá-las, você

não sabe se está reinventando o passado ou não. – Ela lambe os lábios rosados de novo. – Pelo menos, é o que eu acho. – Ela ri para si mesma. – Meu marido me mostrou uma foto do hotel em Joanesburgo onde aconteceu meu acidente. Eu não fazia ideia, nenhuma mesmo! Depois, ele me levou lá, e eu lembrei de tudo. – Ela se apoia em uma das muletas e estala os dedos. – Assim, de repente!

Quero abraçá-la por ser a primeira pessoa que de fato me dá alguma esperança. Preciso afastar as imagens do meu passado e me basear nos fatos tais como os conheço, em vez de me atormentar com o que pode ou não ter acontecido.

O caminho para casa é bem mais tranquilo. Permito que minha mente vagueie, e de início penso no conselho da loira para recuperar as lembranças perdidas, ou seja, não forçá-las, mas depois o ignoro e remexo o passado. Uma lembrança em particular me parece tentadoramente próxima.

Seu rosto está virado para o outro lado. A ponta dos meus dedos percorre suas costas nuas, e o ato de tocar sua pele enche meu corpo de desejo. Então, ele se vira, e seu rosto continua coberto pelas sombras.

Continuo dirigindo, tento me concentrar na estrada, mas ele continua me observando.

O cabelo grosso e escuro cai sobre seus olhos. Suas feições não se deixam ver, exceto pela boca generosa, larga, acolhedora, com um sorriso que se espalha conforme ele se debruça…

Mal percebo que estou subindo a colina, tantas são as perguntas em minha cabeça. Será que realmente encontrei consolo em outro lugar? E cheguei a considerar acabar com meu casamento? Eu achava que me conhecia; uma esposa, uma mãe. Fiel, confiável. Estabelecida. A dissonância entre a vida que eu achava que estava vivendo e aquela com que me deparo agora é impossível de entender. Rob e eu estamos muito diferentes um com o outro, distantes, arredios. Algo deve ter acontecido para acabar com a confiança que existia entre nós, algo terrível a ponto de destruir o que tínhamos antes, que foi substituído por desconfiança e falsidade.

Dezembro do ano passado

– Rob, Fin, são vocês?

Desço a escada a tempo de vê-los entrando pela porta da frente, ambos carregados de malas e de caixas, que largam a seus pés. Com o calcanhar, Rob fecha a porta para isolar a noite desagradável. O vento uiva pelo celeiro em busca de uma brecha para entrar, e a chuva golpeia o teto e se lança contra as janelas. As tempestades nos acompanham há uma semana, e não há nenhum sinal de que vão dar trégua.

– Oi, mãe – diz Fin, aceitando meu abraço.

– Deixe-me dar uma olhada em você! – Seguro-o à distância de um braço. – Você está tão magro! – Ele está vestindo a parca que comprei para que usasse na universidade, mas seus ombros ocupam muito menos espaço do que quando o deixamos lá, e suas bochechas estão mais finas. – Você precisa comer mais, Fin, precisa se cuidar!

– Foi o que eu falei – diz Rob, arrastando entre mim e Fin um saco de lixo cheio. – Essa é toda a roupa suja dele. Onde coloco?

– Pode deixar na área de serviço, por favor. – Continuo olhando para Fin, que encara seus tênis desamarrados. – Por favor, Fin, não vá perder mais peso.

– Eu estou bem, mãe – diz ele, erguendo o olhar para mim e sorrindo. – De verdade, estou bem.

Também sorrio. Entretanto, a lembrança dos braços e das pernas minúsculos de Fin, tão magros que quase era possível fechar a mão ao redor deles, me perturba. Ele tinha apenas nove anos e sofria bullying de alguns garotos mais velhos da escola, por motivos que ele nunca explicou direito, e sua reação era, no almoço, jogar fora o lanche e, na janta, não fazer mais do

cutucar a comida.

– A árvore de Natal ficou legal ali – diz ele, apontando para a sala de estar.

Rob grita da cozinha para Fin:

– Eu te disse, ela perdeu qualquer escrúpulo este ano: são três árvores!

– Onde estão as outras duas? – Fin procura ao redor.

Eu o conduzo até a sala principal para admirar o alto pinheiro à direita da lareira, que enche o cômodo com o cheiro marcante proveniente de suas agulhas. Em seguida, abro as cortinas para mostrar o abeto em um vaso no pátio, sufocado de lâmpadas natalinas. Eu passei dias preparando tudo para a volta de Fin, enchendo a despensa e a geladeira com suas comidas preferidas, decorando a casa não apenas com as árvores, mas com todos os enfeites de Natal que consegui esconder de Rob. O centro de acolhimento teve de se virar sem mim, pois meu filho estava vindo para casa. E aqui está ele, finalmente, porém meu entusiasmo é mitigado por meus receios. Eu tinha a sensação de que havia algo errado, e isso foi confirmado pela aparência debilitada de Fin.

– A casa está legal – diz ele. – O que vamos jantar?

– O seu prato preferido, claro. – Eu o abraço de novo, mas desta vez ele se afasta. – Não acredito que você vai passar um mês inteiro em casa! – Percebo algo em seus olhos, algo reprimido.

Tenho a impressão de que ele vai mudar de ideia e contar o que está pensando, mas ele fecha a boca e se afasta, subindo a escada com seus passos leves e rápidos.

– Dê uma olhada no escritório novo do seu pai, e no quarto da Sash! – grito na direção do andar de cima, mas Fin fecha a porta de seu quarto assim que entra.

Olho para a escada vazia por um instante antes de atravessar as pilhas de pertences largados no corredor e me juntar a Rob na cozinha.

– Acha que ele está bem? – pergunto, competindo com o barulho que Rob faz ao remexer uma gaveta.

– Fin?

– Sim, claro. – Abro o forno para conferir o rosbife. – O que você está procurando?

Ele ergue a garrafa de cerveja.

– Na gaveta de cima, como sempre. – Aponto para a gaveta correta.

– Ele está bem! – Rob mexe ruidosamente na bagunça de talheres e utensílios até achar o abridor. – Deve ser só ressaca. – Escuto um sibilo quando ele tira a tampa de metal da garrafa. – Como um universitário normal. – Rob dá um gole e depois me pergunta, assim como fez todos os dias desde domingo, se tive notícia de Sash.

– Não, nada. – Fecho o forno e diminuo um pouco a temperatura. – Estou começando a ficar irritada com isso, ela parece simplesmente não ligar para nossos sentimentos.

Rob suspira.

– Ela é teimosa.

– E puxou isso de quem? – Ergo as sobrancelhas. – Acha que ela vai continuar com isso até o Natal?

Acabei de pensar nessa possibilidade terrível.

Rob puxa um banco da ilha da cozinha e se senta com a cerveja, enroscando a garrafa com seus dedos longos.

– Eu tentei, Jo. Agora está nas mãos dela.

É verdade, Rob tentou entrar em contato com ela, mas suas mensagens de texto foram ignoradas e suas ligações, rejeitadas. No momento em que agarrou a lapela de Thomas, Rob perdeu a filha, e eu também. Ela me respondeu uma palavra ou outra depois de minhas várias mensagens, mas nada em suas mensagens curtas me dá esperança. Ela não quer ver o pai, isso ficou claro.

– Você contou para o Fin? – pergunto a Rob e me apoio no balcão, ainda usando as luvas de forno.

– Não, achei melhor esperar. – Ele leva a cerveja aos lábios e faz uma pausa. – Ainda temos duas semanas até o Natal, muita coisa pode acontecer.

Vou até a área de serviço e tiro distraidamente as roupas fétidas de Fin da sacola rasgada; a ponta dos meus dedos remexe os bolsos das calças jeans e de moletom à procura de fones de ouvido ou de moedas, depois separo as roupas em cores claras e escuras, jogos de cama e toalhas. No entanto, a possibilidade de perder Sash, não apenas para o Natal, mas por mais tempo, me preocupa, e, quando percebo, as pilhas ainda estão desordenadas. Nem noto que Rob está atrás de mim, a garrafa de cerveja vazia na mão.

– Quer a lixeira de recicláveis? – pergunto e me levanto para deixá-lo passar.

Rob joga na lixeira a garrafa de vidro, que retine ruidosamente no fundo.

– Vou resolver tudo com a Sash – diz ele. – Custe o que custar. Posso até pedir desculpa para o Thomas, se for necessário. Prometo.

Eu o abraço, e ele me beija a boca, um beijo que me garante que está falando sério. Ele sempre foi de consertar as coisas, de resolver tudo, ao passo que eu entro em pânico por causa de desastres que nem sequer se concretizaram ainda.

– Não podemos deixar que essa situação com o Thomas cause uma ruptura permanente – respondo. – Vale a pena fazer qualquer coisa para resolver isso.

O odor de umidade das pilhas de roupa suja preenche o espaço confinado e o ruído abafado da música de Fin se propaga pelo teto. Rob me abraça e promete mais uma vez que vai resolver tudo, custe o que custar.

10

Cinco dias após a queda

QUANDO ATRAVESSO A PORTA da frente, o telefone fixo está tocando, ressoando estridentemente pelo hall vazio. Eu deveria imaginar que só pode ser Rob querendo saber onde eu estava, mas ultimamente parece que levo muito mais tempo para passar mentalmente de uma tarefa a outra, e minha mente ainda está ocupada pelo tempo passado no grupo de apoio.

Quando finalmente atendo, Rob fala em um tom abrupto:

– Ah, então você não está morta!

Largo as chaves na mesa do hall e transfiro o telefone para o outro ouvido.

– Eu estava enlouquecendo, Jo! A Sash também não está atendendo! Rastreei seu celular e vi que ele está em casa, mas…

– *Você rastreou meu celular?*

– Sim, nossos celulares estão pareados para podermos rastreá-los, esqueceu?

Digo que não e ele se esquiva das minhas perguntas com respostas grosseiras e supostamente óbvias segundo as quais pareamos nossos aparelhos caso o celular de um de nós se perdesse ou fosse roubado.

– Eu estava preocupado, Jo! Você passou horas sem dar notícia!

– Eu estava lá fora! – Formulo a história ao mesmo tempo que falo. – Fui até o carro.

– Até o carro? Eu falei para você não dirigir!

– Não, você não está escutando. – Fecho a porta de entrada até então

escancarada pelo vento, que a puxara e então a empurrara contra as dobradiças ruidosas. – Eu não dirigi, só liguei o motor para não deixar a bateria morrer. – Me surpreendo com a facilidade com que conto a mentira improvisada.

Há um momento de silêncio antes de Rob dizer:

– Você não passou essas duas horas lá fora.

– Tomei um comprimido. Devo ter apagado.

Subo a escada rapidamente até nosso quarto, o telefone no ouvido.

– Não está se sentindo bem? – pergunta Rob. – Parece ofegante.

– Estou bem, o que não está bem é você e essas perguntas insuportáveis!

Desligo o telefone e me jogo na cama. Pego o celular no criado-mudo e, com um rápido movimento do dedo, deleto todas as mensagens de Rob, enquanto me repreendo por ter esquecido de levar o aparelho comigo. Talvez esse esquecimento seja um sintoma da minha lesão cerebral, mas meu incômodo é mais com o fato de que o celular substituto me parece insignificante, como se não fosse meu. Encaro a tela de notificações vazia, depois clico no aplicativo Encontre Meus Amigos; não me lembro de tê-lo visto antes, muito menos de usá-lo para rastrear o paradeiro de Rob. O telefone fixo toca de novo, eu o agarro e grito:

– Me deixe em paz, Rob!

– Mãe, sou eu! – Há uma pausa, e Sash pergunta: – Está tudo bem?

– Claro que sim. – Eu me sento na cama. – Seu pai está me perseguindo, só isso. Espere um instante. – Tomo dois analgésicos com um pouco de água coberta de pó e pego o telefone de novo. – Desculpe, tá?

– Perseguindo você? – Sash ri, porém soa hesitante; eu, de minha parte, também estou distraída de novo pelo celular.

O aplicativo continua tentando localizar o celular de Rob, até me notificar que o sinal da internet sem fio foi perdido; é sempre inconstante no celeiro.

– Mãe? Ainda está aí? Liguei para saber como foi no grupo de apoio.

– Foi bom, valeu a pena ir.

– Mas?

– Mas nada.

– Escute, mãe. – Mais uma longa pausa. – Se você está preocupada com o que o papai vai achar, não se preocupe, eu não vou contar nada.

Aí está mais uma mostra daquilo que percebi no dia em que voltei do hospital após o acidente. Rob e Sash estão diferentes um com o outro, há um abismo entre eles que não existia antes, algo errado e secreto. Os dois ainda compartilham um laço, por vezes excludente, mas desde a queda percebi pequenas porém importantes mudanças em seu relacionamento. Rob ficou muito zangado quando ela deixou escapar que Fin tinha abandonado a universidade; ele perdeu a calma com muita facilidade, como se aquela questão estivesse à espreita o tempo todo, apenas esperando para vir à tona à menor provocação. O erro de Sash foi involuntário, mas isso não aplacou a óbvia raiva de Rob. E ela o acusou de "controlar o que podemos ou não contar".

– Você e seu pai estão com algum problema? – pergunto, sentando-me mais ereta na cama, tentando ignorar a dor de cabeça e me concentrar na resposta de Sash. – Tem alguma coisa que vocês não me contaram?

Sash hesita por tanto tempo que chego a me perguntar se ainda está na linha, embora escute sua respiração lenta e constante.

– Não, claro que não. Por que você está perguntando isso?

– Sash, por favor. Se tem alguma coisa, eu preciso saber…

Mais uma vez, ela faz uma pausa antes de responder:

– Desculpe, mãe. Prometi para o papai.

– Prometeu o que para ele?

– Estou no trabalho, mãe. Não é a melhor hora para isso.

Com a cabeça latejando, me apoio nos travesseiros. Eu deveria deixá-la em paz, mas não consigo.

– Quero que me conte agora, Sash.

Imagino que ela vai usar o trabalho como desculpa de novo, porém Sash responde com palavras tão rápidas que preciso rebobiná-las mentalmente para assimilar seu significado completo:

– Papai pediu para mim e para o Fin não contarmos nada do que aconteceu desde que você perdeu a memória. Ele disse que vai contar quando chegar a hora certa, quando você estiver mais forte, falou que o ano passado foi tão ruim que… – Ela se detém abruptamente.

– O quê, Sash? Me conta!

– Mãe, não posso! Não é justo. A intenção do papai é boa, eu sei que é.

– *Como assim?*

– Talvez eu tenha entendido errado. – Ela hesita de novo.

– Estou falando sério, Sash. Você precisa me contar. Eu tenho o direito de saber.

– Ok, mas só se você prometer não contar para ele.

Digo que não vou contar, claro, e ela limpa a garganta e diz:

– Só vou contar porque quero que você melhore o quanto antes, e porque não concordo com ele, acho que você tem o direito de saber.

– Você está dizendo que seu pai não quer que eu melhore?

– Não, claro que não. É só que…

– O que ele te disse, Sash? Me conta!

– Ele disse que talvez seja melhor se você nunca se lembrar.

Assim que termina de pronunciar essas palavras, Sash as justifica, repete que a intenção dele é boa, que ele está apenas agindo com excesso de proteção, que ela não deveria ter falado nada. Por favor, não conte para ele. Depois, volta mais atrás ainda, fala que provavelmente entendeu errado, com certeza foi isso, e pede desculpa, não queria me chatear. É melhor eu esquecer o que ela disse. Ela precisa desligar, seu chefe está chegando. Imploro para que Sash explique,

mas ela desliga.

Encaro o celular, pensando em ligar de volta, mas concluo que não é justo pressioná-la assim. Além disso, é de Rob que estou com raiva, não dela. A confirmação de que ele está propositalmente escondendo informações de mim agita meus pensamentos. Desço a escada o mais rápido que sou capaz, com medo de que Rob chegue do trabalho antes que eu possa fazer o que agora me parece necessário.

Na sala de estar, abro meu laptop e pesquiso na miríade de sites que surgem de minha busca. Quero um celular barato, algo simples, impossível de rastrear, mas termino escolhendo um igual ao meu, apenas com uma cor diferente – rosa-metálico, não o prateado discreto que Rob escolheu –, para não confundir os dois. Clico para finalizar o pedido e escolho a entrega para o dia seguinte, na expectativa de que chegue depois que Rob sair para o trabalho. Se chegar antes, basta fingir que estou confusa, o que nem sequer seria um comportamento estranho no momento. É apenas na hora de pagar que percebo que não possuo um meio de pagamento independente. Tudo está no nome dos dois: contas de banco, cartões de crédito; eu sempre fui o cartão de dependente, e Rob confere as faturas em detalhes. Entretanto, assim que esse pensamento se forma, outro o sucede: *fiz um cartão novo, em meu nome apenas, muito recentemente.* Pego a bolsa e a vasculho, porém imediatamente duvido da minha lembrança: os cartões estão todos bem gastos, organizadamente guardados nas divisórias de couro caro. Até que, na parte de trás, fechada com zíper, encontro o cartão novo, vermelho e preto, não assinado. Não lembro por que nem como adquiri esse cartão, mas estou certa de que é só meu. Uso para fazer a compra, depois sigo o processo de verificação pela primeira vez e assino no verso antes de guardá-lo na bolsa. Confiro o celular que Rob me deu para ver se não tem nenhuma mensagem; chego a olhar por cima do ombro, esperando vê-lo parado atrás de mim, me observando em silêncio.

Depois, com a adrenalina ainda percorrendo meu corpo, relanceio a escada e, desta vez, imagino que fui empurrada, imagino a mão de Rob em minhas

costas. Ele estava zangado e queria que eu esquecesse algo, algo que continua escondendo de mim. Já não considero tão impossível que a raiva o tenha feito ultrapassar qualquer limite. Estremeço. Então me viro para o laptop a fim de apagar o histórico do navegador. Fecho o computador, e o barulho forte de metal contra metal me sobressalta.

Rob e eu estávamos bem quando deixamos Fin na universidade, e, segundo Rob, estávamos felizes nas férias; então, o que aconteceu depois para incitar a queda das peças do dominó? Fecho os olhos e tento imaginar o que poderia ter causado uma mudança tão grande no último ano, talvez em menos tempo até. No entanto, como sempre ocorre desde a queda, não encontro nenhuma resposta, somente mais confusão.

Janeiro deste ano

A VOZ DE ROB é a primeira que escuto, elevada pela frustração, e seu tom faz com que eu involuntariamente me encolha e volte para a cozinha. A resposta de Fin é quase inaudível. Meu olhar se fixa no teto da cozinha. Quero enterrar o rosto na toalha que tenho nas mãos, ainda quente da secadora, e fingir que nada disso está acontecendo. Quero que Rob seja paciente com nosso filho, que fale, mas que também escute, porém ouço outro grito e então seus passos pesados pelo quarto de Fin.

A culpa é minha. Notei que Fin estava mais retraído do que o normal, mais magro, que estava escondendo algo, mas tentei apenas curtir a época de festas, tirar o melhor da situação. Ignorei o que meu coração sabia, e meu gesto acabou sendo inútil. Esse foi, sem sombra de dúvida, o pior Natal de que me lembro, contando os que passei com meus pais doentes. Olho para a árvore murcha na sala de estar, cujas agulhas se soltam dos galhos ao mais ínfimo toque. Queria poder voltar no tempo para antes do Natal, queria que pudéssemos fazer tudo diferente, mas o que poderíamos mudar? Fin já trazia essa novidade consigo quando voltou para casa; ele apenas escolheu deixar para contá-la hoje, o dia em que retornaria à universidade.

O silêncio que se segue é enervante. Olho para o teto de novo e imagino a conversa entre Fin e o pai; atualmente, o relacionamento dos dois se baseia naquela camaradagem masculina expressa com tapinhas nas costas com a qual Fin tem dificuldade de lidar e que Rob adota como mecanismo de defesa. Rob jamais teve nenhum problema para declarar o amor que sente por mim, ou mesmo por Sash, mas com Fin são apenas pressuposições: "Claro que ele sabe o que sinto". Não que a devoção mais manifesta de Rob pela filha tenha feito alguma diferença; ela ainda se recusa a ver o pai.

Fin e eu a encontramos em um restaurante escolhido por ela um dia antes da véspera de Natal; trocamos presentes e cartões enquanto comíamos berinjela assada. Foi um encontro incômodo, talvez pior do que teria sido não vê-la. Mas eu precisava fazer aquilo, pois a dor latente em mim aumentava a cada dia, e Sash ignorava a maioria das minhas mensagens e quase não falava durante nossas ligações. O único consolo daquele almoço de concessão foi que, pela primeira vez, meus filhos desfrutaram verdadeiramente da companhia um do outro. Eles conversaram como adultos. Queria que Rob tivesse visto aquilo, os dois se gostando, rindo e se escutando com um interesse genuíno; por outro lado, parte de mim achou certo que ele perdesse esse acontecimento, pois o desentendimento foi em grande parte culpa dele.

Coloco a toalha dobrada no topo da pilha sobre o balcão da cozinha e vou até o corredor para tentar escutar novamente as vozes atrás da porta fechada do quarto de Fin. Rob me pediu que o deixasse lidar com aquilo, e eu concordei relutantemente, mas o alertei de que não perdesse a calma, pois não ajudaria em nada. O silêncio continua. Era para eles terem pegado a estrada horas atrás, já é quase noite. Eu me afasto e entro na sala principal para começar a tarefa que deixara para fazer depois que eles partissem para a universidade; acendo a luz e contemplo a árvore, esta ainda verde e perfumada, como se, assim como eu, desejasse que o Natal ainda estivesse por acontecer, cheio de possibilidades e expectativas.

Até o dia do Natal eu mantive a esperança de que Sash voltasse atrás e almoçasse conosco, porém Rob não conseguiu convencê-la a vir para casa. Até mesmo seu pedido de desculpa a Thomas foi esnobado, e esse gesto foi muito penoso para ele. Pensei em consolar Rob dizendo que não tinha sido culpa dele, mas as palavras nunca se formaram. Àquela altura, já havíamos descoberto que Sash estava morando com Thomas no apartamento em cima do bar que ele administra.

No dia seguinte ao Natal, parei em frente ao The Limes e, sob a chuva forte e as luzes natalinas que pontuavam a melancolia da tarde escura, fiquei

observando os clientes que entravam e saíam. A foto de Rob apareceu na tela do meu celular várias vezes em suas tentativas de resolver a briga que me fizera sair impetuosamente de casa, mas eu ainda não estava pronta para desculpá-lo. Tampouco atravessei a rua para entrar no bar de Thomas. Ali, encarando as cortinas puídas, ao menos eu me sentia mais próxima de Sash, até pensar nela com Thomas, o outro homem que a roubara de mim, que estragara qualquer bem-estar temporário que eu porventura houvesse sentido. Bêbados caíam na calçada e gritavam para mim. Eu me virei e me afastei lentamente. Eles não podiam fazer nada comigo; eu já estava destruída.

Observo o sofá, coberto com o emaranhado de luzes e enfeites que acabei de remover distraidamente da árvore, muitos deles veteranos de muitos Natais, e sinto a perda não apenas deste Natal, mas de todos os próximos. A vida está toda errada.

Apenas alguns meses atrás, chorei por deixar Fin na universidade, e agora estou desesperada para que ele mude de ideia e volte para lá, que transforme em realidade todo seu potencial, que descubra um propósito. É tudo o que sempre quisemos para nossos filhos. Não me importaria tanto se achasse que Fin poderia ser feliz em outro lugar, se ele tivesse um grande plano para o futuro, mas não é o caso. Perguntei isso objetivamente a ele logo depois que nos contou a notícia, e Fin simplesmente encolheu os ombros ossudos, se virou e saiu para seu quarto. Sento ao lado dos enfeites no sofá, e uma bola colorida rola até cair no chão, quicando no tapete. Eu assisto à cena, mas não me movo para pegá-la, pois um pensamento desagradável me perturba. Talvez eu tenha sido um peso para Fin, talvez seja por isso que ele não consiga se adaptar. Ele sempre foi meu aliado. Talvez ele tenha sentido a minha solidão.

Abandono a árvore e paro na base da escada para mais uma vez tentar escutar algum movimento ou voz, mas tudo continua quieto. Depois, de súbito, a porta se escancara e Rob aparece.

– E aí? – pergunto enquanto ele desce a escada.

Suas sobrancelhas se erguem em resposta à minha pergunta.

– Não consegui colocar juízo na cabeça dele. – E passa por mim a caminho da cozinha. – Tente você!

Sentado na beira da cama, Fin tem as mãos no colo e a cabeça abaixada. Ele ergue o olhar para mim e diz:

– Oi, mãe. Você está bem?

– Estou, meu amor. Apenas preocupada com você.

Ele desliza para o lado para abrir espaço para mim, e nós nos sentamos lado a lado, em silêncio a princípio, até que Fin me pergunta o que seu pai falou.

– Eu queria que *você* me explicasse o que está acontecendo – digo, resistindo ao impulso de consolá-lo, pois sei que ele não gostaria disso.

– Para você tentar me fazer mudar de ideia? – Fin se afasta para o lado, e seus tênis tamanho quarenta e quatro transpõem a mala semifeita aberta no chão. – Não vou voltar, mãe. Você não pode me obrigar.

– Claro que não posso. Nenhum de nós pode fazer isso.

– Diga isso para o meu pai! – Seus olhos se enchem de lágrimas.

– Fin, nós dois queremos entender, ajudar.

Fin remexe as pulseiras que envolvem seus pulsos dolorosamente finos. Quando ele voltou para casa, eu admirei os braceletes coloridos e perguntei o que significavam, e Fin me explicou sobre cada um, sobre a causa que cada um representava ou a importância de cada slogan. Fico arrasada ao pensar na época antes do Natal, quando o futuro de Fin me parecia garantido e o distanciamento de Sash, temporário. Começo a chorar sem querer.

– Não chore, mãe – diz Fin, aproximando-se e passando o braço ao redor dos meus ombros desajeitadamente. – Vai ficar tudo bem.

– Vai mesmo? – pergunto, olhando para meu garoto tímido e retraído. – Como?

Ele dá de ombros, se inclina na outra direção e deita.

– Estou cansado, mãe. Pode me deixar sozinho?

Estou lavando a louça do café da manhã, pois a lava-louça ainda está cheia da noite anterior; nem eu nem Rob nos lembramos de ligá-la ou de lembrar ao outro de fazê-lo. Escuto o cascalho cheio de gelo sendo deslocado pelos pneus de um carro na garagem. Logo imagino que Rob voltou do trabalho por algum motivo. Franzo o cenho ao cogitar isso, já que ainda estou zangada com ele por ter dito a Fin que o levaria para a universidade hoje, quisesse ele ou não. O decreto de Rob fez nosso filho voltar para o quarto momentos depois de ter sido convencido a sair de lá para jantar. Entretanto, não foi o carro preto e reluzente de Rob que chegou, mas um veículo velho e enferrujado, de um laranja chamativo. O motorista sai, contempla o celeiro e semicerra os olhos por causa da luz forte. Não o reconheço, mas, pelo cabelo na altura dos ombros e a roupa despojada, deduzo que seja um dos amigos de Fin. Abro a porta da frente e digo:

– Oi, posso ajudá-lo?

– Bela casa! – Ele sorri e se aproxima, um grande sorriso no rosto. Agora que está mais próximo, vejo que é maior do que Fin, e também um pouco mais velho, talvez tenha uns vinte e poucos anos. O ar que ele expira ao falar é visível por causa do frio. – Você deve ser a mãe do Fin. Oi, eu sou o Ryan.

– O Fin ainda está dormindo. Desculpe, eu não… A gente já se conhece?

Em vez de responder, ele olha para além de mim, faz que sim e pergunta:

– Tudo pronto?

Eu me viro e vejo Fin parado no corredor, uma mochila imensa pendurada nas costas. No mesmo instante, o vento empurra a porta e Ryan dá um passo à frente para que ela não bata. Fin já está perto de mim, colocando-se de lado para passar, e sorri para Ryan, não para mim. Seus olhos evitam os meus.

– Fin, o que está acontecendo? – pergunto, segurando o peso da porta. – Aonde você vai?

Fin se vira.

– Desculpe, mãe.

Do vão da porta, vejo Ryan pegar a mochila e guardá-la no porta-malas do carro enferrujado.

– Nós ficamos de conversar – digo. – Quando seu pai chegar do trabalho. A gente combinou.

Fin caminha até mim e beija minha bochecha.

– Não adianta, mãe. Eu mando notícias.

– Não seja bobo! – Sigo-o até o carro; o cascalho machuca meus pés descalços e o vento frio me deixa sem ar. – Podemos resolver isso, entre um minuto, venha.

Fin me ignora e entra no carro, abrindo a janela para dizer:

– Eu te ligo, tá?

– Fin, não! Eu nem sei para onde você está indo! Pegou seu casaco? – Fin me ignora mais uma vez, enquanto Ryan sorri e acena, nitidamente envergonhado enquanto manobra o carro na garagem. – Quanto tempo você vai passar fora? – Entretanto, Fin não tira os olhos do caminho conforme o carro barulhento sai da propriedade, deixando para trás apenas a fumaça do escapamento. – Não! – grito, mas ninguém escuta.

Volto para dentro de casa, pego meu celular na mesa do hall, subo a escada e passo pelos quartos vazios até chegar ao nosso. Sento-me no piso de azulejos do banheiro da suíte, o ponto mais distante que consigo acessar dentro de casa. Somente então coloco para fora os soluços de choro que eu sabia que estavam dentro de mim durante todo esse tempo.

Ainda estou soluçando quando digito uma mensagem para Fin pedindo que volte, ou pelo menos me diga para onde está indo e quanto tempo vai ficar fora. Depois, fixo o olhar na tela do celular por muito tempo à espera de sua resposta. Em uma questão de semanas, nossos dois filhos nos eliminaram de suas vidas. Embora saiba que Rob vai ficar tão arrasado quanto eu com a partida de Fin, estou tão zangada no momento que nem consigo contar para

ele o que aconteceu.

11

Oito dias após a queda

AS PALAVRAS DE SASH não param de dançar em minha cabeça desde nosso telefonema, alguns dias atrás. "Ele disse que talvez seja melhor se você nunca se lembrar." O significado delas tomou mais de uma forma em minha mente: primeiro as associei a Rob, depois a mim, e me perguntei o que ele, ou eu, teria feito de tão terrível que precisasse ser mantido em segredo a qualquer custo. Ou pior: haveria uma miríade de minas terrestres do ano desaparecido da qual eu preciso desviar? Em momentos mais serenos, tentei racionalizar o comentário, atribuindo-o à propensão de Sash a fazer drama, mas não me pareceu ser o caso. Afinal, tive de arrancar a informação dela.

Meu celular rosa-metálico foi entregue ontem, um dia depois do que eu esperava, e a van chegou apenas dez minutos após Rob sair para o trabalho. Segurando o aparelho na palma da mão, me perguntei por que o desejara em primeiro lugar; a clareza que tive no momento da compra foi encoberta por dúvidas e confusão. E esse aturdimento se intensificou quando, no mesmo dia, Rob voltou mais cedo do trabalho e me avisou que um compromisso inesperado havia surgido, uma conferência. Disse que sabia que o momento era péssimo para isso e perguntou se eu achava que ficaria bem se ele viajasse durante o fim de semana. Aquilo me pareceu muito estranho, por mais de um motivo. Rob sempre trabalhou religiosamente das nove às cinco, e, apesar de ultimamente estar trabalhando mais, um fim de semana fora era novidade – *ou não*? Ademais, considerando que ele não tem me deixado respirar desde a queda, duas noites longe de casa me parecem uma reviravolta. Expressei uma versão desses pensamentos a Rob, que me lançou um dos olhares de canto de

olho que tem adotado, como se eu fosse a louca da história, e me disse que fazer contatos era parte de seu trabalho agora, mas que poderia recusar sem problemas, embora já tivesse começado a preparar a mala e prometido mandar notícias.

– Devo me preocupar? – brinquei, e ele riu e comentou que eu estava estranha desde meu encontro com Sash.

Deixei isso para lá porque, independentemente do que eu e Rob tenhamos feito um ao outro nos últimos doze meses, não consigo imaginá-lo com outra pessoa. O amor que ele sente por mim é arrebatador, sempre foi.

Fecho a porta de casa depois que ele sai e começo meu fim de semana sozinha, aliviada e ao mesmo tempo receosa por essa solidão inesperada. O celeiro sempre foi cheio de vida; Rob e nossos filhos preenchiam o espaço com suas grandes personalidades – até mesmo Fin, à sua maneira mansa, com o som de sua guitarra que vazava da porta fechada do quarto. O aconchego de sua presença se foi.

Foi na noite de hoje, enquanto cochilava no sofá da sala de estar, tendo como companhia em minha segunda noite sozinha os programas de TV de sábado, que as imagens voltaram. *Seu rosto está virado para o outro lado. A ponta dos meus dedos percorre suas costas nuas, e o ato de tocar sua pele enche meu corpo de desejo. Ele se vira, e seu rosto continua coberto pelas sombras, mas então ele sorri, um sorriso largo, não afável, mas cúmplice, que guarda um segredo por trás dos lábios.* Eu entendi o que precisava fazer.

A escuridão torna ainda mais intimidante a tarefa que designei a mim mesma, e a hora faz com que o centro da cidade esteja ocupado por um público diferente, não o *meu tipo* de pessoas. A frase me soa familiar, e carrega uma acusação, mas não lembro quem a pronunciou. Desvio o olhar dos transeuntes desconhecidos e tento evitar a pior parte do clima: o vento e a chuva tornam impossível usar o guarda-chuva sem que ele vire do avesso. Enquanto caminho, procuro na bolsa o celular, esperando encontrar uma mensagem de Sash ou de Fin que afaste minha solidão e a sensação de inquietação. Durante

a ausência do pai, os dois têm mandado notícias, certamente instruídos a fazê-lo, mas, quando pego o aparelho rosa e brilhante, lembro que ninguém sabe esse número. A situação com os telefones me deixa confusa, é mais uma dificuldade com que preciso lidar. Talvez eu devesse esconder este aparelho até realmente precisar dele. *Se precisar*. Imagino Rob jantando no hotel com seus colegas, ou em seu quarto, ligando para o telefone de casa neste exato momento e se perguntando onde estou. Antes de sair, mandei uma mensagem dizendo que estava indo dormir, e não fiquei surpresa por não ter recebido resposta. Ele avisou que precisaria desligar o celular e só conseguiria conferi-lo entre uma apresentação e outra. O fato de suas mensagens serem menos frequentes foi conveniente para mim, pois me deixou tranquila para guardar o celular oficial na gaveta do criado-mudo e sair com o rosa. Guardo-o na bolsa e avisto o bar, do outro lado da rua. Os postes refletem a luz nas calçadas úmidas e iluminam o letreiro verde sobre a porta: THE LIMES. Tento atravessar, porém o tráfego é constante, e os pneus dos carros ressoam no asfalto escorregadio. Fico observando a porta, e a chuva pesada obstrui parcialmente minha visão, deixando meus óculos molhados. O vento puxa minha capa de chuva e bagunça meu cabelo úmido, obrigando-me a me render às forças da natureza: vejo um espaço entre os carros infinitos e atravesso correndo.

– Você está bem, querida?

Um rapaz com um cigarro na mão, não muito mais velho do que Fin, se protege sob um toldo esvoaçante. Seu colega, com os braços despidos cobertos de tatuagens, também com um cigarro, ri ruidosamente.

– Quer uma ajudinha com isso? – pergunta o primeiro, apontando para meu guarda-chuva quebrado, ainda em minha mão apesar de sua inutilidade.

Estou a poucos metros da porta, mas os fumantes se encontram entre mim e a entrada do bar, ambos bêbados e com uma caneca na mão. Penso em dar meia-volta, mas meu carro está estacionado em uma ruela; se eu for até lá, eles podem decidir me seguir.

– Estou bem, obrigada – respondo. – Estou esperando uma pessoa.

Dou um passo para trás para me proteger na entrada recuada e escura da loja ao lado.

– O homem dos seus sonhos? – diz o homem tatuado; ele é mais velho, deve ter uns trinta e tantos anos, e tem a voz grave.

– Não, meu marido – respondo, satisfeita com a indiferença que minha mentira causa.

Estremeço ao pensar em Rob, ou talvez seja apenas por causa das gotas de chuva que escorrem do meu cabelo e entram pela minha gola.

O homem tatuado ri, tosse ruidosamente e cospe no chão. Talvez seja a gota d'água para mim. A saliva é levada pela chuva, e eu fixo o olhar no ponto em que ela estava antes, chocada por me ver neste lugar. Vou precisar dar uma grande volta para desviar deles, mas decido que preciso voltar para o carro; está na cara que essa ideia foi péssima. Cubro minha cabeça com o casaco e dou um passo à frente, mas então a porta do bar se abre e surge a silhueta de um homem alto de cabelo escuro; suas feições estão encobertas, mas sua boca se ilumina por um segundo ou dois quando acende um cigarro, e seus lábios se curvam em um sorriso confiante ao brincar com os clientes fumantes.

Devo ter feito algum barulho – de fato o ar é sugado de dentro de mim quando o vejo –, pois ele me olha sob a longa franja. Então sorri, um grande sorriso, mas para si mesmo, como se houvesse uma piada às minhas custas que só ele achasse engraçada. Com a respiração acelerada, dou alguns passos para trás; a ameaça já não é mais a escuridão, há algo muito mais tangível em jogo agora. Ele começa a caminhar até mim, seus longos passos devorando a curta distância entre nós. Sinto a cabeça leve, parece que ela vai flutuar para longe. Agarro a bolsa contra o peito, e a chuva escorre da minha franja para os meus olhos, mas, quando os fecho, é muito pior, pois na minha cabeça vejo aquele sorriso de novo e sou tomada pela ânsia de escapar do meu próprio corpo, dos meus próprios pensamentos, de ser a pessoa que eu achava que era; ou que esperava ainda ser: Jo, mãe, esposa, sensata, confiável. Fiel. Que confia. Em que os outros confiam.

– Jo? Você está bem?

Quando abro os olhos, ele está bem na minha frente, e seu sorriso não me deixa nenhuma dúvida de que é o homem que vi pela janela do café; o homem que reconheci de imediato na foto de Sash. Mais uma vez, digo a mim mesma que aquilo não significa nada, que não dá para confiar no subconsciente, que ele nos prega peças. O fato de ter certa lembrança fragmentada dele, uma imagem que me acordou do meu sono, que inquietou os meus pensamentos despertos, não significa que tenha acontecido algo entre nós. Talvez no meu subconsciente eu tenha desejado o namorado inadequado e mais velho da minha filha, mas eu jamais agiria com base nesses desejos, certo? Não, deve ter sido um desejo reprimido, somente isso, mas minha reação foi tão forte, como se…

– Jo – diz Thomas. – Eu disse que estamos ficando encharcados. Vamos entrar.

Eu o sigo conforme nos esquivamos dos fumantes, ignorando seus comentários obscenos, embora não sejam piores do que minhas admoestações silenciosas, são apenas elaborados de forma mais grosseira. Thomas segura a porta para que eu passe e aponta para um banco; ele se oferece para me ajudar a sentar, mas não aceito, tomando cuidado para evitar seu toque. Olho ao redor do bar e me pergunto se a inquietação que sinto é uma lembrança deste lugar ou apenas uma reação a Thomas. O bar está vazio, exceto por duas meninas bêbadas a um canto; uma diz à outra:

– Ele não vale a pena, gata.

Até mesmo os fumantes nos abandonaram; suas canecas vazias, deixadas sobre uma mesa do lado de fora, são enchidas pela chuva. Observo Thomas enquanto ele me serve um drinque que não pedi. Analiso seus movimentos, suas feições, tudo a seu respeito, e não há qualquer dúvida na minha cabeça: ele é o homem que vi através da janela do café. Talvez eu devesse ficar feliz por me lembrar dele, por abrir mais uma fenda no véu do ano perdido, porém sinto minha pele arder de vergonha e desvio o olhar; o fato de ter descoberto

algo real, de ter lembrado de algo por conta própria, e apesar de Rob, não me provoca a menor satisfação. Tenho a impressão de que *isso*, o que quer que seja, eu desejaria esquecer.

Thomas coloca um conhaque à minha frente e sai de detrás do balcão com uma cerveja na mão para se sentar no banco ao meu lado. O álcool puro queima ao deslizar por minha garganta, mas a sensação é boa, encorajadora.

– Não sabia se você ia se lembrar de mim – diz ele. – Sash me contou sobre… – Ele encosta o dedo na cabeça. – Você sabe quem sou, né? Thomas, o namorado da Sash.

– Sim. – Limpo a garganta. – Ela me mostrou uma foto sua no celular.

Ele franze o cenho, depois parece se lembrar da foto e sorri.

– É, acho que você não estaria aqui se não lembrasse. – Ele ainda está engolindo a cerveja quando pergunta: – Nenhum dano permanente além da…? – Ele tamborila na lateral da cabeça, repetindo o gesto irritante para indicar, deduzo, a perda de memória. – Você se lembra daqui? – Thomas olha ao redor, depois balança a cabeça e ri sozinho.

Também olho ao redor, à procura de algo familiar, mas não há nada específico, somente uma sensação, uma marca do meu passado indelevelmente gravada nessas paredes desgastadas. Balanço a cabeça, tomo mais um gole reanimador da bebida e olho brevemente para Thomas, para não correr o risco de cruzar com seus olhos astutos, considerando se devo perguntar tudo de uma vez e encarar meus demônios de frente. Ele joga o cabelo de um lado para o outro, e a água da chuva respinga em nós. Ele para e abre um sorriso confiante e ousado. Sou tomada pela visão dele sentado à minha frente em uma mesa, a mesa de jantar de casa, mais especificamente; ele está me pedindo um drinque, Rob está presente, Sash também. Quero perguntar a ele sobre isso, e sobre muitas outras coisas, mas não sei por onde começar, nem se quero descobrir a verdade sobre o que posso ter me tornado, alguém tão diferente do que achava que era. Ele estica a perna comprida, e seu joelho quase encosta no meu. Retraio a minha perna e apoio o pé na base do banco.

– Te vi no café no outro dia – comenta, e, quando faço que sim, ele sorri e diz que achava mesmo que eu também o tinha visto.

– Eu já vim aqui antes… – começo a falar, porém ouço um barulho vindo de trás, gritos; uma das garotas bêbadas cambaleia em direção à porta, apoiada na amiga.

Thomas levanta-se e tranca a porta depois que elas saem. Quando se vira de volta para mim, me dou conta de que estamos completamente a sós.

Ele se senta ao meu lado de novo, inclina-se um pouco para me olhar por baixo da franja e diz:

– O que você estava dizendo?

Sua voz é grave e obstinada, e suas palavras parecem carregar muitas segundas intenções, porém eu não estou lúcida o suficiente para decodificá-las.

– Eu estava tentando lembrar por que estou aqui – digo, incapaz de olhá-lo nos olhos. – Será que eu queria ver a Sash?

– Você sabe que ela não mora mais aqui, não sabe?

Claro que sei, falo, e me acomodo no banco alto para ficar mais firme.

– Onde ela está? – pergunto, entrando em pânico com a possibilidade de ela estar por perto, prestes a entrar no bar a qualquer momento. Isso nem tinha passado pela minha cabeça.

– Ela está no apartamento, nunca sai em dias assim. – Ele franze a testa e me encara de novo. – Você sabe sobre o apartamento novo, certo? Bancado pelo Rob?

– Sim, claro.

Ele sorri.

– E onde está o encantador Rob?

– Numa conferência.

– *Numa conferência* – repete Thomas. – Estranho para um sábado à noite.

– Não tem nada de estranho.

– O que ele acha de você ter vindo aqui? – Thomas joga seu corpo desengonçado por cima do balcão para pegar a segunda cerveja em praticamente dois minutos. – Aposto que ele sentiu um frisson com a ideia. Ou você não contou para ele? – Ele se acomoda no banco.

– Claro que contei. – respondo, desviando o olhar de seu sorriso.

Thomas solta uma gargalhada, e eu enxergo nesse momento o quanto ele é errado para Sash, por vários motivos – sua idade, seu trabalho, seu jeito paquerador. Consigo visualizar a reprovação de Rob, seu desgosto com a terrível escolha de Sash, e sinto o mesmo. Ela jamais usaria palavras como "encantador" ou "frisson", elas pertencem a uma geração diferente, anterior. Thomas está tentando se apegar à sua juventude, provar que alguém tão inteligente e bonita quanto Sash pode considerá-lo atraente. Quase sou capaz de entender e até mesmo de perdoar isso, mas então me cai a ficha, e o choque se espalha pelo meu corpo a ponto de precisar me segurar no balcão. *Talvez eu seja culpada da mesma coisa.*

– Quando estive aqui antes… – pergunto, abalada com a imagem que retornou. A lembrança é vaga, mas sei que era uma noite parecida com esta e que estávamos sozinhos como agora. *Empurrei a porta, o bar estava vazio, mas acho que Thomas estava aqui.* Sinto náusea, sinto como se minha cabeça boiasse, e não é apenas o conhaque embaralhando meus pensamentos.

– Ei, você está bem? – Thomas estende o braço para me segurar e, como o impeço, ergue as duas mãos espalmadas em um gesto de rendição. – Só estou tentando ajudar.

– Preciso saber o que aconteceu quando estive aqui. – Me ajeito no banco, mas sou interrompida por pancadas no vidro.

São as garotas batendo na porta e pedindo para entrar de novo.

– Ainda são dez e meia, porra!

– Quanta educação, senhoritas! – Thomas se levanta e caminha até a porta para informar que o bar está fechado.

– É um pouco cedo para fechar – observo, vendo as duas se afastarem tropegamente. – Estranho para um sábado à noite.

Thomas, claramente achando graça do meu comentário, desliza seus longos membros para cima do banco ao meu lado.

– Sabe, Jo, eu gosto de você. Sempre gostei. Que bom que você veio.

Desvio o olhar de seu sorriso, que me perturba enormemente, e Thomas então volta a se levantar e diz que precisa voltar para casa. Ele anda até a porta, destranca-a e se vira para mim:

– Sash fica angustiada, acha que estou aprontando.

Eu me espremo contra o batente da porta para evitar encostar em Thomas, mas ele roça uma mão na minha ao estender o braço.

– E você está? – Afasto-me e olho para cima; vejo que seu sorriso largo voltou. – Aprontando?

– Sempre. – Ele fecha a porta após sair.

Espero enquanto ele a tranca; a rua está vazia, a chuva, mais leve, o vento, mais calmo.

– Você a ama? – pergunto quando ele se vira para mim.

– Claro. – Ele joga as chaves de uma mão para a outra e encolhe os ombros.

– *Claro?* O que isso significa?

– Claro, eu a amo.

– Ela é preciosa, Thomas. – Avanço um passo para enxergar melhor seu rosto na escuridão.

Ele solta uma risada.

– Isso é engraçado, vindo de você.

Meu estômago se revira.

– O que você quer dizer com isso?

Ele ergue uma mão e solta as chaves, agarrando-as na escuridão entre nós.

– É melhor eu voltar para sua filha, não acha?

Observo-o se afastar; seus longos passos ecoam na escuridão até eu não enxergá-lo mais sob a chuva, e sua sombra se funde com o breu da noite. Olho ao redor, ainda desesperada por respostas. Por que eu vim até aqui antes? O que me trouxe até o bar? Eu estava procurando Sash ou Thomas? Então, a centelha de uma lembrança retorna; o centro de acolhimento coberto pela escuridão, a porta batendo atrás de mim após eu sair correndo.

Fevereiro deste ano

O CENTRO DE ACOLHIMENTO está particularmente cheio hoje; o burburinho do lugar contrasta enfaticamente com o vazio do celeiro. O barulho é reconfortante para mim, como se fosse devorar o silêncio perturbador que deixei para trás e que aguarda meu relutante retorno ao topo da colina.

Rose se lança na minha direção assim que entro.

– Jo, ainda bem que você chegou cedo! O dia está movimentado, mais de cem foram demitidos na Anderson's.

– Anderson's?

– Aquela empresa do outro lado da cidade, sabe? Preciso de você o quanto antes!

– Certo, vou só tirar o casaco – digo já a caminho do escritório de Nick. – Tem café?

– Acabei de fazer. E diga para o Nick que preciso de mais papel para a impressora.

Abro a porta do escritório e sorrio para Nick, parcialmente escondido pelas pilhas mal equilibradas em sua escrivaninha. Ele me olha e retribui o sorriso, com os óculos na ponta do nariz e o cabelo espetado, como sempre – uma tentativa fracassada de aparentar ter menos do que seus quarenta e sete anos. Quando o conheci, fiquei desconcertada com sua afetação, com os incompatíveis "e aí" e "beleza", mas agora gosto deles, eles compõem sua improvável transição de jovem londrino a assistente social. Me sinto cada vez mais cativada por ele, como me senti por Rose; seus valores são uma inspiração para mim, e a amizade de ambos é incondicional. Este lugar é meu refúgio; uma bolha formada pelos problemas alheios que me distrai

temporariamente dos meus próprios, muito embora Nick e Rose sempre perguntem como estão meus filhos, se está tudo bem comigo.

– Você está encantadora hoje, Jo! – diz Nick, tirando os óculos.

– Você acha? – Me sirvo do café da cafeteira que fica sobre o arquivo do escritório. – Não estou me sentindo assim.

– Ei! – Ele coloca o documento que estava lendo na pilha a seu lado, cada vez maior. – Se você estiver com algum problema, vamos conversar.

– Não, estou bem. Nada de novo. – Pego a xícara de café puro e tomo um gole; não está tão ruim, foi feito há pouco tempo. – Bem, estou cheia de coisas para fazer.

– Beleza. A gente se fala mais tarde?

– Sim, claro. – Sorrio para mim mesma após sair e fechar a porta.

Rose está organizando a fila, distribuindo cartões quadrados com senha à multidão agitada e, com a voz se sobrepondo às muitas outras, instruindo cada um a esperar pacientemente sua vez. Não sei como, mas ela sempre consegue manter a calma, não importa a provocação. Pego uma pilha de currículos em branco e um punhado de lápis nas bandejas que ela organizou e sorrio para o cavalheiro bem vestido que ocupa o computador mais próximo. Sua camisa social branca e a gravata listrada azul indicam uma geração diferente da nossa clientela normal.

– Posso ajudá-lo? – Puxo uma cadeira ao lado dele e me apresento.

A expressão de confusão com que ele encarava a tela se transforma em alívio ao aceitar minha oferta. Seus olhos se semicerram quando ele se concentra e ganham um ar melancólico quando passa a me contar sobre sua experiência de trabalho; foram mais de quarenta anos na Anderson's.

– Então, acha que é isso? – pergunto após digitar a última linha e salvar o documento. – Não quer acrescentar mais nada?

– Acho que não. – Ele seca os olhos com um lenço que tirou do bolso da calça. – Passei mais de quarenta anos na Anderson's, já falei isso?

– Sim, falou. – Movo o mouse para além da mão dele e clico no ícone de imprimir. Ele era cozinheiro da Anderson's Electronics até ontem, quando a cantina dos funcionários fechou.

– Eu era parte da mobília – disse.

Todo mundo lá o conhecia, diziam que ele nunca se aposentaria, que seria preciso carregá-lo para fora de lá em um caixão.

– Não está se sentindo pronto para uma mudança de ritmo?

Ele sorri para mim e balança a cabeça. É um pouco mais velho do que imaginei, tem setenta e dois anos, e é viúvo. Não tem nenhum hobby além de "cozinhar", "caminhar" e "ver filmes", e nenhum ensino formal desde que abandonou o colégio, aos dezesseis anos.

– Preciso de uma rotina – repete para mim. – Algo que me faça levantar de manhã. Você me entende, Jo?

– Com certeza. – Grampeio o currículo impresso. – Se você precisar de ajuda para criar uma conta de e-mail, é só me avisar, está bem?

– Eu sei que devia criar um desses – diz, mexendo com a gravata.

– Sim, é só falar comigo.

Olho para a fila, cada vez maior, um grupo insatisfeito está parado perto dos computadores ocupados: cinco laptops básicos e três computadores de mesa antigos – mas Nick está tentando conseguir financiamento para alguns novos. Ele me contou outro dia que está planejando viajar ainda este ano para visitar sua Londres querida, para "arrancar algum dinheiro daqueles sovinas desgraçados". Eu ri e ele me perguntou se eu o estava provocando, antes de cair na risada também.

– Eu era bom no que fazia, mas tudo está mudando – diz meu cavalheiro, mexendo de novo na gravata listrada.

– Sei exatamente como é. Eu era dona de casa, e, quando meus dois filhos se mudaram…

– Como minha esposa! – Seus olhos se alegram. – Ela não trabalhou um

único dia depois que casamos, nem um dia! Temos três filhos, duas moças e um rapaz. Meu filho mora na Austrália, tem a própria família, e as duas moças vivem em Londres, têm carreiras importantes. Meus netos também já são quase adultos, já vivem suas próprias vidas.

– Você deve ter muito orgulho deles. – Tento ignorar a fila, que fica cada vez mais inquieta.

– Queria vê-los mais… – Seus olhos se enchem de água. – Especialmente agora.

– Você contou para eles que foi demitido?

Ele balança a cabeça.

– Ninguém quer ser um fardo para os filhos.

– Não – digo, tocando sua mão. – Mas, se eles te amam, e com certeza amam, vão ficar felizes em ajudar.

– Você é uma moça encantadora. – Ele segura minha mão e a aperta entre as suas. – Espero que seu marido valorize o que tem.

– Ah, tenho minhas dúvidas – respondo e olho para Nick, que me observa da porta do escritório; um sorriso surge em sua boca e depois em seus olhos quando retribuo o sorriso e solto minha mão para erguê-la ligeiramente em um aceno, antes de abaixá-la, um tanto constrangida. – Acho melhor eu lidar com essa fila, com licença.

Tudo ocorre muito rápido, de modo que, em um primeiro momento, eu nem sei o que está acontecendo. Sei que eu estava perto da fila quando alguém caiu, um rapaz de jeans e blusa de moletom. Não sei se foi um acidente, ou se alguém o empurrou de propósito para cima de mim, mas foi rápido demais para que eu tivesse chance de evitar o impacto. Eu já estava no chão, um pouco abalada, mas não mais do que isso, quando vi Nick atrás de mim. Achei que ele iria me ajudar a levantar, mas, em vez disso, ele agarrou o rapaz pela parte de trás do moletom e o ergueu do chão – a constituição leve do rapaz não representou um desafio para a mão forte de Nick. Quando me levantei,

Nick já estava segurando o jovem contra a parede com uma de suas mãos, enquanto a outra recuava para esmurrá-lo.

– Nick, não! – grito. – Foi um acidente!

Corro até eles e quase sou atingida pelo punho de Nick que avança em direção ao queixo do assustado rapaz. Nick se vira, a expressão contorcida de raiva até perceber quem tinha puxado a gola de seu casaco. Ele dá um passo para trás, e então consegue voltar a si e dizer:

– Jo, me desculpe, eu…

O rapaz está gritando palavrões para ele, ameaçando denunciá-lo às "autoridades".

– Está bem, está bem – diz Nick, erguendo as mãos em rendição. – Não aconteceu nada de pior. Vamos esquecer isso. – Ele olha de novo para o rapaz. – Beleza?

Encarando Nick, o rapaz se afasta e se junta à fila de novo, trocando algumas palavras com a pessoa que abriu espaço para ele, talvez a mesma que o empurrou.

– Você está bem? – pergunta Nick, totalmente recuperado. – Não se machucou?

– Estou bem – respondo. – Não precisava ter feito aquilo. Tenho certeza de que foi um acidente.

– Nem todo mundo é tão gentil quanto você, Jo. – Nick sorri e ajeita a gola do casaco. – Só estou cuidando de você.

Ele se vira na direção do escritório e caminha até a porta, sorrindo para mim por cima do ombro antes de entrar e fechá-la.

12

Dez dias após a queda

– Rose, oi. – Transfiro o telefone para o outro ouvido, meu cabelo pingando nos meus ombros nus quando afasto a cabeça do aparelho já úmido. – Não, não me acordou, eu estava no banho, espere um momento!

Coloco a toalha ao redor do corpo e fecho o chuveiro, depois caminho na ponta dos pés até o quarto, manchando o piso de madeira com minhas pegadas molhadas.

– Desculpe – digo e me sento na beirada da cama, usando um canto da toalha para secar o rosto. – Estava mesmo querendo falar com você depois de ter saído daquele jeito do café.

– Não, *eu* que peço desculpa – responde Rose. – Não fazia ideia de que ia tirar você do banho. E me desculpe por ter ligado na sua casa, mas tentei o celular e continua dando caixa postal.

Penso no celular quebrado, despedaçado no piso de cerâmica do hall, talvez em um aterro agora, com a mensagem da caixa postal preservada de alguma maneira.

– Jo, ainda está aí?

– Sim, desculpe. – Olho para o despertador no criado-mudo de Rob e constato que está quase na hora do almoço; mais uma manhã perdida. – Saí para correr – digo, porém não sei por que me sinto impelida a dar uma desculpa por ter acordado tarde.

A verdade é que mal dormi na noite passada e na anterior; os pensamentos da minha perturbadora conversa com Thomas me mantiveram acordada até de

madrugada. Com Rob fora de casa, ao menos tive tempo de analisar minha visita ao bar, embora não tenha esclarecido nada; acordei neste fim de manhã sabendo tanto sobre o que aconteceu entre mim e Thomas quanto antes. Talvez eu tenha tido tempo demais para pensar; Fin e Sash estão ocupados e não podem me visitar, uma situação que deixou Rob tão zangado que quase me fez desligar o telefone durante nossa conversa de cinco minutos ontem à noite, uma das poucas que conseguimos ter durante o fim de semana.

– Jo? – A voz de Rose me traz para o presente. – Eu disse que você deve estar se sentindo muito melhor, já que saiu para correr.

– Ah, sim. Estou, sim, obrigada – respondo e, usando o pé, passo a toalha nas pegadas molhadas entre mim e o chuveiro.

– Ótimo! Porque eu queria pedir um grande favor. Sei que estou sendo atrevida demais, já que você ainda está se recuperando do seu… – Ela faz uma pausa. – Mas estamos com pouquíssima gente aqui hoje. Sue teve uma de suas crises, não que ela ajude muito normalmente, mas é o grupo de procura de emprego. Sei que não lembra, mas você era ótima com as pessoas, ótima mesmo.

– Você quer que eu vá ajudar no centro de acolhimento? – pergunto, aquietando o pé. – Hoje?

– Só se você tiver condições, mas seria ótimo se pudesse. Nick vai ficar muito tenso quando chegar. Ele passou a última semana longe daqui, estava em Londres tentando arrecadar dinheiro para os novos computadores, e sei que ele vai ter que lidar com uma montanha de papelada atrasada…

– *Nick?*

– Não se lembra dele?

Rose continua falando do chefe, que ele estava viajando para tentar convencer seus velhos colegas de Londres a doarem para o centro de acolhimento, mas que vai adorar me ver, ela tem certeza; ele lhe perguntou várias vezes se ela tinha notícias minhas, e ela ainda não teve a oportunidade

de contar que finalmente me encontrou.

É estranho escutá-la relatar a preocupação de um desconhecido, mas de certa maneira é reconfortante saber que há pessoas além da minha família mais próxima que se importam com o meu bem-estar.

– Tive uma noite péssima, Rose. Duas, na verdade – digo, pensando que, se conseguisse começar a resolver as coisas em minha cabeça primeiro, gostaria muito de voltar ao centro de acolhimento para ver se tenho alguma lembrança do tempo que passei lá; no entanto, não como voluntária, e certamente não hoje. – Talvez outro dia?

– Eu mantenho você acordada com café preto bem forte, do jeito que você gosta.

Falo que eu nem saberia o que fazer se fosse, mas ela argumenta que pode me mostrar, e que eu com certeza lembrarei quando pisar lá.

– Por favor, Jo! Eu não pediria se não estivesse desesperada.

A ideia de ativar algumas lembranças, de encontrar gatilhos – penso nas palavras arrastadas da loira do grupo de apoio –, é tentadora. E Rob voltará de noite, ou seja, hoje é meu último dia de liberdade.

– Está bem, me dê uma hora – digo para Rose, dispensando sua imensa gratidão.

Meu carro pequeno entra facilmente na última vaga do outro lado da rua; o Mini Cooper se guiou sozinho até o The Limes, como que conduzido por meu subconsciente. Atravesso a rua e observo o interior do bar pela porta de vidro, mas está escuro e vazio, a não ser por um *bartender* com os lóbulos das orelhas excessivamente esticados pelos alargadores, pelos quais a luz passa conforme ele se dirige a mim. Retiro-me antes que ele alcance a porta e me afasto rapidamente.

Sou atingida por uma muralha de barulhos assim que entro no centro de acolhimento. Olho ao redor e sinto uma euforia momentânea por perceber que conheço o lugar, especialmente a fileira de computadores à qual me

sentava junto às pessoas, uma após a outra, para digitar um histórico resumido de suas conquistas profissionais. Entretanto, na sequência, do outro lado do salão, uma porta fechada deixa meus pensamentos confusos. Fito a antiga porta de madeira à espera da memória que causou esta mudança em meu humor, e meu olhar é atraído pelo piso de carpete pegajoso. Nenhuma lembrança concreta se forma, apenas sinto uma sensação de pavor que se afunda em meu estômago tal qual areia molhada. Obrigo-me a olhar de novo para a porta, agora com mais cuidado, e consigo me enxergar do outro lado, dentro de um escritório, acho, conversando com alguém, um homem. Não sou capaz de defini-lo, porém tenho a sensação de que estivemos lá juntos.

– Jo! – Rose, perto de um computador, se levanta e se aproxima de mim, e a mulher que estava ao seu lado continua atacando o teclado com a forte pressão de suas longas unhas. – Que bom que você veio! – Ela coloca a mão em meu braço. – Tem certeza de que está disposta? – Antes que eu responda, ela continua: – Pode assumir aqui enquanto tento colocar ordem na fila? – Ela aproxima o rosto e sussurra: – Se tiver alguma dificuldade, é só me chamar. Apenas sente e escute, ajude como puder, e não deixe ninguém te enrolar, está bem?

Olho por cima do ombro dela para a dúzia de pessoas esperando o próximo computador vagar. Na frente da fila, dois rapazes discutem, cada um certo de que o outro o empurrou; eles afloram suas emoções erguendo a voz e se empurrando com o ombro.

– Pode ir – digo, tirando o casaco e o colocando na mesa ao lado, com a bolsa em cima. – Acho que sei o que devo fazer; se não lembrar, eu te aviso.

– Vou guardar isso no escritório do Nick. – Rose pega meus pertences. – É melhor não deixá-los assim.

Observo-a caminhar até a porta fechada, abri-la e entrar, o que me oferece um vislumbre do escritório escuro e abarrotado, dominado por uma escrivaninha. Rose sorri para mim ao sair e aponta para a cadeira que desocupou.

A mulher que ela acompanhava não precisa da minha ajuda, só de um ouvido simpático para escutá-la enquanto digita seu currículo, antes de imprimi-lo com um toque violento de suas unhas no teclado.

– Não que vá adiantar muito – diz ela. – Não na minha idade.

Ela parece ter por volta de quarenta anos, mas sua data de nascimento me informa que é ainda mais jovem, tem trinta e cinco.

– Por que você diz isso? – pergunto, grampeando as duas cópias. – Sou quase vinte anos mais velha do que você, se quer saber…

Ela olha para cima e me analisa dos pés à cabeça.

– Tenho três filhos com menos de cinco anos. – Ela pega os documentos que lhe estendo. – A Anderson's era bem flexível com mulheres com filhos, poucos lugares são assim.

Penso na época em que tentei voltar a trabalhar; os empregos de meio período que coincidiam com o horário das crianças na escola pagavam pouco e eram raríssimos. Como não precisávamos do dinheiro, meu desejo de passar um tempo fora de casa rapidamente perdeu força; sempre surgia algo que sabotava meus esforços.

– Espero que tudo dê certo para você – digo, e ela me devolve um sorriso desanimado.

O próximo é um dos jovens que estava discutindo pelo primeiro lugar da fila. Ele se senta e fala que não precisa da minha ajuda, obrigado. Vejo que ele digita o endereço de um site de jogos, um dos preferidos de Fin; pelo menos era, antigamente. Fico em dúvida se devo confrontá-lo e decido ver se as pessoas nos demais computadores precisam de ajuda. Depois, sorrio para os que estão esperando e percorro a fila para trocar algumas palavras; digo que pretendemos conseguir mais computadores em breve, uma informação que Rose me contou, e fico contente mais uma vez por me dar conta de que lembrei de tanta coisa. Olho para o jovem que está jogando, que retribui meu sorriso e, para minha surpresa, faz descaradamente um sinal de positivo.

Desvio o olhar e rio sozinha de sua audácia, mas então avisto a porta do escritório, ainda fechada, e sinto um frio na barriga.

– Está tudo bem, Jo? – chama Rose.

Faço que sim com a cabeça, surpresa por ela ter percebido minha hesitação. Achei que ela estava totalmente envolvida na conversa com o homem desarrumado a seu lado. Ele, que tem o rosto contraído em uma expressão genuína de concentração, carrega sua vida inteira nas costas e uma caixa de papelão dobrada debaixo do braço.

– Estou, sim, obrigada – respondo.

– Se precisar de café, pegue no escritório do Nick. Tem lá dentro.

Ela aponta para a porta fechada.

– A Jo sabe onde fica o escritório do Nick! – diz o homem, que abre a boca em um sorriso sem dentes, e seus *dreadlocks* balançam quando seu olhar passa de mim para Rose, que reinicia a intensa conversa entre os dois.

– Volto num instante – aviso à fila, e escuto um murmúrio de decepção às minhas costas quando me dirijo à porta fechada.

Bato à porta e espero; depois, lentamente, abro uma fresta. O escritório, sem ninguém, é pequeno e mal iluminado; debaixo da janela minúscula, há uma escrivaninha com uma cadeira. Há também uma cadeira mais baixa, de costas para mim, virada para a mesa bagunçada. Toda e qualquer superfície está ocupada por pastas e papéis, e sinto o pó entrar em minha garganta com o ar que se agita após minha entrada; um leve cheiro de café velho atravessa a atmosfera estagnada. Nada no escritório desperta uma lembrança, boa ou ruim, porém continuo sentindo uma inquietação. Avisto o café em cima da placa aquecedora, ambos um tanto desequilibrados no topo de um arquivo alto.

– Vejo que encontrou. – Com a expressão preocupada, Rose pede desculpa por me assustar e quase me fazer derramar o café. – Vim pegar um pouco também. – Ela aponta para a cafeteira. – E também ver como você está. Está

tudo bem?

– Está sim. – Dou um passo para o lado para abrir passagem para ela. – Para falar a verdade, estou me lembrando de muitas coisas. – Dirijo o olhar para o salão lotado do outro lado da porta, cheia de atividade.

– Falei que você lembraria! – diz ela, colocando no café uma dose de leite do tamanho de um dedal. – Deve ser um alívio. – Ela adiciona dois sachês de açúcar.

– É sim. – Sorrio e encontro na escrivaninha um lugar para apoiar a caneca, que repousa precariamente contra uma pilha de pastas. – É bom me sentir útil de novo.

Rose sorri, mostrando as gengivas rosadas.

– E como estão as coisas em casa?

– Está tudo bem – respondo, surpreendida pela pergunta direta. – Tudo ótimo. Por que está me perguntando isso?

Rose pousa o café ao lado do meu, fecha a porta e passa por mim para se sentar do outro lado da escrivaninha.

– Aquele pessoal pode esperar. – Ela aponta para a cadeira baixa e espera até que eu me sente e abra algum espaço para colocar meus pés antes de continuar: – Sei que não acredita em mim, Jo, mas você me contou que ia deixar seu marido. Logo depois, você cai da escada, e agora está tudo maravilhoso entre vocês de novo…

– O que eu falei exatamente? – Intimamente, espero que tenha sido algum mal-entendido. – Quando contei que ia deixar o Rob, o que eu disse?

– Poxa, Jo… Não sei direito. Faz mais de duas semanas, foi na última vez que você esteve aqui. – Rose olha ao redor. – Acho que estávamos aqui mesmo no escritório. Não lembra?

Falo que não, e me pergunto se não é por isso que a porta do escritório me parece tão importante. Talvez a gente tenha conversado aqui, talvez a cena desconcertante que lembrei seja da minha confissão. Mas não parece ser isso,

as coisas não estão se encaixando. Eu me lembrei de estar com um homem, não com Rose.

Ela toma o café com leite.

– Você não lembra que conversamos… mas lembra onde guardamos os lápis. – Ela sorri para mim. – Desculpe, isso me parece…

– Eu não estou no controle disso; é algo que me controla – afirmo. Não achei a mínima graça na comparação; pensava que Rose entendia.

– Claro, deve ser muito frustrante para você.

Ela abaixa a cabeça, porém logo a levanta de novo, com os olhos agitados, como se tivesse se lembrando de algo importante.

– O que foi? – Me inclino à frente.

– Não estávamos aqui! O dia estava calmo, estávamos sentadas naquela mesa lá, a do canto. – Ela aponta para o salão. – Ou talvez tenha sido aqui mesmo… Não sei, Jo, desculpe.

– Ah… – Recosto-me de novo na cadeira.

– Desculpe, mas, como falei, você não contou muito mais, só disse que as coisas tinham mudado entre você e Rob depois que seus filhos saíram de casa. – Ela suspira. – Eu estava preocupada com você, você parecia estar escondendo alguma coisa.

– Como o quê? – Me empertigo na cadeira.

– Não sei. – Ela hesita. – O que você acha?

A técnica de Rose é irritante. Entendo que esteja tentando extrair algo de mim, mas eu quero respostas, e não mais perguntas.

– Ah, isso é inútil – digo e me levanto. – Você não é minha psicóloga, Rose. Estou perguntando como amiga. Imagino que éramos amigas, ou não?

– Sim, claro que éramos! Ainda somos, espero. – Ela dá a volta na escrivaninha para colocar a mão em meu braço. – Vamos começar do zero, está bem?

Sento-me de novo e, balançando a perna direita para cima e para baixo, espero até que ela comece a falar. Como já aconteceu, sou tomada pela visão de uma refeição, eu e Rob em nossa mesa de jantar, o pé dele bate em um ritmo parecido ao da minha perna agora. Thomas estava lá, Sash também. Thomas se inclinou em minha direção e seu pé tocou o meu. Recolho meu pé e o coloco sob a cadeira.

Rose se senta atrás da escrivaninha novamente.

– Você nem sempre me contava as coisas – diz. – Não tudo, e não tinha o menor problema, eu não esperava isso de você. Mas eu estava preocupada. Sabe, tinha alguns sinais, algumas coisas que você dizia…

– Como assim? – pergunto, me reconhecendo em sua avaliação. Eu não teria mesmo contado tudo para ela, mas talvez houvesse alguns sinais, como ela disse.

– Acho que você já estava infeliz havia um bom tempo antes de me contar que ia se separar do Rob. Acho que você culpou o Rob por seu filho ter saído de casa. E você também não gostava do namorado da sua filha, Thomas. Seu marido agiu particularmente mal com ele, causou uma briga. – Faço que sim, pois seu relato me parece perfeito até agora. – Mas acho que o principal problema mesmo era, pelo menos foi a impressão que tive, que tinha outra pessoa no meio da história. – Ela sorri para mim como quem pede desculpa, as gengivas cobertas pelos lábios fechados. – Desculpe, Jo. Não estou afirmando. Era uma impressão, mas me parecia a conclusão lógica.

Outra pessoa? Thomas? Ou talvez alguém diferente? O homem deste escritório?

– Você não faz ideia de quem seja? – pergunto, sem saber o que gostaria de ouvir como resposta.

Entretanto, antes que Rose possa responder, a porta se escancara e um homem com olhos agitados por trás dos óculos e cabelo artificialmente espetado se lança através dela. Como estou de costas para a porta, ele não

percebe minha presença; a cadeira baixa também me obstrui de sua visão. Ele se dirige a Rose enquanto larga o casaco de couro no chão:

– Está o maior caos lá fora, o que está acontecendo?

– Nick, tem uma coisa que você precisa… – diz Rose, levantando-se, porém suas palavras se perdem no meio das dele.

– Não tem ninguém tomando conta! – diz ele em um tom abrupto. – Tem dois caras se engalfinhando!

Ele a compele a sair do seu caminho e se senta. É só então que seus olhos se arregalam ao finalmente me ver.

– Jo! – Ele se levanta de novo.

– Era o que eu estava tentando te dizer, Nick – diz Rose, que para atrás de minha cadeira, a mão em meu ombro. – Jo está de volta.

Fito o homem que acabou de entrar todo eufórico e barulhento, mas que agora está imóvel, sem tirar os olhos dos meus. Analiso suas feições a fim de identificar algo do passado, um gesto, uma nuance, os penetrantes olhos azul-acinzentados, o cabelo espetado que seria mais adequado a um homem mais jovem. Ele claramente me conhece, e a intensidade de seu olhar me faz desviar a vista, porém não o reconheço. Em absoluto. Exceto que… Vê-lo me causou aquela mesma sensação de pavor, como se eu devesse sair de perto dele, sair desse escritório. Semicerro os olhos, e uma imagem substitui seu intenso olhar. *O centro de acolhimento coberto pela escuridão, a porta batendo atrás de mim após eu sair correndo, fugindo. Fugindo dele.*

– Pode nos dar um momento, Rose? – diz ele.

Rose me olha em busca de aprovação, e eu faço que sim.

– Vou ficar bem – falo.

– Tem certeza? Se precisar que eu fique…

Ela parece indecisa.

– Por que ela precisaria de você aqui? – pergunta Nick, sem esperar minha resposta. – Feche a porta depois de sair.

Ele espera o som dos passos pesados dela ser absorvido pelo barulho de fundo do salão principal e então se inclina sobre a escrivaninha e diz:

– Porra, Jo! Onde você estava?!

– *O quê?* – Eu me levanto e me afasto, porém ele me detém antes que eu alcance a porta, segurando com força meu pulso e usando o peso do tronco para me empurrar contra a parede. – Me solte! – grito, lutando contra seus avanços desajeitados; seu rosto está tão próximo do meu que sinto o cheiro de loção pós-barba em seu queixo. – O que você pensa que está fazendo?

– Eu estava enlouquecendo, Jo! – Ele me encara de novo antes de me soltar e se afastar, com as mãos erguidas. – Me desculpe, mas já faz mais de duas semanas… Você saiu correndo daqui depois que…

– Depois que o quê?

Eu saí correndo daqui, eu fugi daqui. Fugi dele.

– Escute, sobre o que aconteceu naquela noite… – Ele hesita e me olha à procura de uma deixa, mas eu fico calada. – Se você tivesse me dado uma chance de me explicar…

– *Explicar o quê?* – pergunto, uma mão na parede para me equilibrar.

– Tudo bem, é justo, mas você sabe que o que aconteceu foi porque você quis tanto quanto eu. Você tem dado muitos sinais confusos desde que…

– O que aconteceu? – Abro caminho em direção à saída, mas o espaço pequeno e os objetos abarrotados dificultam.

– Certo, acho que mereço isso. – Ele se senta atrás da escrivaninha e me fita; minha mão está em minhas costas, agarrada à maçaneta. – Onde você estava, Jo? Por que não atendeu minhas ligações? Achei que nunca mais ia te ver. Achei que…

– Você não me ligou – digo. – A não ser que… – Penso no celular que foi jogado fora, o que quebrou no chão do corredor. – Meu celular quebrou.

Nick fecha os olhos para se recompor.

– O que está acontecendo, Jo? – Ele se levanta e eu me encosto na porta e

viro a maçaneta. – Espere! – Ele dá um passo para trás e quase cai em cima de uma pilha de pastas. – Não fuja de novo, por favor! Sente. Vamos conversar sobre o que aconteceu.

– Não consigo – digo em um tom de voz mais alto. – Não me lembro do que aconteceu. De nada. Nem de você. Nem disso. – Meu olhar percorre o escritório. – Nada.

– Não estou entendendo.

Sinto o metal frio e reconfortante da maçaneta em minha mão.

– Eu sofri uma queda, caí da escada.

– Meu Deus! – Ele se aproxima de mim e pergunta: – Você está bem? Se machucou?

– Não, mas… – Afasto a mão da maçaneta. – Não tenho nenhuma lembrança do último ano.

Eu me movo para me sentar antes que minhas pernas fiquem bambas; recuso a ajuda de Nick e me acomodo na cadeira baixa enquanto ele se senta na cadeira atrás da escrivaninha. Agora que ele está a uma distância segura, com a volumosa escrivaninha formando uma barreira entre nós, me sinto capaz de responder suas perguntas. Inicialmente, não era minha intenção contar tanta coisa para ele, mas, depois que começo, coloco tudo para fora: a queda, o celular quebrado, o hospital, a perda de memória. Paro apenas quando sua mão se estende por cima da escrivaninha em minha direção. Peço para ele não fazer isso – estremeço ao pensar na maneira como ele agarrou meu pulso antes. Ele se desculpa e afirma que não vai tocar mais em mim, promete.

– O que acha que o Rob fez com seu celular? – pergunta Nick.

– Já falei, o aparelho quebrou quando caí. Rob jogou fora e comprou um novo.

Nick ergue uma sobrancelha.

– Imagino que, além de jogar fora o telefone, ele apagou meus e-mails e

minhas mensagens. – Ele faz uma pausa antes de perguntar como que para si mesmo: – Meu Deus, acha que ele leu antes?

– Não estou entendendo. – A confusão faz meu crânio latejar, trazendo de volta a dor de cabeça e me desorientando. – Você está dizendo que o Rob me manteve longe daqui de propósito?

– Longe *de mim* – responde Nick, um comentário que ele saboreia, que faz com segurança.

– Você está dizendo que você e eu… – Não sou capaz de concluir o pensamento, de verbalizar algo que me parece tão impossível, e que, no entanto, me consumiu por dias. Eu realmente traí meu marido? Parece um engano, não tem nem um pouco a ver com minha personalidade, mas ao mesmo tempo…

– Você realmente não lembra? – pergunta ele.

Balanço a cabeça, e ele me conta que aconteceram dois "incidentes", com alguns meses entre eles. Ele me fita de novo e se desculpa por ter me envergonhado.

Encaro Nick e tento manter a voz estável.

– Preciso que você seja mais específico.

– Jo, por favor…

– Quando?

Segundo ele, a primeira vez foi em fevereiro. Estávamos aqui, só nós dois, bebendo tarde da noite. Rose tinha ido para casa e eu estava chateada com minha situação com Rob. Eu o beijei. Ele tentou resistir, não por não querer, mas porque estávamos bêbados e ele não queria se aproveitar disso. Era algo que ambos desejávamos havia um tempo.

– Foi só um beijo? – pergunto, e ele balança a cabeça. – Ficamos nus?

– *O quê?*

– É importante. Por favor.

– Acho que tirei a camisa, abri a calça… – Ele fixa o olhar na escrivaninha, afasta alguns papéis e volta a me olhar. – Jo, a gente realmente precisa falar sobre isso assim? O que aconteceu entre nós foi mais do que isso.

Seu corpo está nu, sua pele é macia, e a silhueta é destacada pela luz débil. Meus dedos o tocam, e o desejo percorre meu corpo.

– A gente transou?

– Não, você parou tudo um pouco antes disso. – Ele desvia a vista de novo, fixando-a na parede ao lado da escrivaninha. – Meu Deus, falando assim parece tão sórdido.

– E teve uma segunda vez? Quando?

– Umas duas semanas atrás, da última vez que te vi, mas não foi nada. Foi um mal-entendido. Eu te beijei, mas você não queria. Não aconteceu nada.

– *Nada?*

– Não exatamente nada, mas a gente não… – Ele sorri para mim. – Eu entendi tudo errado.

– Como assim?

– Você queria continuar apenas como amigos. Pelo menos foi o que disse. – Ele faz uma pausa. – Escute, eu acho que você se sentiu aflita, culpada. Você saiu correndo. Tentei entrar em contato, mas… – Ele olha bem para mim. – Como você voltou para cá?

– Rose me mandou um e-mail, a gente se encontrou outro dia – digo com um tom abrupto enquanto tento assimilar o que ele me disse.

Preciso que Nick fique calado por um instante. *Eu traí o meu marido, beijei outro homem, quase transamos. E fui eu que tomei a iniciativa na primeira vez. Meu Deus, o que eu me tornei? Quem diabos sou eu?*

– Jo? – Ele se inclina para a frente, inquieto. – Perguntei por que Rose não me disse nada, ela sabia que eu estava louco para falar com você.

– Ela disse que você estava estressado, talvez ela tenha tentado…

– Não a defenda! – Ele tamborila sobre a pilha de arquivos mais próxima. – Ela devia ter me contado! – Ele fica em silêncio por um instante e então me encara mais uma vez. – Por que você caiu?

– Eu simplesmente escorreguei.

As palavras de Nick suscitaram uma visão de mim e Rob. *Estamos no topo da escada, a raiva transborda de Rob. Ele está gritando comigo*…

– E você não lembra de mim? – pergunta Nick, cujos olhos penetrantes estão cravados nos meus; há um traço de tristeza neles, e uma intensidade que acho insuportável. – Não mesmo?

– Não. Mas…

– Sim? – Ele para de tamborilar.

Olho ao redor para tentar encontrar as palavras certas.

– É difícil explicar. Só sei que aconteceu alguma coisa aqui dentro. – Olho para ele de novo, para seus olhos que me encaram; a paixão com que ele me observa, como se quisesse abrir minha cabeça e ver o que realmente tem dentro dela, me faz pensar em Rob e no quanto eu gostaria de fazer o mesmo com ele, de revelar os infinitos segredos que ele guarda, mas, talvez, todos esses segredos sejam meus. – Não me lembro de nada, não mesmo.

Nick sorri para mim, e a tensão desaparece de sua expressão.

– Um ano inteiro perdido… – Ele balança a cabeça. – Inacreditável. – Nick acende a luminária da escrivaninha; o sol fraco que atravessa a pequena janela não é intenso o suficiente para iluminar o escritório, e por um instante a luz amarela me reconforta. – Deve ser terrível.

Falo que é melhor eu ir, me levanto e pego meu casaco e minha bolsa no canto onde Rose os deixou.

Nick apenas me observa antes de dizer:

– Imagino que você precise de um tempo para assimilar tudo isso.

Abro a porta para o barulho do salão principal e sinto uma imediata sensação de proteção. Saio, fecho a porta e atravesso o salão lotado, ignorando

os chamados de Rose. Estou desesperada para sair deste lugar e respirar ar fresco. Nem sequer olho para o bar de Thomas no caminho. Minha mente está inteiramente ocupada pelas palavras de Nick; ainda estou tentando entendê-las, procurando algo reconhecível em seu relato de nosso caso.

Fevereiro deste ano

A REUNIÃO COM NICK e Rose tem que ser rápida; o grupo de procura de emprego se estendeu por muito tempo hoje e Rose precisa pegar seu ônibus, diz ela, enfiando uma pilha de papéis em sua sacola retornável. Nick e eu nos levantamos para observá-la trotando com suas pernas robustas pela sala vazia, o cardigã esvoaçando às suas costas, e, quando as portas se fecham, trocamos um sorriso.

– Às vezes, imagino ela em casa, comendo sozinha, com uma pilha de formulários no colo – diz Nick, os braços curtos cruzados sobre o peito largo. – Acha que ela é feliz?

– Acho sim! – Sorrio para ele. – Mais do que a maioria das pessoas, provavelmente.

Nick me olha com o cenho franzido e então ri, um som gutural que se tornou tão familiar para mim quanto o sorriso cheio de gengivas de Rose. Saio do escritório dele, mas ele me chama.

– Tem tempo para tomar um café e jogar um pouco de conversa fora? Foi um dia e tanto.

– É melhor eu voltar pra casa – respondo, e, quando me viro, vejo que ele está segurando uma garrafa de uísque.

– Rob vai chegar em breve? – Há uma inflexão aguda quase imperceptível em seu tom. – Ou você tem dez minutos?

O escritório escureceu enquanto conversávamos, o fim de tarde se transformou em início da noite e um "café" se seguiu ao outro, apenas a débil luz da Anglepoise a iluminar o cômodo caótico. O solitário foco de luz amarela deixou o escritório com um ar mais intimista, e eu tirei os sapatos;

com as pernas erguidas a partir da cadeira baixa onde estou acomodada no momento, meus pés, cobertos pela meia-calça, se apoiam na beirada da escrivaninha de Nick. Na mão, tenho uma caneca de café batizada com uísque, a terceira. Dou um gole; o café está frio, mas o álcool faz minha garganta arder.

– Eu nem sequer gosto de uísque – observo, rindo para mim mesma.

– Você parece estar se virando bem – diz Nick, e seus olhos se enrugam em um olhar benevolente, possivelmente de admiração.

– E como eu vou para casa agora? – Balanço o indicador para ele, percebendo a maneira como a luz ilumina os pontos azuis de seus olhos acinzentados, e também o tom de loiro que percorre seu cabelo castanho espetado. – Você é uma péssima influência. Achei que fosse um homem decente. – Faço uma pausa. – Pensando bem, achei que eu era uma mulher decente.

– Você não vai voltar dirigindo de jeito nenhum! – Nick se levanta para me servir novamente. – Então podemos muito bem terminar isso aqui. – Ele para com a garrafa no ar. – A não ser que alguém esteja te esperando em algum lugar…

Rio e ergo a caneca para que ele a encha.

– *Rob?* Duvido que ele esteja em casa.

– Está tão ruim assim? – Nick enche sua caneca também e se apoia na beirada da escrivaninha. – O cara só pode ser um idiota para te negligenciar assim.

Noto que ele olha para minhas pernas – minha saia escorregou até a altura da coxa, porém não faço nada para ajeitá-la, apenas desfruto a confiança que sua apreciação desperta em mim.

– Quer conversar sobre isso? – ele pergunta.

– Não há muito o que dizer. – Mas na verdade há, e coloco tudo pra fora enquanto meu café se agita na caneca.

– E, para completar, o Fin está morando com um amigo, Ryan… – conto. Nick ergue a sobrancelha. – Não, não é nada do que você está pensando – falo, mas ele sorri. – Não é! E Sash está morando com Thomas… – Aponto na direção do bar. – E meu marido, que é pelo menos parcialmente responsável por tudo isso, passa todo seu tempo acordado no trabalho.

Nick dá um passo à frente e pega a caneca da minha mão.

– Acho que você já bebeu o suficiente.

Ele me ajuda a levantar da cadeira baixa, coloca meus pés de volta nos sapatos e meus braços no casaco, e eu não consigo parar de rir do comportamento ridículo dos meus membros.

– Agora sim – diz Nick, ainda me segurando. – Está decente de novo.

Aproximo-me dele, e nossos rostos quase se encostam.

– Nunca tinha reparado nos seus olhos – digo e logo dou risada do comentário cafona. Então ergo a mão para tocar a lateral de seu rosto, encostando minha palma macia na pele áspera de seu queixo. – Sabe, Nick…

– Jo… – Nick recua e me fita por um momento com uma expressão confusa. – Não sei se a gente devia…

– Shhh… – Coloco o indicador contra meus lábios, depois coloco esse mesmo indicador contra os dele. – Não diga nada.

Nós nos beijamos; sua boca cobre a minha em um beijo urgente e cheio de desejo. Ele me puxa para si, cada vez mais forte, e depois me empurra em direção à parede, suas mãos por todo meu corpo, sob minha saia, em minhas coxas, seus dedos não param de explorar minha pele. Tento pensar em Rob, em nosso lar, em nosso casamento, mas o meu desejo é de escapar de tudo isso, de voltar a ser eu mesma: a Jo, desejada por quem ela verdadeiramente é, não um troféu para ser admirado por Rob, não a esposa perfeitinha que faz seu jantar e sempre está à sua espera em casa. Rob diz que sou tudo para ele, porém nunca está presente, e, embora façamos amor de vez em quando, eu nunca me sinto como estou me sentindo agora – desimpedida e desejada.

Quando cedo a esse pensamento, passo a agir em vez de pensar, e a paixão de Nick desperta a minha própria, até quase me convencer de que é ele que eu desejo. Minha respiração se torna curta e intensa, e logo será tarde demais para parar.

– Não! – Eu me afasto, ofegando, e o empurro. – Isso é errado. Eu não posso. Não é justo com o Rob. Ele nunca me traiu. É…

Nós nos entreolhamos, e Nick faz que sim, vira-se de costas e veste a camisa.

– Você não está em condições de dirigir – diz ele, virando-se para mim enquanto afivela o cinto da calça.

Pego meu sapato embaixo da escrivaninha e abotoo a blusa.

– Vou pegar um táxi. – Visto o casaco e jogo a bolsa sobre o ombro.

– Vamos conversar sobre o que acabou de acontecer…

Balanço a cabeça e caminho até a porta, mas Nick me segue e me segura pelo pulso. Olho para a mão dele, que me solta e se afasta. Saio do escritório e fecho a porta.

O salão está vazio; somente a luz das telas dos computadores guia meu caminho entre as mesas e cadeiras. Estou desorientada, a escuridão e o efeito do álcool me confundem, mas ando com rapidez. Então, a porta atrás de mim se escancara de novo, jogando uma fraca luz amarela sobre o carpete.

– Espere! – grita Nick. – Jo, por favor! Vamos conversar sobre o que aconteceu!

– Desculpe! – Tropeço em uma cadeira, e minha canela lateja com o impacto, mas ainda assim não olho para trás.

– Jo! Não vá embora assim! Precisamos conversar sobre isso! Jo, por favor!

Abro a porta de saída e o ar frio que entra em meus pulmões é um choque de sobriedade, embora minha cabeça ainda esteja rodando e a visão da rua artificialmente iluminada esteja inclinada em um eixo torto. Balanço a cabeça para amenizar esses efeitos e passo apressadamente pelas lojas fechadas e

escritórios vazios, cada vez mais rápido; minha canela latejante me faz mancar, e tento ignorar a umidade entre minhas pernas. Não olho para trás até virar a esquina; então, constato que não tem ninguém me seguindo, paro e massageio a canela. Mas a dor é boa. *Verdadeira. Apropriada.* Me desequilibro e, para não cair, estendo a mão contra uma parede. Um casal que passeia com um cachorrinho me lança um olhar de reprovação nada discreto.

Desorientada com a fuga, cujo destino me parece irrelevante, volto a andar para escapar do olhar deles e continuo avançando em um estado de pânico até finalmente ser obrigada a parar, pois meus pulmões gritam e minha perna pulsa de dor. Olho ao redor e vejo um bar de aparência rudimentar do outro lado da rua movimentada – The Limes. O bar de Thomas. As cortinas do apartamento no primeiro andar estão parcialmente fechadas, mas há uma luz acesa por trás delas. Se pudesse ver Sash, tomar um pouco de café e ficar sóbria o bastante para dirigir até minha casa, talvez eu conseguisse lidar com Rob. Tento o celular dela, mas cai na caixa postal, e sua gravação animada me faz chorar ao mesmo tempo que me deixa mais determinada a encontrá-la. Atravesso a rua, erguendo a mão para me desculpar com o motorista que precisa frear e desviar o carro de mim. Chego na porta do bar e paro para me recompor, ensaiando uma desculpa para Sash; uma amiga que estava mal e precisou ir para casa, uma refeição pela metade, uma longa fila de táxis, drinques demais. Espio pela porta de vidro, e o interior do bar parece deserto. Quase dou meia-volta sem tentar abrir a porta, mas tento e descubro que está destrancada.

O bar está vazio. A porta se fecha atrás de mim, bloqueando a iluminação exterior. Cambaleio pelo lugar, tropeço na perna de uma cadeira, e o mogno pesado do balcão bate em mim quando o contorno antes da hora para chegar ao corredor mal iluminado dos fundos. São tantas portas; um depósito, um armário, o banheiro fedorento. Avisto a escada, cujo topo revela uma faixa de luz que sai de uma porta aberta. *Ela ainda está acordada. Graças a Deus.* Tropeço de novo ao subir e solto um grito, então ergo a palma que acabou de me

proteger do degrau empoeirado para cobrir a boca. Volto o olhar para a porta acima com a esperança de que Sash tenha me escutado e saia. É muito descuido deixar o local destrancado assim, típico de Sash, e também de Thomas, pelo jeito. Qualquer pessoa poderia ter entrado. Pelo menos isso eu preciso dizer para ela. Espano a roupa e balanço a cabeça em uma tentativa de clarear os pensamentos. Tento escutar algum sinal de vida e quase perco a determinação, mas a luz está acesa e estou tão perto… Só preciso falar com Sash, depois disso vou ficar bem. Vou perguntar se não podemos sair para tomar um café. A porta está entreaberta; só preciso chamá-la. Se não tiver ninguém, posso simplesmente sair por onde entrei. Abro a porta e um cômodo com uma cama no meio se revela. Eu não esperava isso; imaginei que haveria um corredor ou uma sala de estar, mas já estou no quarto e alguém se mexe, alguém se vira no meio do sono para ver quem chegou. Primeiro fico com medo de ter me deparado com os dois juntos, no meio de um abraço, ou algo pior, mas, depois que meus olhos se ajustam à luz, só consigo distinguir Thomas, de costas. Recuo para a escuridão, ainda procurando por Sash, mas ela não está aqui. É melhor ir embora por onde eu vim, voltar para a segurança da rua escura, mas não é o que faço. Talvez seja o entorpecimento dos sentidos causado pelo álcool, ou do choque com o acontecimento que acarretou minha fuga, ou com o acontecimento acarretado por ela, mas o fato é que fico hipnotizada pela beleza daquele corpo nu. Oh, é primoroso como os músculos definidos sob a pele tesa se movem languidamente e se contraem conforme Thomas se vira para mim.

– Jo? – Sua voz carrega certa sonolência, e não consigo decifrar sua expressão no escuro.

– Eu estava procurando a Sash – falo de maneira arrastada. Eu percebo, e ele também.

Ele comenta que estou bêbada, depois ri e joga as cobertas para trás em um convite.

13

Dez dias após a queda

DURANTE O CAMINHO ATÉ meu carro, analiso a conversa que tive no escritório de Nick e faço um esforço para gravar as palavras na memória, para evitar que o significado delas se perca. É possível, suponho, que eu tenha sido cativada por Nick, mas que fui eu que dei o primeiro passo é difícil de acreditar. Jamais traí Rob, nunca nem sequer considerei essa possibilidade, e, segundo Nick, não ocorreu apenas uma vez; voltou a acontecer recentemente, apesar de ele admitir que interpretou mal a situação na segunda vez. Destranco o carro, entro e parto, preocupada demais para reparar no bar. Neste momento, Thomas é a menor das minhas preocupações.

O rodoanel está relativamente calmo, ainda não é a hora do *rush*, e, como recuperei a confiança em minha capacidade de dirigir, deixo os pensamentos se concentrarem na conversa com Nick, repetindo-a incansavelmente em minha cabeça. Desde que caí, todo o processo da memória se tornou mais precioso, e me dei conta de que não dava valor a algo que é infinitamente mais delicado do que eu sabia. Agora é como se eu conseguisse sentir as lembranças se agarrando ao meu cérebro, como se alguém estivesse passando um rolo de tinta para a frente e para trás em uma xilogravura, revelando cada detalhe.

Não senti nenhuma atração por Nick hoje, zero, nem mesmo me lembrava dele, mas, se o que ele disse é verdade, devo ter sentido algo. Talvez tenha sido uma atração intelectual, ou talvez eu tenha recorrido a Nick por ele representar uma mudança de direção rumo ao altruísmo e à consciência social. Ele é muito diferente de Rob, isso é evidente. Será que usei Nick como uma espécie de

antídoto ao meu marido? Nick está convencido de que Rob tentava me manter longe do centro de acolhimento de propósito e, mais do que isso, de que apagou e-mails e mentiu sobre meu celular, o que sugere que Rob sabia que eu estava sendo infiel. No entanto, um caso amoroso demandaria certo nível de entrega de minha parte, de desejo, de atração, de anseio, e eu não sinto nada disso agora. Será que meu casamento realmente tinha se deteriorado a ponto de eu buscar outra pessoa? Estremeço e tento ignorar as infinitas perguntas enquanto espero que os pedestres atravessem e o semáforo fique verde; a imagem de uma garota correndo na frente do carro invade insistentemente meus pensamentos. Pressiono o freio com mais força, embora o carro já esteja parado. *Estava chovendo. Era meu aniversário? A garota na faixa era Sash?* Fecho os olhos e me inclino sobre o volante para afastar as memórias entrecortadas e os pensamentos confusos que formam sulcos em minha psique e rugas em minha testa; imploro-lhes silenciosamente por um instante de paz. Escuto o barulho agudo da buzina de um carro e, ao olhar para cima, vejo que o semáforo abriu. Coloco a mão para fora da janela para pedir desculpa e sigo me distanciando do centro da cidade, certa apenas do meu desejo de chegar em casa.

O celeiro está quieto quando entro nele; até mesmo o vento se reduziu a um sussurro, como se nós dois tivéssemos sido calados pelas revelações da tarde. Preparo um chá e tomo dois analgésicos para a dor de cabeça, depois pego o celular na mesa da sala de estar e envio uma mensagem para Rob. A conferência dele acaba hoje; um dia de apresentações entediantes, segundo a mensagem que ele enviou de manhã. Pergunto a que horas ele chega e, com o celular ainda na mão, subo devagar a escada, afastando as imagens de nossa discussão no topo.

Já está escurecendo quando acordo; as sombras colorem de cinza o quarto. Há uma mensagem de Rob dizendo que esses dias foram cansativos, que está louco para me ver, mas que deve chegar tarde. Largo o celular e me levanto da cama. Estou péssima, sinto a cabeça densa de sono e de confusão. Preciso de um pouco de água, de mais analgésicos, talvez, porém não lembro quantos já

tomei hoje. É ao descer, com as mãos agarradas ao corrimão, que a imagem de mim e Rob retorna.

Estávamos discutindo, eu estava falando alguma coisa para ele, gritando com ele, e ele não me soltava, estava me segurando, angustiado, implorando que eu ficasse.

Detenho-me com o pé ainda no ar e observo o buraco na parede, parcialmente visível na penumbra. É possível mesmo que ele tenha me empurrado de propósito? Desço mais um degrau e contemplo as fotos de nossos filhos, de nossa família como ela foi um dia; as mudanças de um ano para outro são narradas de trás para a frente conforme desço aos poucos. Eu voltaria no tempo se pudesse? Provavelmente voltaria um ano, o que é uma grande ironia, já que o truque que minha mente me infligiu teve exatamente esse resultado. Talvez, então, esse truque seja bom, e não cruel. Talvez eu esteja sendo poupada do pior ano da minha vida.

Na cozinha, acendo a luz, e o brilho forte faz meus olhos arderem e minha dor de cabeça aumentar. Apoio-me na ilha e me pergunto novamente quantos analgésicos já tomei hoje. Decido não arriscar tomar mais e passo pela mesa de jantar para pegar o porta-retratos no peitoril da janela. Lá fora, a escuridão se precipita e produz um grande contraste com o belo pôr do sol da foto. Nossos rostos bronzeados e risonhos me encaram. Estávamos felizes nessa época, acho que foi em outubro, ou talvez em novembro. Rob disse que foi pouco antes do meu aniversário, uma viagem-surpresa que foi maravilhosa, uma segunda lua de mel. De fato, parecemos um casal que está aproveitando ao máximo a próxima fase da vida. Sim, Fin estava vivendo o inferno na universidade, e Sash estava morando numa quitinete minúscula, mas essa é a vida real, difícil e complicada. Os filhos crescem e tomam suas próprias decisões, e nem sempre elas são boas. Toda família tem problemas. Observo as duas fotos: sol, mar e palmeiras na de cima, e, na de baixo, Rob e eu diante de uma balaustrada, talvez em um terraço, tendo como pano de fundo o oceano e o pôr do sol. Ela evoca algo familiar, que não passa de uma faísca, talvez seja apenas minha imaginação tentando preencher as lacunas. *Vejo o rosto de Rob do*

outro lado de uma mesa para dois, uma conversa, estou frustrada com ele por ter me falado para deixar de tolice.

O telefone fixo toca, e eu corro para atender.

– Quanto tempo você vai demorar? – pergunto.

– Vou dirigir rápido – diz ele. – Já, já estou aí, ok?

Tento escutar o barulho do tráfego para ter alguma pista de seu percurso.

– Onde você está? – pergunto. – Não estou ouvindo nada ao redor.

– Não estou longe. Não vejo a hora de chegar. Estou com muita saudade, Jo.

Coloco o telefone na base, olho para o porta-retratos ainda na minha mão e me seguro para não arremessá-lo contra a parede.

Fevereiro deste ano

– E SUA CABEÇA? – PERGUNTA Rob, que rola para o outro lado e pega seus óculos para ver a hora.

Penso nos cafés batizados com uísque que Nick serviu ontem à noite e minha dor de cabeça e a culpa que se aloja no fundo do meu estômago se intensificam.

– Já falei que quem ficou bêbada foi a Rose, não eu.

Eu me viro de lado, de costas para meu marido, e engulo a bile que sobe minha garganta.

– Preciso ir, vou chegar atrasado.

Ele se levanta e vai até o banheiro.

Rob ficou muito menos perturbado do que eu esperava com o fato de eu ter chegado tarde. Segundo ele, também tinha acabado de chegar, e aceitou imediatamente a desculpa de que uma pizza rápida com Rose se transformara em uma noite de bebedeira.

"Ela ficou péssima", expliquei para ele. "Eu não podia largá-la daquele jeito."

A pontada de remorso que senti por usar Rose como desculpa foi mortificante, porém ela foi quase totalmente eclipsada pela culpa decorrente das mentiras terríveis que me levaram a fazê-lo. Rob não pareceu perceber; comentou que foi bom eu ter tido companhia, já que ele também chegou tarde.

"Eu corri muitos riscos!", falei enquanto subíamos a escada, ele com as mãos em meus quadris para me equilibrar.

Ele riu e disse que confiava em minha sensatez, mas que eu não deveria ter

dirigido, mesmo após somente duas taças de vinho – e, para provar seu argumento, eu tropecei e pendi para trás, sendo salva por seus reflexos rápidos e depois endireitada por ele.

Aproveito que Rob está no banheiro e confiro o celular mais uma vez; ainda não recebi nenhuma resposta de Sash. Já enviei duas mensagens, uma ontem à noite e outra agora de manhã; se eu mandar mais, ela vai suspeitar de algo. Tenho que ser paciente, mas é muito difícil. Só preciso ter uma notícia normal dela, que indique que ela não faz ideia de que estive no bar ontem. Largo o celular na cama, porém o agarro de imediato quando a resposta de Sash chega. Ela está de ressaca, ficou fora até tarde com "as meninas"; Thomas ficou bravo, falou um monte porque ela esqueceu de levar a chave e por isso ele teve de deixar a porta destrancada. Para piorar, ela ainda vomitou quando chegou. Precisa correr, senão vai se atrasar. Exalo o ar e fecho os olhos; abro-os de novo quando a cabeça de Rob surge no vão da porta do banheiro.

– Está escalada para ser uma boa pessoa hoje? – pergunta ele.

– Sim, mas… – Espero porque o barulho da escova de dentes elétrica de Rob interrompe nossa conversa. – Tenho pensado que talvez eu esteja passando muito tempo lá… – Me calo para esperar a reação de Rob.

– Eu avisei… – responde ele, e suas palavras saem viscosas por conta da pasta de dente. – Você dá a mão…

Eu me sento e me inclino para a frente para pegar a camisola no chão. Quando me levanto para vesti-la, a umidade entre minhas pernas escorre pelas minhas coxas. Vou correndo para o banheiro e expulso Rob a tempo: as lágrimas escorrem por minhas bochechas ardentes assim que fecho a porta.

Na noite anterior, fiquei uma eternidade no banho; deixei a água escorrer pelo meu corpo e pelos meus pensamentos ruidosos até que Rob bateu à porta e me assustou com seu tom urgente, antes de brincar que eu me afogaria se não saísse logo. A ducha não fez diferença alguma, claro; não havia água quente ou sabonete perfumado que fosse capaz de reverter o estado deplorável

em que eu me encontrava quando deitei ao lado do meu desavisado marido. O sexo motivado pela culpa que iniciei hoje de manhã também não fez nenhuma diferença. E por que faria?

– Está tudo bem? – pergunta ele do outro lado da porta.

– Tudo bem. – Dou descarga. – Já vou sair.

Enxugo os olhos com uma folha destacada de papel higiênico e borrifo água no rosto enquanto lavo as mãos, encarando meu reflexo no espelho, chocada com o fato de que minha aparência está completamente normal.

– Não que eu me importe… – diz Rob do quarto. – Você sabe que nunca fui muito fã do seu trabalho voluntário, mas achei que você estivesse gostando.

– Não mais. – Abro a porta e saio. Tenho a cabeça baixa quando nos cruzamos.

– Aconteceu alguma coisa? – Ele cospe a pasta de dente na pia. – Ninguém fez nada com você, fez?

– Não. – Paro para observá-lo gargarejar e cuspir. – Por que a pergunta?

As imagens da noite anterior são tão vívidas que não tenho dúvida de que Rob, que está olhando para mim, percebeu alguma mudança em minha expressão, algo que vai me entregar. Volto para a cama e me cubro até o peito com o edredom.

– Por nada. É que você adora o trabalho voluntário. Passa o tempo todo lá. E de repente quer parar de ir. – Ele seca a boca com a toalha de mão branca enquanto volta para o quarto. – Deve ter acontecido alguma coisa que te fez mudar de ideia.

– Rob, você manchou a toalha! – Aponto para a baba azul deixada por ele. – Caramba!

Rob analisa o dano.

– Não tem problema.

– Tem sim – digo, contente com a distração que a toalha criou. – Vou precisar lavar.

– Então, acha que vai parar de ir? – Ele joga a toalha branca no cesto de roupa suja, no patamar. – Para o centro, digo.

– Sim, acho que sim. Por enquanto.

– É aquele velho ditado – diz Rob, que volta do patamar, ainda totalmente nu –, nenhuma boa ação fica sem punição. – Ele ri da própria piada, aparentemente alheio ao meu desespero. – Mas não é do seu feitio desistir tão rápido; só faz alguns meses que você está lá.

– Três meses. – Tento retribuir seu sorriso. – Já deu para saber como é.

Observo-o se vestir e me pergunto se é assim que minha vida vai ser de agora em diante: sempre escondendo algo, mentindo, com medo, agindo artificialmente para compensar o que fiz. Talvez eu devesse contar logo, me colocar à mercê dele, citar os muitos anos durante os quais fui totalmente fiel, como se isso contrabalançasse a maldita noite de ontem. Penso em Nick e eu, semidespidos, nos tocando em seu escritório; em Thomas, totalmente nu, puxando as cobertas para me convidar à sua cama, a cama de Sash…

– Jo!

– Desculpe! Oi?

Rob ri e faz mais um comentário brincalhão sobre minha ressaca.

– Falando sério, acho que o trabalho voluntário tem feito bem para você. – Ele está colocando as abotoaduras. – Tenho estado tão consumido pelo trabalho ultimamente. – Ele se levanta para vestir o paletó. – Desculpe se tenho te negligenciado. Você sabe que eu passaria o tempo inteiro com você se pudesse. – Ele sorri. – Especialmente se sexo de manhã passar a fazer parte do cardápio.

– Você está lindo – digo, reparando de verdade nele pela primeira vez em um bom tempo. Ou será porque agora o vejo de uma maneira inteiramente diferente, já que minha perspectiva foi alterada pelo risco que assumi em relação a nosso casamento?

Ele franze o cenho em uma expressão interrogativa.

– Tem certeza de que está tudo bem?

– Está sim. – Sorrio. Minha voz parece artificial. – Não posso te elogiar que você já acha que tem algo errado.

– Desculpe – diz ele, encurvando-se para me dar um leve beijo nos lábios. – Claro que pode. Sei que tem sido difícil para você, toda essa situação com nossos filhos, eu passando pouco tempo aqui, mas espero que isso mude em breve. Depois que essa loucura no trabalho passar. Está bem?

Falo para ele que não me incomodo, que entendo. Que dou valor a seu comprometimento, ao fato de que ele sustenta a todos nós, sempre sustentou. Então, me obrigo a parar de falar e simplesmente sorrio para Rob como sempre fiz, consciente de nossos papéis. Rob fixa o olhar em mim, com uma pergunta pronta em seus lábios. Entro em pânico, com medo de que ele tenha percebido alguma mudança em mim, como se meus pensamentos houvessem se projetado em meu rosto, assaltada por uma visão tremeluzente da minha desgraça na noite anterior, mas ele apenas diz:

– Recebeu o e-mail ontem?

– Qual mesmo? – pergunto, a voz falhando.

– Sobre a despedida no trabalho. – Ele se vira. – Não sei por que Colin te convidou, faz anos que você trabalhou lá, décadas, na verdade. Só Deus sabe como ele conseguiu seu e-mail.

O convite, enviado para Rob com cópia para mim, chegou ontem. Também me perguntei como Colin me encontrou; faz muito tempo que não nos vemos, desde que trabalhei com ele e Rob.

– Achei um pouco estranho – respondo. – Mal me lembro dele.

– Talvez ele tenha deduzido seu e-mail a partir do meu e achou que seria simpático te incluir. Ele é meio estranho.

– Acha que devo ir?

– De maneira alguma! O cara é o tédio em pessoa. Pensei em dar uma passada lá e ficar uma horinha, se você não se incomodar – diz Rob, esperando

minha reação.

– Claro, como preferir. – A falta de importância da questão me irrita. – Realmente tanto faz para mim.

– Eu não preciso ir.

– Não tem problema mesmo – digo, distraída agora com outra questão: como vou explicar para Rose a decisão de abandonar o centro de acolhimento? – Preciso resolver algumas coisas hoje. Só me avisa a que horas vai voltar.

– Tarde. – Rob me beija de novo, desta vez na bochecha. – Desculpe, querida. Prometo que não vou voltar *muito* tarde. E, como falei, quando esse período tumultuado passar, vou voltar ao normal, das nove às cinco. Vamos poder sair mais à noite, ir ao cinema e tal. Combinado?

– Parece ótimo – respondo com o máximo de animação de que sou capaz.

Quando escuto os pneus de Rob contra o cascalho, já digitei parte da mensagem para Rose. A desculpa que dou não é exatamente original, mas as melhores mentiras são as menos complicadas, certo? Além disso, não estou mesmo me sentindo bem, pode até ser uma gripe. Puxo o edredom sobre a cabeça e fecho os olhos com força, mesmo sabendo que não vou dormir.

O The Limes parece muito diferente à luz do dia – não inofensivo, mas muito menos ameaçador do que na noite de ontem. Assim que entro, vejo Thomas sentado em um banco no lado de fora do balcão, e meu medo volta. Ele está encurvado para a frente, de costas para mim, a cabeça apoiada na maciça tábua de mogno. Ele me olha por cima do ombro; seus olhos estão pesados, o queixo, com a barba por fazer. O Thomas que admirei ontem desapareceu, foi substituído por essa versão degradada, que ostenta uma expressão de escárnio para me deixar ainda mais envergonhada.

– Achei que fosse você mesmo – diz, com somente o olho direito aberto. Ele limpa a baba no canto da boca e afasta o cabelo do rosto. – Porra, você está péssima – comenta enquanto me sento a seu lado.

Eu deveria retaliar, dizer que ele está dez vezes pior, mas sei que devo estar

péssima mesmo, não fiz o menor esforço para ficar apresentável.

– Sash está aqui?

Ele nega com a cabeça e a apoia no balcão de novo. Olho ao redor e noto que não tem mais ninguém no bar. Está cedo demais até mesmo para os bebedores inveterados; já Sash deve estar no trabalho.

– Se veio para me passar sermão, não estou a fim – murmura Thomas. – Sua filha já se encarregou disso.

– Como assim?

Ele não responde, e se iça sobre o balcão para pegar uma cerveja, tirando a tampa com o dente e bebendo metade antes mesmo de voltar a se sentar.

– O que a Sash disse? – pergunto, agarrando-lhe pelo braço. – Diga!

Ele sorri e afasta meu braço. Sua arrogância está de volta, talvez por causa da cerveja, talvez porque ele pense que pode tirar alguma vantagem do meu desespero.

– Ainda não falou com ela? – pergunta, tomando o restante da cerveja e batendo a garrafa no balcão com força.

Eu me sobressalto com o barulho alto.

– Não, apenas mensagens. O que você falou pra ela? Disse que estive aqui, que te vi…?

– Claro que não! – Ele se inclina para que sua boca fique a centímetros da minha, e seu hálito rançoso de cerveja alcança minhas narinas, me fazendo virar o rosto. – Por que eu faria isso?

– Melhor assim. – Respiro fundo para fazer o discurso que ensaiei. – Vim até aqui para pedir que você deixe minha filha, que termine tudo, imediatamente. – Olho bem nos seus olhos. – É o melhor que você pode fazer depois de… Enfim…

Ele gargalha, balança-se para a frente e para trás no banco e fala:

– Foi o que imaginei. É muito conveniente para você que eu saia de cena.

– Por favor, Thomas. Estou implorando.

– *Implorando?* Ah, está ficando cada vez melhor! – Ele ri de novo e afasta o cabelo do rosto, deixando à mostra os olhos avermelhados e a pele pálida. – *Sério?* – grita, me sobressaltando de novo. Balanço a cabeça. – Você acha que vai ser fácil assim, Jo? Que eu vou simplesmente desaparecer?

– Só achei que…

– Você achou que podia vir aqui e resolver as coisas, deixar tudo perfeitinho de novo para sua família perfeitinha naquela porra de casa perfeitinha?

– Não sei do que…

– Sash me contou sobre você. Você vive na sua bolha insignificante, sempre fingindo que está tudo bem. – Ele cospe as palavras em meu rosto, e um perdigoto cai em minha bochecha. – Pois eu tenho uma novidade pra você, Jo! Não está tudo bem! Está tudo uma merda! Está tudo uma merda para todo mundo!

– Eu estava bêbada. Estava atrás da Sash.

– Isso, continue repetindo isso para você mesma – diz ele, sorrindo para si mesmo.

Eu me levanto e caminho até a porta, mas Thomas grita meu nome, e a sílaba única perfura meu corpo. Paro por um instante, decido ignorá-lo e fecho a porta depois de sair.

14

Dez dias após a queda

A REFEIÇÃO ESTÁ QUASE pronta: apenas requentei o molho bolonhesa congelado, mas o cheiro está delicioso e me lembra tempos melhores. Mexo o molho de novo para soltá-lo do fundo da panela, e pensamentos melancólicos sobem junto com o vapor quando coloco o espaguete seco na panela com água fervendo: *será que realmente fui infiel? Arrisquei meu casamento?*

Rob deve chegar a qualquer momento. Ele parecia cansado quando ligou do carro; espero que não esteja exausto demais para conversar, embora eu não saiba exatamente o que vou dizer, nem como. Escuto os pneus triturando o cascalho, depois uma porta de carro se abrindo e fechando. Contemplo a mesa, cheia de velas, que acendi provavelmente por força do hábito. Já perto de se apagarem, as chamas lançam sombras nas paredes. Rob abre a porta e chama meu nome. Imagino que é o ar frio que me faz estremecer. Não respondo nada, apenas me envolvo no cardigã e caminho até o corredor para encontrá-lo.

– Uau, o que é isso tudo? – pergunta, olhando para a cozinha. – Alguma ocasião especial?

– Apenas o jantar – digo enquanto me abaixo para pegar a bolsa de viagem que ele soltou no chão. – Como foi a conferência?

– Deixe isso aí! – diz ele, estendendo a mão. – Está pesada.

Passo a bolsa para ele, embora não esteja nem um pouco pesada. Ele avisa que vai se trocar rapidinho, mas, antes, para, se vira para mim e pergunta:

– Você lembrou de mais alguma coisa enquanto eu estava fora?

Balanço a cabeça e observo-o subir dois degraus de cada vez.

– Eu estou bem, Rob – digo baixinho. – Obrigada por perguntar.

Rob, que trocou a roupa de trabalho por uma camiseta casual e calça jeans, volta sorrindo.

– Gostei – diz, pegando a garrafa de vinho tinto que coloquei junto com duas taças na ilha da cozinha. – Como nos velhos tempos!

– Tem certeza? – pergunto, encarando-o por cima do ombro. Ele sorri, e eu volto a me concentrar na comida. – O molho está quase ficando incomível. – Mexo no líquido borbulhante, que secou de novo. – Pode cuidar do vinho?

– É melhor você não beber enquanto estiver tomando esses analgésicos fortes. – Ele se serve de uma grande taça.

– Parei de tomar. – O vapor me engole quando escorro o macarrão na pia. – Minha cabeça está melhor, obrigada por perguntar.

– Que notícia ótima! – Ele enche minha taça e leva as duas para a mesa. – Eu ia perguntar, querida. De verdade.

Ele comenta que está muito cansado, que o fim de semana foi um pesadelo. E que sentiu muita saudade de mim. O tempo inteiro preocupado comigo. Passo-lhe a tigela de macarrão e me sento à sua frente, observando-o praticamente inspirar a comida.

– Aproveitei o tempo para tentar entender como caí da escada – digo, enrolando os fios de espaguete no garfo. Rob não diz nada, está de boca cheia, mas me encara. – Eu estava carregando a roupa suja? Ou olhando para trás, para você? Ou…

– Não – responde, bebendo um gole de vinho para ajudar a engolir a comida. – Você estava apenas descendo na minha frente. Talvez…

– *Sim?*

– Acho que você estava olhando as fotos, talvez isso tenha te distraído.

Eu estava olhando para as fotos e tropecei, ou pisei em falso. É totalmente plausível, exceto que…

– Achei que a gente estivesse discutindo – digo.

Rob dá de ombros, mas ele parou de comer e está segurando o garfo no ar.

– Discutindo sobre o quê?

– Não sei. Sobre o centro de acolhimento, talvez?

Rob solta o talher, e um fio de espaguete cai no jogo americano. Ele pega o fio amiláceo e limpa o resíduo cor de carmim, encostando o dedo umedecido na mesa antes de devolver o espaguete à tigela.

– Rose me mandou um e-mail. Sabe de quem estou falando? – pergunto. – Ela é voluntária lá. – Ele desvia o olhar, continua sem responder. – A Sash também foi voluntária lá, acho que foi assim que conheceu o Thomas. Parece que a família toda está envolvida. – Levanto a taça. – Porque eu também era voluntária lá. Você sabia disso? – Estou me sentindo agressiva, em rota de colisão com a verdade. – Eu era voluntária assídua. Talvez ainda fosse, se tivesse sabido disso.

Ele me encara.

– Você foi no centro de acolhimento durante minha viagem?

Balanço a cabeça.

– Por que não me contou, Rob?

– Não achei que fosse importante.

– Ah, conta outra! – Ergo a taça de novo e dou uma garfada; depois, espero ele reagir, dizer que sabe sobre mim e Nick. Que explique por que decidiu esconder isso de mim.

– Estava esperando você melhorar primeiro, só isso. – Ele toma o resto da taça e se serve de novo. – Eles sempre te pressionam para fazer cada vez mais coisas lá.

Recosto-me na cadeira e olho para a taça de vinho em minha mão, balançando o líquido vermelho diante da chama da vela. Não tenho mais energia para brigar, apesar de haver muito ainda a ser destrinchado.

– Sabe, é que… – Tomo mais um gole de vinho. – Sash me disse uma coisa tão estranha sobre você.

O olhar de Rob passa da comida para mim, e ele pergunta o que eu quis dizer com isso.

– Pelo jeito, você disse que seria melhor se eu não me lembrasse do que aconteceu no último ano. É verdade?

A expressão de Rob é de aflição. Ele parece prestes a explicar tudo, talvez fosse sua intenção, mas ele diz sem pensar:

– Foi burrice, eu sei que foi! Mas quando você disse que a última coisa que lembrava era de deixar Fin na universidade… – Ele desvia a vista e fecha os olhos por um instante. – Eu queria um tempo para… – Ele me olha. – O ano foi terrível, Jo… Eu queria protegê-la disso enquanto fosse possível. É tão errado assim? Nós dois fizemos coisas que é melhor esquecer. Mas você e eu valemos muito mais do que isso!

Ele parece muito mais velho do que o ano que perdi. Não acredito que só estou percebendo isso agora; talvez eu não estivesse realmente enxergando. Sua pele está pálida, com olheiras sob os olhos caídos, seu cabelo está mais grisalho, sem quase nada da cor original. Rob é um homem que sempre se deu bem com rotina e com ordem. O caos repentino na vida dos nossos filhos, e na minha, deve ter sido insuportável para ele, mas o ponto é que ele mentiu para mim, escondeu a verdade de mim de propósito. Ainda que tenha sido para me proteger de mim mesma, continua sendo errado. *Não é?*

– Jo, não quero que ache que eu planejei isso, que eu desejei isso – diz ele, me encarando do outro lado da mesa. – Tudo que fiz foi por você, Jo. Sempre foi, sempre será. Você é meu mundo.

– Você mentiu para mim, Rob.

– Não, não menti. Eu ia contar sobre o centro de acolhimento, juro. – Ele sorri, tenta segurar minha mão, mas eu me levanto e jogo a tigela na pia, e a louça se parte. Não sei se estou com raiva dele, de mim mesma ou de nós dois.

Minha pena se transformou em raiva, e eu não consigo nem sequer olhar para ele.

– Aonde você vai? – pergunta quando saio da cozinha.

– Vou deitar – digo, e depois falo baixo. – Para mim, deu.

Quando chega, o sono é profundo, escuro e absoluto, porém meu despertar é repentino e violento, como se tivesse sido sacudida, arrastada até a superfície para aspirar desesperadamente o ar. O braço de Rob está em cima de mim, assim colocado sem o meu consentimento, embora eu estivesse de costas para o lado dele na cama. Lá fora, o vento conversa comigo em sussurros, roçando as folhas caídas, cercando nosso lar sitiado. Eu estava sonhando com Rob, com seu rosto contraído de raiva enquanto discutíamos, mas não foi isso o que me acordou, foi a expressão dele ao me ver cair: ele estava gargalhando, era uma gargalhada cruel, áspera. Escuto as respirações calmas e constantes dele, cujo repouso é inabalado por tais pesadelos.

Março deste ano

O CENTRO DE ACOLHIMENTO está calmo hoje. Ninguém quer passar uma tarde ensolarada de início de primavera em uma sala escura e empoeirada, muito menos eu – principalmente quando tenho uma notícia ruim para contar. Rose, encurvada sobre o carpete, está limpando, ou tentando limpar, uma mancha um tanto suspeita. Ela se volta para mim quando me aproximo, e um grande sorriso me recebe.

– Oi, sumida! – diz ela, fazendo uma referência óbvia à minha ausência nas últimas semanas, justificada por uma gripe imaginária.

– Cadê todo mundo? – pergunto, tirando o casaco, pois a sala está quente demais, como sempre, porém não o levo para o escritório de Nick como normalmente faria, apenas o mantenho pendurado no braço.

– Nick se fechou lá dentro. Milhões de ligações para fazer, acho – diz ela, levantando-se do chão, um joelho de cada vez. – Problemas de financiamento, parece. Aquele plano da loteria não deu certo, infelizmente. Além disso… – Ela inspira. – Tive que dispensar a Sue, ela não estava servindo para nada ultimamente, por isso é tão bom te ver. Está se sentindo melhor?

Ela abre outro sorriso largo e cheio de gengivas, e eu quase perco a determinação; a perspectiva que ganhei durante o tempo passado longe daqui está em risco. Em casa, tenho me sentido apática e carente, e senti falta deste lugar, mas decidi que preciso de um tempo. É melhor assim.

– Sim, muito melhor, obrigada, mas queria conversar com você.

– Ah, é? – Ela me fita. – Espero que não seja uma notícia ruim.

Rose e eu encontramos um canto mais quieto, algo fácil de fazer hoje, e nos sentamos. Meus dedos percorrem os palavrões riscados na mesa pegajosa.

Explico que não sei mais se vou ter tempo para ajudar. Que foi ótimo, muito gratificante, mas que, no momento, preciso cuidar da minha família; Sash continua sem falar com o pai, Fin parece totalmente perdido depois de abandonar a universidade e… Não tenho mais palavras, apenas fico olhando para Rose à espera de sua reação.

– Está tudo bem entre você e Rob? – pergunta ela com um tom forçadamente casual.

– Sim, claro. Tem sido difícil, sabe, sem nossos filhos lá. Nós dois precisamos nos adaptar, mas agora estamos bem.

Acho que, do ponto de vista de Rob, as coisas realmente parecem melhores, como se houvéssemos aguado na hora certa uma planta prestes a morrer. Eu tenho me concentrado totalmente nas necessidades do meu marido, esperando-o voltar tarde do trabalho com refeições caseiras e com expectativa, algo que ele claramente aprecia.

Rose não parece convencida, o que me faz ficar impaciente com ela.

– Algumas pessoas têm casamentos felizes, sabia? – Foi uma fala indelicada, mas não estou a fim de ouvir a psicanálise de Rose.

– Sim, claro – diz ela, aparentemente inabalada.

– Como falei, são nossos filhos. Você sabe como está a situação com os dois. – Olho para a porta do escritório de Nick, ainda fechada, ansiosa para escapar antes que ele apareça. Ignorei suas mensagens de melhoras, esperando que ele entendesse a mensagem. – Só preciso colocar meus filhos e meu casamento em primeiro lugar por um tempo.

– Tenho a impressão de que o Rob não apoia o seu trabalho aqui – responde Rose. – Espero que ele não tenha te aconselhado a…

– Na verdade, ele tentou me fazer reconsiderar minha decisão. Disse que meu trabalho aqui me fez bem.

Olho de novo a porta de Nick.

– Você se desentendeu com o Nick? – pergunta Rose, sempre astuta para

perceber problemas.

– Não, de maneira alguma! – Sorrio para ela. – É um momento ruim para passar tanto tempo longe de casa, só isso. Quando comecei, eu prometi duas horas, mas tenho feito muito mais do que isso, e eu não me incomodo, mas…

– Vou chamar o Nick – diz Rose me interrompendo. – Ele precisa ouvir isso. – Ela se levanta.

– Não! – Agarro seu braço e me levanto também.

Rose se vira para mim, e seu sorriso de sempre é substituído por uma testa franzida.

– O que está acontecendo, Jo?

– Nada – respondo rápido demais. – Sério, não é nada. Me dê mais uma ou duas semanas, talvez um mês, e eu provavelmente volto. Ou faço as minhas duas horas semanais quando você estiver sem ninguém para te ajudar.

A porta de Nick se abre, e nós duas paramos de falar e o encaramos. Ele nos encara de volta, sem nenhum sinal, nenhuma alteração no olhar, antes de dizer com seu tom direto de sempre, levemente estressado:

– Tudo bem, senhoras? – Depois, fala com menos firmeza: – Tem um minuto, Jo?

– Na verdade, eu estava falando para a Rose que… – respondo, porém Nick já se virou e entrou na sala esperando que eu o siga.

Ele me pede para fechar a porta após entrar. Hesito, e ele me pede mais uma vez para fechar.

– Jo, por favor. Não vou tentar nada.

Fecho a porta, e ambos nos sentamos. A réplica do nosso momento romântico é constrangedora, para dizer o mínimo. Nick é o primeiro a falar:

– Está se sentindo melhor? Era uma gripe? – Ele ergue a sobrancelha.

– Sim, estou muito melhor – digo laconicamente.

– Eu sei por que você parou de vir e peço perdão se passei dos limites. Nós

dois bebemos muito naquela noite e eu…

– Não, não foi culpa sua – respondo. – Fui eu que… – Desvio o olhar, sentindo-me corar. – Como você disse, nós dois tínhamos bebido muito.

Nick ri.

– Fiquei com uma dor de cabeça insuportável.

– Eu também – digo, porém não sorrio.

– Então estamos bem?

No calor do escritório claustrofóbico, com Nick perto demais mais uma vez, nós dois sozinhos aqui dentro, eu hesito.

– Ainda acho melhor eu me afastar do centro – falo, desviando o olhar. – Não quero que as coisas entre nós fiquem constrangedoras.

– Não vai ser assim, prometo.

Fito-o e noto que ele está muito sério, quase triste. Eu estava certa de que deveria sair do centro. Parecia a opção mais óbvia. Entretanto, agora que Nick e eu nos resolvemos, me pergunto se não poderia continuar. Olho ao redor do cômodo, para as pilhas de arquivos, metade dos quais contém histórias de partir o coração. Amo meu trabalho aqui, foi o que me sustentou durante as semanas, meses até, em que eu me via sem mais nada, literalmente, para fazer. E, contrariando qualquer expectativa, finalmente recebi a aprovação de Rob. Nas últimas semanas, senti mais falta daqui do que imaginei que sentiria. E a distração me faria bem. Apesar de suas promessas, Rob continua trabalhando muito.

– Se concordarmos que aquilo nunca mais vai acontecer… – digo para Nick. – Sou casada, não posso… – As palavras se prendem na minha garganta de novo, e eu tusso.

– Não, de maneira alguma. – Ele sorri. – Foi um erro – diz ele, concluindo meu pensamento. – Que jamais se repetirá.

Abro a porta e vejo as pessoas que acabaram de chegar, reconhecendo alguns rostos. Viro-me para Nick.

– É melhor eu voltar.

– Sim. Que bom que resolvemos isso. Achei que iríamos te perder depois que…

– Estou aqui, não estou? – Sorrio para ele.

Nick retribui o sorriso. Seu olhar retomou aquela cordialidade familiar.

– Pode fechar a porta depois de sair, Jo?

Cansada da manhã de trabalho, mas feliz por ter retornado ao centro de acolhimento, caminho rapidamente em direção ao escritório de Sash. Fico aliviada ao constatar que ela também está atrasada para o almoço que marcamos de última hora; não vejo nenhum sinal dela no nosso ponto de encontro de sempre, em frente às portas giratórias. Paro para recuperar o fôlego e me sobressalto quando alguém bate no meu ombro. Ela ri quando me viro.

– Mãe, você passou bem na minha frente!

– Meu Deus, Sash! – respondo, a mão na boca. – O que você fez com o seu cabelo?!

Como o café está calmo, tento falar baixo, mas tenho dificuldade para manter um tom de voz constante ao me desculpar novamente e tentar explicar a Sash que vou precisar de um tempo para me acostumar, só isso.

– Você odiou! – diz ela, jogando o cardápio no jogo americano. – Está estampado na sua cara.

– Não, não odiei. É muito diferente, querida, só isso. – Estendo o braço para encostar nas camadas curtas que agora terminam na altura de seu queixo e silenciosamente lamento a perda dos longos fios loiros e sedosos que por algum motivo ela quis erradicar. – Onde fez isso?

– Um cara lá do bar era barbeiro. Ele faz tatuagens também.

– Você fez uma tatuagem? – pergunto, erguendo a voz.

– Ainda não – diz ela, pegando o cardápio para se esconder atrás dele enquanto se acomoda na cadeira. – Não consigo decidir o que fazer.

A garçonete se aproxima e anota nosso pedido, uma distração muito bem-vinda para nossa conversa.

– O que o Thomas achou? – pergunto, tomando meu chá.

Sash dá de ombros, e por um instante penso ter encontrado o lado positivo dessa situação lamentável; mas não: aparentemente, ele ama o novo corte e, mais, teve um papel fundamental nesse elemento mais recente da transformação radical da minha filha.

– Então está tudo bem entre vocês dois?

– Sim, tudo ótimo. – Sash tira os olhos do chocolate quente e me encara. – Acho que ele é o homem da minha vida, mãe. Finalmente me sinto adulta, e eu o amo tanto. Ele é tudo para mim. Como o papai é para você. Ele é minha vida.

Depois que as portas giratórias levam Sash de mim, enquanto volto para o carro, fico esperando as lágrimas, de vergonha ou de raiva, mas me dou conta de que não há lágrimas, somente um entorpecimento frio. Penso em Thomas, no quanto ele é importante para ela, e a culpa arde profundamente em mim, uma pedra no meu coração.

15

Treze dias após a queda

JÁ FAZ QUASE DUAS semanas que caí; são treze dias esperando a volta do ano perdido. Comecei a aceitar que ele pode não voltar, não totalmente. Rob fica falando em um novo começo, que eu deveria esquecer o ano passado, o centro de acolhimento, tudo, e simplesmente seguir em frente, mas não é tão simples assim. As imagens de nós dois discutindo ainda me fazem companhia; de fato, ficaram mais nítidas, e agora as palavras zangadas de Rob durante nossa briga no topo da escada são audíveis.

"Sempre fomos só nós dois. Tudo o que fiz foi para ficarmos juntos, não posso te perder, Jo. Não vou permitir isso!"

Às vezes, vejo Nick em flashes que me assaltam quando menos espero: *um drinque, um beijo, eu correndo do centro de acolhimento, a porta batendo atrás de mim. Depois, me vejo abrindo a porta do The Limes*. De vez em quando, vejo o homem nu, de costas para mim, e ele sorri ao se virar; então o rosto de Thomas sempre me arranca do sono ou do devaneio, me trazendo para a dura realidade dessa vida, muito mais infeliz do que aquela que eu pensava ter.

Quando chego, Sash está me esperando na frente do trabalho, e um leve vento faz sua camisa folgada se colar às suas curvas e revelar o que eu suspeitava desde a noite em que voltei do hospital. Naquele dia, fiquei chocada com sua aparência, com o cabelo curto, com a maquiagem pesada, mas tudo isso não passou de mera distração para a maior mudança de todas: os dedos inchados, o macacão largo e sem forma, seu rosto, antes fino, agora mais arredondado. Eu estava doente demais, ocupada demais ou preocupada demais

com meus próprios problemas para enxergar os dela? Imagino que Rob saiba; mais um segredo que escondeu de mim. Eu poderia confrontá-lo, mas ele diria que estava apenas me protegendo até eu ficar forte o suficiente para enfrentar isso, e, de certa maneira, acho que eu estava fazendo a mesma coisa; fui incapaz de admitir isso para mim até agora.

A placa do centro de acolhimento atrai meu olhar conforme me aproximo de Sash, mas a ignoro. Sash acena para mim e se envolve no casaco quando a alcanço.

– Oi, mãe – diz ela, tomando cuidado para não apertar muito a barriga contra a minha quando nos abraçamos. – Você está com uma cara melhor.

– Sim, estou me sentindo melhor. – Dou um passo atrás para assimilar a aparência de Sash. Ela está com as mesmas bochechas coradas que eu ostentei quando estava grávida dela. – Você está com uma aparência boa. Está se sentindo bem?

– Sim, estou bem – responde ela, desviando o olhar. – Vamos almoçar? Estou morrendo de fome e só tenho meia hora.

– Sim, desculpe o atraso, não estava achando vaga. Acabei precisando deixar no estacionamento – digo, minha cabeça latejando.

Ela sorri e entrelaça o braço no meu.

– Onde? Mesmo lugar de sempre?

– Não. Sei de um lugar ótimo e bem mais perto, bem ali, na verdade. – Aponto para o café onde me encontrei com Rose.

– Não é muito seu estilo – observa Sash, dando uma olhada ao redor enquanto se senta. – Papai sempre diz que nunca se deve comer num lugar onde o cardápio é escrito numa lousa.

– Eu vim aqui com uma amiga, achei que seria tranquilo. – Sorrio para Sash e olho rapidamente em direção à mesa perto da janela, depois volto a atenção para Sash, cujo lábio se encurva enquanto ela limpa as migalhas em seu jogo americano. Pego dois analgésicos e os engulo com a água que pedi quando

entramos.

– Você está bem? – pergunta Sash para mim. – Insistiu muito para que a gente se encontrasse hoje.

– Ah, sim. Estou bem, sim. – Volto meu olhar para o cardápio laminado.

A garçonete se aproxima e pedimos batatas assadas e sanduíches de atum com maionese.

– Está comendo peixe de novo? – pergunto a Sash. – Achei que tivesse virado vegana.

– Somente peixe – responde ela, sorrindo de maneira desdenhosa para a garçonete, um gesto que me lembra muito o pai dela. – Sinto que estou precisando de proteína.

Será que ela está me testando? Querendo ver se vou mencionar alguma coisa? Quero que Sash me conte por vontade própria. Olho através da janela e por um breve momento imagino Thomas lá fora, com o casaco esvoaçando atrás de si, sorrindo ao me reconhecer. Fecho os olhos para afastar a imagem.

– Mãe, você está bem? – pergunta Sash. Abro os olhos e sorrio para ela. – Você está muito estranha, não é normal ficar viajando dessa maneira.

– Desculpe – respondo, mas ela franze a testa mesmo assim.

Percebo que está mexendo no maior anel em sua mão direita, e comento que é muito bonito, bem mais do que os outros.

– Eu o adoro. – Sash sorri, gira o anel para a frente de novo e ergue a mão para me mostrar. – Você me deu de aniversário, não lembra?

– Me sinto péssima de ter perdido. O primeiro que perco.

– Você não perdeu. – Ela fita o anel. – Você apenas não lembra. É em março, dia…

– Eu sei quando é o seu aniversário – afirmo, mas logo faço silêncio para memorizar não apenas o aniversário dela, em março, como também o de Fin, em julho.

– Não tem problema, mãe. – Ela sorri. – Foi ótimo.

Sorrio também, e nós passamos a conversar sobre mim, sobre o fato de eu estar me sentindo bem melhor; ela me pergunta se me lembrei de algo desde a última vez que a vi. Menciono vagamente algumas coisas que estão voltando e procuro na expressão de Sash algum indício do enorme segredo que ela se recusa a me contar.

Sash toma sua bebida açucarada pelo canudo, fazendo um bico com os lábios escuros, tão escuros quanto os olhos pintados com linhas grossas de lápis; mesmo assim, continua parecendo a criança que de fato é. Nosso pedido chega e é comido – devorado, no caso de Sash. Está quase na hora de ela voltar para o trabalho, e eu ainda não mencionei o assunto que queria discutir.

– Tem alguma coisa que você queira me contar? – pergunto, deixando sobre a mesa o valor da conta mais uma gorjeta. – Algo importante?

Sash, ainda sentada, está vestindo o casaco.

– Tipo? – pergunta ela, fingindo estar distraída.

Suspiro, desapontada por ela me obrigar a falar. É insultante; sua barriga saliente está bem no meio de nós duas.

– Sei que está grávida, Sash.

Gostaria de ter falado antes, pois só temos poucos alguns minutos antes que eu me veja diante das portas giratórias imaginando-a lá dentro, talvez correndo até o banheiro para lavar o rosto manchado de lágrimas. Ela afirmou que foi algo desejado, planejado. Ela está feliz; *por favor*, fique feliz por ela. Percebi o desespero em seus olhos, senti a preocupação em seus dedos inchados quando ela os entrelaçou nos meus por cima da mesa. No entanto, já não é possível voltarmos à época em que Rob ou eu simplesmente a pegávamos pela mão e assumíamos o controle para consertar um problema que ela havia causado. Isso não é uma opção. Ela está com quase cinco meses de gravidez; a barriga perfeitamente redonda está muito maior do que eu imaginava antes de ela levantar a camiseta para mostrar a pele esticada, uma

visão ao mesmo tempo chocante e necessária, tangível e irrefutável. Perguntei se o pai dela sabia, e ela abaixou a cabeça, fez que sim, contou que ele lhe pediu que não dissesse nada até eu ficar um pouco mais forte.

Fito a porta giratória que a levou de mim e passo os braços ao redor do meu corpo em meio ao desfile infinito de funcionários que entram e saem; o movimento contínuo é estranhamente reconfortante. Os dias estão mais frios agora que estamos em meados de setembro. Nessa época do ano passado, Rob e eu tínhamos acabado de deixar Fin na universidade e logo depois viajamos juntos. Rob disse que estávamos felizes, seguindo em frente com nossas vidas. Bastou desviarmos o olhar por um instante e as tragédias se sucederam. Como sempre temi que aconteceria.

Abril deste ano

ROSE CHEGA AO CENTRO de acolhimento depois de mim; antes isso era raro, mas passou a acontecer com mais frequência agora que comecei a chegar cedo – e também a ir embora mais tarde. Ao me ver do outro lado do salão, ela me lança um olhar esquisito e me chama com um gesto.

– Posso te deixar sozinha por um instante? – pergunto à jovem a meu lado, que faz que sim com a cabeça e continua digitando velozmente com as duas mãos. Alcanço Rose no escritório de Nick. – Oi! Está tudo bem?

Ela dobra a capa de chuva e a coloca na bolsinha própria antes de guardá-la na sacola retornável.

– Cadê o Seu Nick hoje? – pergunta ela.

Às vezes, ele é Nick, às vezes, "Vossa Alteza" ou "Seu Nick". Provavelmente uma referência ao fato de que toda a sua educação se deu em escolas de elite; o sotaque de classe alta foi abandonado há muito tempo, assim como os ternos e carros elegantes, mas, segundo Rose me disse, ele tem um "apartamento chique" com vista para o parque.

– Ele tinha uma reunião na Anderson's para discutir os acordos de rescisão – explico. – Muitos funcionários se viram prejudicados e estão considerando fazer uma mediação.

É um resumo da já brevíssima conversa que tive com Nick. Ele estava saindo às pressas quando cheguei, mas parou para comentar que meu cabelo estava bonito. Pensei em censurá-lo depois que ele aparentemente ignorou meu olhar de advertência – já que o retribuiu com um sorriso atrevido –, mas no fim agradeci por ter notado minha ida ao salão, afinal foi a única pessoa que fez isso. Já se passaram dois meses desde aquela noite no escritório; nós

dois estamos bem resolvidos.

– Espero que Nick tenha algum sucesso – observa Rose, enfiando seus pertences em um canto do escritório, atrás de uma pilha de papéis. – As aposentadorias vão ser mantidas, mas os acordos de rescisão propostos foram muito abaixo do esperado. Não sei se eles vão conseguir mudar alguma coisa. Eles não têm dinheiro.

A experiência anterior de Nick com finanças corporativas lhe permitiu agir como mediador entre a empresa e os ex-funcionários – um papel que ele atribuiu a si mesmo. É estranho: embora pregue sua paixão pelo trabalho voluntário, Nick ainda se comporta como um homem do mundo corporativo, sempre atraído por reuniões do alto escalão e por planos financeiros. Já me perguntei se ele não estaria tentando voltar àquele mundo, mas tenho certeza de que ele negaria isso e reforçaria seu amor pelo voluntariado.

– Você me chamou por algum motivo em particular? – pergunto a Rose.

– Na verdade, não, apenas para bater papo. – Rose se serve de café. – Notei que é a segunda vez que você chega cedo nesta semana. – Ela sorri, exibindo as gengivas.

– Tem algum problema? – pergunto, quase acrescentando ironicamente: "Não sabia que você estava contando".

– Não, foi apenas uma observação.

– Ainda não sou tão comprometida quanto você – respondo, recusando sua oferta de me servir uma xícara de café. Do trabalho, passei a gostar, porém o café é quase impossível de tomar, principalmente quando está velho. – Você é praticamente casada com este lugar – digo, e imediatamente desejo retirar o comentário indelicado.

– Sabe… – diz ela, relanceando o salão por cima do meu ombro. – As pessoas vêm aqui para enfrentar seus problemas. – Então me olha nos olhos. – Não para fugir deles.

A franqueza de Rose sempre me choca, embora não devesse; nós já nos

conhecemos há cinco meses, e passei a considerá-la uma amiga – uma amiga improvável, mas também fiel.

– Você está falando deles ou de mim? – pergunto, virando o rosto para olhar os madrugadores; reconheço a maioria, eles costumam vir sempre.

– Estou falando de você – responde Rose, impenitente.

– Acho melhor eu voltar – digo, porém Rose passa por mim e fecha a porta.

– O pessoal pode esperar. Acho que precisamos conversar.

Rose percebeu nas últimas semanas, diz ela enquanto me fita do outro lado da pequena sala, que tenho vindo com mais frequência ao centro de acolhimento, chegado cada vez mais cedo e passado mais tempo. Ela me diz que faço muito bem o meu trabalho e não quer que eu leve isso a mal, mas que, se existe algo que eu preciso compartilhar, ela sempre estará disposta a me escutar.

– É impossível me chocar, Jo. Já escutei de tudo.

Rose e eu já discutimos muitas coisas enquanto limpamos mesas e aspiramos o carpete sujo de lama ou de coisas piores. Contei para ela das minhas preocupações com os meus filhos, que me sinto muito distante da vida deles e que raramente os vejo, mas sempre tomo cuidado com o que decido contar, e acho que ela percebe isso.

– Você sabe tudo que poderia saber a meu respeito, Rose – respondo. – Eu sou muito entediante.

– Não é verdade – diz ela, olhando bem nos meus olhos, e por um momento angustiante eu entro em pânico com a possibilidade de ela ter descoberto o que aconteceu entre mim e Nick exatamente aqui, porém ela fala: – Você é a pessoa menos entediante que conheço. E ninguém é entediante depois que você conhece bem a pessoa. Ao menos isso, este lugar me ensinou.

Sorrio e agradeço o elogio – se é que foi um elogio. Rose toma o café, pousa a caneca em uma grossa obra de referência que está aberta sobre a mesa

de Nick – parece um tomo da área jurídica – e apoia um dos lados de seu largo quadril no canto do móvel abarrotado.

– Estou preocupada com você, Jo. Você parece mais retraída ultimamente. Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para te ajudar, basta me dizer.

– Não tem nada – respondo, sorrindo para Rose e garantindo a ela que está tudo bem. – É melhor eu voltar.

– Sei que acha que estou me metendo na sua vida, Jo, mas eu me preocupo com você. Muito. – Ela estende a mão para segurar meu braço. – Você está sempre procurando alguma coisa, sempre buscando algo, mas tome cuidado, ok? Tenha certeza de que é algo que você realmente quer.

– Não entendi o que você quis dizer – falo e me viro para a porta, obrigando-a a me soltar.

Volto para a moça que havia abandonado, mas continuo pensando em Rose e em nossa conversa no escritório de Nick. Já considerei mais de uma vez contar meus segredos para ela – de vez em quando, esse fardo parece pesado demais para carregar sozinha –, mas, se eu contasse o que aconteceu entre mim e Nick, o fato se tornaria ainda mais real. Ainda que eu conseguisse superar a humilhação de dizer em voz alta o que constantemente tento silenciar em minha cabeça, temo que isso não ajudaria: a vergonha dobraria se fosse compartilhada com alguém, se fosse refletida nos olhos cheios de pena dessa pessoa. Além disso, sei que jamais seria capaz de contar a ela que fui ao bar atrás de Sash e acabei encontrando Thomas. Rose não me julgaria, mas eu, sim, e a vida está lentamente retornando a algo parecido com o normal agora que Rob e Sash finalmente voltaram a se falar. Não posso arriscar isso. Thomas, ao que parece, está guardando nosso segredo, e eu devo fazer o mesmo.

– Está tudo bem por aqui? – pergunto, colocando os óculos para ler a carta de apresentação que a garota compôs durante minha ausência.

– Sim, nenhum problema – responde ela.

Distraída pela péssima gramática e pela proliferação de *emoticons* e abreviações, não percebo que Rose se aproxima.

– Desculpe – diz ela, agachando ao meu lado. – Acho que passei do limite.

Eu me afasto do seu ofegante pedido de desculpa.

– Está tudo bem, sei que a sua intenção foi boa. Está tudo bem, juro.

Sorrio para a moça que estou ajudando, fazendo-a prestar atenção nas palavras vermelhas na tela.

– Então está tudo bem entre a gente? – pergunta Rose, levantando-se com a mão no encosto da minha cadeira.

– Claro – sorrio para ela.

Observo-a se deslocar pela sala com seu instinto para perceber qualquer pessoa com dificuldade, assim como fez comigo. A diferença é que essas pessoas vieram para pedir ajuda, e não para oferecer. Rose estava certa: estou aqui para fugir dos meus problemas. Acho que Rob está fazendo a mesma coisa ao se enterrar no trabalho, ao passar cada vez mais tempo longe do nosso ninho esvaziado, ao se deitar muito depois que eu já dormi. Nós éramos um casal, porém agora nossos caminhos são paralelos e raramente se cruzam; e, mais do que tudo, me sinto sozinha.

16

Treze dias após a queda

PENSO EM DAR MEIA-VOLTA e sair; o centro de acolhimento está tão lotado que me parece um momento inoportuno para falar com Rose, e ainda estou chateada após meu almoço com Sash. Entretanto, Rose me avista na entrada e se aproxima.

– Jo, como você está? – Ela pousa uma mão em meu braço. – Já ia te ligar se você não desse sinal de vida.

– Sim, desculpe, eu ia responder, mas…

– Resolveu as coisas com o Nick? Ele não me contou o que vocês conversaram, mas deve ter sido meio chocante voltar a vê-lo daquele jeito. Você parecia chateada quando foi embora!

– Chocante? Como assim? – pergunto, procurando-o na sala lotada. – Ele está aqui?

– Vocês dois eram tão próximos, deve ser estranho não lembrar dele. Ou você lembrou?

– Não, na verdade não. – Olho para a porta fechada e sou tomada pela sensação familiar de pavor. – Ele está aí?

– Trancado lá dentro, como sempre. Espero que você esteja se sentindo melhor. Preparada para nos ajudar de novo hoje?

– Na verdade, não – informo, ignorando sua expressão de preocupação. – Sash está grávida.

Rose não parece particularmente surpresa com a notícia.

– Você sabia? – pergunto. – Por que não me disse nada?

– Desculpe, presumi que você lembrava, ou que…

– Que alguém tivesse me dito? – pergunto, e ela confirma. – Rob queria esperar até que eu estivesse mais forte – comento, porém nenhuma de nós parece convencida disso.

– Bem, agora ele te contou. – Ela sorri, mas com os lábios cerrados sobre as gengivas.

– Sim, tudo resolvido. – Decido omitir os fatos para poder ir embora logo, antes que Nick saia de detrás da porta fechada. – É que… com essa situação com a Sash e minha queda…

– Você vai deixar o centro? Poxa, Jo… Finalmente consegui trazê-la de volta e você já vai embora de novo.

Explico que decidi parar o trabalho voluntário somente por um tempo, até Sash ter o bebê, ou por mais alguns meses depois disso. Enquanto falo, começo a pensar no futuro e me pergunto o que o próximo ano vai me trazer. Talvez Sash precise voltar a trabalhar; a ajuda financeira que lhe damos tem um limite, bebês são caros e Thomas não deve ganhar muito. Além disso, a carreira dela é importante demais para que ela a abandone tão cedo, e também temos Fin para sustentar. Sash talvez precise de ajuda prática com o bebê, especialmente se Thomas se provar tão inútil quanto suponho. Sou tomada pelo pânico quando penso na presença contínua de Thomas em nossas vidas. É algo óbvio, mas eu não tinha pensado nisso antes. Estava preocupada demais com Sash, com as consequências para a vida dela. A percepção desse fato me abala intensamente. *Jamais vou me livrar dele. Ele sempre será o pai do filho dela, do meu neto.* Mas é evidente que ele não vai continuar por muito tempo na vida de Sash; ele vai se cansar dela e vai descobrir a realidade de ser pai. Esse pequeno consolo me enche de culpa, pois tenho certeza de que Thomas vai abandonar minha filha e o bebê.

"Como isso pode ter sido planejado?", eu perguntara a ela. "Onde você

estava com a cabeça para desejar isso?"

Então, Rose toca meu braço.

– Jo, está tudo bem?

– Sim, desculpe. O que você disse?

– Que você não precisa ir embora. É importante ter alguma coisa que seja só sua.

– Não posso, Rose. Preciso…

A porta de Nick está aberta agora. Ele olha para Rose e para mim do fundo da sala lotada e acena com a mão.

Eu dissera para mim mesma que precisava sair do centro por causa de Sash, para poder ficar totalmente à disposição dela, porém, ao ver Nick, sou assaltada por um pensamento do qual não havia me dado conta: jamais quero vê-lo de novo.

– Jo? – chama Rose. Sua voz esvaece, vejo apenas o movimento de sua boca, desfocada.

Sou tomada por um sentimento de vergonha ao olhar para Nick. É isso o que estou sentindo, não tenho dúvida; minhas entranhas se liquefazem quando ele franze o cenho para mim, depois sorri e começa a se aproximar de nós.

– Escute. – Rose chama minha atenção com seu tom imperativo. – Vamos fazer uma festinha na sexta da semana que vem. Só para o pessoal que ajuda sempre. Um pequeno agradecimento pelo trabalho duro de todo mundo. Venha. Pelo menos para se despedir direito.

– Não sei, Rose – respondo, me afastando enquanto Nick se aproxima.

– Pode vir qualquer hora depois do almoço! – insiste ela.

– Vou pensar – respondo conforme me dirijo à porta.

Maio deste ano

JÁ É TARDE QUANDO saio do centro de acolhimento, acompanhada de Rose, que está trancando a porta. Com Rob fora da cidade a trabalho por causa de uma "oportunidade única de fazer network", o que quer que isso seja, fiquei o máximo possível com os outros abandonados, sem nenhum lugar melhor para ir do que um centro comunitário caído com café ruim e um cheiro estranho saindo da mancha no carpete, a qual se recusa a ser removida ou mesmo identificada. Rose acha que foi obra de Badger, o vendedor da revista *Big Issue* que usa *dreadlocks* e precisa ser despiolhado e tomar uma boa ducha. Dou boa-noite para Badger e Rose, que agora discutem a proposta altruísta dela de deixá-lo tomar banho em sua casa. Penso em Rob: ele provavelmente está comendo um bife no hotel cinco estrelas onde está hospedado; o custo da garrafa de vinho que ele deve ter pedido sustentaria Badger por muitas noites.

"Venha comigo", sugeriu Rob enquanto arrumava sua bolsa de viagem. Franzi o nariz pois sabia que ele não teria tempo para mim em meio a seu itinerário de reuniões e jantares com clientes. "Na próxima, então. Uma noite romântica fora de casa, só nós dois", disse ele, curvando-se para se despedir com um beijo nos lábios, na soleira da porta. Ele tocou minha bochecha com sua mão fria e sussurrou: "Estou precisando mimar você".

Meu carro está estacionado a algumas ruas de distância, em frente ao bar de Thomas. A visão do The Limes é ao mesmo tempo repugnante e magnetizante. Estaciono aqui porque é de graça – uma anomalia que certamente será corrigida com linhas duplas amarelas quando um funcionário da prefeitura percebê-la –, mas talvez haja outros motivos, como se eu precisasse ficar de olho em Sash, que continua morando em cima do bar com Thomas, frustrando minhas esperanças de que eles já houvessem se cansado

um do outro a esta altura. Hoje pela manhã, eu olhei para a janela e imaginei Sash ainda dormindo na cama, fazendo seu biquinho característico, as bochechas coradas. Mas então o rosto de Thomas invadiu meus pensamentos, me obrigando a partir apressadamente rumo ao centro de acolhimento.

Com a chave do carro na mão, observo o bar de novo agora, , e minha atenção se volta para o apartamento no primeiro andar, cujas cortinas vermelhas estão abertas. Embora não esteja escuro aqui fora, é estranho que não haja nenhuma luz acesa do outro lado das janelas sujas. Sash já deveria ter chegado do trabalho. Normalmente, sinto uma espécie de conforto ao ver as luzes acesas ou as cortinas fechadas; é como se eu fizesse parte da rotina dela. Acho estranho o fato de o apartamento estar vazio e, apesar de conseguir pensar em várias razões para Sash não estar lá, sinto que algo não se encaixa. Ela me disse que ultimamente não tem bebido no bar ou saído, que tem preferido, nas palavras dela, "brincar de casinha".

Quando me aproximo, os pensamentos sobre aquela noite de fevereiro vêm à tona, vislumbres de um Thomas nu puxando as cobertas em um convite à sua cama, à cama de Sash. Hesito, porém minha preocupação com o paradeiro de Sash fala mais alto do que a relutância em empurrar a porta e entrar.

Thomas, apoiado no lado de fora do balcão, cospe palavras incoerentes. Ele fala alto como se todos ali fossem seus amigos, mas os ouvintes, encurralados, parecem loucos para escapar e usam a minha aproximação para fazer exatamente isso.

– Jo! Vem aqui! – chama Thomas, como se tivéssemos acabado de nos ver, quando na verdade já faz três meses.

A lembrança, como sempre, faz minhas bochechas arderem, mas com especial intensidade agora, pois o ambiente desleixado e com cheiro de cerveja dá vida à dolorosa recordação da noite em que me deparei com o lugar na escuridão.

– Você está bêbado – falo para ele, sentando-me a seu lado. Afasto o meu banco para deixar um bom espaço entre nós dois.

– Pena que você não está! – Ele se vira para mim e quase cai do banco, se agarrando a meu braço com sua enorme mão. – Você é muito mais divertida bêbada!

– Você não contou nada para a Sash? – pergunto, afastando sua mão.

Do outro lado do balcão, o *bartender*, que obviamente está escutando o chefe, olha para mim, e eu desvio a vista.

Thomas ri e balança a cabeça.

– Claro que não. E não estou bêbado. – Ele sorri para mim. – Faz tempo que não te vejo, Jo! Você está muito…

– Cadê minha filha? Ela está dormindo?

Thomas encara o relógio por um bom tempo antes de dizer:

– É muito cedo para dormir.

– As luzes do apartamento estão apagadas, imaginei que…

Thomas se aproxima, baforando álcool em meu rosto.

– A gente não mora mais aqui. – Ele aponta para o teto e solta uma gargalhada. – Nós subimos na vida, ninguém te contou?

– *O quê?* – Eu o afasto com um empurrão. – Cadê a Sash?

Thomas se inclina para trás, balança um pouco, endireita a postura e então acena para o *bartender*, que servia os poucos clientes restantes.

– Estou ouvindo! – diz o *bartender* para Thomas, puxando o buraco já alargado em sua orelha.

– Conte pra ela! – Thomas balança o dedo em minha direção. – Conte onde eu e Sash estamos morando!

– Ah, é, eles estão num daqueles apartamentos perto do parque! – diz o outro homem, sorrindo. – Aqueles caros, sabe? Perto da universidade? E é o *papai* dela que está bancando o aluguel!

Ele diz a palavra "papai" de maneira provocadora, como se o acordo relativo ao aluguel fosse de outra espécie. Que acordo é esse?

– Do que ele está falando? – pergunto a Thomas, desejando que o *bartender* nos deixe a sós.

– Rob está pagando – sussurra Thomas para mim, o hálito quente de cerveja.

Depois, ele se vira para o *bartender* e explica que o *papai* é "marido dela", apontando de novo para mim, o dedo perto demais do meu rosto. Eu o afasto e franzo o cenho.

– Sabe… – diz o *bartender*, olhando para mim. – Você parece muito com a sua filha.

Thomas solta uma gargalhada.

– Pois é, tal mãe, tal…

– Não se atreva! – alerto-o, me levantando.

O *bartender* finalmente se afasta, com um sorrisinho no rosto. Thomas endireita a postura e assume uma expressão mais séria.

– Você não sabia da mudança?

– Está na cara que não. – Sento-me de novo para tentar assimilar a informação. – Quando isso aconteceu?

– Faz algumas semanas – diz Thomas, rindo de novo. – As coisas não estão muito bem entre você e Rob?

– Está tudo bem, sim, obrigada.

Thomas se inclina para a frente.

– Se em algum momento você quiser…

Eu o empurro e caminho rapidamente até a porta, ignorando seus chamados.

– Vá se foder, Jo! Vá se foder! Eu nem estava interessado mesmo!

Já abri a porta, mas me viro e, ignorando os olhares que certamente atraio com essa atitude, respondo para ele:

– Se você fizer QUALQUER COISA para magoar minha filha…

E vou embora.

17

Treze dias após a queda

CHEGO AO EDIFÍCIO-GARAGEM após caminhar rapidamente; estou ofegante, porém aliviada por ter escapado do centro de acolhimento e, especialmente, de mais um confronto com Nick. Ele me chamou, mas eu ignorei seus pedidos para que o esperasse pois "precisamos conversar". Suas palavras me pareceram familiares, não sei por quê.

Hoje não encontrei uma vaga na frente do bar, o que talvez seja bom, considerando o meu estado de confusão. Na pressa para sair logo do estacionamento, derrubo as moedas que estava colocando na máquina de pagamento; caço-as conforme elas rolam pelo piso sujo de concreto e agradeço aos desconhecidos que me ajudam a pegá-las, pelo menos àqueles que não bufam de impaciência. Depois, vou atrás do meu carro; não lembro em que andar o estacionei, e preciso subir e descer até finalmente avistar meu Mini Cooper atrás de um carro mais comprido.

A fim de me acalmar para poder dirigir, batuco o volante com a palma da mão, e a raiva e a frustração se transformam em arrependimento e medo quando meu pulso ainda sensível me recorda mais uma vez de minha queda na escada. Desde que acordei no chão do hall, escutei muitas versões editadas e econômicas do último ano, compostas de fragmentos, se tanto: de Rob, de Nick, de Thomas e até mesmo de Sash. Rebobino as palavras dela em minha cabeça, que me lembraram tanto as de seu pai quando o confrontei sobre seu conluio para me enganar deliberadamente. Nenhum dos dois parece arrependido por ter escondido de mim a gravidez; ambos citaram minha

recuperação para justificar suas muitas mentiras. Não há ninguém em quem eu possa confiar? Ninguém que realmente esteja do meu lado? Então penso em Fin. *Meu menino.*

– Mãe, oi. – Sua voz parece titubeante, mas é difícil saber com certeza porque o sinal, transmitido por Bluetooth do celular para os alto-falantes do carro, vem e vai. Escuto vozes e guitarras ao fundo, antes que a música diminua conforme Fin se afasta da origem do barulho. – Está tudo bem? Você parece chateada.

– Estou bem – respondo. Policio-me para não supercompensar minha emoção na tentativa de não deixá-la transparecer. – Estou saindo da cidade, queria saber se posso passar aí.

– Agora?

– Se você estiver desocupado. Estou um pouco… – Seguro-me para não chorar. – Estou um pouco à toa.

– Sim, acho que sim. Me dá uns vinte minutos?

Demoro mais do que isso para encontrar a casa de Ryan. Digitei no navegador o endereço que Fin me mandou por mensagem, mas, assim como eu, a tecnologia ainda não alcançou a nova planta desta parte da cidade, composta exclusivamente de ruas de mão única ou sem saída, cujas preferências de trânsito mudam de uma para outra. Não é uma área que eu conheça bem; a maioria dos imóveis é alugada por estudantes, o que é irônico, dado que Fin rejeitou essa vida. O percurso até aqui me deu tempo para me recompor; estou mais calma quando estaciono na vaga mais próxima e caminho até a moradia em que Fin escolheu viver: uma casa suja em uma rua decadente. Não vou perguntar nada, digo a mim mesma – vou apenas aproveitar sua companhia.

– Oi, mãe – diz Fin ao abrir a porta. – Conseguiu achar a gente.

A primeira coisa que chama minha atenção é o fato de ele dizer "a gente" e, na sequência, quando Fin recua para permitir que eu entre na pequena sala, o

cheiro fortíssimo. Está escuro dentro da casa, as cortinas estão fechadas apesar de estarmos no meio da tarde, e tem fumaça no ar; o cheiro não é amargo como o de fumaça de cigarro, é mais parecido com o de ervas, mais orgânico.

– Ryan não está? – Observo meu filho fechando a porta.

– Não, ele ainda está no ensaio. – Fin vira-se para mim. Ele está usando sua parca, cujos ombros estão frouxos sobre o corpo fino, deixando à mostra uma omoplata angulosa e uma camiseta estampada.

– Ensaio? – Dou um leve beijo em sua bochecha.

– Sim, da banda. Vamos tocar em alguns pubs.

– Mesmo? Parece promissor. – Sorrio. – Você é o guitarrista, imagino?

– Sim, e vocalista também. – Ele olha ao redor. – Foi mal pela bagunça.

O sofá está coberto com um lençol encardido cor de terracota, que deve esconder infrações mais graves, e o carpete, cheio de sujeira e de manchas, gruda nos sapatos.

– Eu só queria te ver. – Tento não reparar demais em nada ao me sentar. – Talvez eu não devesse ter vindo, foi de última hora.

– Sim, é que… – Ele passa o olhar pelo ambiente de novo. – Imagino que esteja decepcionada com este lugar. – Fin se senta na outra ponta do sofá e me olha. – E comigo.

– Você jamais me decepcionaria, querido, jamais! – digo, estendendo o braço para colocar a mão em seu colo. – Você é meu filho e eu te amo, só quero que você seja feliz.

– Não sei se papai pensa igual. – Ele se afasta.

Eu me seguro para não chorar, pois sei que ele odeia quando choro. Queria vê-lo, abraçá-lo, ser consolada por ele, e, agora que estou aqui, só faço me lembrar da distância que há entre nós dois.

– Seu pai está te dando dinheiro – saliento, fitando-o. – É uma prova de que ele se importa com você.

Fin olha para mim por debaixo da franja, balança a cabeça e solta uma risada.

– Não importa o que aconteça, você simplesmente segue vivendo, não é, mãe? Sempre mantendo as aparências, fingindo que está tudo bem. Você não faz ideia, né?

– Não estou entendendo – digo, magoada com suas palavras. Vim até aqui atrás de um aliado, mas Fin também mudou. – Do que você está falando?

– Parece que vocês aceitam o dinheiro e simplesmente calam a boca. Que tal uma vez na vida… – Fin para de falar e afasta a franja dos olhos. – Não importa, pense o que você quiser.

– É isso o que você pensa que eu fiz? Que aceitei um dinheiro e calei a boca? – Ele dá de ombros. – Não, Fin. Você não pode fazer uma acusação dessas e depois não falar nada. E não foi exatamente isso o que você fez quando aceitou o dinheiro do seu pai para morar aqui?

– Legal saber que você pensa tão bem assim de mim. – Ele se levanta e vai até a janela para observar a rua. – Pelo menos no caso do meu pai eu sei como ele me vê. Ele simplesmente *não* me vê.

– Não é verdade, ele te ama! Nós dois amamos!

– Pare com isso, mãe. Eu não devia ter dito nada, esqueça o que eu falei.

– Você está tentando me contar alguma coisa, Fin? Você e Ryan estão… juntos?

Ele continua observando a rua estreita, ocasionalmente perturbada pelo barulho de um carro, mas depois balança a cabeça, não em negação, mas de decepção.

– Seria tão mais simples se a questão fosse eu ser gay ou não, não é? Por que preciso definir isso pra você? Por que isso importa?

Digo que não importa. Que estou apenas tentando entender o que aconteceu, o que eu esqueci. Ele se vira para mim e diz que precisa voltar, pois eles só têm o estúdio de ensaio por mais umas duas horas.

Também me levanto e tento abraçá-lo, mas ele se mantém rígido e se afasta do abraço o quanto antes. Aceno um tchau ao dar partida no carro; Fin me observa da porta, seu corpo magro ainda encoberto pela parca grande demais. Comprei o casaco de surpresa para que ele usasse na universidade, achei que combinaria. Na época, o caimento ficou ótimo; com os ombros erguidos, as costas eretas, Fin se sentiu orgulhoso de sua altura pela primeira vez; no entanto, quando chegamos lá, ele já estava desanimado, com a cabeça baixa. Por que não escutei ou não percebi que ele não queria ir, que aquilo não era certo para ele? Talvez eu pudesse tê-lo poupado de toda essa rebelião silenciosa. E me poupado de seu nítido ressentimento.

Junho deste ano

NICK E EU ESTÁVAMOS trancando a porta quando ele percebeu minha relutância em voltar para casa e perguntou se eu não toparia colocar a conversa em dia. Se Rose não houvesse estado ausente nos últimos dias, eu provavelmente teria desabafado com ela, porém ela foi até o asilo ver o pai, que "deu uma piorada". Nick era a única opção. Ou voltar para uma casa vazia. Fiz que sim, e ele destrancou a porta. Foi somente nesse momento que me ocorreu alertá-lo, meio que brincando, que não rolaria nenhuma safadeza. Nós dois rimos, e Nick me provocou dizendo que éramos capazes de ficar no mesmo cômodo sem arrancar as roupas um do outro. Além disso, já fazia meses desde que… Você sabe. Ele acendeu a luz da entrada e, com passos ecoantes, conduziu o caminho pelo salão, que, escuro e vazio, dava a impressão de ser muito maior.

Isso aconteceu uma hora atrás, talvez mais. Agora, Nick está sentado no chão do escritório bagunçado, as costas na parede, espelhando a minha posição do outro lado do pequeno cômodo. Com um sorriso no rosto, ele me escuta sem fazer interrupções; assim foi durante a maior parte do tempo.

– Deixe-me ver se entendi… – diz Nick, jogando o peso do corpo de um glúteo para o outro. – Rob alugou o apartamento novo para a Sash em abril? – Faço que sim. – Sem contar nada pra você? Nem mesmo depois que ela se mudou pra lá? – Faço que sim de novo. – Você sabe quanto é o aluguel naquela região? – Ao trocar de posição novamente, ele chuta uma pilha de arquivos com a bota pesada. – O apartamento embaixo do meu acabou de ser alugado por mil e duzentas libras por mês, mas tem dois quartos.

– O dela tem dois quartos – respondo, lembrando a descrição do apartamento feita por Rob. – Aparentemente, tem a melhor vista do parque…

Rob não se desculpou por ter escondido esse segredo de mim, mesmo

depois que ressaltei o quão humilhante foi descobrir a notícia por Thomas, logo Thomas – ainda por cima, um Thomas bêbado e agressivo, que adorou me contar que quem estava pagando o aluguel era o *papai*.

"Eu falei que faria qualquer coisa para resolver a situação, Jo, e foi o que fiz", respondeu Rob.

Entretanto, ele não a resolveu, não totalmente. Talvez tenha colocado um fim no desentendimento entre pai e filha, porém Thomas continua em nossas vidas, apesar de Sash ter prometido a Rob que o namorado jamais iria morar com ela no apartamento.

"O que você esperava?", perguntei a Rob. "Ela está apaixonada por ele."

"E é exatamente por esse tipo de reação que eu não te contei", respondeu ele, saindo da sala de estar, subindo a escada e batendo a porta do quarto.

– Uau! Ele não economizou, então – observa Nick, acomodando-se de novo.

– Pelo jeito, não. *Sash sempre consegue o que quer* – digo, mais para mim do que para ele.

– Ela é osso duro de roer. – Quando o olhar de Nick se encontra com o meu, ele fala: – Desculpe.

– Ela continua sendo minha filha, e só tem vinte e dois anos. – Desvio o olhar. – Enfim, se ela é assim, a culpa é minha.

– Não é verdade. Falou com ela sobre o apartamento novo?

– Trocamos algumas mensagens, mas ainda não me sinto pronta para ir lá. Ela e Rob sempre foram assim, cheios de segredinhos e confabulações, mas desta vez eu não… – Paro de falar ao ver que Nick está se movendo à frente de uma maneira estranha, que envolve arrastar a bunda no chão. – O que você está fazendo? – pergunto, curiosa com seu jeito desengonçado e preocupada com sua intenção.

– Estou tentando chegar mais perto para te abraçar.

– Nick, não. – Eu me levanto e quase colido com ele, que fez o mesmo. – A

gente concordou.

– Eu ia te dar um abraço de amigo, só isso. – Ele estende os braços. – Você estava parecendo tão triste.

Permito que ele me abrace, por educação a princípio, mas depois começo a imaginar como seria beijá-lo de novo, sentir o peso de seu corpo contra o meu como quando me guiou em direção à parede. Ele tem cheiro de colônia e de produtos de cabelo; e também de escritório. É um homem tão diferente de Rob – Nick se importa com a sociedade, tem princípios, é atencioso –, e eu estou tão zangada com meu marido por ele ter agido pelas minhas costas. Hesito por um instante, talvez mais do que isso, mas acabo me afastando, preocupada com a possibilidade de Nick ter interpretado mal os sinais; dou-me conta desses pensamentos e do fato de que eles denotam algo que não é verdadeiro, já que eu não desejo Nick, mas talvez deseje a ideia que faço dele. Digo que preciso ir embora. Ele titubeia, faz que sim com a cabeça e fala para eu me cuidar. Fecho a porta após sair, e minha mão se demora na maçaneta. Em seguida, caminho com determinação pelo salão escuro e silencioso em direção à luz da entrada, e depois até o carro.

O celeiro está completamente escuro quando entro e chamo Rob, apesar de já saber que ele não está em casa, pois seu carro não está na garagem. Sem nenhuma vontade de comer, subo e, ainda totalmente vestida, me deito na cama. As preocupações de Nick, tão parecidas com as minhas, reacenderam a raiva que senti quando descobri sobre o novo apartamento de Sash. A atitude de Rob de tomar uma decisão tão grande sem me consultar foi totalmente inaceitável. Tudo o que ele conseguiu foi dar a ela um lugar melhor para morar – com Thomas. Mais do que isso, ele mentiu para mim e pediu a Sash que fizesse o mesmo. Não se trata apenas do apartamento e do aluguel ridiculamente caro; trata-se de confiança, trata-se do nosso casamento.

O telefone toca. Escuto a voz cansada de Rob do outro lado da linha.

– Cadê você? – pergunto.

– No trabalho, onde mais?

– Está tarde, Rob. Venha para casa.

Há um momento de silêncio antes de Rob dizer:

– Está tudo bem?

– Não sei. Você que me diz. Você nunca está aqui, sempre tem uma desculpa. Devo me preocupar?

– O que você quer dizer com isso?

– Você está tendo um caso?

Arrependo-me assim que as palavras saem da minha boca. Minha raiva, reavivada pela conversa com Nick mais cedo, é pela nova casa de Sash. Rob nunca me deu nenhum motivo para desconfiar de sua fidelidade. Nunca. Na verdade, quem não é confiável sou eu.

– Pelo amor de Deus, Jo! Nossa hipoteca é um absurdo, eu estou pagando a maior parte do aluguel de um apartamento que custa os olhos da cara, dou dinheiro para o Fin… Estou trabalhando tanto assim para manter meu emprego, achei que você soubesse disso.

– Sim, claro. Desculpe. Dirija com cuidado.

– Jo, não desligue. Achou mesmo que eu estava te traindo?

– Não, na verdade, não. É que às vezes fico com medo do que está acontecendo com a gente. Estamos nos distanciando, praticamente vivendo vidas separadas.

– Vou sair agora, chego em dez minutos, ok? Jo, ainda está aí?

– Sim, claro que ainda estou aqui. – Escuto Rob inspirando e expirando profundamente do outro lado da linha e imagino, ou tento imaginar, como ele está se sentindo. – Desculpe, Rob. Eu confio em você. Claro que confio.

18

Catorze dias após a queda

ESTOU LAVANDO A louça do café da manhã quando escuto os enormes pés de Rob descendo a escada, e esse som cria em minha mente a imagem de nós dois perto do patamar. A lembrança que tenho agora dos momentos anteriores à queda é consistente. *Estávamos discutindo, Rob, nervoso, implorava que não o abandonasse.* A partir daí, as lembranças são menos confiáveis, mas às vezes vejo meu pé escorregando e minha mão se estendendo para me proteger do choque contra as cerâmicas do piso do hall. Rob entra na cozinha e me dá um beijo na bochecha, imperturbado por meu silêncio gélido.

Viro-me para ele, e o sabão em minhas mãos pinga no chão.

– Você mentiu para mim, Rob. Sobre o centro de acolhimento, sobre a gravidez da Sash, provavelmente sobre outras mil coisas. Por que eu deveria confiar em qualquer coisa que você diz?

Rob suspira e põe a pasta do laptop sobre a ilha da cozinha.

– Achei que entendesse, Jo. Nós já conversamos sobre isso ontem à noite, ou esqueceu isso também?

– Que golpe baixo, mesmo para você. – Viro-me para a janela.

– Desculpe. – Ele envolve minha cintura com seus braços longos. – Foi desnecessário dizer isso, me desculpe.

Eu me aparto com um empurrão de ombros e me afasto dele. Seco as mãos numa toalha e ligo a máquina de café.

É claro que me lembro de ontem à noite. Fui para cima de Rob assim que ele chegou do trabalho: o choque por ter visto a enorme barriga de Sash era

um segredo grande demais para guardar por um instante a mais do que o necessário.

"Você precisa meter o bedelho em tudo, não é?", disse Rob, que me acusou de agir pelas suas costas, uma ironia descarada, considerando que, nas últimas duas semanas, ele escondeu de mim a gravidez de Sash. Eu esperava escutar argumentos, algum arrependimento, um pedido de desculpa, mas tudo o que obtive foi uma justificativa sisuda de sua decisão de me proteger da terrível notícia. "Jo, sei que é duro ouvir isso, mas não teria feito nenhuma diferença se eu tivesse contado." Ele esfregou o rosto cansado com as mãos. "Você esqueceu muita coisa do último ano, o que deve ser incrivelmente frustrante, eu entendo, e talvez eu devesse ter contado antes, mas fiz o que fiz pensando em você. Queria que você melhorasse primeiro."

"Sabe, Rob", falei mais tarde, enquanto subia para deitar. "Houve uma época em que eu e você sabíamos tudo um do outro. *Tudo*."

Tomo o café e me viro para Rob, que está digitando no celular, aparentemente alheio a mim. Hoje é um novo dia para ele, uma pedra posta em cima da discussão de ontem.

– Achei que estivesse indo para o trabalho – digo.

Ele me olha.

– Oi?

– Está saindo para o trabalho?

– Sim. – Ele pega a pasta do laptop e sorri distraidamente para mim enquanto põe a alça no ombro. – Mais tarde a gente conversa, está bem?

Eu o sigo até o hall.

– Ontem eu também vi o Fin, fui até a casa dele – digo.

– Você não me contou – diz ele, virando-se para mim.

Espero ouvir que exagerei, um almoço com Sash, depois uma visita a Fin – mal sabe ele que também fui ao centro de acolhimento –, mas a vigilância de Rob em relação a mim parece ter diminuído, e mais uma vez ele está distraído

com o celular, franzindo a testa enquanto digita.

– Como ele estava? – pergunta.

– Ah, como sempre, mas… – Não termino a frase.

O olhar de Rob desvia do celular para mim.

– Desculpe, mas realmente preciso ir…

– Ele disse uma coisa bem estranha…

Rob me fita de novo, e desta vez está prestando atenção em mim.

– Como assim?

– Algo sobre aceitar dinheiro e calar a boca. – Olho-o nos olhos. – Sabe do que ele está falando?

– Não faço ideia – diz Rob, sem fazer menção de ir embora. – Você perguntou para ele?

– Sim, mas ele saiu pela tangente. Mas estava muito incomodado com isso. Fiquei chateada.

– Vou falar com ele. Pode deixar.

– Não, não faça isso. Eu só queria saber o que ele quis dizer, não consigo tirar isso da cabeça.

– Eu te disse, acho que ele está incomodado por ter que aceitar o dinheiro do aluguel. É melhor não mencionar isso de novo. – Ele sorri para mim. – Realmente preciso ir. Mais tarde nos falamos, ok?

Ele caminha até a porta, então volta e tenta me dar um beijo de despedida, suspirando quando viro o rosto.

– O Fin está numa fase difícil, Jo. Tocar nesses assuntos só vai piorar as coisas.

Dou um passo à frente e bato a porta. Volto para a cozinha e jogo o café frio na pia, o que produz uma agradável mancha escura no esmalte cor de creme. Olho através da janela enquanto lavo as borras do café com um jato de água fria e vejo o carro de Rob saindo da garagem. Como ele se atreve a me

pedir que não fale com Fin, como se eu estivesse causando problemas? Levo um novo café para a sala de estar e encaro o laptop aberto, esperando enquanto meus e-mails terminam de ser baixados; no entanto, como antes, não encontro nada de mais. O que eu fazia o dia todo? Eu passava uma parte do tempo no centro de acolhimento, provavelmente almoçava com Sash de vez em quando… E o que mais? A conclusão óbvia é que eu tinha um caso, uma distração suprema para essa solidão e tédio infinitos. Penso em Nick no seu escritório, envergonhado quando insisti para saber os detalhes. Será que as costas nuas de que me lembro são dele? Ou de Thomas? Meus pensamentos me deixam cansada; todas essas perguntas formam uma trilha sonora que se repete até me deixar tonta. Preciso sufocá-los, encontrar um pouco de paz, ainda que seja um refúgio temporário dessa solidão terrível.

Os faróis de Rob percorrem o vidro da porta da frente e depois a janela da cozinha conforme ele manobra o imenso carro até o lugar de sempre. Não fechei as persianas nem liguei as luzes. O dia se evaporou em um nada, assim como o início da noite. Desencosto a cabeça da mesa de jantar e enxugo a saliva da boca, que se fecha com um bocejo. A garrafa vazia de vinho a meu lado é um vestígio das horas desperdiçadas em uma taça, depois em outra, depois em outra. Foi um processo gradual, o qual só teve início de fato no meio da tarde – até então, tinha prevalecido um enraizado senso de decoro. Passo os dedos pelo cabelo; o galo em meu couro cabeludo praticamente desapareceu, mas a região continua sensível. Escuto a chave de Rob na porta, e a sala gira a meu redor. Fecho os olhos e me agarro à mesa, tentando me lembrar do meu dia. Eu certamente subi depois da primeira garrafa, porque me lembro de procurar o celular para mandar uma mensagem para Rob perguntando por que ele não chegou a tempo do jantar.

Abro os olhos e a sala continua girando quando tento lembrar o que aconteceu depois. Sei que estava com o celular na mão, conferindo-o enquanto descia, e deve ter sido por isso que tropecei; não por causa da bebida, pois eu não estava completamente bêbada àquela altura. E não foi no mesmo degrau

em que tropecei antes; já estava quase na base, cai sobre um único degrau, nem chegou a ser uma queda, mas foi o bastante para me tirar do meu estupor – levei a mão livre ao coração acelerado, e com o choque surgiu mais uma lembrança da noite em que caí.

Rob estava nervoso, nervoso como nunca vi, e eu estava tentando fugir dele no topo da escada, mas eu precisava fazer algo antes, algo importante. Eu queria pegar uma foto para levar comigo. Uma foto da parede. Uma foto dos nossos filhos. Sem Rob.

– Jo? Cadê você? – chama Rob do hall, cuja luz está acesa agora.

Escondo a garrafa de vinho vazia nas costas e acendo as luzes da cozinha no caminho até a área de serviço para jogar a garrafa no lixo de recicláveis. O som do vidro se quebrando me desestabiliza mais ainda, e eu bato na beirada do balcão, no qual me seguro para me equilibrar, derrubando uma sacola com prendedores, que se esparramam pelo chão.

– Jo, cadê você?

– Estou aqui – grito, articulando as palavras com mais dificuldade do que gostaria e me encurvando para pegar alguns prendedores. Porém uma onda de náusea e tontura me atinge e eu endireito a postura. – Na área de serviço.

– Oi – diz Rob. – Como você está? – Seu olhar me acompanha conforme eu, amparada por uma mão na parede, me junto a ele na cozinha. – Antes que diga qualquer coisa, você tinha razão. – Ele coloca a pasta do laptop sobre a ilha. – Eu devia ter contado sobre a gravidez da Sash imediatamente. Me perdoe.

– Sim, devia mesmo. – Apoio-me com a outra mão no batente da porta. – Que horas são?

– Tarde. Maldita auditoria.

Ele tira uma cerveja da geladeira, abre a gaveta de utensílios e mexe ruidosamente em seu conteúdo até encontrar o abridor.

– Estranho – digo com palavras arrastadas apesar de me esforçar ao máximo para formá-las corretamente.

– O que disse? – pergunta ele. Então franze a testa e comenta que em breve, em algumas semanas, no máximo, o trabalho vai dar uma trégua. Ele abre a cerveja, toma um gole e pressiona os lábios, formando uma linha fina, semicerrando os olhos ao me fitar. Agora estou inclinada, ou talvez encurvada, no balcão sob a janela da cozinha. – Andou bebendo, Jo?

Talvez seja por causa da segunda garrafa que entornei em taças sucessivas, já que a primeira não fez efeito depois do susto na escada, mas o fato é que me escuto dizer:

– São horas demais para uma porra de um atuário.

Ele me fita de novo e suspira; depois, tira o paletó, coloca-o no encosto do banco e se senta à ilha para tomar a cerveja.

– Quantas taças você tomou? – pergunta, apontando para a taça vazia na mesa de jantar.

Caminho até a mesa e limpo a mancha escura em forma de anel na madeira. Rob me observa sem se virar. Eu demonstro indiferença, me aproximo dele e passo meus braços sobre seus ombros. Noto que sua camisa não está passada; os usos sucessivos amassaram a gola.

– Talvez eu tenha bebido demais, mas você devia ter uma camisa limpa. Sou uma péssima esposa, não sou?

– Você não está falando coisa com coisa – diz ele, tentando me ignorar.

Eu rio e começo a dançar como fiz mais cedo, quando coloquei a música no último volume para preencher o vazio do celeiro. E cantei o mais alto possível também, sem ninguém para me escutar. Agora a música está na minha cabeça, e eu danço pela cozinha, dando a volta na ilha – sem muita elegância, pois meu pé bate na perna de um dos bancos. No início, Rob ri da minha apresentação – a cozinha rodopiante faz par comigo, já que meu marido não quer fazer –, mas logo se cansa dela.

– Pare com isso, Jo! – diz quando minha mão se estende para tirar a dele da cerveja, numa tentativa frustrada de convencê-lo a levantar.

– Por que não se divertir um pouco? – Jogo todo meu peso em cima dele e agarro sua mão de novo. – Vamos, dance comigo!

Ele se levanta e me afasta, o que me faz perder momentaneamente o equilíbrio e cambalear para trás. Nós nos entreolhamos, nenhum de nós diz nada, e ele desvia a vista.

– Você tem um temperamento difícil, Rob – digo, alisando o cabelo com as mãos esticadas enquanto tento recuperar plenamente o equilíbrio, e acabo derrubando um ímã da geladeira. Fico encarando por muito tempo o ponto onde ele caiu e se quebrou em quatro ou cinco pedaços, antes de me ajoelhar no piso frio para recolhê-los; o sol, o mar e a areia se fundem em minha mão. – Você me empurrou – digo, encarando Rob.

– Levante-se, Jo. – Ele me oferece a mão.

Recuso, digo que me viro, me levanto com o apoio de uma mão no chão, já que a outra segura os pedaços quebrados. Cambaleio pela cozinha para jogá-los desde uma altura exagerada na lixeira.

Rob, com as mãos nas laterais da cabeça, me observa exasperado.

– Você bebeu demais. É perigoso fazer isso tão pouco tempo depois que…

– Depois do quê, Rob? – Me apoio na lixeira e sem querer abro a tampa de novo; imediatamente removo a mão. – *Da minha queda?*

– Sim, da sua queda. – Ele tenta agarrar meu braço quando passo, mas eu o afasto.

– Me solte!

Desequilibro-me novamente e me seguro em um armário.

– Jo, você está sendo ridícula. – Ele estende os braços, mas eu bato em suas mãos. – Quanto você bebeu?

– O suficiente para me lembrar – digo, e endireito a postura.

– Lembrar o quê? – Ele dá um passo para trás.

– Lembro que nós dois estávamos no patamar da escada. Você estava com

raiva, não estava? *Muita raiva.* Estava gritando comigo, e estou tentando lembrar o que eu estava fazendo, mas não consigo, porra!

Rob me encara.

– Não dá para conversar com você assim.

Ele passa por mim, atravessa a porta e começa a subir a escada. No entanto, eu ainda não dei a conversa por encerrada e vou atrás dele.

– Por que você estava com tanta raiva, Rob? – grito e, com meus pés descalços, chuto o buraco em formato de cabeça na base da escada. – Você me empurrou daquela vez também?

– *O quê?* – Ele se vira e desce correndo. – Do que você está falando? – Ele agarra meu braço e me balança. – Diga!

– Me larga! – Ele me solta e nós nos encaramos. – Eu não sei o que estou falando, é exatamente essa a questão, não é? Preciso que você me conte o que aconteceu naquela noite.

Dou um passo para trás e quase caio de novo.

– Pelo amor de Deus, Jo. Sente-se no sofá da sala.

Rob me traz uma xícara de café puro, que aceito sem agradecer.

– Beba – diz, perguntando se estou sóbria o suficiente para ter uma conversa civilizada.

Claro que sim, falo, mas, quando olho para ele, vejo dois Robs de cara fechada me encarando da outra ponta do sofá. Fecho um olho para voltar a focá-lo e pergunto:

– *O quê?*

Ele ergue uma sobrancelha, inspira ruidosamente e expira.

– O que você quer de mim, Jo? Estou fazendo o melhor que posso.

– Quero saber… – Balanço a cabeça para tentar desanuviá-la, e Rob pega a xícara das minhas mãos. – Quero saber exatamente o que aconteceu antes da minha queda. Não me diga que não estávamos discutindo, porque eu sei que

estávamos.

De olhos quase fechados, ele me passa o café de novo e se recosta no sofá.

– Sim, nós discutimos naquela noite, claro que sim, nós dois estávamos nervosos. É normal em um casamento.

– Sobre o que era a discussão? – pergunto, tomando o café para evitar a náusea.

– Você estava passando todo o seu tempo no centro de acolhimento, e eu, no trabalho. – Ele esfrega os olhos. – Acho que a gente estava se negligenciando…

– Sim, mas…

– Deixe-me terminar! – Ele endireita a postura.

– Não, você é que tem que me deixar falar! – digo, e acabo derrubando café no meu colo, mas ignoro a sujeira e as tentativas de Rob de me ajudar, pois há algo que preciso dizer antes que me esqueça, antes que Rob se safe com suas explicações, pois o fragmento de uma lembrança acabou de se infiltrar na minha consciência.

Estávamos no quarto quando a discussão começou. Rob estava falando do trabalho, que estava atolado de coisas, que talvez precisasse virar a noite no escritório de novo, e eu estava gritando que ele devia achar que eu era idiota.

– Eu te acusei de ter um caso – digo, e o fito de modo a desafiá-lo a me contradizer, porque sei que estou certa, sei que a lembrança é real.

– Não – responde Rob, encarando-me de volta. – Você está confusa.

– *Estou mesmo?* – Estou confusa, mas não com relação à lembrança. Queria não ter bebido tanto; estou me sentindo enjoada, e minha cabeça não para de girar.

– Sim, está. Totalmente confusa. Você estava brava, e com razão. Eu estava trabalhando demais. Nós dois estávamos nos negligenciando, nós dois. Mas…

– Então você não estava? – Os efeitos do vinho desaceleram meus pensamentos. – Não estava tendo um caso?

– Não acredito que estamos tendo essa conversa. Você tem alguma ideia da pressão que estou sendo obrigado a aguentar? – Ele franze o cenho e balança a cabeça. – O apartamento da Sash, a ajuda para o Fin, essas coisas comprometeram muito nossas finanças. Eu não posso me dar o luxo de ficar parado e achar que vou manter o emprego assim. Preciso me adaptar. Eles estão falando em reduções, mais demissões. Preciso fazer contatos, estar preparado para trocar de função… – Ele desvia o olhar, leva as mãos aos olhos e os esfrega. – Não acredito que você achou que eu… – Rob me olha de novo. – Você sabe que eu jamais faria qualquer coisa para te magoar, você é meu mundo. Meu Deus, se eu e você…. Se eu achasse que nós dois estávamos perto de…

Não respondo; meus pensamentos estão desordenados por causa do vinho. A lembrança que achei ter recuperado já não é mais confiável, a explicação de Rob é factível; a convicção de seu esclarecimento enevoa minhas memórias. Sinto náusea de novo e me pergunto se a culpa não é minha.

– Venha… – Rob se levanta. – Acho que você precisa deitar.

– Vou ficar aqui mais um pouco, esperar o efeito do vinho passar. – Continuo segurando meu café, que agora está pela metade. – Estou me sentindo meio enjoada.

– Quer que eu fique com você?

– Não, você parece cansado – digo, mas a verdade é que quero ficar sozinha.

Escuto os enormes pés de Rob subindo dois degraus de cada vez e encosto a cabeça no sofá. Fecho os olhos para tentar entender tudo, porém minha cabeça gira ainda mais e a náusea piora. Abro os olhos e corro até o lavabo, chegando bem a tempo.

Julho deste ano

TALVEZ EU ESTEJA COM inveja, embora isso que está se acumulando dentro de mim se pareça com raiva. Certamente há um traço de inveja por não ter tido um apartamento caiado, com janela panorâmica e uma vista incrível para o parque quando tinha a idade ela. Observo a espaçosa sala de estar, decorada com uma linda mobília, dominada por dois sofás em tom pastel, num dos quais estou sentada neste momento, com os pés pousados no carpete. Como sempre, tudo foi entregue de bandeja à minha filha, e, apesar de não me ressentir por ela estar morando em um lugar melhor, talvez eu me ressinta dessa indulgência. Só um pouco. Rob me contou que esses apartamentos costumam ser vendidos para pais de alunos da universidade particular que fica aqui perto. Foi por puro acaso que ele encontrou este disponível para alugar, já totalmente mobiliado. Alguém no trabalho estava querendo se mudar, e Rob estava ajudando a analisar os imóveis.

– Ele encontrou um lugar? – perguntei enquanto nos dirigíamos para o apartamento de nossa filha, a fim de tomar café da manhã, um evento que prometia ser surreal e um tanto atemorizante.

Rob entrou no estacionamento subterrâneo e digitou um código no teclado antes de responder:

– Desculpe, quem encontrou o quê?

– O cara do seu trabalho que estava querendo alugar um lugar quando você encontrou esse apartamento. – Conferi meu reflexo no espelho do quebra-sol. – Você disse que foi assim que achou.

– Ah, sim, acho que encontrou. No condomínio novo perto de onde a gente morava. – Rob manobrou o carro na vaga para visitante ao lado do Fiat

azul de Sash, depois abriu minha porta e me conduziu até a entrada dos fundos dos apartamentos.

– Condomínio novo? – perguntei enquanto esperávamos o elevador para subir até o último andar.

– Sim, passando nossa antiga casa, tem um condomínio novo – respondeu ele quando as portas se abriram.

Nossa filha nos cumprimentou exatamente como eu imaginava, com um grande sorriso no rosto e nenhum sinal de vergonha.

– Mãe! Pai! Bem-vindos!

Sash estava desesperada para que eu conhecesse o apartamento desde que lhe contei que sabia da existência dele. Ela garantiu que, se eu o visse, se visse o quanto é bonito, entenderia por que o pai decidiu ajudá-la. Mas eu sabia bem por que ele o tinha feito, e ela também. Era um suborno; Rob sabia que assim a reconquistaria. A presença de Thomas também não foi mencionada, e mexer novamente nesse vespeiro não ajudaria em nada. Eu havia recusado os convites anteriores de Sash, mas seria impossível passar o resto da vida evitando uma visita. Sash e Rob presumiram erroneamente que minha relutância era um protesto relacionado ao custo, e em parte devia ser, mas o motivo principal era meu pavor diante da ideia de rever Thomas. Quem sabe o que ele é capaz de fazer quando nós quatro estivermos juntos? O último encontro terminou em briga e no afastamento brusco de Sash. Desta vez, pode ser bem pior.

Observo Rob e Sash no outro sofá. Sash, sentada sobre os pés descalços, está bastante envolvida na conversa com o pai a respeito da recusa do proprietário de consertar o exaustor do banheiro. Deixo que as vozes dos dois pairem ao fundo enquanto penso sobre a sorte da minha filha, observando o grande e bem iluminado espaço. Os eletrodomésticos da cozinha – uma chaleira de cromo de marca, uma torradeira e uma complicada máquina de café em cima dos balcões de madeira lustrados – parecem caros, e dá para ver o canto de uma cama enorme pela porta entreaberta do quarto. Tudo me

parece tão excessivo. Será que sou uma mãe ruim por achar que ela deveria ter se esforçado mais, conquistado tudo isso com o próprio suor? É uma questão controversa, visto que sou a pior mãe possível por motivos totalmente diferentes. Pego o celular, iluminado por uma rara mensagem de Fin, uma foto, na verdade. Ele está na frente de um campo irregular, no qual há fileiras de uma colheita; morangos, acho. Aumento a imagem. A legenda diz "Trabalho exaustivo!", porém ele está sorrindo para o fotógrafo, que imagino ser Ryan. Olho para Sash, ainda envolvida na conversa com o pai. O aniversário de Fin foi na semana passada, mandamos dinheiro para uma guitarra nova; aposto que Sash não lembrou de mandar um cartão para o irmão.

– Você sempre pode abrir a janela – diz Rob, cujas longas pernas estão esticadas à frente e cruzadas na altura dos tornozelos. – Ou usar o banheiro da suíte.

– Lá só tem chuveiro. Você sabe que eu gosto de banheira.

Meu grito não é alto, mas eu gostaria que fosse; é mais uma exclamação de fúria contida pelos dentes cerrados; ainda assim, chama a atenção imediatamente.

– Mãe, o que deu em você? – pergunta Sash, os olhos arregalados. – Você está parecendo louca!

– Isso! – Eu me levanto e com um gesto indico o apartamento. – Você tem dois banheiros?

– Jo… – alerta Rob, sentando-se na beira do sofá como se fosse se levantar a qualquer instante. – Não é o momento.

Com as palmas erguidas para o teto, fico encarando os dois à espera de que algum deles reconheça a falsidade que todos nós estamos perpetuando.

– Vocês não podem fingir que está tudo normal! – falo. – Vocês passaram meses sem se falar. – Olho para Rob. – Ela está morando aqui com *ele*, você esqueceu esse detalhe?

– Mãe, não – diz Sash, quase chorando. – Não faça isso.

– Seria cômico se não fosse a porra de uma tragédia – digo para ela.

– Mãe! Você nunca fala palavrão! – Sash parece mais chocada com o palavrão do que com o grito. – Eu não queria me mudar de novo – diz ela, sentando-se direito agora, embora em seguida estique as pernas para admirar as unhas escuras. – Três mudanças em menos de um ano não é o ideal, mas este apartamento é incrível. Você quer que eu volte a morar em cima de um bar barulhento? Ou naquela quitinete péssima?

É muito difícil suprimir a tentação de confrontar Sash por ter deixado de lado sua independência e escolhido a opção mais fácil assim que a novidade de levar uma vida mais complicada perdeu o charme.

– E o que o Thomas acha disso tudo? – pergunto, e o som de seu nome em minha boca não parece natural, como se eu não devesse pronunciá-lo, somente Sash, mas essa é a nossa realidade, e ele é o centro dessa realidade.

– Ele gosta. – Ela deve ter percebido minha expressão, apenas uma leve contração, mas Sash me conhece bem demais. – Não faça essa cara para mim, tem sido difícil pra ele também. Ele é cheio de princípios, mas…

– Mas não a ponto de não poder aceitar o dinheiro do seu pai para o aluguel – falo, olhando para Rob, que me adverte com sua expressão. Eu me sento e fico balançando a perna para cima e para baixo. – Quando ele vai chegar?

– A qualquer momento – diz Sash, sorrindo ao se dar conta. – E é muito importante para mim que vocês tentem…

Nós três olhamos para a porta; o som da chave deslizando no interior da fechadura ecoa no silêncio. Desvio o olhar, ciente do calor em meu rosto quando escuto a voz de Thomas chamando Sash e do arrepio em minha pele quando o ar ao meu redor é perturbado por sua presença. Eu não devia ter vindo, essa situação é perigosa demais, mas, quando não consigo mais conter a curiosidade, arrisco olhar para ele.

A postura de Thomas me surpreende pelo contraste; seu olhar está voltado para baixo, evitando não apenas a mim, mas também Rob e Sash. Rob se move para sentar ao meu lado, e Thomas ocupa o lugar dele ao lado de Sash. Fixo os olhos em meu marido, porém Rob está encarando o celular. Ele deve estar percebendo minha irritação, pois guarda o aparelho e passa a olhar as próprias unhas.

– Já contou para eles? – pergunta Thomas para Sash.

Olho para os dois e me dou conta de que o sorriso constante de Thomas, sempre às custas de alguém, desapareceu.

– Claro que não, estava te esperando – responde Sash, que sorri e segura a mão de Thomas.

Até este momento, eu estava consumida por meus pensamentos egoístas, analisando cada nuance de Thomas, cada gesto, com medo de olhar e ao mesmo tempo fascinada por ele. Agora, entretanto, há uma sirene de alerta soando em algum lugar na minha cabeça, me distraindo. Fito minha filha, e todo o restante da sala fica fora de foco, até mesmo Thomas. Ela está tão feliz, ostentando-o para nós, apresentando uma frente unida quando até mesmo ela sabe que seria sensato ter mais discrição durante nossa primeira visita. E Thomas? Por que ele concordou com isso? É óbvio que em qualquer outra circunstância ele não teria aparecido.

– Você está grávida – afirmo, e o mundo se escapa de mim assim que as palavras saem de minha boca. – Puta merda, você está grávida.

Então eu rio; uma risada estúpida e áspera, porque a situação é ridícula. Não pode ser verdade, mas é. Claro que é. Todos estamos sendo punidos. Isso nunca, jamais vai acabar. E, embora sejam as minhas ações que abomino, depois as de Sash, depois as de Thomas, claro, é Rob que decido culpar, pois foi ele quem deu este lugar para os dois. Um lar onde eles pudessem ter um bebê.

– Mãe, não! – diz Sash, com lágrimas nos olhos.

Ela olha para Thomas, mas ele está olhando bem nos meus olhos e, apesar de eu não ter certeza, acho que dá de ombros em um gesto que se assemelha a uma desculpa.

– É verdade? – pergunta Rob, a voz falhando.

– Fiquem felizes por nós! – pede Sash.

– *Felizes?* – grito. – Você acha mesmo que a gente vai ficar feliz com isso? E seu emprego, seu futuro? – Afasto Rob enquanto ele tenta me acalmar. – Isso é um pesadelo! – falo para ela, me levantando. Depois olho para Rob, que estende a mão para mim. – A culpa é sua! – grito e o empurro.

Cega pelas lágrimas, caminho rapidamente pelo parque, atraindo o olhar preocupado dos passantes, e então escuto Rob me chamando repetidamente. Viro-me com os punhos cerrados para esmurrar seu peito, seus braços, sua cabeça, porém ele agarra meus pulsos, me prende e me segura quando caio de joelhos, soluçando na grama aquecida pelo sol.

– Viu o que você fez? – digo. Ele está ajoelhado a meu lado, testemunhando meu sofrimento. – Você deu para ela um lugar para construir uma família. A porra de uma família, Rob! Com aquele homem pavoroso. Aquele homem terrível, terrível!

– Jo, pare! – diz Rob. – Você precisa se recompor. Ela precisa de você. Nós vamos precisar ajudá-la.

– Por que ela faria algo assim? – Os soluços sugam metade das minhas palavras. – *Por quê?* Ela é linda e inteligente e ele… não é nada.

– Eu não sei por quê… Não sei.

Nós voltamos ao apartamento e tentamos agir como adultos, pois é o que nos resta fazer. Afirmamos a Sash que a apoiaremos – ignorando Thomas. Até mesmo forçamos um sorriso com o fato de que seremos avôs, e Fin vai adorar, ele sempre quis ser tio. Sash diz que está bem no início da gravidez, mas que foi planejada. Tenho vontade de gritar de novo, mas desta vez as palavras explodem apenas dentro da minha cabeça: *Planejada? Você planejou fazer*

de Thomas o pai do seu filho? Um homem sem ambição, sem moral, quinze anos mais velho que você. Sua idiota, sua idiota. Mas não expresso nada disso. Thomas, também em silêncio, olha a vista através da janela; sua atitude presunçosa foi abandonada, substituída por uma desconfiança quieta, como se nós três houvéssemos voltado a ser uma unidade e ele fosse um acessório relutante, cooptado por uma família da qual nunca quis fazer parte. No entanto, a derrota dele carrega em si uma pequena vitória, porque ele abandonará o nosso bebê, e o bebê dele. É apenas uma questão de tempo. Fito-o e enxergo seu medo, e sorrio para ele assim como ele sorriu para mim uma vez: um largo sorriso às suas custas; Sash fica feliz ao percebê-lo, provavelmente por presumir que estou me esforçando, porém ela não sabe nada sobre meu sorriso, sobre o ódio, a advertência que ele contém.

Quando tudo acaba, quando a emoção nos exaure a todos, Rob e eu vamos embora, e, assim que pisamos em casa, reconstruímos uma aparência de normalidade. Jantamos, até mesmo tomamos vinho para acalmar os nervos, e, quando nos cansamos da discussão infinita, do único assunto em nossa cabeça, assistimos à televisão. Vejo apenas imagens desfocadas, enquanto Rob, por sua vez, não tira os olhos do celular, digitando uma mensagem, para alguém do trabalho, diz ele quando pergunto, sobre algo que me parece não ter importância, mas o que sei eu das coisas? Depois, conciliamos o uso do banheiro, deitamos, damos boa-noite um para o outro, e ele deve perceber meu ressentimento, mas prefere não dizer nada em defesa própria. Nossa discussão terminou, não temos mais nada a dizer; no entanto, agora que o choque inicial passou, estou sentindo algo diferente da dor e da amargura de antes: estou sentindo remorso pela maneira como lidei com a notícia chocante.

– Rob. – Eu me aproximo dele. – Por favor, acorde – digo, sacudindo seu braço. – Preciso falar uma coisa.

– *O quê?* – Ele rola pela escuridão na minha direção. – Estou cansado demais para continuar discutindo, Jo.

– Também não quero isso. – Estendo a mão para tocá-lo e sinto sua pele

quente sob meus dedos, seu ombro largo, depois o braço, esguio e forte. – Preciso pedir desculpa. Eu te culpei por alugar o apartamento, mas acho que entendo agora. – Eu me sento e acendo o abajur. Rob protege os olhos com o braço e depois se senta também. – Você fez isso por mim, fez tudo isso por mim. Você prometeu que faria qualquer coisa para resolver a situação com a Sash, e foi o que fez. Eu compreendo agora.

Rob se vira para mim com a expressão tomada pelo cansaço; seus olhos ainda estão se ajustando à luz, e percebo lágrimas neles.

– Mas não faz diferença, né? Eu estraguei tudo. – Ele cobre o rosto com as mãos. – A Sash está grávida, isso é terrível. A maneira como você me olhou, Jo… Eu sei que você me odeia.

– Não, não é verdade. Isso não precisa ser tão horrível assim. Só depende de nós.

Eu o abraço e peço desculpas repetidas vezes.

– Achei que você ia dizer que finalmente tinha lembrado – diz Rob, ainda chorando, afastando-se de mim. Estou prestes a perguntar o que esqueci quando ele abre a gaveta do seu criado-mudo e tira uma caixa embrulhada para presente. – Feliz aniversário de casamento, Jo. – Ele me entrega, com uma risada triste devido à ironia do comentário. – Vinte e quatro anos. Gosto de acreditar que a maioria deles foram bons.

Abro a caixa e vejo um bracelete filigranado, de um ouro delicado. Falo que adorei, que foi muito atencioso da parte dele, e me desculpo de novo, desta vez por ter esquecido nosso aniversário; nós nos beijamos e dizemos que vamos superar isso juntos, e Rob adormece. O mundo mais uma vez reestabelece sua ordem, ou tanto quanto será possível depois de hoje. Logo escuto a respiração de Rob se estabilizar, ao passo que estou sem sono nenhum. Desligo o abajur e a escuridão me envolve, mas ainda tem algo de errado; é como se tivéssemos quebrado alguma coisa, e, apesar de todos termos as peças e dizermos que somos capazes de encaixá-las de volta, já é tarde demais para isso.

19

Dezessete dias após a queda

O CONSUMO EXAGERADO DE vinho na sexta me fez sofrer; o dia seguinte foi totalmente desperdiçado. Rob, convicto de que o fim de semana deveria ser "só nosso", disse para nossos filhos que eu precisava descansar, o que era verdade, suponho, porém a claustrofobia do celeiro, com sua presença, por vezes me pareceu sufocante; o jardim era a minha única fuga. Se percebeu minha animosidade ou desconfiança, Rob preferiu não falar nada, e eu também não expressei meus pensamentos – bastante perturbadores. Pensamentos sobre os homens que fazem parte da minha vida, os quais, todos, parecem me controlar. Pensamentos que me impediram de dormir nas horas escuras. A respiração lenta do meu marido entrava e saía do meu subconsciente enquanto eu viajava a outros lugares, recantos que me repeliam e me atraíam em igual medida. Vi coisas terríveis. *Nick e eu atrás da porta do seu escritório, muito próximos um do outro, seu rosto quase encostado no meu, minhas costas contra a parede. O sorriso de Thomas, tão dissimulado, perigoso até. Rob gritando comigo no patamar da escada antes da minha queda; sua raiva era tão grande que me arrancou do sono e me obrigou a levantar da cama.* O alívio que senti quando Rob voltou ao trabalho hoje de manhã foi exalado em um sopro de ar havia muito reprimido. Enfim sozinha.

Com meu café, sento diante do laptop e olho através da janela que encima a escrivaninha, e a vista do jardim me anima um pouco. O dia está ensolarado, um presente de fim de verão, e decido sair, aproveitar a rara calmaria, pelo menos no clima.

O vento diminuiu, porém noto sinais dos danos provocados pelo tempo feito nos últimos dias, que derrubou algumas plantas. Quando piso em um canteiro de flores para pegar uma rosa esmagada, minha canela esbarra com força em um galho baixo, e a dor, familiar, faz uma lembrança vir à tona. *Eu saí correndo*. Olho para minha canela e a massageio e permito que a memória se forme, desconexa a princípio, depois mais coerente, uma narrativa que se desenrola. *Corri e bati a canela em uma mesa, acho. Estava correndo para me afastar do escritório de Nick*. Mas quando? E para onde? Pense, Jo! Pense! Endireito a postura e fecho os olhos; o vento, começando a readquirir sua força, sopra em meu rosto. *Estava frio e escuro na rua; eu estava de casaco, então deve ter sido meses atrás, antes do verão; sim, a primeira vez que, bêbada, beijei Nick. Fevereiro, não foi isso o que ele disse? Eu tomei a iniciativa, disse ele, depois saí correndo. Mas para onde? O centro de acolhimento estava coberto pela escuridão, a porta bateu atrás de mim. Saí correndo pela rua, desorientada, chateada, sem rumo, até que avistei o apartamento em cima do bar. Eu queria falar com a minha filha, mas ela não estava lá; Thomas estava*. Olho minha canela, vejo um hematoma já se formando, e sei que precisarei voltar ao bar. Imediatamente. Antes que perca a coragem.

O The Limes está calmo; há apenas três pessoas para me receber, cujo olhar se volta para a porta quando entro: o *bartender* com buracos assustadoramente grandes nas orelhas e um casal sentado no canto, com duas taças vazias entre eles. Está cedo; Thomas e a clientela regular chegarão mais tarde, talvez só à noite. Eu deveria ter esperado, mas estava desesperada atrás de respostas e com medo de que minha determinação me abandonasse, como já aconteceu.

– Oi! – diz o jovem *bartender*, puxando um dos lóbulos dilatados. – Posso ajudar?

– Estou procurando o Thomas, ele está?

O *bartender* dá de ombros, comenta que ele não para ali, que é difícil saber quando vai aparecer. Percebo certa cautela em sua resposta. Peço um café e me sento no bar enquanto ele o prepara. Ele fica me encarando como se me conhecesse e então diz:

– Ah, é! Você é a mãe gostosa! – Ele ri. – Tal mãe, tal filha.

– *O que você falou?* – pergunto, tentando usar a autoridade a mim conferida pela idade para tirar o sorriso de seu rosto, mas ele é descarado e continua sorrindo.

O café queima meus lábios, pois o bebo rápido demais. Logo me arrependo de tê-lo pedido, já que não há nenhum sinal de Thomas.

– Obrigado – diz o *bartender* diante da nota de dez libras que lhe entrego.

– O Thomas vai estar aqui mais tarde? – pergunto, pegando meu troco e colocando-o inteiro na bolsa.

– Vai saber… Quer que eu avise que você está atrás dele?

– Não. Eu mesma falo com ele, obrigada.

Saio no sol forte, corada com a insinuação do *bartender*. Não é possível que ele saiba de algo… É? Thomas não teria… se gabado de nós dois? Minha lembrança daquela noite é apenas uma imagem desconexa da minha investida em Nick e da fuga até o bar. A visão de Thomas nu reaparece, e eu olho para meu relógio, depois para o *bartender*, que está me observando pela porta. Eu me viro e me afasto velozmente.

Os prédios são impressionantes blocos de vidro e aço, com três andares, cercados por gramados bem cuidados e canteiros de flores organizados. Imagino quanto deve custar o condomínio, sem falar no aluguel. Levei poucos minutos para caminhar do bar até aqui, porém a transformação no cenário é nítida; esta é uma área revitalizada, requintada. Tento me lembrar do endereço de Sash; o número informado por Rob muda constantemente conforme rebobino as muitas conversas que tivemos desde que voltei do hospital. Sento em um banco no parque e observo as portas de entrada. São três no total, uma para cada bloco. Quando me canso de vigiar as entradas, olho para as janelas escuras e me pergunto se Thomas não está me olhando; esse pensamento me faz agir mais uma vez.

Planejo agir metodicamente, ler cada um dos nomes ao lado dos botões do

interfone, mas, quando me aproximo do primeiro prédio, avisto Nick – a uns cem metros de mim – descendo o lance de escada do bloco mais distante, com seu cabelo espetado de sempre e a inconfundível jaqueta de couro. Ele deve morar em um desses apartamentos caros, a um mundo de distância da vida das pessoas que ajuda no centro de acolhimento. Suas pernas atarracadas o estão levando na direção oposta, rumo ao parque, mas mesmo assim eu me protejo nas sombras da porta mais próxima, encostando-me na fria parede de pedra. Escuto um forte zumbido e a porta se abre, dela sai uma mulher com mais ou menos a minha idade. Ela para e pergunta se preciso de ajuda, com uma expressão altiva em vez de solícita.

– Ah, não, desculpe. Não moro aqui. Estava procurando uma pessoa.

– Quem? – pergunta ela, deixando a porta se fechar e procurando algo na bolsa. – Aqui está! – diz ela, pegando o celular.

– Minha filha, Sasha Harding. Ela mora em um dos prédios com o namorado, Thomas… – Sinto minhas bochechas corarem. – Desculpe, não sei o sobrenome dele.

– E você não sabe o número do apartamento? Ah, desculpe, querida, não posso te ajudar então.

Levo uma eternidade para conferir o nome de cada residente; algumas das etiquetas estão escritas à mão, algumas digitadas, algumas em branco. Meu coração se acelera quando leio o nome de Nick, e meus constantes olhares para trás atrasam o processo de analisar cada etiqueta em busca de uma informação familiar. Chego à última porta e percebo que minha busca não será recompensada. Sash obviamente não se preocupou em colocar os nomes dela ou de Thomas.

Viro-me para ir embora e me sobressalto ao ver Thomas, com um cigarro na mão, me observando da base da escada.

– Está me procurando? – pergunta ele, parando para reacender o cigarro pela metade.

– Não, não. Eu estava…

Ele sorri e solta fumaça pelas duas narinas.

– Você passou no bar, Jo. É óbvio que queria me encontrar.

– Não, não era nada. Eu queria falar com a Sash – digo e me viro, com o rosto ardendo.

– Tchau, Jo! – diz ele, e consigo perceber em sua voz um sorriso, certamente às minhas custas.

Eu devia ter feito o que pretendia, devia ter perguntado o que aconteceu naquela noite. Talvez ele houvesse me tranquilizado – se bem que duvido disso, já que Thomas obviamente sente prazer com a minha angústia. Pega na mentira de maneira tão patética, agi inesperadamente mais uma vez. Sempre que tenho a oportunidade de descobrir a verdade, algo me detém, algo que é terrível demais para ser materializado na pergunta que um dia precisarei fazer: o que fizemos naquela noite, Thomas? O que fizemos?

Agosto deste ano

SUPONHO QUE MUITAS TRAGÉDIAS da vida aconteçam às três da tarde de um dia de semana, quando ninguém está prestando muita atenção. Passamos a vida esperando pelo pior; mesmo quando levamos uma vida boa, imaginamos que de repente tudo nos será tomado. Eis que um dia, aparentemente tão inofensivo quanto os outros, tudo que acreditávamos conhecer, tudo em que confiávamos nos é arrancado sem aviso prévio, e então nos damos conta de que sempre estivemos olhando para o lado errado, que nunca estivemos preparados para o desastre, que nunca poderíamos tê-lo impedido, por mais que tentássemos.

Rose e eu passamos a manhã arrumando o escritório de Nick, ou tentando arrumar, e posso dizer que eu estava relativamente alegre enquanto conversava com ela sobre o ultrassom de Sash e contava que eles têm quase certeza de que é um menino. Rose deve ter franzido ligeiramente o cenho quando afirmei que estava bem; talvez ela tenha notado que falo cada vez menos de Rob e que Fin praticamente desapareceu da minha vida, mas, no fim das contas, era um dia comum, um dia como todos os outros. Guardamos as pilhas de papéis nas gavetas e armários, e talvez eu tenha rido quando Rose me chamou de vovó, o que me parece ridículo agora, considerando o que viria a acontecer. Depois disso, voltei de carro para casa, talvez escutando o rádio, não lembro. Devia estar pensando em Sash ou Fin – faço muito isso –, ou no que fazer durante as horas livres até Rob chegar; o fato é que não tenho nenhuma lembrança clara dos acontecimentos que antecederam o telefonema.

Sua voz era enfadonha, apropriada para ele, pensei depois. Embora ele seja tão vítima quanto eu, uma parte de mim o considera culpado também. O telefone fixo tocou mais ou menos meia hora depois que cheguei. Acho que eu

tinha tomado um café enquanto mexia no laptop, mas, quando o telefone tocou, eu estava no andar de cima. Minhas mãos continuaram tremendo por muito tempo depois, porém já estão firmes agora, apoiadas em meu colo.

"Você não me conhece", falou ele. "Talvez você se lembre de mim, não sei. Eu me chamo Colin, nós fomos colegas muitos anos atrás. Trabalho com seu marido. Quero dizer, trabalhava até recentemente. Minha esposa, Anna, é assistente dele. Por acaso lembra de nós?"

Eu tinha uma vaga lembrança dele. Já faz mais de duas décadas que trabalhamos juntos e nunca fomos próximos, mas sei que vi Anna algumas vezes; uma mulher atarracada, sem nada de mais, aquele tipo de pessoa com quem você não quer conversar em uma festa. Depois, lembrei do estranho convite por e-mail para a festa de despedida de Colin, absolutamente inesperado e prontamente desconsiderado. Pedi-lhe desculpa por não ter comparecido; era o único motivo pelo qual ele poderia estar ligando. No entanto, o convite tinha sido enviado meses atrás. Eu não estava entendendo por que ele só havia entrado em contato comigo agora.

– Desculpe, é com o Rob que você quer falar?

Ele riu pesarosamente e falou que não, que já tinha tentado conversar com meu marido. Não tinha dado certo. Era a mim que queria alertar. Sua voz tinha uma pitada de pena, mas o tom principal era de amargura. Comentou que tentou nos poupar a ambos do constrangimento, por isso mandou o e-mail quando descobriu, pensou que eu entraria em contato e daria margem para uma conversa.

– Como você conseguiu o meu e-mail? – perguntei. A mensagem acabava de adquirir um novo significado.

Ele riu e disse que arriscou: simplesmente substituiu "Robert" por "Joanne" e torceu para dar certo. Falou que sua intenção era fazer uma espécie de intervenção. Uma última tentativa de confrontá-los e pôr um fim na história. Achava que, se nós dois estivéssemos na festa, eles se convenceriam. Rob compareceu sozinho, os dois fizeram promessas, e Colin acreditou neles.

Chamei-o de mentiroso e desliguei. E continuei a xingá-lo enquanto encarava o telefone, jogado na cama.

Ando de um lado para o outro no quarto, murmurando para mim mesma sobre a cara de pau de Colin. Rob vai ficar possesso quando eu contar. As palavras de Colin se repetem em minha cabeça como uma trilha sonora indesejada.

"Jo, você tem o direito de saber. Está acontecendo há meses. E não é só isso…"

Ignorei seus outros telefonemas e corri até o andar de baixo para desligar a secretária eletrônica e, apertando o botão freneticamente até derrubar o aparelho da mesa do hall, apagar sua voz quando ele já começava a deixar uma mensagem.

Demoro algum tempo para tomar uma atitude de fato; antes, fico encarando as janelas e andando pelo celeiro enquanto choro de raiva, depois de tristeza. Então, sou tomada por um frenesi e reviro o escritório horrivelmente masculino de Rob, porém a escrivaninha está organizada, as gavetas, vazias. Corro até nosso quarto, abro o guarda-roupas, pego sua bolsa de viagem e dentro dela encontro a etiqueta de preço, um frasco de colônia pela metade, o forro em perfeitas condições. Em seguida, abro as gavetas do criado-mudo, o armário embaixo da pia, toda e qualquer gaveta e armário da cozinha, até chegar à sala de estar, o meu refúgio, e começar a chorar de novo – lágrimas de medo sucedidas por soluços de puro desespero.

Uma hora mais tarde, com a ordem reestabelecida no celeiro, fecho a porta da frente após sair. Estou mais calma; minha mãe teria dito que tenho nervos de aço, e esse pensamento me fortalece. Recebo uma mensagem de Fin no celular, uma foto dele e Ryan risonhos, um grande festival ao fundo; eles parecem tão felizes que cogito voltar ao celeiro e me convencer de que isso não é verdade. Entretanto, escuto Colin, e Sash e Fin, me dizendo que não posso simplesmente ignorar as coisas e continuar vivendo como se não houvesse nada de errado. Dou partida no carro e desço a colina; a adrenalina

me deixa ágil, e troco de marcha com rapidez e piso com força no pedal. Rob me avisou que chegaria tarde, que eu não precisava esperá-lo, que talvez virasse a noite no trabalho, e somente agora as conotações da frase ressoam. Tenho sido uma tola. Ele não é médico, ele não é bombeiro. Ele faz contas. Tira a merda da venda dos olhos, Jo.

Já passam das cinco quando chego. Dou marcha a ré para estacionar na vaga de visitantes em frente ao longo lance de escada que cada funcionário precisa descer para sair. Eu trabalhei aqui, e, por um tempo, depois que saí para cuidar de Sash, dava carona para Rob todos os dias; mas isso foi há muitos anos, quando precisávamos nos virar com um carro só. O prédio está praticamente igual – um pouco desgastado, talvez, e a grama precisa ser aparada. Observo os degraus povoados que levam à entrada, um átrio central ladeado por fileiras e fileiras de janelas de vidro esverdeado, com três andares. Coloco os óculos e analiso cada homem que desce, e me ocorre que eles vão retornar para um cenário mais calmo do que aquele que provavelmente vou enfrentar. Os ternos não param de surgir e se fundir em um cinza corporativo homogêneo; logo, não é a roupa que me permite distinguir meu marido, mas o modo particular de andar, a altura que faz os ombros se encurvarem, as pernas longas e ágeis que se dirigem rapidamente até o carro. Ligo o motor e, permitindo que dois carros fiquem entre nós, sigo-o para fora do estacionamento; a cena me parece surreal, embora não tenha nada de divertida ou curiosa, pelo contrário.

O carro de Rob pega a direção contrária à de casa. Um choque. Bem, talvez eu não devesse ficar tão surpresa, afinal ele me avisou que chegaria tarde. Ele pega a principal avenida que divide as novas áreas residenciais. As ruas estão movimentadas com o tráfego da hora do rush, mas continuo preocupada que ele note minha presença. Meu Mini Cooper é peculiar, para não dizer único. Ao ver que as luzes do freio de Rob acenderem, desacelero sem prestar atenção no carro atrás de mim. Rob liga a seta e vira à direita. Passamos por nossa antiga casa, e agora Rob, dirigindo rápido como sempre, está a mais ou

menos cem metros de mim. Permito que uma lacuna se abra entre nós pois, ao passar por nossa velha casa, admiro as flores coloridas que ocupam o jardim. O casal que a comprou de nós era novo na região; eles tinham dois filhos pequenos, dois meninos, acho. Rob continua seguindo na direção dos novos condomínios. Passo pelo parque onde costumava empurrar Sash e Fin no balanço ou girá-los no gira-gira até suas expressões ficarem tomadas de entusiasmo. Mantendo razoável distância, observo-o desacelerar e entrar em uma rua sem saída. Também viro e paro junto ao meio-fio. Vou andando daqui.

De início, fico com medo de tê-lo perdido de vista, mas depois vejo seu carro estacionado em uma das garagens à esquerda, a aproximadamente dez casas de distância de onde estou. Ele permanece sentado no carro, de portas fechadas. Só consigo enxergar o azul de sua camisa social, que passei ontem à noite junto com outras cinco, até minhas costas começarem a doer. Encosto-me na cerca de madeira ao lado do passadouro, encoberta por uma moita alta. Minhas pernas e braços estão pesados; minha cabeça, vazia. Eu poderia voltar e fingir que não vi o que testemunhei até aqui. Não é tarde demais, digo a mim mesma, mas meu coração sabe que é.

As casas, pequenas, revestidas de pedra artificial e sem garagem coberta, formam uma fileira de modernas varandas. Elas não existiam quando morávamos nesta região, mas agora há dezenas, todas iguais, uma massa esparramada de residências para jovens famílias em volta de um triângulo de grama ondulante. Crianças conduzem suas bicicletas pelos declives gramados. Rob sai do carro e o tranca. Sou atingida pelo bipe duplo, um som incongruentemente familiar que em geral me avisa de sua chegada em casa. Entretanto, ele parou na garagem de outra casa, e agora está usando uma chave para entrar. Dou um ou dois passos vacilantes, com medo de que ele me veja, e quase caio. Preciso apoiar a mão na cerca áspera. Ele tem uma chave? Não aguento, desvio o olhar, mas as gavinhas do arbusto em flor cutucam minha cabeça e meus ombros como se quisessem chamar minha atenção. Elas

emanam um cheiro de verão, alegre, amado, e, ao olhar para cima, vejo os delgados cones descaídos de flores roxo-escuras com olhos laranja, com cada caule lotado de borboletas. Ele tem uma chave? Fecho os olhos, e o farfalhar dos milhares de minúsculas asas retumba em meus ouvidos.

Parece passar um longo tempo até que eu crie coragem para abrir os olhos, como se a espera fosse transformar aquilo em mentira e acabar com a dor; entretanto, deve ter sido apenas um ou dois segundos. A porta, vermelha e envernizada, foi fechada. Rob está do outro lado dela. Não faço ideia do que acabou de acontecer nem do que fazer. Ele é meu marido há vinte e quatro anos, eu achava que sabia tudo sobre ele. Sinto-me numa experiência extracorpórea, como se Rob fosse sair a qualquer momento, vir até mim e rir da pegadinha perversa que me pregou, com uma explicação perfeitamente razoável. Ou a porta vai se abrir e não vai ser Rob a sair dela, mas alguém parecido com ele, que pegou seu carro emprestado. Rob terá uma explicação para isso, ele sempre tem, mas ele tinha uma chave, ele abriu a porta. Não é o caso extraconjugal que temi; é muito pior. Ele me fez de idiota, algo que nunca achei que seria. Lamentei publicamente o fim do casamento de amigos nossos, intimamente certa de que Rob e eu jamais faríamos isso um com o outro. Complacência: a morte de tudo. Um outro nome para negligência. Mas eu não tenho culpa, nada disso é responsabilidade minha. Dou meia-volta e, a passos pesados e ao mesmo tempo apressados devido ao horror da descoberta, como se fosse eu a culpada, conduzo meus pés de volta ao carro. Ele tinha uma chave…

20

Dezenove dias após a queda

ROSE ABRE A PORTA, e sou acolhida por seu sorriso cheio de gengivas. Faz quase uma semana que praticamente fugi do centro de acolhimento, de Nick e do que quer que ele quisesse comigo, e também que, como efeito colateral, abandonei Rose. O e-mail que recebi dela ontem alegrou meu dia. Aceitei seu convite prontamente.

– Não sabia se você vinha mesmo – diz Rose. – Sempre fico com a impressão de que prefere limitar nossa amizade às conversas no escritório do Nick.

– Eu já estive aqui antes, não? – pergunto, e ela balança a cabeça, recuando para me dar passagem.

Rose me fala para seguir pelo corredor estreito e me acompanha. O cômodo seguinte é mais claro e surpreendentemente espaçoso, porém a decoração é indiscutivelmente antiquada: tecidos florais cobrem todas as superfícies, e os carpetes e as paredes competem entre si com suas padronagens, criando uma sensação de tontura com suas espirais e flores-de-lis. Rose desaparece para nos preparar um chá, e eu aproveito para dar uma olhada no meu carro pela janela com cortinas, preocupada com a vaga na qual estacionei. A vista composta pelos demais blocos de apartamentos e pelos espaços verdes que os cercam é totalmente diferente das áreas comuns bem cuidadas ao redor do apartamento requintado de Sash. Os carros abandonados e carrinhos de supermercado que poluem a visão da janela de Rose constituem um forte contraste em relação ao belo parque contíguo ao condomínio de

minha filha.

– O apartamento é ótimo – digo para ela, virando-me e vendo Rose colocar uma bandeja de chá sobre a toalha de renda que cobre a mesa de centro. – Faz tempo que você mora aqui?

– Desde sempre – diz Rose, dando batidinhas numa almofada do sofá e ajeitando a cobertura de crochê do encosto. – Meus pais sempre viveram aqui, e eu tive a sorte de ficar como locatária depois.

– Obrigada. – Pego a xícara e o pires que ela me oferece.

– Minha mãe faleceu dois anos atrás, tinha só sessenta e dois anos, e meu pai está num asilo há cinco meses. Ele tem quase oitenta. Eu o visito todos os dias. – Ela abre o sorriso mais triste de todos. – Eu não consegui dar conta, Jo. Não conseguiria mesmo se largasse o centro de acolhimento. Sou apenas eu, sabe?

– Tenho certeza de que você fez tudo o que pôde – afirmo e bebo o chá quente. Rose revela suas gengivas de novo, mas ainda há certa tristeza em seus olhos. – Também sou filha única – comento, embora ela certamente saiba.

– Irmãs de alma – diz ela, e, por mais que talvez não seja o caso, sorrio e concordo, consolada pelo pensamento de que, apesar de tudo, fiz uma amizade verdadeira no último ano.

– Já contou para o seu marido sobre Nick? – pergunta Rose, direta como sempre.

Eu a encaro.

– Não sei do que está falando.

– Qual é, Jo! Está na cara que tinha algo rolando entre vocês. Não estou julgando, ele é um homem bonito.

– Não lembro. – Minhas bochechas ardem, e agradeço à perda de memória por me proporcionar essa desculpa.

Ela sorri para mim.

– Era óbvio que ele gostava de você – diz Rose. – Vocês sempre ficavam

bebendo até mais tarde, ele sempre me mandava sair do escritório. Eu não queria falar nada, esperava que você mesma comentasse. O Nick contou alguma coisa?

Não adianta continuar fingindo.

– Ele disse que nós dois concordamos em ser apenas amigos – respondo. – Acha mesmo que éramos amantes?

Rose me oferece um biscoito de uma lata desgastada com um retrato apagado da princesa Diana e do príncipe Charles. Mastigo o biscoito de creme e analiso a lata, que agora está virada para o outro lado na mesa, com o desafortunado casal distorcido na superfície cilíndrica.

– Posso ser sincera? – pergunta Rose.

– E você não é sempre? – Forço um sorriso.

Ela retribui o sorriso, mas seu tom de voz carrega certa cautela.

– Você não falou nada, não exatamente, na verdade, fez de tudo para disfarçar, mas, se eu tivesse que adivinhar por que você ia se separar do Rob, diria que é porque descobriu que *ele* estava tendo um caso. – Rose estende o braço para segurar minha mão; até mesmo a sua maneira sempre direta é posta à prova neste momento. – Sinto muito, Jo. Você disse que era por causa dos seus filhos, mas eu não acreditei. Por que você decidiria abandonar de repente sua bela casa, seus vinte e tantos anos de casamento? Achei que Rob fosse violento com você, mas você sempre negou isso. Tinha que existir um motivo mais convincente, e a conclusão mais óbvia me parece ser que você descobriu um caso.

– Talvez tenha sido eu. Nick contou que…

– Para mim, isso sempre foi unilateral. Algo da parte de Nick, não da sua.

Meu instinto me diz que ela tem razão sobre o fato de que Nick estava mais envolvido do que eu, porém ainda há a lembrança de Thomas nu, de meu desejo por ele. Não sou capaz de contar isso para Rose e, de todo modo, mesmo que algo tenha acontecido entre nós dois, Thomas é irrelevante, não

seria um motivo para me separar. Agora, Rob ter um caso… Isso é ridículo, não é? Tão ridículo quanto a ideia de ele me machucar de propósito.

– Se eu fosse me separar do Rob… – digo. – Se! – reforço antes que ela se pronuncie. – Seria porque nos distanciamos depois que as crianças saíram de casa e descobrimos que não tínhamos nada em comum além dos dois.

– Foi o que você disse. – Rose sorri. – Mas tive a impressão de que…

– Ele trabalha muito – interrompo-a de novo. – Isso gera muitos atritos entre nós.

Ao mesmo tempo que digo essas palavras, minha mente vagueia, e uma visão de mim e Rob vem à tona. *Rob está falando do trabalho, da loucura que está lá, que talvez precise virar a noite, e todos os meus pensamentos e todas as minhas emoções irrompem na forma de intermináveis ofensas e recriminações. "Acha que eu sou idiota? Eu te vi!"*

– Pelo jeito, ele passa mesmo muito tempo longe – observa Rose. – Ele é atuário, não é? – pergunta ela, olhando diretamente para mim.

– Sim.

– Não sou nenhuma especialista, mas… – Rose hesita e pousa uma mão em minha xícara trêmula. – Pode deixar que eu pego. – Ela sorri, devolve a xícara e o pires à bandeja e me pede desculpa, mas atuários não costumam trabalhar alocados no escritório? Não é incomum que um atuário viaje o tempo inteiro para conferências e encontros com clientes?

Olho para ela e sei que Rose tem razão. Os sinais eram claros; as desculpas eram mal elaboradas, chegavam a ser ridículas, mas eu escolhi aceitá-las e mesmo assim me senti insatisfeita depois, como se no fundo eu soubesse que ele estava mentindo. Rob escondeu tanta coisa do passado sob a justificativa de que era para me proteger, porém talvez estivesse protegendo a si mesmo.

– Faz sentido, eu sei… – Sinto uma pedra despencar do meu coração para o estômago. – Meu Deus, como fui idiota…

– Não, você não foi idiota. – Rose segura minha mão. – Você confiava nele.

– O que devo fazer? – Aperto sua mão como se isso fosse me salvar de cair no vazio que me espreita; sua pegada firme é a única coisa que me mantém segura.

– Converse com ele, Jo. – Suas palavras são pronunciadas como se fossem uma instrução clara e distinta. – Pergunte a ele. Você não tem certeza de nada.

– Não. – Balanço a cabeça e solto sua mão. – Você tem razão. Não sei de nada. E preciso saber antes de tomar qualquer decisão. Posso vir para cá se precisar?

– Claro. Nem precisa pedir. – Ela põe a mão em meu braço. – Estou aqui para o que for. Qualquer coisa.

Mesmo após ir embora, depois de ter conversado exaustivamente com Rose, continuo incerta se deveria pensar assim. Rob sempre foi um marido fiel, por que isso mudaria agora? Ele é dedicado, chega até a ser pegajoso às vezes. Jamais imaginei que fosse capaz de me trair. No entanto…

Dou partida no carro, olho para a janela de Rose e retribuo seu aceno. Preocupada com o que eu faria, ela se ofereceu para vir comigo, mas eu precisava de tempo para pensar. Tamborilo o volante enquanto dirijo, murmurando para mim mesma:

– A maldita bolsa de viagem dele estava vazia quando a peguei! Idiota! Sua idiota!

Paro o carro no sinal vermelho com uma freada brusca e sou tomada por outra lembrança. *Uma cor forte. A casa onde morávamos. O carro de Rob estacionado na garagem. Não, era outra garagem, e tinha uma porta. Uma porta vermelha. Eu o segui até lá, dirigi até o escritório dele e depois o segui até lá.* E, com essa imagem, surge mais uma. *O rosto de uma mulher, contraído de sofrimento ou de medo.*

O carro atrás de mim me ultrapassa e acelera em direção ao semáforo, agora verde. O motorista grita obscenidades para mim de sua janela aberta, mas eu permaneço imóvel tentando lembrar onde ficava aquela casa. Só consigo lembrar de passar na frente de nosso antigo lar e de me esconder atrás

de uma cerca coberta por uma moita. Havia flores, flores roxas e grandes, e borboletas, uma multidão de borboletas.

Agosto deste ano

FAZIA ALGUNS DIAS QUE eu adiava voltar aqui; minha lealdade ao centro de acolhimento é a última das minhas preocupações. Minha vida se dividiu em antes e depois. Fecho os olhos e o vejo; meu marido abrindo outra porta. Ele tinha a chave. Em seguida olho para ele: dormindo ao meu lado, sorrindo em frente a mim na mesa de jantar, cochilando no sofá. E sinto vontade de matá-lo. Hoje, no entanto, me senti forte o suficiente para vir e dar alguma explicação. Porque este lugar tem sido um refúgio, aqui eu era querida, até mesmo amada, e, um dia, eu talvez queira voltar. Rose se despede dos últimos voluntários e tranca a porta, acompanhando-me até o escritório de Nick para continuarmos nossa conversa.

– Não, já falei. Não aconteceu nada – respondo. – São apenas algumas coisas em casa. Realmente não quero entrar em detalhes agora, mas…

– Jo, se for algo que eu disse ou fiz… Sei que às vezes sou direta demais. Ou tem a ver com o Nick?

Ela deixa que as palavras pairem entre nós enquanto fecha a porta.

Afirmo que pretendo retornar em breve, mas que primeiro preciso resolver essas questões. Rose pergunta se tem a ver com Sash, e eu nego com a cabeça. Ela me olha em busca de mais explicações, e eu respiro fundo antes de dizer que meu casamento acabou. É a primeira vez que admito isso para alguém, incluindo eu mesma.

– Você vai deixá-lo? Sério? – Rose se senta na cadeira de Nick, a qual arria enfaticamente com um rangido. – Para onde você vai? Meu Deus, Jo! Você está bem? Tem mais alguém envolvido na história?

Não respondo diretamente; em vez disso, garanto que estou bem, e de certa

maneira estou, se estar bem significa variar entre momentos de entorpecimento e de fúria e pânico total. Murmuro algo a respeito de nossos filhos, comento que é triste, mas que, enfim, eu e Rob nos distanciamos. Vou procurar um apartamento para alugar, talvez fique em um hotel no início, ou talvez Rob saia de casa. Ainda não sei. Não resolvi os detalhes.

– Então ainda não contou para ele? – pergunta ela, e eu balanço a cabeça. Fico satisfeita por ela não insistir em saber mais.

Não esperei para vê-lo sair por aquela porta vermelha. Não é meu estilo dar escândalo, e eu já tinha visto o que precisava ver. Chorei no caminho para casa quando me dei conta de que ele praticamente me contou onde a amante morava, já que encontrou uma casa para ela ao mesmo tempo que buscava um apartamento para nossa filha, e isso aumentou meu desespero. Chorei de novo em nosso quarto enquanto esperava Rob voltar, desesperada para confrontá-lo imediatamente. Mas ele estava com *ela*, claro, de modo que já era muito mais tarde quando ele colocou uma chave em *nossa* porta. Àquela altura, eu tinha tido tempo. Tempo para pensar no que fazer. Ele chamou meu nome, como faz toda vez que retorna para mim de sua outra vida, e em seguida subiu a escada correndo para me ver, com as desculpas prontas, porém desta vez percebi claramente sua duplicidade – aumentada e confirmada por mais mentiras sobre seu paradeiro. Ele precisou trabalhar até mais tarde, claro. Ele tinha a chave, e eu fui uma idiota. Mas, mesmo diante disso, compreendi que devia esperar, usar o tempo e o conhecimento a meu favor. E, agora, tive muitos dias para pensar, planejar, para suavizar o golpe da descoberta.

Rose acena positivamente a cabeça como se houvesse entendido o que aconteceu; suponho que essa seja a conclusão óbvia quando alguém diz que vai se separar do marido. Parte de mim queria contar que segui Rob, que ele tinha a chave, mas dessa forma os eventos pareceriam reais demais. Enquanto isso estiver dentro de mim, poderei contê-lo, pelo menos por ora.

– As coisas não têm sido as mesmas desde que Sash e Fin saíram de casa – falo de novo; é o único detalhe que estou disposta a contar neste momento. –

Agora estou pensando nos aspectos práticos: dinheiro, um lugar para ficar, esse tipo de coisa. Sash vai precisar da minha ajuda com o bebê, então quero estar perto.

– Fique comigo – oferece Rose. – Tenho um quarto extra.

– É muita gentileza sua, mas acho que prefiro ficar sozinha. Vou passar alguns dias em um hotel, algum lugar neutro onde eu possa explicar tudo para as crianças.

Penso em Rob e imagino mais uma vez qual será sua reação. Ele vai ficar nervoso ou mostrar algum arrependimento? Sinto uma pontada de medo, porém a ignoro. Ele nunca me agrediu, jamais.

– Sash também tem um quarto a mais, não tem? – indaga Rose. – Você poderia ir para lá.

– Não, não daria certo – respondo, e fico grata por ela não insistir nesse assunto.

– Você me mantém informada? – pergunta Rose com uma tristeza na voz que me comove, talvez porque minhas emoções estejam muito afloradas ultimamente. Se estivesse mais próximo, ou se fosse um pouco mais sensível, Rob certamente teria notado essa mudança em mim.

– Claro que sim – afirmo. Sentindo o peso do mundo sobre os ombros, limpo as migalhas de biscoito da cadeira baixa para poder me sentar.

Rose sorri.

– Sabia que você estava escondendo alguma coisa de mim.

– Não é você, Rose. Sou uma pessoa muito fechada.

Ela se inclina para a frente e me fita do outro lado da escrivaninha.

– Ele não te machucou, não é? Quero dizer, fisicamente?

– Não, claro que não – falo, chocada com o nível de seu mal-entendido; entretanto, penso que ela já deve ter escutado tantas histórias do tipo que é natural que presuma isso. – Rob não é violento, Rose. Nós nos negligenciamos, nos distanciamos. Talvez nosso casamento tenha durado somente por causa

dos nossos filhos, e agora que eles se foram…

De certa maneira, acredito nisso, mas logo as palavras retornam: *ele tinha a chave*. A vida paralela de Rob passou a me controlar, tornou-se uma obsessão que obscurece todas as outras.

– Nick vai ficar tão… – começa Rose, mas suas palavras são interrompidas quando a porta se escancara.

– Estão falando de mim? – pergunta Nick, entrando com tanto ímpeto que quase derruba uma pilha de arquivos recém-solicitados.

Ele me cumprimenta com um grande sorriso e acena com a cabeça para Rose, um sinal para que ela saia de sua cadeira.

– Infelizmente, Jo vai deixar o centro – diz Rose, levantando-se. – Por motivos pessoais.

O olhar de Nick se volta para mim; sua expressão está abalada.

– Você não pode fazer isso! – diz ele. – Não vou permitir!

Rose se dirige à porta, e o olhar que eu e Nick trocamos é mais do que suficiente para lhe indicar que ela deve sair, mas, antes, ela me pergunta se deve esperar para irmos embora juntas. Nego com a cabeça, digo que ela vai acabar perdendo o último ônibus.

– Vou ficar bem, de verdade.

– O que está acontecendo, Jo? – pergunta Nick assim que Rose sai, apoiando a mão em meu braço ao passar por mim para se sentar em sua cadeira.

– Nem sei por onde começar – digo.

Ele escuta, com o olhar voltado para baixo, como se a vergonha fosse sua, e não de Rob.

– Você já o confrontou? – pergunta Nick.

– Não faz meu estilo. Enfim, ainda não. Tem sido difícil saber de tudo e não falar nada.

– Meu Deus, Jo! Difícil? Há quanto tempo você está casada? Vinte e cinco anos?

– Vinte e quatro – corrijo. A agitação de Nick não está colaborando; mal estou conseguindo me manter calma por conta própria. – Eu precisava deixar tudo ajeitado em casa antes de sair. Rob é… *persuasivo*.

– Não acredito que você não me contou. Eu devia ter percebido.

– Não vejo como.

Nick me repreende de novo por não ter contado, afirma que teria me ajudado. Que tem me negligenciado ultimamente, devia ter passado mais tempo comigo, perguntado se estava tudo bem. Depois ele olha para cima como se tivesse acabado de ter uma ideia.

– Fique comigo! Como amiga, claro. Eu durmo no sofá. Você vai estar perto da Sash e do bebê quando chegar a hora, fica a poucos minutos de caminhada daqui e…

– Você sabe que não posso – digo, sentando-me na beirada da cadeira. Coloco uma mão sobre a dele e observo sua mão espalmada contra a escrivaninha. – Não seria justo com você.

– Por favor, Jo… – diz ele, levantando-se e agarrando minha mão. – Fique comigo!

– Nick, não… – Também me levanto, mas ele já deu a volta na escrivaninha e está me segurando, os braços ao redor da minha cintura e o rosto próximo ao meu. – Nick, eu falei não. – Desvencilho os braços para empurrar seu peito, com delicadeza a princípio, mas meus pés escorregam nos papéis e pastas caídos das pilhas e a parte de trás das minhas pernas esbarra na cadeira baixa. – Nick, pare! – grito, empurrando-o com mais força, tomada pelo pânico ao enxergar a porta fechada. Rose já se foi há muito tempo, o lugar está deserto.

Sua boca cobre a minha e sinto a aspereza de seu queixo contra meu rosto. Tento me afastar; desta vez com mais força ainda, empurro seus ombros com as palmas, já sem me importar com seus sentimentos ou em manter qualquer

educação, porém ele se lança em minha direção com o braço direito erguido, me empurrando com força contra a parede, imobilizando-me com o peso do corpo. Consigo estender o braço para tentar virar seu rosto para mim, para obrigá-lo a me olhar nos olhos em uma última tentativa de pôr um fim minimamente digno a isso, de apelar à sua razão, mas ele afasta minha mão, agarra meu pulso e enterra os dedos em minha pele, em minhas veias, e sinto sua respiração rápida e quente no meu pescoço. Solto um grito de dor e olho para meu pulso, que está sangrando sob suas unhas, e depois para a porta, mas do outro lado dela só há silêncio. Fecho os olhos, como se com isso pudesse bloqueá-lo, pois sua mão sedenta está dentro da minha saia. Ele cheira a suor, um odor doentio carregado de sal. Sinto-me afundando, sem ter onde me segurar, mas então consigo me desvencilhar por um instante de seu punho cerrado e enterro as unhas em seu braço.

– Jo, pare! Você sabe que quer isso tanto quanto eu – diz Nick com uma voz diferente, gutural.

Com insistência e urgência, ele me mantém presa contra a parede. Quando penso que é tarde demais, que ele vai me penetrar à força, que não há nada a fazer para detê-lo, eu grito. Um grito primitivo que só ele escutará, mas o qual não posso suprimir, e por fim Nick me solta.

Ele recua e coloca as mãos no topo da cabeça, exibindo meias-luas escuras nas axilas da camisa.

– Meu Deus, Jo! Me perdoe, me perdoe. – Ele se recupera prontamente e começa a justificar o que fez, exigindo que eu assuma parte da culpa, que nós dois fizemos o que fizemos, que eu o instiguei. – Por favor, Jo! Fale alguma coisa!

Abaixo a saia, procuro a bolsa, um sapato perdido, lambo o sangue dos cortes no pulso. Não digo uma palavra. Não sou capaz. Viro-me para sair, abro a porta e olho para o espaço que ela emoldura. Vejo o vazio e corro na direção dele, sendo envolvida, protegida pela escuridão. Chego à porta que dá para a rua, destranco-a e a escancaro para adentrar a segurança do mundo

exterior. Sugo desesperadamente o ar para meus pulmões, mas agora meus gritos são silenciosos, se manifestam dentro da minha cabeça.

21

Dezenove dias após a queda

SEI QUE PRECISO PASSAR por nossa antiga rua, mas, tirando isso, não tenho ideia do meu destino; minha única lembrança é a de uma cerca coberta por um arbusto cheio de flores roxas e de borboletas. Mas talvez não esteja mais florido agora; o passar do tempo é implacável e indiferente à minha ligação com o passado. Talvez as flores roxas tenham ficado marrons nas últimas semanas e as borboletas tenham voado para longe.

Faço a curva na rua familiar e sinto o passado me puxar novamente. Nossa antiga casa está relativamente inalterada, embora os moradores atuais tenham enchido o jardim de cor – as flores desabrochadas no verão estão esvaecendo, mas continuam vistosas. Desacelero o carro ao passar na frente da casa e recordo o casal que a comprou de nós. Eram bem mais novos, talvez uns cinco ou dez anos a menos, e tinham dois meninos, acho. Pergunto-me se eles ainda moram lá e me ressinto de sua presença, como se tivessem roubado de nós a casa e a felicidade contida nela. Relanceio o parque ao qual levava Sash e Fin e lembro que a rua terminava naquele ponto, mas agora há uma nova área residencial.

Quando chego ao fim de outra rua sem saída, faço a curva sem deixar de procurar a cerca e as flores roxas, cada vez mais duvidando da precisão dessa lembrança. Então, avisto pequenos pontos roxos entre flores marrons e murchas. Paro no meio-fio, ao lado de uma cerca, e observo a longa fileira de casas idênticas, em quantidade avassaladora. Respiro fundo para esvaziar a cabeça, com a esperança de que isso me permita recriar a memória.

Sou atingida pelo frio quando saio do carro e estremeço antes de me envolver na jaqueta. O grande arbusto – talvez tenha dois metros de largura e dois e meio de altura – nasce no jardim de trás e cresce sobre a cerca, como em minha recordação. Encosto-me na madeira para que as gavinhas me escondam e imagino ter feito a mesma coisa na última vez que estive aqui.

As casas, pequenas, revestidas de pedra artificial e sem garagem coberta, formam uma fileira de modernas varandas, uma massa esparramada de residências para jovens famílias em volta de um gramado triangular – mas é nas diretamente à frente que recai minha atenção. As flores ressecadas são perturbadas por uma rajada de vento e jogam confete marrom no meu cabelo e nas minhas roupas, mas eu não ligo, hipnotizada por uma porta vermelha envernizada; a sensação de *déjà-vu* é quase insuportável. Quero estar errada, mas sei que não estou. As lembranças se revelam quadro a quadro em uma revivescência daquele momento terrível. Ele estacionou o carro na entrada e depois… meu Deus… usou sua chave para entrar.

Atravesso a rua e me apoio na parede ao lado da porta vermelha. Sinto a cabeça doer, as pernas fracas, os pensamentos descontrolados. Ele tinha uma chave, que lhe foi dada por quem quer que esteja aqui dentro, por quem quer que vá abrir esta porta vermelha. Não foi um caso de uma noite, fruto de bebedeira; isto aqui nem pode ser chamado de caso, isto é ter outra vida. Ergo a mão para bater, ao mesmo tempo que toco a campainha com meus dedos trêmulos. Escuto-a se aproximando a passos pesados, e seus dedos puxam o ferrolho.

– Jo! – diz a mulher, dando um passo à frente para me segurar, pois eu caio em cima dela.

Acordo no chão do hall; é um espaço tão confinado que fico surpresa por aparentemente não estar machucada, embora, conforme sou conduzida por Anna à pequena sala de estar, me sinta abalada como que pela dor de uma doença prestes a se manifestar.

– Desculpe – digo; não eram as primeiras palavras que eu pretendia dizer.

O choque que senti quando ela abriu a porta, com seu rosto macio e redondo e a barriga saliente, me alçou da terrível realidade e me lançou ao chão.

– Você desmaiou – diz ela. – Vou fazer um chá.

A sala de estar é minúscula: a parede atrás da lareira se distingue com sua vívida estampa cor-de-rosa e malva. As demais exibem um tom sacarino de rosa-bebê. Ainda tonta, sento-me no sofá e, em um instante de cruel clareza que corta a névoa dos meus pensamentos, me dou conta de que Rob terá dificuldade para adaptar seu gosto ao dela. Anna coloca um belo conjunto de xícara e pires, de porcelana com estampa floral, na mesinha lateral e se acomoda na poltrona virada para mim, com um copo de água na mão.

– Você está grávida de quantos meses? – pergunto.

– Seis – diz ela, cujas mãos envolvem a imensa barriga.

– *Seis?* Vocês já estavam juntos em março. – Esse pensamento me inunda, ameaça me afogar mais uma vez, porém luto contra a tontura e, quando falo, minhas palavras são frias e inexpressivas: – Quando começou?

– Um pouco antes do Natal. Tentamos terminar. Rob e eu nos sentimos péssimos com isso, mas…

– Quem tentou? – Empurro o chá. – Quem?

– Nós dois. Depois do Natal, e outra vez por volta de fevereiro, março.

– Então você engravidou para não perdê-lo?

– Não, não foi… – Ela tosse e toma um gole de água. – Entendo que deve ser terrível para você, Jo. Mas nós duas precisamos nos acalmar. Nem eu nem você estamos bem.

– Você sabe da minha perda de memória?

Anna faz que sim, desvia a vista enquanto se reacomoda na poltrona e coloca a água de volta na mesa. Tenta endireitar a postura, mas desiste e se prostra com os joelhos separados. Ela, que veste uma legging e uma bata, é uma mulher rechonchuda, na casa dos quarenta; seria de se pensar que fosse

velha demais.

– Como você me achou? – pergunta ela, e, antes que eu responda, se inclina para a frente e indaga: – Rob te contou?

– Não, ele não sabe que estou aqui. – Nitidamente, ela relaxa, pois pensa que vai poder contar a notícia, a não ser que eu o faça primeiro. – Então, como…

– Não precisei ser uma gênia. Conheço meu marido melhor do que ninguém.

Anna desvia o olhar e morde a língua.

– Imagino que não entrei quando estive aqui da última vez, certo? – pergunto, e o fato de que ela olha para cima me diz que não fazia ideia de que eu sabia desde antes.

– Quando?

– Não sei. Acho que alguns dias antes da minha queda.

Ela acaricia a barriga, desvia o olhar de novo. Imagino-a daqui a dez, vinte anos. Quando o filho for um adulto, ela vai ter seus sessenta anos, Rob quase oitenta, um idoso. Talvez morto. Eu deveria sentir algo. Que pensamentos terríveis. Anna está grávida e sozinha, talvez ainda tema que o pai de seu filho a abandone, o que talvez ele houvesse feito se eu não tivesse descoberto. É uma criatura digna de pena, porém não sinto nada, nem mesmo ressentimento pelo papel que ela desempenhou na história. Sinto apenas um entorpecimento dolorido no peito quando penso que o homem que amei por todos esses anos me fez passar por isso. Descobri sua infidelidade não uma, mas duas vezes. Ele poderia ter me poupado, mas preferiu não fazê-lo. Afirmou que me amava, que não havia mais ninguém, mentiu repetidas vezes, escondeu o passado para se safar. Ele quis reinventar a história, manter a mim e a sua casa perfeita, o maldito celeiro no topo da colina, comigo presa nele, em um isolamento inacreditável, e renegar essa bagunça, essa enorme bagunça cor-de-rosa.

– Por que você está aqui, Jo? – pergunta ela em voz baixa. – Quer dizer,

tirando o óbvio, o que você quer de mim?

– Apenas a verdade.

Pergunto onde está o marido dela, se ele acredita que o bebê é dele. Pode ser dele? Sinto ódio de mim mesma por criar uma bolha de esperança com esse pensamento, mas não. O bebê com certeza é de Rob, e o marido de Anna está na casa do casal, do outro lado da cidade.

– Então quem paga por este lugar? – pergunto, já sabendo a resposta.

– O Rob – diz ela, que tem a decência de desviar a vista. – E eu. Com minha licença médica.

– Meu Deus, ele sustenta você, eu, Sash, Fin… Não é à toa que meu filho nos culpa por aceitar seu dinheiro.

– *Fin?* – Ela olha para trás. – Claro. É por isso que você está aqui. Ele te contou.

– Ele me contou o quê?

Sinto um aperto no estômago. Não, por favor, Deus, meu menino não, não em troca do dinheiro do pai, isso não. Agarro o braço da cadeira e tento me manter firme. Não posso desmaiar de novo.

Anna hesita, e suas deliberações internas se revelam em sua expressão, de início decidida, mas em seguida hesitante novamente.

– Tem certeza de que quer ouvir isso?

– Acho que já passamos do estágio das cortesias, não acha? – digo com um tom de provocação que contrasta com a terrível sensação de traição que há dentro de mim.

– Seu filho… – diz Anna, olhando para mim. – Ele estava tocando em um pub no interior, a quilômetros daqui, no meio do nada. No começo, não notamos que era ele, estávamos sentados no fundo, e Fin estava na parte mais escondida do palco. Eles são muito bons, você já viu? – Balanço a cabeça, e lágrimas traiçoeiras escorrem pelo meu rosto. Anna desvia o olhar para a janela da frente. Ela deve estar vendo meu carro do outro lado da rua. – Não é culpa

do seu filho, Jo. Rob falou para ele que não havia mais nada entre nós, e na época ele falou sério.

Se Anna está tentando poupar meus sentimentos, então não faz sentido me obrigar a passar por isso.

– Me conte a verdade! – digo, recuperando a força.

– Estou contando, Jo. Isso foi no início, um pouco depois do Natal. Rob falou com ele, jurou que terminaria tudo.

– Bem, ele não terminou. – Aponto para sua barriga. – Me conte logo a verdade, Anna. Tudo. Preciso saber.

Anna não me poupa de nenhum detalhe, a tal ponto que me pergunto se ela não está apenas pensando em voz alta suas reminiscências, temporariamente esquecida de minha presença. Ela diz que eles tentaram se afastar, mas que trabalham juntos, muito perto um do outro, de fato; foi impossível. Rob ficou muito triste; era insuportável para ela vê-lo daquele jeito. Tenho dificuldade em aceitar isso, já que, no fundo, significa que nosso casamento era de alguma maneira deficiente, insuficiente para ele. Anna ama meu marido, isso é óbvio, mas é difícil não levar em conta o fato de que ele ficou comigo, e que ainda está comigo. O caso entre os dois claramente tem mais importância para ela do que para ele. Lembro-me de me sentir muito conectada a Rob quando estava grávida tanto de Sash quanto de Fin, do orgulho de termos criado algo juntos, só nós dois, mas também do terror com a possibilidade de perdê-lo e ter que me virar sozinha, ser uma mãe solteira. Mas não posso me permitir sentir pena de Anna.

– Não planejamos ter nada sério, não no início. – Ela fala tão baixo que preciso me aproximar para escutar suas palavras terríveis. – Mas nós dois estávamos infelizes. Colin e eu nunca quisemos filhos. Achei que meu casamento e meu trabalho bastavam. E bastaram por muitos anos.

– Então você ficou grávida para prender meu marido a você?

– Não, já falei que não. Não foi nada disso. – Ela parece afobada; bebe

outro gole de água e respira fundo algumas vezes. – Desculpe, preciso tomar cuidado, minha pressão está alta. – Espero que ela continue. – Não achei que eu ainda fosse capaz de ter filhos. Imaginei que, com a minha idade… Foi burrice minha, mas…

– Sim, foi uma grande burrice. De vocês dois.

– Foi um choque, mas o Rob quer fazer o que é certo. – Ela me encara. – Para nós duas, Jo. Para você, para mim e para este bebê. E para os filhos de vocês. Ele é um homem decente. Você sabe disso.

– Ainda acha isso? Ele estava traindo nós duas, Anna. – A lealdade dela é exasperadora. Eu me recosto no sofá, finalmente pensando com clareza. – Ele teve muitas oportunidades de me deixar. Ele poderia ter me contado, ter confessado o caso, mas preferiu não fazer isso.

Ela está dizendo não e balançando a cabeça, mal está me escutando, mas continuo tentando convencê-la.

– Ele aproveitou a oportunidade que minha queda criou para salvar nosso casamento. – Amenizo um pouco o tom de voz, pois ela está nitidamente aflita. – Sinto muito, mas ele não te quer, Anna. Ele quer ficar comigo. Ele pode ter te desejado por um tempo, você claramente é louca por ele, e Rob adora isso, mas, não, não é algo que tenha futuro, ele não vai se separar por você.

– Não! – Ela se levanta. – Você está errada. Ele falou para você que ia te deixar, mas você reagiu mal e acabou caindo. Ele só ficou com você porque você estava muito doente. Ele até perguntou aos médicos quando poderia dar essa notícia. Ele disse que seria em breve. Ele me disse que ia se separar de você! Ele disse!

Sua expressão se contrai em negação, seu corpo treme. Penso na mulher das minhas memórias, em seu rosto contraído de medo. Não confrontei Anna quando vim aqui antes, mas claramente imaginei essa cena.

– A questão é que não foi ele que me contou, Anna. Eu descobri sozinha.

Ele não ia me deixar. Eu é que ia deixá-lo.

Levo algum tempo para conseguir acalmá-la. Coloco-a na cama e levo seu celular para ela. Dou para ela o número do meu celular novo caso precise de mim e anoto o dela. Nos falaremos em breve. Concordamos com isso. O ódio que senti brevemente por ela foi redirecionado. Ela desempenha um papel secundário nessa história. Olho para a casa e sinto pena de Anna e de seus próximos vinte anos criando um filho sozinha. Já foi difícil com Rob, mas pelo menos estávamos juntos. Ao menos por isso, sou grata. Agora preciso descobrir como escapar de um homem que se mostrou disposto a fazer praticamente qualquer coisa para não me perder.

Setembro deste ano (o dia da queda)

ME SENTO NA CAMA para esperar meu marido chegar em casa, consciente de que é a última vez que faço isso. A última vez que o esperarei, e a última vez que o chamarei de "meu marido" sem acrescentar um prefixo. Destecer uma vida, puxar todos os fios, separar a trama da urdidura, é algo muito simples; tenho um cartão de crédito novo na bolsa e guardei o passaporte no compartimento com zíper da bolsa de viagem, apenas para garantir. Certamente, é mais simples do que justificar o comportamento de Nick em seu escritório. Eu disse a ele que não. O que aconteceu entre nós no passado não lhe dava o direito de me violentar. Meu e-mail para a instituição de caridade que administra o centro de acolhimento foi escrito e reescrito, porém não foi enviado – o último rascunho foi deletado, assim como os anteriores. Escuto as palavras de Sash em minha cabeça: "Sempre com uma venda nos olhos, né, mãe?". Para agravar meu dilema, Nick fez muitas tentativas de contato, como eu esperava. Ignorei suas mensagens de voz, seus e-mails, não escutei nem li nenhuma; rejeitei todas as suas ligações. Não conseguia nem sequer ouvir sua voz, nem mesmo pensar nele. Rose também tentou entrar em contato comigo, e me sinto culpada por ignorá-la, mas pensar no centro de acolhimento, até mesmo nela, é demais para mim neste momento. Tudo é demais: Rob, Nick, Fin, Sash, Thomas: tantas traições.

Ainda estou sentada na cama quando escuto o carro de Rob na garagem. Ele não chegou tarde hoje; não visitou sua vida paralela. O que ele diz para ela? Que desculpa ele dá para voltar para cá? Vou perguntar isso a ele. Se bem que talvez não valha a pena. Isso já não deveria importar para mim, mas ainda importa por algum motivo. Vinte e quatro anos de casamento e tudo que isso envolve: proteção, companhia, amor, sexo. Eu acreditava que sabíamos tudo

um sobre o outro; e toda nossa história vivida juntos foi destruída por uma chave.

Ele sobe a escada, dois degraus de cada vez, confiante a respeito de si mesmo, e de mim, não percebe minha expressão, simplesmente presume que sou a mesma e me conta de seu dia, pergunta como foi o meu, mas não fala a verdade, nem liga para minhas respostas – porque é um mentiroso. Observo todos os seus movimentos como se fosse a primeira vez, porém eles são dolorosamente familiares. Ele se troca, veste uma calça jeans e a camiseta da Ralph Lauren que comprou para nossas férias no Caribe, e algo se transforma dentro de mim, uma raiva se acumula, mas permaneço muda e imóvel.

Aquela viagem já faz quase um ano, o ano em que ruímos; pergunto-me novamente quando o caso começou, talvez tenha sido depois da viagem, mas desconfio que foi um pouco depois, talvez no Natal, ou em janeiro, após a partida de Fin, ou será que foi depois? Não adianta pensar nisso, já me fiz essas perguntas milhares de vezes.

Rob usa o banheiro, em seguida escuto sua escova de dentes elétrica. Ele sai e agita a palma da mão na frente do meu rosto.

– Jo, perguntei o que vamos jantar.

Ele ri, curva-se para beijar minha bochecha e pergunta se não seria uma boa ideia jantar fora, já que faz muito tempo que não temos uma noite romântica. Ele não notou meus preparativos para sair de casa porque não há o que notar. Não estou levando muita coisa. Pensei nisso, mas não quero nada que pertença a nós dois; tudo foi escolhido por ele, não por mim. Só quero algumas fotos, que vou tirar da parede antes de sair; os itens mais essenciais, guardei na bolsa de viagem, que já está no porta-malas do carro: jeans, camisetas, camisolas. Estou pronta para partir. Reservei um quarto de hotel, estou com o passaporte por via das dúvidas, até já ensaiei mentalmente as conversas que terei com Sash e com Fin, mas… Olho para Rob e me pergunto se não é ele que deveria ir embora. No entanto, eu nunca quis esse celeiro, todas as escolhas e decisões foram dele; o sonho era dele.

Rob está falando do trabalho, da loucura que está lá, que talvez precise virar a noite, e todos os pensamentos e todas as emoções represados em mim de repente irrompem.

– Você acha que eu sou idiota? – grito. – Que pode ficar inventando essas mentiras ridículas e eu vou simplesmente acreditar?

– O quê? – Rob solta uma risada vacilante, mas seu choque é evidente apesar do sorriso. – Você bebeu?

– Eu sei. Eu te vi.

– *Você me viu?*

Ele se vira e faz um gesto de desdém com os ombros, e algo em mim se rompe. Seu gesto é pequeno, insignificante, mas faz tudo vir à tona, como se a tampa de um oceano de recriminações tivesse sido removida.

– Eu sei dela! Eu te vi! Você tem uma chave, porra!

E agora eu estou em pé, e ele está cobrindo a cabeça para proteger o rosto do meu ataque. Quero machucá-lo, procuro a carne de suas bochechas, de suas mãos, de seu pescoço, mas ele agarra minhas mãos e me empurra para longe, e eu quebro duas unhas ao puxar a mão para soltá-la.

– Jo, me escute! Você precisa se acalmar!

Ignoro-o e saio apressadamente do quarto, passo em frente aos quartos vazios onde nossos filhos costumavam dormir, me afasto do homem que me roubou tudo que já amei. Meu lar, meus filhos, meu respeito próprio, meu casamento.

– Jo, espere! – chama ele, saindo do quarto. – Você não pode simplesmente ir embora! Me deixe ao menos explicar!

– Não quero saber, Rob! Eu vi. Você tinha uma chave. O Colin me ligou. Eu te segui até lá. Eu sei sobre você e Anna.

Suas passadas largas são mais rápidas do que as minhas, e agora ele está atrás de mim no patamar da escada, perto demais. Eu corro, tenho medo dele, tenho medo de nós dois, do que somos capazes de fazer um ao outro. Sua mão

alcança meu braço e me gira de frente para ele.

– Olhe para mim, Jo! Vinte e quatro anos! Eles merecem pelo menos alguns minutos, não?

– Basta de mentiras, Rob! Basta!

Rob começa a chorar, e apesar de eu saber que devia sentir alguma coisa, dentro de mim só há frieza, um sentimento chocante de separação e depois, quando ele me implora para ficar, de repulsa. Estamos perto da janela do patamar agora, e eu olho para a bela paisagem, erma e acinzentada.

– Eu fui um idiota! – Rob soluça, seu nariz escorre, lágrimas deslizam por seu rosto, mas ele não faz nada para esclarecer essa confusão repugnante. – Jo, me escute! – Ele agarra meu braço de novo. – Não significou nada, foi só uma vez, uma estupidez!

– Ah, pelo amor de Deus, Rob! É praticamente uma vida paralela! Você entrou lá com uma chave. Eu vi!

– Não, não era uma vida paralela, Jo! Não era, você precisa acreditar em mim… Não era para ser, mas com o bebê… – Ele me olha com a expressão cheia de dor e de vergonha.

– O quê?! – pergunto, cuspindo as palavras em seu rosto. – Ela está grávida?

– Achei que você soubesse… Você disse que foi lá. Presumi que soubesse. – Ele desvia o olhar, seu rosto está contraído, coberto pelas mãos. – Meu Deus, me perdoe, Jo… Fiquei contra a parede, não sabia o que fazer.

Atiçado pelo vento, um galho tamborila a janela, e a batida penetra em meu cérebro enquanto meu marido me diz que sua amante está grávida de um filho seu.

– Não pude deixá-la, Jo. Não depois que ela me contou da gravidez. Ela implorou que eu ficasse, Jo. Ela implorou.

Imagino Anna implorando para Rob, imagino o rosto dela contraído de terror com a possibilidade de perder *meu* marido. Afasto a imagem patética da

minha cabeça.

– Você nunca foi dela, Rob, para que ela quisesse ficar com você! Você era meu! Meu marido!

– Eu sei disso, Jo. Você é meu mundo. Mas eu não consegui contar pra ela, ainda não, não antes do…

– Antes do quê? Em que momento as coisas iriam se resolver para você? – Eu o encaro, porém ele não diz nada. – Estou indo embora, Rob.

Eu me viro para a escada, mas ele agarra meu braço e me puxa para trás.

– Eu não quero ficar com ela, eu quero você – diz ele com a voz tensa de desespero. – Sempre foi você. Tudo o que fiz foi para nos manter juntos. Não posso te perder, Jo. Não vou deixar isso acontecer!

– Acabou – falo. – Me solte!

Mas ele não me solta. Eu me debato até conseguir me soltar e chego ao degrau mais alto. Quero uma foto de Sash e uma de Fin, sem Rob, apenas eles, mas não tenho tempo de escolher, e cada retrato que tento tirar da parede resiste ao meu esforço. Eu devia ter feito isso mais cedo, mas estava com medo de que ele percebesse, que descobrisse antes que eu tivesse a chance de confrontá-lo. Não podia correr esse risco. E agora minha frustração atrapalha a tarefa, e Rob está atrás de mim, descendo cada degrau junto comigo, implorando mais uma vez que eu não o abandone, dizendo que faz qualquer coisa, e sua mão se estende para mim. Eu dou um passo para me afastar dele. Ele já não pode me deter, não pode.

22

Vinte e um dias após a queda

As lembranças surgem à medida que me entrego ao sono, mas sei que elas, fragmentadas e imprevisíveis, não são confiáveis. Quanto mais as persigo, mais elas se retraem, e então algo irrompe, algo ao mesmo tempo espontâneo e desesperadamente desejado. No entanto, por mais que eu deseje o passado, também o temo.

Ele me ataca, o braço direito em riste, e me empurra com força contra a parede, encurralando-me com seu corpo. Percebo a intensidade em seus olhos, mas não sei qual é a natureza dela, o tipo de emoção que a origina. Mais uma vez, tento alcançar a lembrança, e minha mão toca o rosto dele e o vira para mim, para que eu leia algo em sua expressão, olhe em seus olhos, implore que pare. Ele me empurra, agarra meu punho e enterra vigorosamente os dedos em minha pele pálida, até as veias que a percorrem, e sinto sua respiração rápida e quente em meu pescoço. Com insistência e urgência, ele me mantém presa contra a parede. Eu reagi, disso tenho certeza; enfiei minhas unhas em sua pele até ele gritar.

Concentro-me em buscar respostas honestas, porém sei que, se forçar, as lembranças não virão. Como antes, elas recuam e se tornam uma invenção do presente, em vez de um relato do passado. Devo ser paciente, esperar os gatilhos; eles, sim, são verdadeiros e confiáveis. No entanto, as lembranças são como clarões coloridos, sempre sedutores, não consigo resistir. Elas formam um momento de tecnicolor que evapora diante de mim antes que eu alcance a verdade; são como uma explosão de sol encoberta pela chuva.

Abro os olhos; traços dos raios solares aquecem o quarto e criam padrões no teto. Vejo o peito de meu marido subindo e descendo e escuto o som suave

de sua respiração. Em seguida, ele também acorda, vira-se para mim e sorri – um sorriso tranquilo, sem nenhum sinal de falsidade, como se o último ano nunca tivesse acontecido.

– Jo, você está bem? – diz Rob com a voz rouca de sono enquanto esfrega os olhos.

– Não, Rob, não estou bem. – Levanto-me da cama. – Volte a dormir.

O andar de baixo do celeiro está quieto, quase fantasmagórico, como se também estivesse à espera, em uma expectativa silenciosa. Abro o laptop e escrevo um e-mail para Rose. Recebo a resposta imediatamente, o que não deveria me surpreender, já que ela tem sido minha única confidente desde que descobri sobre Anna, dois dias atrás. Já faz tanto tempo assim? Quarenta e oito horas. Olho para o teto e tento escutar algum barulho de Rob, imaginando-o se virando na cama, mas hoje não é Rob que importa. Por ora, ele pode esperar. Hoje, o que importa é Nick, embora a pobre Rose não saiba disso ainda, o que faz sua resposta, "Não vejo a hora de te ver", doer em minha consciência. Observo os pequenos cortes em meu pulso e passo o polegar esquerdo sobre eles. Já estão quase cicatrizados, mas não totalmente.

O centro de acolhimento está bem animado quando chego, e Rose, com um rolo de papel-toalha em volta do antebraço, me avista do outro lado do salão.

– Jo! Jo! Aqui!

Contorno uma mesa barulhenta cheia de jovens que me cumprimentam pelo nome e depois passo pelo grupo mais contido de voluntários idosos, que mal percebem a minha presença.

– Como você está? – pergunta Rose, franzindo a testa, preocupada. – Já confrontou o Rob?

– Nick está aqui? – pergunto, ignorando seus questionamentos e retribuindo seu beijo na bochecha. Seu cheiro é floral e fresco, como o de talco.

– Numa ligação – diz ela, me passando uma bandeja com biscoitos

coloridos para que eu coloque na mesa que ela está arrumando. – Mas ele prometeu que vai se juntar a nós daqui a pouco. Acho que ele vai gostar de te ver.

– Ah… – Respiro fundo para me acalmar.

Rose espalha as folhas de papel-toalha ao lado da pilha de pratos.

– Você sabe que ele te adora – comenta ela, virando-se.

Rose, ao que parece, é a principal organizadora deste "encontro", e eu sou sua assistente cooptada.

– Não posso ficar muito – digo de novo, abrindo o saco de batatas fritas que ela me entregou e despejando-o em uma tigela. – Só alguns minutos.

– Tome um refrigerante, pelo menos. – Ela derrama um pouco da bebida em um copo de plástico. – E não vá antes de falar com o Nick, senão ele me mata. – Ela ri. – Ah, olhe ele aí!

A porta do escritório se abre e Nick começa a caminhar até nós, dizendo:

– Jo! Que bom ver você!

Vê-lo neste contexto é insuportável, e todas as peças desordenadas começam a se encaixar. Eu achava que sabia o que tinha acontecido em seu escritório, porém não tinha certeza; só tive agora, ao ver sua mão em riste acenando para mim. Ponho o copo na mesa antes que o derrube e me afasto de Rose.

– Com licença. Desculpe – digo ao passar pelas duas mesas lotadas.

– Jo? – chama Rose. – Aonde você está indo?

– Preciso ir embora – respondo sem me virar.

– Jo! – grita Nick. – Espere! Não vá embora! Precisamos conversar!

Acelero o passo e esbarro na mesa perto da entrada, derrubando as pilhas de panfletos, e vejo Rose apressando o passo até mim e então me segurando, como se eu estivesse prestes a desmaiar, e por um instante penso que vou desmaiar mesmo, pois a escuridão anuvia meus pensamentos açoitados pela

voz de Nick, que repete meu nome várias vezes conforme se aproxima. Desesperada para escapar, me livro de Rose, mas então uma imagem se destaca, a capa de um panfleto que me é familiar: uma mulher com o rosto machucado e a palavra "Não!" em destaque na palma de sua mão levantada. Eu o pego, me viro e o ergo na frente da cara assustada de Nick.

– Isto! – grito para ele, e o barulho de fundo se extingue. – Isto!

– Jo! – Nick tenta agarrar meu punho, mas eu recuo, me encolho ao seu toque e me protejo no abraço abundante de Rose, que me puxa para si. – Você está chateada. Vamos conversar no escritório. Vamos resolver isso.

Ergo o olhar, agora ciente do silêncio que dominou o salão, e percebo todos os olhos voltados para nós. As pessoas se levantaram e agora estão se aproximando, trocando sussurros entre si.

– Você quer que eu entre *lá* ? – pergunto a ele, balançando o panfleto na direção do escritório. – Para você fechar a porta de novo? Só nós dois? Não significa não, Nick! – Minha mão treme com o panfleto em riste para que todos vejam. – Não significa NÃO!!!

Ele me encara com frieza nos olhos azul-acinzentados, e uma intensa raiva emerge neles. Eu me lembro desse olhar, sei o que ele significa, e agarro a mão de Rose.

– Cuidado com o que você está dizendo, Jo – alerta Nick. – Isso é difamação.

– Você falou que foi um mal-entendido, que tinha interpretado mal as coisas. Mas não foi um mal-entendido! – digo, dando um passo à frente e soltando a mão de Rose. – Concordamos em ser apenas amigos, mas você não queria isso. Você não aceitou o meu não como resposta. Você me violentou, Nick.

– Jo? – Rose se coloca entre mim e ele e passa o braço ao meu redor mais uma vez. – Pode me explicar o que está acontecendo?

– Pergunte a ele! – digo. – Pergunte a ele!

Todos ficam esperando a resposta, porém Nick não diz nada. Ele simplesmente se vira, abre caminho na aglomeração do salão e bate a porta do escritório.

No instante em que a porta se fecha, todos voltam a falar; os jovens, os voluntários mais velhos, tantas vozes, tantas perguntas. Alguém está batendo na porta de Nick e ameaçando invadir o escritório se ele não sair.

– Jo, vá para o café aqui do lado – diz Rose, afastando Badger, que está tentando me consolar. – Vá para lá, sim? – Concordo com um gesto de cabeça. – Daqui a dez minutos, eu te encontro, ok?

Pego minha bolsa no chão e tento sair, mas as vozes, que se fundem em um coro de milhares de perguntas, barram meu caminho.

– Saiam da frente dela! – grita Rose enquanto tento abrir passagem.

Tudo o que preciso é sair e respirar um pouco de ar fresco. Cambaleio até a porta, abro-a e quase caio para fora.

Rose chega ao café após dez minutos, como prometido. Ela me examina e pede um copo de leite vaporizado para cada uma, para substituir o bule de chá à minha frente, intocado. Não consigo beber nada, nem mesmo o copo de água que ela empurra para minhas mãos trêmulas.

– E Nick? E o centro? – pergunto; a mesa balança perigosamente quando ela se senta.

– Nick foi para casa. Sue ficou com as chaves, não se preocupe com isso.

– O que ele falou? – Bebo a água morna, cujo gosto é metálico, e a devolvo com cuidado à mesa.

Rose não entra em detalhes, apenas diz que pediu a Nick que fosse embora imediatamente. Ele protestou, mas Rose insistiu que, se ele não o fizesse, ela mesma o denunciaria à polícia. Abro um sorriso débil para ela.

– Talvez eu tenha passado a ideia errada para ele… – falo. – Houve um episódio, antes, em que tomei a iniciativa de um beijo, talvez mais…

– Não é culpa sua, Jo. Confie nos seus instintos. Se você não consentiu,

então é… – Ela se contém. – Você passou por um inferno… – Ela cobre minhas mãos com as suas. – Se eu tivesse ficado sabendo, Jo… Se eu tivesse ficado sabendo… Queria que você tivesse me contado na época. Quando foi isso?

– Não sei, mas não faz tanto tempo. – Aperto suas mãos e em seguida recolho as minhas; seu toque, qualquer toque, é insuportável neste momento. – Precisamos tomar uma atitude, Rose. Precisamos impedir que ele faça isso de novo.

– É o que vamos fazer – diz ela, pousando delicadamente uma mão sobre a minha quando tento me levantar. – Sente-se, Jo. Me conte tudo.

Meu olhar se fixa em nossas mãos unidas enquanto conto o que consigo me lembrar do episódio no escritório de Nick. Ergo o olhar somente quando chego na parte em que saí correndo. Ela exibe uma expressão de aflição, e sua outra mão enxuga as bochechas úmidas pelas lágrimas que continuam se precipitando.

– Consegui fugir a tempo – falo para tranquilizá-la. – Estou bem.

– Eu me lembro daquela noite – diz ela. – Você tinha acabado de me contar que ia se separar do Rob. Eu estava tentando te convencer a não abandonar o centro quando Nick chegou e falou que, não, você não podia largar o centro, ele não iria permitir. Ele me disse para ir embora, para deixar vocês dois a sós no escritório, e você falou que estava tudo bem. Eu sabia que tinha algo de errado. Me perdoe, Jo. Eu não confiei nos meus instintos. Nick sempre foi tão carismático, tão responsável. Acho que eu estava impressionada por ele.

– Não é culpa sua, Rose, de maneira nenhuma. Ele foi esperto. Ele enganou todo mundo.

– Você sabe se o denunciou na época? – Ela se recompõe. – Para a polícia? Para a instituição?

– Acho que não. A polícia teria entrado em contato comigo… – Mais uma vez, me pergunto se Rob não apagou os e-mails relacionados ao centro de

acolhimento, mas me parece mais provável que eu tenha decidido ignorar o episódio com Nick; eu já tinha muitos problemas para lidar. – Eu me lembraria se tivesse feito isso. Ou será que não?

Rose fala que vai entrar em contato com a instituição que administra o centro de acolhimento para saber se existe algum registro da minha queixa e, de passagem, comenta que Nick parece não ter mais amigos em Londres, que ninguém quis doar para sua causa.

– Diante disso, fico me perguntando se aconteceu alguma coisa lá também – diz ela, se desculpando mais uma vez; ela obviamente está chateada por ter sido traída por sua intuição. – Ofereceram um cargo para ele na Anderson's, de resolvedor de pepinos, segundo ele. Não sei se a oferta vai continuar depois que isso vier à tona. Você ainda pode denunciá-lo para a polícia, sabe disso, não?

– Não consigo lidar com isso agora, Rose. Tenho tantos problemas para resolver. Entende o que estou falando?

– Claro. Deixe isso comigo. Eu vou descobrir o que está acontecendo. Se você o denunciou, a instituição vai ter um registro, mas, como você disse, isso parece improvável. Ele já teria sido afastado. Eles são inflexíveis com esse tipo de coisa, é tolerância zero, como tem que ser! – Ela sorri para mim. – Não se preocupe. Vou fazer com que ele seja no mínimo suspenso. – Rose exibe as gengivas cor-de-rosa para mim. – Nunca gostei dele, com aquele cabelo ridículo e a jaqueta de couro! – Ela tenta sorrir em meio a novas lágrimas.

– Vou deixar o Rob no domingo – falo. – Posso ir pra sua casa depois, mais ou menos na hora do almoço?

– Claro. Nem precisa perguntar. Pode ficar o quanto quiser.

Ela aperta minha mão de novo e enxuga uma única lágrima que escorre pela minha bochecha.

– Domingo é o aniversário dele – digo, olhando pela janela.

23

Vinte e três dias após a queda

A CHUVA ESTÁ CHICOTEANDO a janela do patamar; uma tempestade se aproxima das colinas. Detenho-me no topo da escada e olho para baixo ao escutar as vozes vindas da cozinha. Rob, com a voz mais alta do que as demais, tagarela sem nenhum indício de arrependimento ou vergonha; ele está feliz, apesar de tudo. Alheio à verdade que voltou à tona. Ele agiu calculadamente para encobrir sua mentira e foi absolvido pelos dias transcorridos desde minha queda. Isso lhe deu a absoluta certeza de que se safou. No entanto, o último ano existiu e não pode ser alterado.

Talvez, em um certo nível, eu tenha optado, como ele, por enterrar as partes do passado que nos separaram, porém as lembranças nunca nos deixaram; algumas foram recuperadas, muitas não. Acho que, no instante mesmo em que acordei no chão do hall com a voz de Rob no meu ouvido, percebi que havia algo de errado, uma dissonância entre a vida que eu imaginava que ainda tínhamos e a que de fato vivemos no último ano. Nós nos destruímos, e não podemos voltar atrás. Ainda assim… com o pé no degrau mais alto, hesito ao escutar as vozes vindas do andar de baixo; o tom animado de Sash se funde ao do pai e na sequência com o de Fin, muito mais baixo, e tenho que me esforçar para escutá-lo. Eles parecem tão normais; sinto como se pudesse simplesmente entrar na cozinha, me juntar a eles na mesa de jantar e desfrutar de sua companhia, viver aquela vida. Escuto a resposta de Thomas para Rob, com o desdém muito mal disfarçado na interação entre os dois. Sash ri para apaziguá-los, e Fin responde com seu tom suave. Será que eu deveria ter pensado em uma maneira melhor? Talvez um almoço entre mim e as crianças

apenas? Talvez eu devesse ter alertado os dois, explicado de alguma forma. Mas eles conspiraram com o pai, mentiram por ele. Não posso correr esse risco. Não agora.

Desço mais um degrau. Acho que foi daqui que caí, não? Olho para o patamar, o local onde estávamos discutindo, e seguro o corrimão com mais firmeza; a escada se apresenta vertiginosa, como se eu pudesse cair de novo, mas desta vez não vou conseguir me levantar. E não seria melhor assim? Uma espécie de libertação? Recomponho-me e respiro fundo antes de olhar para trás mais uma vez e imaginar Rob estendendo o braço em minha direção. Será que ele poderia ter feito algo mais para me salvar? Fecho os olhos – as imagens retornarão? –, e pela primeira vez desde a queda consigo conjurar a lembrança tão desejada: a peça que faltava do quebra-cabeça.

Rob, atrás de mim, me implorando que não o deixe, diz que faz qualquer coisa, sua mão se estende em minha direção. Eu me afasto dele. Ele não vai me deter, não vai. O que ele fez é indesculpável. Não quero continuar com ele, não restou nada entre nós. Nada pelo que valha a pena lutar. Abandono os retratos que estava tentando tirar da parede. Preciso sair daqui, preciso sair de perto dele. Meu pé escorrega, não mais do que dois centímetros para fora do degrau. Lanço o braço na direção de Rob, a mão completamente esticada.

Abro os olhos e encaro o patamar. Ele estava bem aqui, bem atrás de mim. Estava perto o bastante para segurar minha mão e me salvar da queda.

Rob sorri para mim quando entro na cozinha, e eu quase sinto pena de sua falta de astúcia – ele é inocente apenas porque não foi flagrado, mas isso não o faz inocente dos próprios crimes. Ele está sentado à mesa de jantar, assim como nossos convidados, Sash e Thomas, Fin e Ryan. Fico devastada ao ver nossos filhos. Estou tão perto, a espera está chegando ao fim, mas sinto que estou perdendo a determinação. Rob abre uma garrafa de Prosecco. Uma tradição de família. Seu aniversário. Ele me chama para que eu me junte ao grupo. Balanço a cabeça, digo que preciso dar uma olhada na comida. O olhar de Thomas encontra o meu, e um sorriso se espalha em sua boca, a curva dos lábios a guardar nosso segredo.

Uso a ilha como apoio e me viro para abrir a porta do forno e perfurar o rosbife com um termômetro de carne. Sash está falando comigo; diz que vai comer um pouco de carne por causa do bebê, mas que Thomas não, nem mesmo o molho. O pânico se acumula dentro de mim, ameaça vazar. Fecho a porta do forno e respiro fundo, pois mais lembranças retornam.

Eu corri de Nick, do beijo alcoólico que foi iniciativa minha, corri até chegar ao bar. Queria ver Sash, ficar sóbria, ver um rosto conhecido, mas ela não estava.

– Jo! – Rob, a meu lado, me sustenta quando me apoio na ilha de novo. – Você está muito pálida, querida. Isso é demais para você. Sente-se.

– Não! – digo, afastando-o. – Preciso pegar seu presente no carro.

Eu não tinha me dado conta de que a tempestade ganhara tanta força; a chuva está pesada, e o vento suga o ar de meus pulmões conforme corro até o carro e abro o porta-malas, tateando o interior da minha bolsa de viagem até encontrar o celular novo. O rosa metálico contrasta com o céu cinza quando o ergo, e protejo a tela para digitar o nome de Anna na ínfima lista de contatos. Vamos, Anna! Atenda! Por favor, atenda! Pressiono com firmeza o celular contra o ouvido e observo o carro de Ryan, laranja-enferrujado, o de Sash, azul-claro, e, ao lado, o de Rob, um automóvel monstruoso que continha mais um segredo.

Eu não tinha como saber ao certo, não antes de conferir, mas o carro de Rob era o único lugar que eu não havia investigado. A chance de fazê-lo surgiu ontem, quando eu já começava a achar que ela jamais surgiria, pois meu tempo estava se esgotando. Rob precisava passar na loja de vinhos para comprar o Prosecco, e eu lhe sugeri que fosse com meu carro, muito mais fácil de estacionar na cidade, por ser menor. Observei-o partir, cheguei até a acenar. Era cedo, o sol ainda não tinha afastado a névoa das colinas; senti o cascalho estalar debaixo dos meus pés descalços e na sequência o metal gelado da porta do carro contra a mão. Como que para mostrar sua força, o vento tomou a porta pesada de mim e a puxou, rachando mais uma unha da minha mão direita e tirando sangue. Chupando o dedo, me sentei no banco do passageiro

do carro do meu marido, e o gosto metálico na língua trouxe a lembrança da minha tentativa de arranhar o rosto e as mãos de Rob quando comuniquei que ia deixá-lo, antes. Desta vez, não seria assim; eu me protegeria.

Meu celular supostamente quebrado estava escondido atrás de uma pilha de CDs, quase intacto, senão por alguns arranhões na superfície. Não fiquei surpresa, só um tanto decepcionada por comprovar que eu tinha razão. Questionei-me se o aparelho estava de fato em minha mão quando caí; tentei lembrar onde o havia colocado naquela noite, porém não consegui. Devia estar na bolsa ou no criado-mudo, esquecido em meio à discussão e fácil de ser encontrado por Rob depois que voltou do hospital sozinho. Talvez ele tenha cogitado me devolver o aparelho e mudado de ideia, talvez ele tenha começado a formar a ideia de esconder o meu passado, e o dele, enquanto eu ainda me achava deitada, sozinha e confusa, na cama do hospital. Apertei o botão de ligar e fiquei aliviada quando a tela se acendeu. Conferi as mensagens de texto, algumas de Rose, outras de Nick, claro, estas cada vez mais agressivas. Apaguei-as e prontamente ouvi as mensagens armazenadas na caixa postal; a voz de Nick lançou um calafrio pelo meu corpo que me fez tremer dentro do carro. Perdi o ar ao pensar que Rob escutou as mensagens. Ele deve ter presumido que eu e Nick éramos amantes e mesmo assim quis que eu ficasse, fez de tudo para salvar nosso casamento. Em certo sentido, sua determinação e sua rapidez de raciocínio ao apagar meus e-mails e esconder meu celular foram impressionantes. Mas não só, claro: foram também oportunistas e desprezíveis. Uma quebra de confiança terrível. Imperdoável.

Seguro o celular rosa contra o ouvido mais protegido do pior vento e imploro uma última vez para que Anna atenda antes que a ligação se encerre. Ou ela está me ignorando, ou já está a caminho. Fecho o porta-malas e avisto uma figura no limite da entrada da propriedade, uma mulher atarracada caminhando desajeitadamente. Ela deve ter deixado o carro na ruela, como planejamos. Está encharcada já que a chuva se transformou em um dilúvio.

– Jo! – chama ela. – Estou aqui! Cheguei!

– Anna, você precisa voltar – digo, correndo até a entrada para alcançá-la e então agarrando seu braço quando ela se recusa a parar. – Isso está errado. Meus filhos estão aqui, e eles trouxeram os namorados.

Afasto o cabelo molhado do meu rosto para enxergá-la melhor. Ela está com uma aparência terrível, os olhos vermelhos, as mãos trêmulas, o cabelo fino escorrido pela chuva torrencial.

– Você me pediu para vir! – responde ela, ofegante. – Nós concordamos. Você queria que eu estivesse presente. E seus filhos também. Falou que ele daria um jeito de fazer você mudar de ideia, que envenenaria a cabeça deles. Você não pode voltar atrás, Jo! Não vou…

– Anna, me escute! Eu não mudei de ideia, não sobre deixar o Rob, claro que não. Mas não quero fazer isso assim. Não na frente dos meus filhos.

– Ele é capaz de ser muito convincente, Jo. – Ela tenta me afastar e passar por mim antes de dizer em meio à torrente, com o rosto muito próximo ao meu: – Ele vai me dissuadir se eu não fizer isso agora, e vai fazer o mesmo com você. Ele vai dar um jeito de deter você. Você mesma falou isso. Seus filhos vão ficar do lado dele. Foi você quem falou que isso precisava ser assim, pelo bem de todos nós. Preciso fazer isso, Jo! Mesmo que seja sozinha.

– Por favor, me deixe resolver isso da minha maneira, Anna…

Mas ela já se desvencilhou de mim e está marchando em direção à porta de entrada da casa. Imploro-lhe que não faça isso, puxo-a, mas ela é muito maior do que eu e meu punho escorrega na manga molhada de sua capa de chuva.

A porta está aberta, escancarada pelo vento. Anna entra e olha ao redor; primeiro à esquerda, para a sala principal vazia, depois à direita, na direção das vozes na cozinha.

– Anna, por favor, não – digo, alcançando-a, mas ela não quer saber de mim.

Ela me falou que o odeia pelo que ele fez conosco, mas que amor e ódio são almas gêmeas, que ambos são alimentados pela paixão, e Anna é uma força

incontrolável.

A conversa na mesa é silenciada de imediato com nossa entrada. Rob, com a taça pela metade erguida para brindar minha volta, depara com Anna, encharcada e chorosa, e comigo atrás dela. Por um momento, ele fica boquiaberto, e em seguida se levanta, como se tivesse sido impelido a fazê-lo. Ryan e Fin, de costas para nós duas, viram a cabeça para ver quem chegou. Sash tem os olhos arregalados e um sorriso estampado no rosto, como se eu estivesse prestes a apresentar minha melhor amiga.

– Anna! – Rob se apressa até nós. – Não faça isso.

Agora entre nós duas, ele tenta conduzir Anna para fora do aposento, porém ela se recusa a se mover, balançando a cabeça; seu cabelo e sua roupa pingam na ilha da cozinha, à qual ela se segura. Rob olha para mim e se aproxima para sussurrar:

– Por favor, Jo. Não assim. Vamos conversar. Posso explicar.

Olho para Fin. Ele tem a cabeça baixa, mas está observando o pai. Quando percebe meu olhar, desvia a vista. Me senti profundamente magoada, traída, por sua decisão de esconder de mim o que sabia, mas isso não justifica ser tão cruel agora. O que eu estava pensando? Eu não estava pensando, estava agindo. Estava tentando me salvar das mentiras de Rob, de sua manipulação da verdade. Eu queria que Fin e Sash vissem com seus próprios olhos, que fossem testemunhas. E de repente isso é o que eu menos desejo.

– Fin, querido… – Eu me aproximo dele. – Me desculpe. Sei que não era sua intenção, ele falou que tinha terminado, e você acreditou nele. A culpa é toda de nós dois. Você não tem culpa de nada.

Fin vira-se para Ryan e sussurra para que eu não escute. Imagino que Fin não vá fazer nada, que vá continuar de cabeça baixa e depois se levantar da mesa e ir embora. Ele de fato se levanta, e sua cadeira arranha ruidosamente o piso; na sequência, no entanto, seus olhos, carregados de intensidade, encontram os meus e, moderando o tom, mas não as palavras, ele diz:

– Você simplesmente não percebia, mãe? Vocês percebiam, certo? Não é possível que não percebessem… – Seu olhar percorre a irmã, o pai, até chegar a mim. – Era mais fácil fingir? Como fizeram comigo? Passei anos sofrendo, implorando que vocês percebessem que eu precisava de ajuda, demonstrando que nenhum dinheiro seria capaz de me alegrar. Vocês simplesmente ignoraram, se convenceram de que eu estava bem, que me mandar para a universidade magicamente resolveria as coisas. Eu não sou igual a você, mãe, não sou igual a nenhum de vocês. Não consigo passar um reboco em tudo e fingir que está melhor do que de fato está.

Estendo os braços para ele.

– Por que não me disse que estava triste?

– Você é a mãe! Por que você não perguntou?!

– Eu perguntei, sim. Perguntei o tempo inteiro. Você está tentando me dizer que esse é meu castigo, que eu mereço isso?

– Mãe? Pai? – pergunta Sash. – O que está acontecendo?

Ryan, falando por Fin agora, diz que é melhor os dois irem embora. Fin ainda para ao meu lado enquanto Ryan se afasta.

– Papai jurou que tinha terminado. – Ele encara o pai, que o fita antes de desviar os olhos. – Eu nunca aceitei um centavo dele. Se ele disse o contrário, estava mentindo.

Puxo Fin para mim.

– Me perdoe. Eu não devia ter…

– Não, não devia – diz ele, afastando-se. – Você devia ter acreditado mais em mim.

Fin deixa a casa para se juntar a Ryan, e a porta bate.

– Está feliz agora? – pergunta Rob, voltando-se para mim. – Era isso o que você queria?

– Isso não é culpa minha! A culpa por tudo isso é sua, Rob! – grito na cara dele. – É sua!

Anna se afasta de nós dois e se curva sobre a pia, abrindo a torneira e jogando água no rosto vermelho.

– Você está bem? – pergunto, e coloco a palma da mão em suas costas, mas ela a afasta.

– Alguém pode me explicar que porra é essa que está acontecendo? – exige Sash, que se levanta da mesa com a barriga saliente orgulhosamente destacada pelo vestido floral colado ao corpo.

Thomas vira-se para ela, sussurra algo em seu ouvido e a faz se sentar de novo.

– Como assim?! – diz ela, fitando o pai. – Você está transando com *isso*? – Ela aponta a unha pintada de preto para Anna, que está encostada na pia, com o rosto ainda vermelho. – Sendo que é casado com isso? – Ela aponta para mim.

A incredulidade de Sash em relação à péssima escolha do pai é de uma lealdade feroz, e eu a amo por isso – finalmente alguém que me apoia –, porém se dá às custas de Anna, uma criatura arruinada. Olho para trás e vejo que Anna resiste firmemente à nova tentativa de Rob de convencê-la a se retirar da presente carnificina. Ele consegue conduzi-la apenas até a porta da cozinha, mas não passa disso. Ele solta a capa de chuva dela, que se abre e deixa à mostra a proeminente barriga.

– Meu Deus! – diz Sash. – O bebê é seu? – pergunta ela para o pai, apontando para a barriga de Anna. – Ou ela é muito gorda e velha mesmo? – Sash se aproxima de mim e me dá um forte abraço, com sua barriga se esmagando entre nós. Rob tenta consolá-la, mas ela o empurra.

Ele então caminha até Anna e consegue persuadi-la a sair da cozinha e esperar no hall; ela está histérica devido aos ataques de Sash. Escapo da proteção de Sash para ir atrás deles e observo da porta Rob arrastando Anna pelo passadouro do quintal. Anna resiste, vira-se de costas para ele e então vai embora, e ele a segue. Os dois desaparecem após contornarem a sebe e

entrarem na ruela, rapidamente encobertos pela tempestade.

– Mãe? – Olho para Sash, cuja mão toca meu braço; Thomas está ao lado dela, com uma mão em seu ombro. – Você sabia?

– Sinto muito, Sash. Tem muitas coisas que eu devia ter te contado. – Relanceio Thomas. – Eu devia ter te contado tudo. Tudo.

Os olhos de Sash voltam a arder de raiva, e ela se livra de Thomas e sai correndo de casa, gritando para o pai voltar. Ameaço ir atrás dela, porém Thomas agarra meu braço e me puxa para o hall antes de trancar a porta.

– Thomas, não! Me solte! – Tento me desvencilhar, mas ele segura meu braço com tanta força que chega a doer.

– Preciso que você me escute – diz ele. – Antes que a Sash volte. – Ele me solta e recua um passo. – Não aconteceu nada entre nós na noite em que você apareceu no bar. Nada! Eu devia ter falado isso desde o início, mas… – Ele fita a porta fechada. – Eu sou um merda, Jo. Mas estou falando a verdade. Você precisa acreditar em mim, não aconteceu nada.

– Não acredito em você. Eu me lembro de estar lá. Sei o que aconteceu, e Sash tem o direito de saber. – Eu o afasto para abrir passagem até a porta. Vejo Sash percorrendo o passadouro, enquadrada pelo painel de vidro, com seu vestido floral que é uma proteção absolutamente inadequada ao severo clima. Tento abrir a porta, porém a mão de Thomas cobre a minha quando alcanço o ferrolho e me impede de destrancá-la.

– Espere! – diz ele. – Pense naquela noite. Tente lembrar. Por favor. Você sabe o que aconteceu, Jo. Está em algum lugar aí dentro. Pense!

Tento me concentrar, lembrar o que já sei, mas as memórias estão embaralhadas, incompletas. Fecho os olhos para ignorar todo o resto: Thomas, a tempestade do outro lado da porta, até mesmo Sash.

Eu estava bêbada, estava fugindo de Nick, de mim mesma, de uma traição provocada pelo álcool, do ato quase consumado no escritório, algo que acreditei desejar. Estava procurando Sash. Queria ver minha filha, esperar passar o efeito da bebida. Aturdida,

perambulei até o bar escuro. A porta estava destrancada, não havia nenhuma luz acesa no interior, mas o apartamento, em cima, estava iluminado. Eu só precisava achar o caminho até ele. Eram tantas portas, armários, um depósito, o banheiro masculino fedorento, até que encontrei uma escada na qual se derramava um feixe de luz vindo de uma porta entreaberta. Tropecei ao subir, deixei escapar um grito. Pensei na irresponsabilidade que era deixar o lugar destrancado. Qualquer pessoa poderia ter entrado. Abri a porta no patamar da escada e espiei pela fresta. Esperava ver um corredor ou uma sala de estar, mas descobri um quarto com uma cama no centro.

Sash bate vigorosamente à porta e espia pelo postigo, chama meu nome ao avistar Thomas e eu.

– Mãe, me deixe entrar! Não estou achando o papai, ele desapareceu! Mãe! Thomas!

Thomas diz que a porta emperrou e pede a ela que espere um pouco. Ele finge sacudir a tranca enquanto se vira para mim e diz em um sussurro baixo e perseverante:

– Você lembra, não lembra? Do que aconteceu. Precisa lembrar, Jo. Sash está grávida, ela precisa da gente, de nós dois. Não a obrigue a fazer uma escolha que ela não precisa fazer.

Fecho os olhos de novo para ignorar as súplicas de Sash e as tentativas de Thomas de convencê-la de que ele está tentando desemperrar a porta.

Recuei à sombra pois fiquei com medo de que eles estivessem juntos na cama, minha filha com ele, mas depois percebi que havia apenas uma silhueta, Thomas, as costas nuas iluminadas pelo abajur ao seu lado. A curva suave da pele tesa, os músculos salientes, uma coxa, uma perna, um pé, um rosto que se vira para mim, uma boca larga que me atrai, o sorriso que me torna cúmplice de sua traição, meu nome pronunciado, o lençol erguido em um convite. Eu o desejei, desejei deitar a seu lado naquela cama, desejei senti-lo dentro de mim; o mesmo desejo que povoou minha memória dia e noite. Eu o desejei mais do que tudo, quis me sentir viva, desejada por ele como eu o desejava.

– Mãe! Thomas! O que está acontecendo aí dentro?

– Eu desejei você – digo, abrindo os olhos para Thomas de novo. – Tenho vergonha de admitir isso, mas eu te desejei, Thomas – digo. Estou sussurrando, mas sei que ele está me escutando, mesmo com as batidas e os gritos de Sash, porque nossos rostos estão muito próximos. – Você me convidou para sua cama. Você…

– Foi uma brincadeira, Jo. Eu queria ver até que ponto conseguia te provocar. Eu teria dito não, mas você saiu correndo antes disso. Você sabe que eu não teria…

Fico encarando Thomas, que balança a cabeça de novo.

– Não aconteceu nada, eu juro.

Sim, eu saí correndo de lá. Saí correndo. Eu o desejei, eu o desejei por aquele instante. Que vergonha. Eu queria sentir algo – paixão, juventude, desejo. Mas saí correndo. Não aconteceu nada. Graças a Deus. Não aconteceu nada.

– Seu filho da mãe! – digo para Thomas, que abre a porta para Sash entrar, encharcada.

– O que está acontecendo? – pergunta ela, a voz suplicante e os olhos cheios de lágrimas, fitando Thomas.

– Está tudo bem, pode acreditar – diz ele, sorrindo para ela. – Você o encontrou? Encontrou seu pai?

– Não, ele deve ter ido embora com aquela mulher. – Ela se volta para mim. – Vocês dois estão escondendo alguma coisa. O que é?

– Porra, Sash. A porta emperrou, a trava ficou presa. Só isso! – Thomas vira-se de costas para ela.

– Preciso ir embora, Sash – falo, sem conseguir olhá-la nos olhos.

– Ir embora? Para onde? – Ela agarra meu braço. – Papai foi embora. Você pode ficar aqui. Isso é culpa dele, não sua. Essa casa é sua. Fique aqui!

– Não quero. Vou ficar na casa de uma amiga, a Rose, do centro de acolhimento, mas mando notícias. Tá bem, minha querida?

– Preciso de você, mãe! – Ela se afasta de Thomas, que tomou sua mão e

agora está lhe dizendo para me deixar ir. Ela se lança na minha direção e joga os braços ao redor da minha cintura. Suas lágrimas molham minha bochecha, e seu corpo frio e úmido se pressiona contra o meu, com o bebê entre mim e seus soluços. – Preciso da minha mamãe.

Digo a Sash que a amo, que sempre vou estar a seu lado. *Prometo*. Depois, entrego-a a Thomas, o desgraçado que sentiu prazer em me provocar, em me deixar acreditar que havia acontecido o pior entre mim e ele, e pego minhas chaves na mesa do hall. Saio na ventania e ofereço o rosto manchado de lágrimas às forças da natureza, para que a chuva lave a mágoa, a dor, a culpa.

– Jo, aonde você está indo? – Rob está vindo na minha direção, sendo conduzido ao longo do passadouro por seus longos passos; imagino que Anna já não passe de um dano colateral, a caminho de sua sala de estar cor-de-rosa. – Você não pode ir embora! – grita ele, correndo até mim. – Não vou deixar!

– Me larga! – grito, desvencilhando-me de suas grandes mãos que tentam me agarrar enquanto destranco meu carro. Minhas mãos trêmulas deixam as chaves caírem no cascalho molhado, e Rob as pega antes de mim. – Me devolva! – grito.

– Só depois de conversarmos sobre isso! Tem coisas que eu sei sobre você também! Não sou o único culpado, não é?

Tento pegar as chaves, mas Rob as ergue acima de sua cabeça.

– Entre, Jo! Podemos resolver isso!

– Você não pode me *obrigar* a ficar, como fez da última vez – digo cuspindo as palavras. – Você não tentou me salvar de verdade, não foi? Você quis que eu caísse?

– Não!

Nós dois paramos de gritar e ficamos nos encarando. Talvez tenha sido impressão, mas a tempestade pareceu se acalmar também.

– Eu me lembro do que aconteceu, Rob – digo em um tom tranquilo. – Eu estendi o braço para você me segurar quando escorreguei.

– Você está enganada. Vamos entrar, Jo.

Digo que não adianta e acho que ele vai negar de novo, que vai tentar me convencer, que vai mentir para se safar, mas ele responde com uma voz fria:

– Eu sabia sobre Nick e te perdoei. E você não quer fazer o mesmo por mim? – Rob ri. – Inacreditável.

– Você não sabe nada do que aconteceu entre mim e Nick; você não faz ideia. – Eu dou um passo para trás e sinto meu carro duro e frio às costas. Encaro meu marido, que cresce para cima de mim, e a água da chuva encharca minhas roupas. – O mais triste nisso tudo é que você sabe menos sobre o último ano do que eu – digo calmamente. – Você deturpou o passado para que ele se adaptasse às suas necessidades, mentiu para todo mundo, inclusive para si próprio. Não se trata de culpa, Rob. Não tem a ver com Nick nem com Anna. Tem a ver comigo e com você, com o que fizemos um ao outro. Vá atrás dela, Rob! Ela está grávida do seu filho e não está bem. Ela precisa de você. Faça a coisa certa!

O rosto de Rob se enruga e ele soluça.

– Eu quero você, Jo! Tudo o que fiz foi porque te amo. Não enxergo meu futuro sem você. Eu imploro…

– Não adianta, Rob. Não existe mais nada para ser salvo. Acabou.

Ele recua, joga as chaves no cascalho e se dirige ao celeiro, passando por Sash e Thomas no vão da porta. Escuto Sash berrar para o pai que o odeia, os três entram, e a porta bate em seguida.

Pego as chaves no cascalho molhado e entro no carro, agora confusa. Minhas mãos trêmulas têm dificuldade de colocar a chave na ignição. Abro a janela para deixar a chuva entrar, sentindo o frio em minha pele, e então pressiono o acelerador para partir.

A silhueta encurvada surge lentamente em meio à chuva, uma massa escura que se infiltra pelas beiradas da minha consciência entre um movimento e outro dos limpadores de para-brisas. Tomo ciência da presença dela antes de

agir: a distância entre nós diminui enquanto afundo o pé no freio, até parar bem próximo a ela. Ergo os braços em uma rendição silenciosa e escuto a mim mesma gritar:

– Anna!

Escancaro a porta do carro e corro até ela, cujas mãos descaem ao lado do corpo. Ninando o volume de sua barriga, ela cambaleia para trás, com o rosto contraído de dor. Ela grita e cai pesadamente no cascalho, as pernas aterrissando desajeitadamente, perdendo um sapato. Anna estende o braço para que eu a salve, embora eu esteja a alguns metros de distância. Lanço-me em sua direção, também perdendo o equilíbrio, e as pedras esfolam meus joelhos conforme me arrasto desesperadamente. Agora vejo o sangue; suas coxas estão encharcadas de sangue. Tento consolá-la, ela está gemendo, se contorcendo de dor.

– Estou perdendo o bebê, Jo! Estou perdendo o bebê, não estou? – Ela agarra minha mão. – Não me deixe sozinha, Jo! Fique comigo! Por favor, fique comigo!

– Anna, preciso pedir ajuda! Vou ser rápida, prometo!

Corro até a casa e grito para que alguém por favor abra a porta, batendo o punho cerrado na madeira. A chuva golpeia minhas costas enquanto chamo meu marido e depois minha filha. Não paro de chamar.

24

Três meses após a queda

PARO EM MINHA VAGA habitual na garagem e o celeiro me parece igual. O vento me cumprimenta assim que abro a porta do carro: meu cabelo é levantado do couro cabeludo e então chicoteia meu rosto. Ergo os olhos para as janelas escuras e, após afastar deles as mechas molhadas, vejo o céu branco-encardido acima das árvores nuas, cujos galhos desenham silhuetas na manta opressiva da nuvem e oscilam à melancolia de um dia de dezembro. Tranco o carro e me detenho ao me virar para a casa; tem uma luz acesa na cozinha. Pergunto-me se devo usar minha chave ou bater na porta, mas, quando me aproximo, noto que ela está entreaberta, sendo sacudida pelo vento. Já faz três meses desde a queda e um mês desde que saí do celeiro, e somente agora me senti capaz de voltar. Sash pegou meus pertences à medida que precisei deles, pois, até aqui, a ideia de vir se mostrava intolerável.

– Oi! – chamo, e meus saltos ecoam no piso de cerâmica do corredor.

Aqui dentro parece mais frio do que lá fora, mas isso é impossível; o efeito do inverno sempre foi mais intenso no topo da colina. Avisto o buraco em formato de cabeça na base da escada e fico surpresa, como se esperasse que ele tivesse desaparecido ou que jamais tivesse existido.

– Jo? É você? – A voz de Rob vem da cozinha.

Entro no cômodo, que reflete uma iluminação antisséptica; as superfícies de granito polido estão empoeiradas devido às semanas de espera por nós. Sempre imaginei que Rob ficaria aqui, mas ele foi embora em uma questão de dias. O lugar ficou vazio desde então.

Ele está de costas para mim. A máquina de café pisca uma luz vermelha enquanto Rob observa o lento funil de creme pingar em uma caneca. Então olha para trás, sorri e pergunta se também quero uma xícara. Estendo o braço para me apoiar na ilha quando um nó duro de emoção, cuja força me pega de surpresa, se forma em minha garganta.

– Você está bem? – pergunta ele, me entregando a caneca.

Ele acrescentou leite, mas tento beber mesmo assim.

– Estou, sim – digo em um tom uniforme. – E você?

Ele responde franzindo o cenho, e noto os sinais de dano: as pálpebras caídas sobre os olhos claros, emprestando-lhes uma aparência encapuzada, o rosto tal qual o de um idoso, o cabelo bem mais fino, apesar de mais longo, precisando de um corte.

– Já estive melhor – responde ele, virando-se para a máquina de café.

Procuro a faixa de pele bronzeada acima da gola de sua camisa, de repente sinto necessidade de ver aquela coisa familiar, porém o cabelo mais longo a cobre.

– E Anna? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– Sash me contou que foi vê-la no hospital – digo. – Deve ter sido muito difícil para ela ver a Sash daquele jeito.

– Era uma menina – diz Rob, virando-se para mim. – Ela achou que eu não queria a criança. – Ele tenta rir. – Que grande cagada, hein?

– Eu sinto muito – digo, e realmente sinto. – Sei que essa criança teria sido amada e desejada.

Ele faz que sim com a cabeça e depois diz:

– Sash diz que quase não tem te visto, a não ser nas consultas e exames.

– Tento evitar o Thomas – respondo, me virando. Não consigo perdoá-lo pelo que ele me fez passar; ou talvez eu não consiga me perdoar por aquele

instante de tentação. – Dou alguns meses para ele ir embora. – Fito Rob, que concorda com um gesto.

Andamos até o jardim, apesar do ar frio e da grama empapada que molha a camurça cereja de minhas botas novas, criando uma linha cor de vinho desbotado. Me ocorre que talvez tenha estragado as botas, mas ainda assim é mais fácil fazer isso aqui fora, andando lado a lado, tendo nossas palavras capturadas e arrastadas pelo vento gélido e firme. Rob me conta que pediu a Sash e Thomas que assumam o aluguel do apartamento deles. Solto uma risada, desejo boa sorte, mas concordo que eles precisam se virar sozinhos, assim como Fin. Rob não morde a isca; ele sabe que foi uma atitude terrível culpar Fin pelo dinheiro que na verdade ia para Anna. Fin ficou triste comigo também, só recentemente aceitou me ver. E sei que fala pouco com o pai.

Eu paro e finjo estar interessada em um azevinho, cujas frutas vermelhas representam a única cor no jardim negligenciado. Rob espera que eu o alcance e diz que a venda do celeiro parece estar indo bem, e eu concordo, comento que foi um bom valor, que tivemos sorte. *Sorte*. A palavra dança entre nós dois, zomba de nós antes de evaporar junto com nossa respiração, que, em lufadas brancas, nos precede conforme caminhamos.

– O que você tem feito? – pergunta ele, olhando nos meus olhos sob os primeiros flocos de neve lançados pelo céu, que se prendem em nossos cílios e se derramam em nossos ombros e cabelos.

– Como assim? – pergunto, envolvendo-me ainda mais dentro do casaco.

– Como tem ocupado seus dias? – Ele faz uma pausa e estende o braço para afastar algo do meu rosto.

– Pare com isso! – digo, porém continuamos parados, nos encarando sob os gordos flocos de neve, que caem mais rápido agora.

– Você ainda se encontra com o Nick? – pergunta ele. – Ele ainda é seu amante?

– Pare com isso – repito, voltando a andar em direção à casa. – Apenas

pare!

Se houve algum momento em que considerei contar a Rob o que realmente aconteceu entre mim e Nick, esse momento passou faz tempo. Rob acredita que Nick foi meu amante, e, de certa maneira, talvez seja mais fácil que ache isso. Não é mais da conta dele, ele não tem o direito de saber a verdade, e eu não tenho a mínima vontade de contá-la. Eu também teria perguntas a fazer a ele, sobre e-mails apagados, um celular escondido de propósito, todas as mentiras, mas para quê? Já tenho minhas respostas.

Rob me chama.

– O que você faz nos seus dias, Jo?

Eu paro, me viro e abro a boca para falar, mas então fico sem saber o que dizer. O que eu poderia contar a Rob? Que frequento o encontro semanal do grupo de lesão cerebral; que como as refeições caseiras de Rose; que durmo na cama de solteiro que era dela enquanto ela dorme no quarto ao lado, que era dos pais; que conversamos sem parar sobre o desaparecimento de Nick e sobre nosso trabalho no centro de acolhimento; que estou mais magra, ou mais cansada; ou que faltam apenas algumas semanas para o bebê de Sash nascer, como se isso representasse a grande esperança, como se um novo ano e um novo bebê bastassem para remendar um coração partido? Ou eu deveria contar que às vezes, sentada à mesa de Nick – agora organizada –, enquanto atualizo o novo sistema inteiramente digital que Rose e eu, mas principalmente eu, nos matamos para implementar durante as últimas semanas e que está quase completo, sinto algo parecido com alegria? Que esqueci que aquele escritório já foi fonte de medo e sofrimento, e sou completamente absorvida pelo trabalho? Deveria me gabar pelo fato de que a instituição de caridade me ofereceu a vaga de Nick após insistência de Rose e que pedi um tempo para pensar, embora tenha quase certeza de que aceitarei? Que há momentos em que finalmente me sinto no controle, alguém que merece respeito? Ou que, quando saio do centro com Rose, me imagino, depois que o celeiro for vendido, andando rumo a um apartamento ou a uma pequena casa que seja

minha, cheia de coisas escolhidas por mim, coisas que aprenderei a amar, e fechando a porta para o resto do mundo?

– O que eu faço não te diz mais respeito – respondo ao adentrar o celeiro vazio.

Os documentos estão sobre a mesa de jantar, organizadamente dispostos, com uma caneta ao lado. Assino primeiro. Rob hesita, olha para mim e eu lhe entrego a caneta. Ele a pega e diz para mim enquanto assina:

– Anna quer tentar ter outro bebê, mas, se fizer alguma diferença, se existir alguma mínima chance entre… – Ele olha para mim.

– Não existe – digo.

Depois que escuto seu carro partir, subo ao andar de cima e acendo a luz do quarto; puxo a cortina e vejo que é quase noite. A neve cessou, mas a rua vai estar escura e escorregadia. Preciso ir antes que fique perigosa demais. A mala está na cama; Rob a tirou do sótão como prometido. Até abriu o zíper. Abro as portas do guarda-roupas e começo a guardar o que sobrou; cada vestido e casaco tirado de um cabide é dobrado com cuidado. Em seguida, faço o mesmo com o conteúdo das gavetas, e pego no criado-mudo um livro lido pela metade. Dou uma olhada na capa e o jogo dentro da mala também, fechando o zíper para confinar a bagunça. Arrastando-a pelo corredor, passo pelos quartos vazios e chego ao patamar da escada; empurro o puxador para baixo e ergo a mala pesada para colocá-la no primeiro degrau, mas quase perco o equilíbrio ao tentar evitar que ela caia. Me recomponho e adapto minha técnica para descer de costas, com o peso da mala em cima de mim enquanto a puxo de degrau em degrau. Não desci mais do que dois degraus quando a imagem surge, perfeita, completa, nítida. Eu paro e, segurando a mala, olho para cima.

Rob, atrás de mim, me implorando que não o deixe, diz que faz qualquer coisa, sua mão se estende em minha direção para me parar. Eu me afasto dele. Ele não vai me deter, não vai. O que ele fez é indesculpável. Não quero continuar com ele, não restou nada entre nós. Nada pelo que valha a pena lutar. Abandono os retratos que estava tentando tirar da

parede. Preciso sair daqui, preciso sair de perto dele. Meu pé escorrega, não mais do que dois centímetros para fora do degrau. Lanço o braço na direção de Rob, e ele hesita, mas então, com reflexos rápidos, agarra meu pulso, e sua pegada firme me mantém em segurança. Sinto um enorme alívio com a proteção que sua mão oferece à minha, com sua firmeza; ele aperta tanto meu pulso que parece que a dor vai perfurar meu osso.

Minhas lágrimas estão caindo intensamente agora, e meu peito ofega, pois sinto aquele mesmo alívio. Ele me agarrou, me segurou com tanta força que fez um hematoma em meu pulso.

Mas mesmo assim eu caí.

Minhas mãos cobrem minha boca para suprimir um grito quando vejo a expressão de Rob se alterar, seu olhar se anuviar, seu cenho franzir.

Ele solta meu pulso de repente, ele simplesmente abre a mão, estende os longos dedos, e meu corpo pende para trás enquanto eu grito: "Rob, não!".

A mala pesada desliza sobre mim, e seu peso me desequilibra. Recuo um passo e piso em falso, mas desta vez consigo agarrar o corrimão e me salvar. Fico vendo a mala cair com dois baques pesados ao bater primeiro na parede, depois no piso de cerâmica. Sento no degrau em que me encontro, as mãos trêmulas e os olhos fechados; a imagem de Rob continua viva, sua mão se abrindo para me deixar cair, as duras e frias cerâmicas do hall se precipitando contra mim, a primeira mentira já se formando nos lábios do meu marido.

Agradecimentos

SEM SARAH WILLIAMS, MINHA maravilhosa agente, este livro não estaria em suas mãos. A paciência e a tenacidade de Sarah sempre se igualaram e muitas vezes excederam as minhas ao longo do caminho que percorremos juntas. Ela enxergou algo em minha escrita e manteve a determinação. Por isso, e por sua habilidade e inteligência, devo tudo a ela. E a Sophie Hicks, que sempre oferece os melhores conselhos, os mais realistas, e a Morag O'Brien, que levou *Perto demais* a lugares inimagináveis. Sou eternamente agradecida.

Obrigada também a todos da Headline que se envolveram nos muitos aspectos da publicação deste livro. Tive a imensa sorte de encontrar uma editora incrível. Além de competente, a equipe da Wildfire – Alex Clarke, Kate Stephenson e Ella Gordon – é formada pelas pessoas mais encantadoras que há. Um agradecimento especial a Kate Stephenson, cuja habilidade editorial deu vida ao livro. Amei trabalhar com você, Kate, amei cada minuto.

À minha mãe e ao meu pai, que sempre me inspiraram a seguir meus sonhos e que instilaram em mim a crença de que eu poderia conquistar o que quisesse. Sou muito grata a vocês. E a Chris, meu marido maravilhoso, que aguentou o mundo estranho e volátil onde habito quando estou escrevendo. Você sempre acreditou em mim; muito obrigada. E a meus filhos, Beth e Dan. Vocês são meu mundo e tenho muito orgulho dos dois.

À minha família estendida e aos meus amigos, obrigada por saberem os momentos certos de perguntar "Como está o livro?" e de falar sobre outros assuntos. O apoio de todos vocês tem sido uma grande fonte de força para mim. A George, Val, Clare, David, Hannah, Morgan, Olivia, Tony, Kim, Gayle, Caroline e todos os meus parentes e amigos, obrigada por se importarem com algo que é tão caro a mim.

Também preciso agradecer imensamente a minhas amigas escritoras, Hayley Hoskins, Kate Riordan e Helen Maslin, que entenderam essa jornada como ninguém mais é capaz. A estrada é longa, e sem elas teria sido muito mais complicada. Por sua consideração, lealdade, diversão, por suas risadas e por todas as horas que passaram lendo por mim, meu agradecimento a elas é infinito. Obrigada também a Henri, que apoia o que escrevo desde o início.

A todos os membros do Cotsworld Creative Writing, obrigada por compartilharem suas belas histórias comigo a cada semana; elas me entretiveram e me comoveram. Tem sido um prazer e um privilégio conhecer todos vocês.

Ninguém escreve um livro sozinha; então, a todos que me ajudaram: obrigada, obrigada e obrigada de novo. Nunca é tarde demais para sonhar. Nunca.